Pamphlets on Freemasons' rituals and practice in Brazil

Rio de Janeiro
1832-1834

(RECAP)
HS457
.x Z91s

Maçonicos fluminenses. Annaes tomo 1.
Instrucções maçonicas, primeiro grão da maçoneria azul.
Instrucções maçonicas, segundo grão da maçoneria azul.
Instrucções maçonicas, terceiro grão da maçoneria azul.
Reguladores dos gráos symbolicos, veneravel.
Reguladores dos gráos symbolicos, primeiro vigilante.
Reguladores dos gráos symbolicos, segun vigilante.
Reguladores dos gráos mysteriosos, veneravel.
Reguladores dos gráos mysteriosos, primeiro vigilante.
Reguladores dos gráos mysteriosos, segu do vigilante.
Reguladores dos gráos mysteriosos, orad
Reguladores dos gráos mysteriosos, arch tecto.

ANNAES

MAÇONICOS FLUMINENSES.

Quod omnibus scire convenit.
ARIST.

TOMO I.

Rio de Janeiro,

TYP. DOS IRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª,
Rua d'Ouvidor, N. 95.

ANNAES

MAÇONICOS FLUMINENSES.

Quod omnibus scire convenit.
ARIST.

TOMO I,

Rio de Janeiro,

NA TYP. DOS IRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª,
Rua d'Ouvidor, N. 96.

INTRODUCÇÃO.

Bem quizeramos que esta obra comprehendesse os documentos historicos, e peças interessantes de todas as Officinas da Maçonaria Brasileira; esta Ordem que a pesar da incansavel, e insana vigilancia do Governo Colonial, nasceo, e medrou nas Cidades principaes do *Brasil*; e que agora bafejada pela Liberdade Constitucional resurge mais gloriosa: de huma injusta e barbara perseguição, que cobre de eterno opprobrio os seus autores, e merece ser bem conhecida por hum povo, que faz rapidos progressos no caminho da civilisação. Se a intriga dos fanaticos, apro-

me e á miseria, serão prégociros
sua beneficencia, e encherão de gl
a Sociedade Maçonica, donde tan
bens se derramão pelos desgraçados.
Philanthropia não he só da Inglater
França, e Estados-Unidos; a sua
tuia está nos coraçoes dos homens
tuosos; os Mações présão as virtud
e procurão que em todo o mundo
pratiquem; e os do Brazil, entran
na grande Familia, que vive hoje e
todos os paizes, em que ha civilisaçã
devem querer distinguir-se por es
generosidade e franqueza, que os c
racterisa naturalmente, e que pare
constitui-los Mações antes mesmo d
serem iniciados. Permittão os Ceos
que a divisão da Politica se não intr
duza na Familia dos Mações! Ou qu
o espirito dos partidos, que hoje re
não, não preste as suas cores aos sen
timentos, e actos dos que devem dei
xar fora do Templo paixões, e interesse

particulares, que sempre irritão quando apparecem em qualquer Sociedade, e que são grandes obstaculos á pratica das virtudes Maçonicas; porque ellas tendem a huma perfeita união de sentimentos, tendo a Verdade, a humanidade, e a Patria por objectos veneraveis de seu antigo culto. As perseguições originão-se dos partidos, em que os homens se dividem, ou em Religião, ou em Politica; elles são a enfermidade mais contagiosa das Sociedades, e grassa muito em nossos tempos; hum intrigante astucioso toma a mascara da hypocrisia para melhor abusar da boa fé dos que quer fazer servir a seus intentos; o abraço e osculo de Judas tem-se repetido muitas vezes no mundo; e os Maçõe Fluminenses, e mesmo Brazileiros, para se conservarem em cautella contra o contagio de nosso tempo lembrem-se da perseguição de 1822, que em abreviado, mas veridico Qua-

dro lhes apresentamos neste Volu
e confessaráõ que ella foi castig
interessar-se a Maçonaria em ques
que estão fóra da sua orbita.

QUADRO

HISTORICO DA MAÇONARIA,

no Rio de Janeiro,

DIVIDIDO EM ÉPOCAS.

Et lux in tenebris lucet.
S. JOÃO.

PRIMEIRA ÉPOCA.

Abrange o periodo de 1800 á 1805; principio da Maçonaria pela installação da primeira Loja Fluminense = Reunião = He visitada por Mr. Lannay de Corveta Franceza = Hydra = e por elle fundada no Oriente, da Ilha de França. Hum Delegado do Grande Oriente Lusitano, de novo installado, quer sugeital-a á seus Estatutos; recusa; funda elle duas Lojas. A Reunião manda a Lisboa hum Emissario; nada consegue. Dispersão-se os seus membros em dia de S João de 1806, e dissolvem-se pouco depois as duas Lojas Luzitanas com a chegada do Vice Rei Conde de Arcos.

Começou com o presente século a Maçonaria nesta parte do novo Mundo; é posto que alguns Mações anteriormen-

te houvessem, iniciados em paizes
trangeiros, com tudo, elles vivião
persos, e não ousavão formar L
porque as suspeitosas autoridades
não pouparião a desgostos nesse ten
nem o fanatismo do povo deixaria
execra-los, se rastreasse os seus tra
lhos. Mas a civilisação foi aplaina
todas estas difficuldades, até que
anno de 1800 cinco Mações desses
persos formárão huma Loja, e co
çárão, com inviolavel segredo, a inic
pessoas, que gozavão de credito de i
truidas e bem morigeradas. Esta p
meira Loja, que se chamou *Uni*
avultou logo em Adéptos; e como n
se encorporassem outros Mações, c
ja então principiavão a trabalhar,
memoria de concordarem todos em
zer hum só corpo para melhor se coa
juvarem, chamou-se desde logo *Reuni*

Ja os Mações Fluminenses trabalh
vão com alguma regularidade no anti

não dos 12 gráos, quando, feita a paz de Amiens, entrou neste porto a Corveta de guerra Franceza *Hydre* com destino a *Ilha de Bourbon*; e porque Mr. *Laurent* e mais alguns Officiaes erão Mações, pedirão visitar a Loja, e cheios de admiração á vista do zelo, com que debaixo de tantos perigos se trabalhava, derão attestados do seu reconhecimento, e aceitárão contentes a Prancha, que se lhes offereceo, para filiarem a Loja Reunião no circulo do Oriente da *Ilha de França*, o que se effeituou, recebendo-se dalli, por intervenção do mesmo *Mr. Laurent*, a carta de Reconhecimento e Filiação, os Estatutos e Reguladores, que se costumão dar em taes casos.

Poucos mezes depois, em 1804, apparece vindo de Lisboa hum Delegado do Grande Oriente Lusitano, com a Constituição e Regulamentos alli organisados, querendo, quasi por força, que a elles

me e á miseria, serão pregoeiros
sua beneficencia, e encherão de glo
a Sociedade Maçonica, donde tant
bens se derramão pelos desgraçados.
Philanthropia não he só da Inglaterr
França, e Estados-Unidos; a sua p
tria está nos corações dos homens vi
tuosos; os Mações présão as virtude
e procurão que em todo o mundo
pratiquem; e os do Brazil, entran
na grande Familia, que vive hoje e
todos os paizes, em que ha civilisaçã
devem querer distinguir-se por es
generosidade e franqueza, que os c
racterisa naturalmente, e que, pare
constitui-los Mações antes mesmo, d
serem iniciados. Permittão os Ceos
que a divisão da Politica se não intr
duza na Familia dos Mações! Ou qu
o espirito dos partidos, que hoje re
não, não preste as suas cores aos sen
timentos, e actos dos que devem de
xar fora do Templo paixões, e interes

particulares, que sempre irritão quando apparecem em qualquer Sociedade, e que são grandes obstaculos á pratica das virtudes Maçonicas!; porque ellas tendem a huma perfeita união de sentimentos, tendo a Verdade, a humanidade, e a Patria por objectos veneraveis de seu antigo culto. As perseguições originão-se dos partidos, em que os homens se dividem, ou em Religião, ou em Politica; elles sáo a enfermidade mais contagiosa das Sociedades, e grassa muito em nossos tempos; hum intrigante astucioso toma a mascara da hypocrisia para melhor abusar da boa fé dos que quer fazer servir a seus intentos; o abraço e osculo de Judas tem-se repetido muitas vezes no mundo; e os Maçôes Fluminenses, e mesmo Brazileiros, para se conservarem em cautella contra o contagio de nosso tempo lembrem-se da perseguição de 1822, que em abreviado, mas veridico Qua-

dro lhes apresentamos neste Volu
e confessaráõ que ella foi castigo
interessar-se a Maçonaria em quest
que estão fóra da sua orbita.

QUADRO

HISTORICO DA MAÇONARIA,

no Rio de Janeiro,

DIVIDIDO EM ÉPOCAS.

Et lux in tenebris lucet.
S. JOÃO.

PRIMEIRA ÉPOCA.

Abrange o periodo de 1800 á 1805; principio da Maçonaria pela installação da primeira Loja Fluminense = Reunião = He visitada por Mr. Laurent da Corveta Franceza = Hydre = e por elle fundada no Oriente da Ilha de França. Hum Delegado do Grande Oriente Lusitano, de novo installado, quer sugeital-a á seus Estatutos; recusa; funda elle duas Lojas. A Reunião manda a Lisboa hum Emissario; nada consegue. Dispersão-se os seus membros em dia de S João de 1806, e dissolvem-se pouco depois as duas Lojas Luzitanas com a chegada do Vice Rei Conde de Arcos.

Começou com o presente seculo a Maçonaria nesta parte do novo Mundo; posto que alguns Mações anteriormente

te houvessem, iniciados em paize
trangeiros, com tudo, elles vivião
persos, e não ousavão formar L
porque as suspeitosas autoridade
não pouparião a desgostos nesse ten
nem o fanatismo do povo deixaria
execra-los, se rastreasse os seus tr
lhos. Mas a civilisação foi aplaina
todas estas difficuldades, até que
anno de 1800 cinco Mações desses
persos formárão huma Loja, e co
çárão, com inviolavel segredo, a ini
pessoas, que gozavão de credito de i
truidas e bem morigeradas. Esta p
meira Loja, que se chamou *Uni*
avultou logo em Adéptos; e como n
se encorporassem outros Mações, c
ja então principiavão a trabalhar,
memoria de concordarem todos em
zer hum só corpo para melhor se coa
juvarem, chamou-se desde logo *Reuni*

Ja os Mações Fluminenses trabalh
vão com alguma regularidade no anti

Rito dos 12 gráos, quando, feita a paz de Amiens, entrou neste porto a Corveta de guerra Franceza *Hydre* com destino a *Ilha de Bourbon;* e porque Mr. *Laurent* e mais alguns Officiaes erão Mações, pedirão visitar a Loja, e cheios de admiração á vista do zelo, com que debaixo de tantos perigos se trabalhava, derão attestados do seu reconhecimento, e aceitárão contentes a Prancha, que se lhes offereceo, para filiarem a Loja Reunião no circulo do Oriente da *Ilha de França*, o que se effeituou, recebendo-se dalli, por intervenção do mesmo *Mr. Laurent*, a carta de Reconhecimento e Filiação, os Estatutos e Reguladores, que se costumão dar em taes casos.

Poucos mezes depois, em 1804, appareceo vindo de Lisboa hum Delegado do Grande Oriente Lusitano, com a Constituição e Regulamentos alli organisados, querendo, quasi por força, que a elles

se submettesse a Loja *Reunião*. Es
procedimento hum pouco aspero, unic
á consideração de que a Constituiçã
e Regulamentos, por muitos e pond
rosos motivos, não convinhão a Maçõ
Brazileiros, fez que se tomasse a R
solução de se enviar a Lisboa hum d
Irmãos da Loja para representar cont
a imprudencia de tal Codigo, e alcanç
as modificações, que se julgavão ind
pensaveis. Entre tanto o Delegado
Grande Oriente Lusitano sem estar p
este acôrdo, cortou de todo a comm
nicação com os Maçons Fluminense
fundou logo duas Lojas, *Constancia*,
Philantropia, e lançou dest'arte hu
pomo de discordia na Familia Maç
nica, que muito desgostou aos Mem
bros, por todos os titulos respeitave
da Loja Brazileira *Reunião*.

Partio o Emissario para Lisboa e
Maio de 1804, e tocando á Bahia e
sua viagem, ahi teve o prazer de ach

os Maçons d'aquella Cidade nos mesmos sentimentos que os do Rio. E porque soubessem qual era a sua missão, prometterão esperar o resultado della para se decidirem, nunca abraçando o Codigo Maçonico Lusitano tal qual se lhes apresentava, porque tambem o considerarão enfermo dos mesmos principios por onde se regia a Metropole para com o *Brazil*, ainda sua Colonia.

O Emissario nada pôde conseguir em Lisboa, porque a Grande Loja Lusitana parecia persuadir-se de ter já maçonicamente colonisado o Rio de Janeiro pela imprudente installação das duas Lojas, em que só tinhão vigor a sua Constituição e Regulamentos. Em Junho de 1805 o Emissario deu contas em loja do que passára com o Grande Oriente Lusitano, e foi em consequencia disso determinado que se celebrasse a Festa Maçonica de S. João, e desde esse dia se suspendessem os trabalhos da Loja

Reunião, até que melhor ei
recesse. Esta prudente deter
vio tambem de acautelar a
guisados, que já hião te
a pesar mesmo de huma tal
cordata, que as circunstan
po obrigárão á fazer. Suspe
trabalhos da Loja Fluminer
mas tambem não podêrão
tempo conservar-se as Loja
e *Philantropia*, porque e
Vice-Reinado o Conde de Ar
jurado da Maçonaria, e com
dações da Corte para a perse
vérão-se os dous quadros, e
rão por então mais trabalho

SEGUNDA ÉPOCA.

Comprehende o periodo de 1805 á 1822. = Algumas Lojas apparecem e desapparecem logo; a de S. João de Bragança promette mais duração; dissolve-se pelos receios do Ministro d'Estado Villa-Nova: circumstancias deste Acto. Mendes Vianna funda a Loja Commercio e Artes, ajudado dos Maçons da Reunião. Funda-se o Grande Oriente do Brasil; e creão-se mais duas Lojas entra o Governo na Maçonaria, para melhor promover a Acclamação do Imperador, acclamado já na grande Loja, e elevado a Grão Mestre; serviços dos Maçons nesta época, e perseguição com que a perfidia os recompensára por meio do Apostolado. Suspendem-se os trabalhos Maçonicos em 29 de Outubro de 1822, e continúa o Apostolado.

No tempo, que decorreo desde 1810 até 1821 algumas Lojas existírão, mas tão ephemeras, que não merecem ser commemoradas. Perseguidos pela Policia, os seus Membros mudando de lugar a cada sessão, e fazendo pesados sacrificios para trabalharem algumas vezes fóra do perigo de ser lobrigados pelos

te houvessem, iniciados em paizes trangeiros, com tudo, elles vivião persos, e não ousavão formar Lo porque as suspeitosas autoridades não pouparião a desgostos nesse tem nem o fanatismo do povo deixaria execra-los, se rastreasse os seus trab lhos. Mas a civilisação foi aplainan todas estas difficuldades, até que n anno de 1800 cinco Mações desses di persos formárão húma Loja, e com çárão, com inviolavel segredo, a inicia pessoas, que gozavão de credito de ins truidas e bem morigeradas. Esta pri meira Loja, que se chamou *União* avultou logo em Adéptos; e como nella se encorporassem outros Mações, que ja então principiavão a trabalhar, em memoria de concordarem todos em fa-zer hum só corpo para melhor se coad-juvarem, chamou-se desde logo *Reunião*.

Rito dos 12 gráos, quando, feita a paz de Amiens, entrou neste porto a Corveta de guerra Franceza *Hydre* com destino a *Ilha de Bourbon*; e porque Mr. *Laurent* e mais alguns Officiaes erão Mações, pedirão visitar a Loja, e cheios de admiração á vista do zelo, com que debaixo de tantos perigos se trabalhava, derão attestados do seu reconhecimento, e aceitárão contentes a Prancha, que se lhes offereceo, para filiarem a Loja Reunião no circulo do Oriente da *Ilha de França*, o que se effeituou, recebendo-se dalli, por intervenção do mesmo *Mr. Laurent*, a carta de Reconhecimento e Filiação, os Estatutos e Reguladores, que se costumão dar em taes casos.

Poucos mezes depois, em 1804, apparecco vindo de Lisboa hum Delegado do Grande Oriente Lusitano, com a Constituição e Regulamentos alli organisados, querendo, quasi por força, que a elles

se submettesse a Loja *Reunião*. Este procedimento hum pouco aspero, unido á consideração de que a Constituição e Regulamentos, por muitos e ponderosos motivos, não convinhão a Maçons Brazileiros, fez que se tomasse a Resolução de se enviar a Lisboa hum dos Irmãos da Loja para representar contra a imprudencia de tal Codigo, e alcançar as modificações, que se julgavão indispensaveis. Entre tanto o Delegado do Grande Oriente Lusitano sem estar por este acôrdo, cortou de todo a communicação com os Maçons Fluminenses; fundou logo duas Lojas, *Constancia*, e *Philantropia*, e lançou dest'arte hum pomo de discordia na Familia Maçonica, que muito desgostou aos Membros, por todos os titulos respeitaveis, da Loja Brazileira *Reunião*.

Partio o Emissario para Lisboa em

os Maçons d'aquella Cidade nos mesmos sentimentos que os do Rio. E porque soubessem qual era a sua missão, prometterão esperar o resultado della para se decidirem, nunca abraçando o Codigo Maçonico Lusitano tal qual se lhes apresentava, porque tambem o considerarão enfermo dos mesmos principios por onde se regia a Metropole para com o *Brazil*, ainda sua Colonia.

O Emissario nada pôde conseguir em Lisboa, porque a Grande Loja Lusitana parecia persuadir-se de ter já maçonicamente colonisado o Rio de Janeiro pela imprudente installação das duas Lojas, em que só tinhão vigor a sua Constituição e Regulamentos. Em Junho de 1805 o Emissario deu contas em loja do que passára com o Grande Oriente Lusitano, e foi em consequencia disso determinado que se celebrasse a Festa Maçonica de S. João, e desde esse dia se suspendessem os trabalhos da Loja

Reunião, até que melhor ensejo se of
recesse. Esta prudente determinação se
vio tambem de acautelar alguns des
guisados, que já hião tendo lugar
a pesar mesmo de huma tal ou qual co
cordata, que as circunstancias do tem
po obrigárão á fazer. Suspendêrão-se o
trabalhos da Loja Fluminense *Reunião*
mas tambem não podêrão por muit
tempo conservar-se as Lojas *Constanci*
e *Philantropia*, porque entrando n
Vice-Reinado o Conde de Arcos, inimig
jurado da Maçonaria, e com recommen-
dações da Corte para a perseguir, dissol-
vêrão-se os dous quadros, e não houve-
rão por então mais trabalhos Maçonicos.

SEGUNDA ÉPOCA.

Comprehende o periodo de 1805 á 1822. = Algumas Lojas apparecem e desapparecem logo; a de S. João de Bragança promette mais duração: dissolve-se pelos receios do Ministro d'Estado Villa-Nova: circumstancias deste Acto. Mendes Vianna funda a Loja Commercio e Artes, ajudado dos Maçons da Reunião. Funda-se o Grande Oriente do Brasil; e creão-se mais duas Lojas entra o Governo na Maçonaria, para melhor promover a Acclamação do Imperador, acclamado já na grande Loja, e elevado a Grão Mestre; serviços dos Maçons nesta época, e perseguição com que a perfidia os recompensára por meio do Apostolado. Suspendem-se os trabalhos Maçonicos em 29 de Outubro de 1822, e continúa o Apostolado.

No tempo, que decorreo desde 1810 até 1821 algumas Lojas existirão, mas tão ephemeras, que não merecem ser commemoradas. Perseguidos pela Policia, os seus Membros mudando de lugar a cada sessão, e fazendo pesados sacrificios para trabalharem algumas vezes fóra do perigo de ser lobrigados pelos

espiões do Governo, aborrecião-se tantas fadigas, abafavão em quasi quccimento o seu zelo, e recolhiac ás suas casas para gozarem de alg repouso. Destas Lojas, a que por m tempo persistio, e de cujos trabalho Governo sabia; por espiões, que suas mesmas columnas se assentavã foi a que se intitulava *S. João de B gança*; onde gente grada, mas qu toda de Corte, se filiára. Este mesn quadro assim copiado, e como que t lerado pelo Governo, não pôde por mu to tempo escapar ao assombrado gen do Ministro d'Estado *Villa Nova*; e f bastante motivo, para dissolver-se, a ba bara persiguição, que em Lisboa fize o *Marquez de Campo Maior* aos Maçõ Lusitanos, da qual foi desgraçada vic tima, além de outros, o benemerit *Gomes Freire*. He notavel que os Mem bros mais conspicuos da Loja de S

de ceder ás bravatas de *Villa Nova* dispensando-se com seus Irmãos nesta época, em que o primeiro movimento de Pernambuco em favor da Liberdade Brasileira deu argumentos a *Villa Nova* para persuadir ao Rei D. João VI. que esmagasse os Mações como instrumentos de Revoluções, sem se lembrar que elle mesmo *Villa Nova* as promovia querendo por meio de força comprimir o espirito dos Brasileiros já embebido nos princípios de Monarchia Constitucional Representativa, que se tornára huma necessidade, como depois se vio. Esses Membros de *S. João de Bragança* cortêrão mui promptos ao Rei, e a *Villa Nova*, em cuja presença humildes e como arrependidos, abjurárão erros, que não existião, e fizêrão entrega de insignias, e talvez papeis. Que não fizera este Ministro fanatico de hum Rei fraco contra o resto dos Mações, se nesses papeis encontrasse provas da sua

injusta suspeita! Tanto he verdade que os prejuizos cedem alguma vez á razão, mas sem por isso deixar a marcha das suas visões arbitrarias!...

Depois desta época, e tomando já a Liberdade hum vôo mais amplo, *Mendes Vianna* organisou a Loja *Commercio e Artes*, fazendo entrar na sua fundação muitos Membros da Reunião, que ainda se achavão dispersos, e saudosos da fraternal amizade, que sempre reinára neste primeiro quadro. Sem nunca se terem filiado nessas lojas, que desapparecião apenas se installavão, prestárão-se contentes ao convite patriotico desse benemerito Restaurador da Maçonaria Fluminense.

A idéa da Independencia do Brazil agitava já fortemente os espiritos; irritados os Brazileiros pelos imprudentes procedimentos do congresso de Lisboa para com esta consideravel parte da

Constituinte parecia desprezar, ou maltratar, a cada disposição Legislativa, que involvia desprezo, ou sombra delle para com o Brazil, os corações de seus filhos pulavão indignados, e anciavão por desafogarem-se em acclamações de Independencia. Este fructo da nossa Liberdade e Civilisação já estava maduro; mas ninguem ousava colhe-lo, porque a força das Armas, e Leis de sangue cahirião sobre os que isoladamente lhe lançassem mão. A loja Commercio e Artes estava florente, e contava no seu gremio homens de saber, de bons costumes, e de encendrado Patriotismo. Houve então quem se lembrasse nella, que devera a Maçonaria concorrer á dar huma regular direcção aos espiritos na Causa da Independencia, que a pesar de ser opinião geral, podia ainda assim não ter os resultados felices, que teve, se lhe faltasse huma prudente direcção; o ne-

gocio não era facil com a presença
Tropa Lusitana, e commandada p
Officiaes fanaticamente afferrados á p
litica da Metropoli. Foi então q
dous Membros da antiga loja *Reunia*
e dos seus Fundadores, emprehend
rão com seus escriptos illuminar
póvos; o *Reverbero Constitucional Fl*
minense appareceo no dia 15 de Seten
bro de 1821, e sabe todo o Brazil
serviços, que este Periodico prestou
Causa da Independencia, e da Monarchi
Constitucional Representativa, que co
enthusiasmo se jurára.

Como já fosse crescido o numero d
Membros da Loja *Commercio e Artes*
e todos os dias nella se filiassem os qu
ainda dispersos prezavão as virtudes M
çonicas, fez-se huma Assembléa Gera
e por votação se nomeárão os Membros
que devião formar a Grande Loja d

nistro d'Estado *J. B. de Andrada*. Quando se fez este acto, já o Governo sabia, e de algum modo protegia os trabalhos Maçonicos; e já a Commissão da Loja encarregada de organisar a Constituição Maçonica tinha apresentado á approvação geral grande parte dos seus trabalhos, pelos quaes se forão regulando os actos subsequentes a esta primeira nomeação, e installação do Grande Oriente do Brazil. Seguio-se logo o dia de S. João desse anno de 1822, e em solemne reunião sorteárão-se os Mações, que devião povoar mais dous quadros, em que se dividio a Loja *Commercio e Artes*; tomando esta o N.º 1 em razão da sua antiguidade, formou-se o N.º 2, que se intitulou *União e Tranquillidade*, e o N.º 3, que foi chamado *Esperança de Nectheroy*.

He publico o impulso, que os Mações Fluminenses então derão á Causa e Triumpho da Independencia do Bra-

zil; mas cumpre saber-se como e
fé começou a solapar as bases da s
existencia, aproveitando até certo po
to os seus serviços, e reservando pa
melhor occasião o descarregar sobre el
os terriveis golpes da mais execra
perfidia. Os Membros mais influent
do Governo, e que tambem occupavã
os primeiros cargos na Maçonaria, pa
os quaes não havia segredo algum, forã
como viboras aquecidas no seio d
seus amigos, que bem depressa ferre
rão venenosos dentes nas suas entra
nhas. A ingratidão começou a desen
volver a sua actividade, posto qu
ainda disfarçada, desde que o Princip
Regente se iniciou Maçon na Loja Com
mercio e Artes, e foi pouco tempo d
pois investido no Cargo de Grão Mestre
facto este, que sobremaneira irritou
primeiro nomeado, e que chamou
mais obstinada perseguição sobre o In-

maior prosperidade da Maçonaria, e da Patria, o propuzera; e tanto foi elle illudido por esse erro, (que se não perdia a si mesmo), que pouco depois, reclamando em Loja a esse ingrato Principe Imperador do Brazil, foi dahi á 60 dias, por sua mesma ordem preso na estrada de Minas, onde fôra acclamalo, expatriado, e mettido em processo, como Republicano. Parece que o Principe assim obsequiado quiz dar huma satisfação ao Ministro apeado do Grão Mestrado, mas não cedendo deste cargo, e sim descarregando a mais injusta perseguição sobre aquelle Irmão, que em muito boa fé se lembrára de o acclamar.

Os factos, que se forão rapidamente succedendo, provão indubitavelmente, que apenas as pessoas mais influentes do Governo conhecêrão, que os intrepidos promotores da Independencia Brazileira no Rio de Janeiro assentavão

esta grande obra na Liberdade Cons
titucional, ja plantada em quasi tod
os coraçõcs, logo se conjurárão (ta
vez em virtude de convenções secretas
que então se não podião rastrear), pa
se desfazerem dos Maçõcs mais patri
tas e liberaes, quando ja não fosse
necessarios aos seus fins. O que se v
depois faz crer que os Membros d
Governo, Grandes Dignitarios e tambe
Grandes Perseguidores da Maçonaria
estavão loucamente persuadidos de qu
ao Brazil só bastava o Throno Imp
rial, e que a Independencia desapp
receria no momento, em que os abs
lutistas de Portugal, destruissem
Representação Nacional, e a Constitu
ção, que ja muito adiantada se achav
pelo menos nenhum outro motivo exp
ca o indigno procedimento, que se te
para com os Maçõcs, cuja Liberalida

Constitucionaes, que se emittião aos povos pelo *Reverbero*; e entre tanto os seus primeiros Membros animavão, e até fundião o *Regulador*, que se publicou para contrasta-las, e que por meio de Portarias se recommendou ás Autoridades das Provincias, como fôra revelado na Assembléa Constituinte. O Governo estava ao facto dos bons serviços dos Mações, e approvava tudo quanto se fazia em prol da Independencia e da acclamação do Imperador; e entre tanto os seus principaes Membros creavão huma nova Ordem, que chamárão *Apostolado*, e para a qual recrutavão dentre os Mações os que julgavão mais aptos aos seus fins particulares, e tambem aquellas pessoas, que parecião não muito firmes nos principios Constitucionaes. A noticia desta nova creação deu rebate nas Lojas Maçonicas, e fez nascer suspeitas, que depois se realisárão. Em vão representárão ellas que duas Socie-

gocio não era facil com a presença d. Tropa Lusitana, e commandada po Officiaes fanaticamente afferrados á politica da Metropoli. Foi então que dous Membros da antiga loja *Reunião*, e dos seus Fundadores, emprehendêrão com seus escriptos illuminar os pôvos; o *Reverbero Constitucional Fluminense* appareceo no dia 15 de Setembro de 1821, e sabe todo o Brazil os serviços, que este Periodico prestou á Causa da Independencia, e da Monarchia Constitucional Representativa, que com enthusiasmo se jurára.

Como já fosse crescido o numero dos Membros da Loja *Commercio e Artes*, e todos os dias nella se filiassem os que ainda dispersos prezavão as virtudes Maçonicas, fez-se huma Assembléa Geral, e por votação se nomeárão os Membros, que devião formar a Grande Loja do Oriente do Brazil; e foi então elevado ao cargo de Grão Mestre o então Mi-

nistro d'Estado *J. B. de Andrada*. Quando se fez este acto, já o Governo sabia, e de algum modo protegia os trabalhos Maçonicos; e já a Commissão da Loja encarregada de organisar a Constituição Maçonica tinha apresentado á approvação geral grande parte dos seus trabalhos, pelos quaes se forão regulando os actos subsequentes a esta primeira nomeação, e installação do Grande Oriente do Brazil. Seguio-se logo o dia de S. João desse anno de 1822, e em solemne reunião sorteárão-se os Mações, que devião povoar mais dous quadros, em que se dividio a Loja *Commercio e Artes*; tomando esta o N.° 1 em razão da sua antiguidade, formou-se o N.° 2, que se intitulou *União e Tranquillidade*, e o N.° 3, que foi chamado *Esperança de Nictheroy*.

He publico o impulso, que os Mações Fluminenses então derão á Causa e Triumpho da Independencia do Bra-

zil; mas cumpre saber-se como a má fé começou a solapar as bases da sua existencia, aproveitando até certo ponto os seus serviços, e reservando para melhor occasião o descarregar sobre elles os terriveis golpes da mais execravel perfidia. Os Membros mais influentes do Governo, e que tambem occupavão os primeiros cargos na Maçonaria, para os quaes não havia segredo algum, forão como viboras aquecidas no seio dos seus amigos, que bem depressa ferrárão venenosos dentes nas suas entranhas. A ingratidão começou a desenvolver a sua actividade, posto que ainda disfarçada, desde que o Principe Regente se iniciou Maçon na Loja Commercio e Artes, e foi pouco tempo depois investido no Cargo de Grão Mestre, facto este, que sobremaneira irritou o primeiro nomeado, e que chamou a mais obstinada perseguição sobre o Irmão, que em boa fé, e com vistas na

maior prosperidade da Maçonaria, e da Patria, o propuzera; e tanto foi elle punido por esse erro, (que se não perdia a si mesmo), que pouco depois, acclamando em Loja a esse ingrato Principe Imperador do Brazil, foi dahi á 60 dias, por sua mesma ordem preso na estrada de Minas, onde fôra acclamalo, expatriado, e mettido em processo como Republicano. Parece que o Principe assim obsequiado quiz dar huma satisfação ao Ministro apeado do Grão Mestrado, mas não cedendo deste cargo, e sim descarregando a mais injusta perseguição sobre aquelle Irmão, que em muito boa fé se lembrára de o acclamar.

Os factos, que se forão rapidamente succedendo, provão indubitavelmente, que apenas as pessoas mais influentes do Governo conhecêrão, que os intrepidos promotores da Independencia Brazileira no Rio de Janeiro assentavão

esta grande obra na Liberdade Constitucional, ja plantada em quasi todos os coraçõcs, logo se conjurárão (talvez em virtude de convençõcs secretas, que então se não podião rastrear), para se desfazerem dos Maçõcs mais patriotas e liberaes, quando ja não fossem necessarios aos seus fins. O que se vio depois faz crer que os Membros do Governo, Grandes Dignitarios e tambem Grandes Perseguidores da Maçonaria, estavão loucamente persuadidos de que ao Brazil só bastava o Throno Imperial, e que a Independencia desappareceria no momento, em que os absolutistas de Portugal, destruissem a Representação Nacional, e a Constituição, que ja muito adiantada se achava; pelo menos nenhum outro motivo explica o indigno procedimento, que se teve para com os Maçõcs, cuja Liberalidade e Brazileirismo não se podem occultar. O Governo fingia approvar as doutrinas

Constitucionaes, que se emittião aos povos pelo *Reverbero;* e entre tanto os seus primeiros Membros animavão, e até fazião o *Reguladór*, que se publicou para contrasta-las, e que por meio de Portarias se recommendou ás Autoridades das Provincias, como fôra revelado na Assembléa Constituinte. O Governo estava ao facto dos bons serviços dos Mações, e approvava tudo quanto se fazia em prol da Independencia e da acclamação do Imperador; e entre tanto os seus principaes Membros creavão huma nova Ordem, que chamárão *Apostolado*, e para a qual recrutavão dentre os Mações os que julgavão mais aptos aos seus fins particulares, e tambem aquellas pessoas, que parecião não muito firmes nos principios Constitucionaes. A noticia desta nova creação deu rebate nas Lojas Maçonicas, e fez nascer suspeitas, que depois se realisárão. Em vão representárão ellas que duas Socie-

lades com differentes Estatutos e Rito
roduzirião, quando menos, hum ciu
ne, que embaraçaria a causa, em qu
odos se devião empenhar bem unidos
s autores do *Apostolado* disfarçand
empre os seus negros planos, e con
inuando a abraçar em amizade frater
ul os que ja estavão marcados par
i mais revoltante perseguição, respon
lião ás observações, que se lhes fazião
ue como os fins de huma e outra So
iedade erão bons, e os mesmos, ne
lhum motivo havia para desconfiança
ffensivas da boa fé. Os Mações em
enhavão-se em promover a acclamaçã
lo Imperador, não se forrando a fadi
as, e a grandes despezas, enviand
le seu seio pessoas de credito ás prin
ipaes Provincias, para que a acclamaçã
m todas ellas se fizesse no dia 12 d
)utubro, como em effeito se fez; e
ote-se que todas essas pessoas partirão
utorisadas, e mesmo recommendadas

pelo Governo; entre tanto ainda bem não erão acabados os applausos desse Acto, em que a Maçonaria teve tão grande parte, e ja a intriga rompia o manto da dissimulação, em que se envolvia no Cenaculo dos Apostolos da perfidia. Os Chefes do *Apostolado* virão chegado o momento de rasgar a mascara; aterrárão o povo enchendo-o com inventadas descobertas de negras e horrorosas conspirações contra a forma do Governo, e contra a pessoa do Imperador, ha poucos dias acclamado por esses mesmos, que agora (30 de Outubro) se apontavão como traidores. Fizerão mais; comprárão, e puzerão em campo gente desprezivel, a quem chamárão povo, para pedirem, voz em grita, as cabeças dos que mais havião servido a esses tigres reformados, e para requererem com assignaturas, com [illegible] em tabernas e cocheiras, a de

lhes; erão dados pelos Apostolos. Fizerão mais; mandárão ás Provincias prender, como réos de alta traição, os Maçons enviados como ja se disse, algum dos quaes regressava contente do bom desempenho de sua missão, e que a pesar disso foi alojado na Fortaleza de Santa Cruz, e dalli embarcado dentro de poucos dias, e com outros, que ja lá se achavão, e expulso para o Havre, sem processo, sem subsidio, e quasi que sem tempo para o arranjarem por seus parentes e amigos. Fizerão mais; mandárão abrir devassa sobre o supposto crime de conspiração, que só se dava na perfidia de tão indignos Irmãos. Nessa devassa, em que apparecem as maiores monstruosidades forenses, e em que á cada pagina respira o odio sanguinario dos que nella influírão, forão pronunciados muitos daquelles Maçons, que mais zelo mostrárão pela Independencia do Brazil e acclamação do Im-

perador *Constitucional*, como bem se provou na defesa, que apresentárão, e que corre impressa igualmente com os mais notaveis depoimentos dos seus encarniçados inimigos, e com as sentenças, em que forão declarados, não criminosos, e sim benemeritos da Patria.

No dia 29. de Outubro de 1822 „dia de eterna vergonha para o Governo do Brazil daquella época, fechârão-se as Lojas, e interrompêrão-se os trabalhos Maçonicos pelos motivos apontados, e sendo já reconhecido o Grande Oriente do Brazil pelos de França, Inglaterra, e Estados-Unidos, cujos Diplomas depois se recebêrão.

TERCEIRA ÉPOCA.

Comprehende o periodo de 1823 á 1832. — O Imperador quiz restabelecer a Maçonaria, e os Maçons se lhe negárão. A favor do Codigo Criminal algumas Lojas novas começárão a trabalhar. Funda-se hum novo Grande Oriente; reinstalla-se o antigo, e convida o novo á reunir-se-lhe, o que não se consegue. Publica-se o seu Manifesto, e continua a trabalhar com prosperidade. Inaugura o seu Templo; reconhece, e he reconhecido pelo Grande Oriente do Perú; convida de novo o Oriente dissidente, e recebe ainda huma repulsa; approva-se, e jura-se a Constituição do Grande Oriente Brasileiro organisada neste intervallo de 6 mezes.

Quando o Imperador em fins do anno de 1823 se vio abalado em seu Throno pela impolitica dissolução da Assembléa Constituinte: e quasi violentado offereceo aos povos o Projecto de Constituição, que ainda dessa vez attemperou a irritação das Provincias desconfiadas por tão indignos procedimentos,

mbrou-se então que se a Maçonaria s

empenhasse por elle, como dant
poderia segurar, recommendand
povos o Projecto de Constituição
Iris de Paz, e penhor do seu L
lismo. Alguns Mações forão para
fim chamados á Quinta da *Boa*
(onde o Imperador armára huma
em que trabalhava com os mais
dilectos do seu Gabinete), e send
feita a proposta de persuadirem a
vos a prompta acceitação do Pr
offerecido, e isto com muitos p
tos de amor e confraternidade
nica: a pesar de já não estarem
no Governo, nem no Brazil os
paes comperseguidores de seus I
todavia, esses Mações convocados
tiverão bastante coragem para se
rem a huma commissão, em q
não devia perceber mais do que
novo laço armado á sua boa fé.
seguição foi grande, e era recent
não servir de lição importante a

podião ser ainda maltratados em recompensa de taes serviços.

No periodo decorrido desde este anno até o de 1831 pouco se trabalhou em Lojas fóra do circulo do Grande Oriente Brazileiro, cujos trabalhos se achavão interrompidos. Alguns quadros se formárão, he verdade, Nacionaes, e Estrangeiros, mas não prosperárão, tanto por lhes faltar o impulso de hum centro Maçonico, como porque erão sempre receosos da perseguição de quem abborrecia a luz e a verdade, e que mais assanhado pela justa repulsa dos Mações, quando de novo os quizera interessar em seu particular serviço, de hum para outro momento cahiria sobre elles com os mesmos horrores de 1822.

Aproximava-se em fim o dia da Regeneração Brazileira; e alguns Mações aproveitando-se das disposições Legislativas do Codigo Criminal, já mais doces a respeito de todas as sociedades, jun-

tárão-se, e convertêrão-se em hum Grande Oriente, cuidando que o antigo de todo se extinguíra, como se fosse possivel apagar-se o fogo Maçonico nos corações bem formados, em que huma vez se accendera! Os Membros do 1.º reconhecido Grande Oriente Brasiléiro vendo que os negocios da Patria depois de 7 de Abril havião tomado huma direcção mais liberal, e por isso mesmo mais propícia aos trabalhos Maçonicos, reunírão-se novamente, (no mesmo mez, e no mesmo dia ao de Outubro, com que cheios de afflicções fechárão as portas do seu Templo); e transportados de jubilo as abrírão agora reinstallando-se os primeiros tres quadros, dos quaes muitos Membros, e os principaes Operarios ainda existião, e comparecêrão ao primeiro aviso. Para que nada faltasse á legalidade deste Acto, juntárão-se em Grande Loja os primeiros Officiaes da que fora installada em

1822, e com elle o primeiro Grão Mestr nomeado, com determinação de servi rem só até fazerem-se as novas Elei ções, concluida que fosse a Constitui ção do Grande Oriente Brazileiro; e n em tanto ficou regendo a de França, po consentimento do povo Maçonico, n parte que podia ser applicada ao Brazil

Hum dos primeiros cuidados do reins tallado Grande Oriente Brazileiro foi lo go publicar hum Manifesto aos Ma- çoes do Brazil, e aos de todos os Oriente Estrangeiros, annunciando-lhes a reno- vação dos seus interrompidos trabalhos. Tambem convidou fraternalmente os Membros do moderno Grande Oriente, que no intervallo se havia installado (em 1829) a que se reunissem em hum só circulo Maçonico, para maior pros- peridade da Ordem, e perfeita harmo- nia entre todos os Maçoes Brazileiros. He triste declarar que este convite foi regeitado, prevaleecndo sem duvida hum

injusto capricho ao bem geral da Maçonaria. Mas ainda assim mesmo os Maçons de hum e outro Oriente tem sido mui honrados para se conservarem divididos, sim, em differentes Lojas, mas unidos em bom espirito, e até fraternisando-se em suas visitas de huns a outros quadros.

Desde o acto da reinstallação do Grande *Oriente Brazileiro* os trabalhos Maçonicos tomárão hum impulso extraordinario. Muitas Lojas daqui e das Provincias se tem reunido debaixo dos seus auspicios. Muitos Maçons dispersos tem vindo povoar as columnas de seus primeiros Quadros; e muitos profanos se tem iniciado. A regularidade nos trabalhos, a magnificencia das ceremonias, tanto festivas, como funebres, tem chegado a hum ponto de perfeição, que nunca aqui tiverão. Sem se faltar á beneficencia para com os Irmãos pobres, alguns dos quaes vivem com suas fa-

vidas sustentados pelos Maçons de seus respectivos Quadros, além de estabelecidos feitos a estabelecimentos de caridade, e de instrucção á mocidade indigente, hum fundo se vai accumulando na Caixa Economica, conforme o que cada hum dos Quadros em cada mez pode forrar das suas mais urgentes despézas. Hum rico e magestoso Templo, em que hoje trabalhão as 5 Lojas do circulo estabelecidas na Cidade, foi inaugurado com rito proprio Maçonico; e já huma Constituição se organisou, e discutio, que foi jurada no anniversario da reinstallação do Grande Oriente (29 de Outubro deste anno) e que tambem era o da suspensão de seus trabalhos, como fica dito. Já no Perú chegou a noticia dos progressos da Maçonaria Brazileira. Hum Plenipotenciario do Grande Oriente alli estabelecido apresentou-se solemnemente pedindo o nosso reconhecimento, e offe-

recebe o seu; e esta mensagem recebida com o interesse proprio de Mações, que zaõ diffundir a luz das virtudes por todo o mundo, deu principio a huma correspondencia, que he gloriosa á Maçonaria em geral.

Falta ainda, e he preciso dize-lo, para complemento de tão excellente obra, que os dous Orientes, que hora trabalhão cada hum sobre si, fazendo huns sacrificio de seus caprichos sobre o Altar da Maçonaria, se fundão em huma só corpo respeitavel, e forte por suas luzes e virtudes. Este pensamento não foi esquecido antes de se concluir a Constituição Maçonica, que se jurára; porque de novo se tentou o congraçamento dos Orientes separados, offerecendo-se Artigos, que não deverião ser desprezados; mas nem assim a cadêa Maçonica foi soldada, como se póde ver de huma franca exposição, que corre impressa. Se tais divisões são sempre preju-

diciaes a huma Ordem, cuja essencia he união e confraternidade, ellas se tornão tambem escandalosas em tempos, em que a politica parece dividir os espiritos. Se as virtudes que a Maçonaria recommenda como qualidades necessarias aos que se appellidão irmãos, filhos da luz, e zeladores da verdade, são aptas para adoçar as paixões, acostumar ao trabalho, e melhorar os costumes, ellas muito melhor se praticão reunindo-se as diversas lojas em huma só grande Familia, e reguladas por huma só Constituição. Se he em tempos de partidos perigosa qualquer divisão na Sociedade, porque a intriga della se aproveita para seus fins, tambem he nesse tempo que mais se devem ligar os Mações, para bem desempenharem os deveres de bom Cidadão, vellando em honra da Patria, e confundindo os seus inimigos por hum procedimento digno dos que tem illustrado esta tão antiga

quanto respeitavel Instituição. Os Maçons não se occupão de politica, he verdade, e bem punidos forão os de 1822 por se terem esquecido desta maxima observada em todos os seculos da Maçonaria; mas como se não possa separar o caracter de bom Mação do de verdadeiro patriota, he preciso, para que se evite qualquer desar a estes estabelecimentos de beneficencia e philantropia, que todos se liguem, se instrúão, e se auxiliem, até para que a intriga dos profanos se não introduza em seus Quadros, abusando da boa concordia dos Irmãos, e compromettendo as santas intenções dos que só trabalhão em prol da humanidade, e em gloria do Supremo Architecto do Universo.

Não mencionamos neste abreviado quadro historico da Maçonaria, a separação, que fez do grande Oriente, a Loja *Segredo*, da qual já duas tambem se originárão (*Imparcialidade*, e *Caridade*)

para se reunirem ao verdadeiro centro, porque he de esperar, que cahindo ao razão os principaes autores desse pequeno schisma procurem ainda concorrer ao bem geral da Ordem Maçonica, fechando os olhos a mal fundados caprichos, em que só respira particular interesse. O mesmo, com pouca differença, se pode dizer da Loja *Educação e Moral*, do Rito Escossez. Os motivos que dirigírão o seu Fundador, devião irritar aos que os lobrigárão por entre as boas intenções, com que disfarçára huma desforra de queixa particular. Mas as desavenças de irmãos acabão em abraços de reconciliação; e talvez não esteja longe o dia, em que todos os Mações Brazileiros se liguem em huma só cadêa indissoluvel, sem que algum dos seus élos enfraqueça no exercicio daquellas virtudes, que a Patria e a Maçonaria reclamão em beneficio da humanidade.

Lista dos Mações deportados, processados, e perseguidos no anno de 1822, sendo Ministro d'Estado J. B. d'Andrada.

Luiz Pereira da Nobrega.—Brigadeiro, Ministro da Guerra: demittido logo depois da Acclamação, foi preso com grande apparato, recolhido a Santa Cruz, e deportado para o Havre.

José Clemente Pereira.—Desembargador, Juiz de Fóra, Presidente da Camara Municipal: demittio-se nos dias da intriga, recolheo-se ao seu engenho; de lá mesmo foi arrancado preso, recolhido a Santa Cruz, e deportado para o Havre.

Januario da Cunha Barboza.—Sacerdote, Professor publico de Philosophia: tinha ido á Provincia de Minas acclamar o Imperador; voltava d'alli concluido este serviço; em caminho, e a 20 legoas da Cidade de Ouro Preto, foi

preso por hum Official mandado da Corte com essa Commissão, recolhido a Santa Cruz; e dentro em poucos dias deportado para o Havre com os dous antecedentes.

Joaquim Gonçalves Ledo.—Conselheiro pela Provincia do Rio de Janeiro, foi grandemente perseguido; mas escapou-se por entre muitos perigos, e asylou-se em Buenos Ayres em quanto durou o Ministerio Andrada.

João Mendes Vianna.—Capitão do Corpo de Engenheiros; tinha sido enviado a Pernambuco, onde muitos e bons serviços prestou á causa do Brazil, e do Imperador; foi alli perseguido por ordem do Ministerio, preso, remettido ao Rio do Janeiro, onde por muitos mezes foi conservado incommunicavel na Fortaleza da Lage; e em seu processo se procurou todo o meio de o perder.

Antonio João de Lessa.—Sacerdote e Fazendeiro, escapou a milhares de per-

seguições e buscas, dormio muitas vezes no matto desconfiado até de seus proprios escravos peitados para o entregarem; refugiou-se em Buenos Ayres, d'onde voltou com Ledo, acabada a perseguição Ministerial.

João Soares Lisboa.—Redactor do *Correio*; soffreo muitos incommodos, fugio tambem para Buenos Ayres. (Os Escriptores liberaes forão os mais perseguidos).

Domingos Alves Branco Muniz Barreto.

João Fernandes Lopes.

Pedro José da Costa Barros.

Joaquim Valerio Tavares.

João da Rocha Pinto.

Thomaz José Tinoco.

José Joaquim de Gouvêa.

Luiz Manoel Alves d'Azevedo.

Todos estes Mações forão pronunciados na celebre devassa, de que já se fallou, e corre impressa; mettidos em Santa Cruz; depois, por grande favor

removidos para a Ilha das Cobras, [illegible]
de jazerão alguns mezes, mas d'onde sa-
hirão em triumpho por sentença, que
os declarou sem crime.

Exposição, á todos os Maçons Brazileiros, dos procedimentos, que tem havido para a malograda reunião em hum só Oriente, dos dois, que ora separados trabalhão no Rio de Janeiro.

A publicação das seguintes peças, que se offerecem ao conhecimento dos Maç.·. Brazileiros, servirá de provar a franqueza, e espirito verdadeiramente Maç.·., com que os Membros do antigo e já reconhecido Oriente do Brazil tem procurado, em honra da Resp.·. Ordem Maç.·., reunir em huma só familia os Ir.·., que modernamente se congregárão em Corpo separado: e posto que tão repetidos esforços não tenhão sido coroados de hum exito feliz, que tanto anhelão os verdadeiros Maç.·., cumpre todavia, que pelo menos os Membros do antigo reinstallado Oriente, a quem chegara a grata noticia de que se tratava d'esta união, e por meios, que não compromettião o decoro de ambos os Circulos, conheção tambem qual foi o desfecho d'esta começada negociação, e julguem, á vista dos seguintes Documentos, se temos, ou não, procedido Maçonicamente; isto he, com espirito de paz e de confraternidade.

Firmados nestes principios de incontestavel verdade, nós vos propômos, que no mesmos em hum só corpo, e Oriente Maç.·. onde melhor resplandeção a sabedoria e virtudes, que caracterisão os Membros da Nossa Sublime Ordem.

Esta proposta, filha toda do zelo, com que os Ir.·. se devem sempre amar, instruir, e coadjuvar, deve merecer-vos a consideração, que exige sua evidente importancia, dando-vos pressa em nomear huma commissão de vosso seio, que reunida á outra por nós nomeada, estabeleção bases, sobre as quaes, depois de reciprocamente approvadas, se verifique de prompto a congraçação de todo o Povo Maç.·.

Fazendo-vos esta proposta em espirito Maç.·., accreditamos, que existem em vós os mesmos honrosos sentimentos, de que nós achamos possuidos, em Gl.·. da Nossa A.·. O.·., em beneficio da humanidade, e em maior credito dos Maç.·. Brazileiros. O conhecimento, que temos das vossas Luzes e Virtudes, faz que não duvidemos por hum só instante, de que todos sacrificaremos qualquer capricho sobre o altar da Maçonaria, em bem da Ord.·. em geral, e que por isso, empenhando-nos em tão gloriosa reunião, se apressem os necessarios meios para realisar, quanto antes, este projecto verdadeiramente Maç.·.

O Sup.·. Arch.·. do Un.·., etc., etc. — Forão assignadas todas às Gr.·. Luzes da G.·. L.·.

Em resposta a esta Prancha, veio hum Officio do G.·. Sec.·., que ha o de theor seguinte:

A' Gl.·. do Sup.·. Arch.·. do Un.·.

E Sap.·. Gr.·. L.·. Brasil.·.

Aos Resp.·. Ir.·. G.·. B.·. X.·. B.·. R.·., e O.·.

Deseja S.·. F.·. e Un.·.

A Sap.·. Gr.·. L.·. Brasil.·., a quem foi presente a vossa Prancha datada de 2 do 4.° mez do corrente anno, em que, prevendo o resultado funesto da desunião das Familias Maç.·., propondes a nomeação de huma Commissão, que unida com outra do vosso gremio de igual numero, estabeleção bases, sobre ás quaes depois de reciprocamente approvadas, se verifique de prompto a congrassação de todo o Povo Maç.·.; convancida da sanctidade dos principios, que professais, não hesitando em abraçar huma Proposta, que tem por fim confraternisar os Maç.·., me autorisou para communicar-vos, que concorde com a vossa Proposta, nomeou para tratar com a Commissão por vós indicada, os Ir.·. CC.·. RR.·. ✝✝.·. Jefferson 2.°, Mendes Vianna, Caneca 2.°, Aretheu, e Timoleon, a quem nesta data se faz a devida participação. O Sup.·. Arch.·. do Un.·. illumi-

ue, e inflamme os corações dos verdadeiros M.·., para gloria sua, e prosperidade da Maç.·. Braz.·.

Officina de Sap.·. Gr.·. L.·. B.·., aos 26 do 4.° mez do an.·. da V.·. L.·. 583s.·

Por mandado da Sap.·. Gr.·. L.·. B.·.,

O Ir.·. Socrates, 2.° C.·. R.·. ✠.·.

Gr.·. Secr.·. inter.·.

A Gl.∴ do Gr.∴ Arch.∴ do Un.∴

Ao Resp.ª Ir.º C.∴ R.∴ ✠.∴ B.∴ do S.∴ L.∴, Gr.∴ Secr.∴ inter.∴

S.∴ F.∴ e Un.∴

A' Sap.∴ Gr.∴ L.∴ Brazil.∴ fiz presente a vossa Prancha do 4 do corrente mez, em que participais a nomeação da Commissão do vosso gremio, composta dos Ir.∴ que mencionastes: e a mesma Sap.∴ Gr.∴ L.∴, fazendo chegar ao conhecimento da sua Commissão o conteudo da vossa Prancha, me authorisou para communicar-vos, que as mesmas Commissões devem, para regularidade de seus Trabalhos, abrir correspondencia entre si, conforme foi participado á Commissão de nosso seio.

O Sup.∴ Arch.∴ [illegible].∴ vós illumine, e conceda todas as prosperidades.

Officina da Sap.∴ Gr.∴ L.∴ B.∴, aos 16 dias do 5.º mez do an.∴ da V.∴ L.∴ 5832.

Por mandado da Sap.∴ Gr.∴ L.∴ B.∴,

O Ir.∴ Socrates, 2.º C.∴ R.∴ ✠.∴

Gr.∴ Secr.∴ inter.∴

Na mesma Sessão da Gr.ª L.ª em que se recebeo este Officio, fechados os olhos á desigualdade bem saliente da correspondencia, procedeo-se a nomear a Commissão tambem de cinco Membros, que forão logo encarregados de organisar e apresentar as bases da Reunião. Cuidárão logo disso; e em confidencia apresentárão a hum dos Membros da outra Commissão os cinco Artigos seguintes, para que sobre elles meditasse a Commissão, á fim de se applainar a discussão, quando se reunissem.

Artigos apresentados pela Commissão do Antigo Oriente.

Art. 1.° Ambos os O.·. se fundirão em hum só, sendo a Eleição do Gr.·. M.·. Dignitarios, e Officiaes, feita pelos Membros dos dous Or.·.·. em numero igual de huma e outra parte; e d'aquella, em que menos houver, será preenchido por nomeação das respectivas LL.·.

Art. 2.° No acto da fusão, se nomeará hum Presidente á maioria absoluta de votos, para presidir as Eleições do Gr.·. Or.·., e até a posse do novo Gr.·. M.·.

Art. 3.° Ficarão subsistindo as LL.·. existentes da Maç.·. Franceza, que actualmente compõem os dous Circulos, sem alteração alguma no seu material e pessoal, senão por Proposta e approvação da L.·. respectiva a quem isso convier.

Art. 4.° Feita as Eleições, immediatamente o Gr.·. O.·. nomeará huma Commissão de seu seio, para revisão das Constituições porque anteriormente se tem regido, e para propôr a adopção de huma d'ellas com alterações, ou sem ellas, ou mesmo huma nova, ou refundida, que será discutida, e approvada, conforme o methodo que melhor parecer. No em tanto

regué das existentes aquella, que o G.·. Or.·. escolher.

Art. 5.° Ficará sem vigor qualquer procedimento principiado, ou decretado a respeito de MM.·., que actualmente pertencem a hum, ou outro Circulo, como se nunca existira, começando-se huma nova era Maç.·.

Depois de quasi dous mezes de espera, sem nunca haver nem ao menos convite para reunião das duas Commissões, quanto mais discussão ou emenda á Proposta, em boa fé apresentada, appareceo como *ultimatum* desta negociação as duas seguintes Peças, que muito convem serem meditadas pelos Maç.·. Brazileiros, para conhecimento deste negocio, que interessara á Ordem em geral, desde que fôra tão dignamente entabolado. Debaixo de huma só capa achavão se as seguintes Peças Officiaes:

A Gl.·. do Gr.·. Arch.·. do Un.·.

Ao Resp.·. Ir. Aretheu C.·. R.·. ✠.·.

A Sap.·. G.·. L.·. Brasil.·.

Deseja S.·. F.·. e Un.·.

A Sap.·. Gr.·. L.·. Brasil.·. vós communica, que tendo de nomear huma Commissão para tratar com outra, que lhe fôra indicada pelos Resp.·. Ir.·. CC.·. ✠✠.·. Gouvêa, Brito, Xavier, Barbosa, Ribeiro, e Oliveira, á quem n'esta mesma data se responde; procedeo á referida nomeação, e fosteis vos eleitos por huma maioria absoluta de votos para compordes a dita Commissão; o que a mesma Sap.·. Gr.·. L.·. vos participa, havendo por muito recommendada a mesma Commissão a religiosa observancia da Constituição, que nos rege. O Sup.·. Arch.·. do Un.·. illumine o Resp.·. Ir.·. Aretheu C.·. R.·. ✠.·. no desempenho da importante Commissão á seu cargo.

Officina da Sup.·. Gr.·. L.·. B.·., aos 26 dias do 4.° mez do an.·. da V.·. L.·. 5832.

Por Mandado da Sap.·. Gr.·. L.·. B.·.,

O Ir.·. Socrates, 2.° C.·. R.·. ✠.·.

Gr.·. Secr.·. inter.·.

quaes poderes serão conferidos aos Resp.: Ir.: CC.: RR.: ✠✠.: Mendes Vianna, Tholeon, Caneca 2.° Jefferson 2.°

MENDES VIANNA, C.: R.: ✠.:; JEFFERSON 2.° C.: R.: ✠.:; THOLEON, C.: R.: ✠.:

Aos CC.·. RR.·. ✝✝.·. M. J. d'Oliveira, J. da C. Barbosa, B. da S. Lisboa, J. B. B. Pereira, J. J. de Gouvêa.

Os CC.·. RR.·. ✝✝.·. M. Vianna, Timoleon, Aretheu, Jefferson 2.°, Caneca 2.°,

Desejão S.·. F.·. U.·.

Charissimos e Respeitavellissimos II.·.

Sendo nos conferidos os poderes, que na Prancha inclusa vão designados, á fim de que, satisfazendo á Proposta que houvesteis por bem iniciar perante o deposito luminoso dos raios brilhantes, que nós esclarecem, tratassemos do meio o mais conveniente de congrassar os FF.·. da U.·., que pertencendo a huma mesma familia, e dirigindo-se a hum mesmo fim, talvez tem o Genio do mal podido desviar por caminhos desvairados, e escurecendo o albor d'aquelle, que mais directamente nos deve conduzir a comprasimento do Su.·. Arch.·. do Un.·.: e convencidos, quanto he possivel á pureza de corações, á quem tem sido confiados os sublimes mysterios, de que nada pode ser tão agradavel á Origem de todo o bem, como o sacrificio de pro-

vações, quando infundadas, e que devendo servir-se das fraquezas da humanidade, poderão oppôr-se aos progressos da Gr.·. Obra; não duvidariamos, Ch.·. e Resp.·. Ir.·., acolher desde logo toda e qualquer Proposta tendente a aquelle fim, onde se ostenta em toda sua bellesa o espirito da nossa sublime Ordem; mas na limitada capacidade do espirito humano, na imperfeição dos orgãos por onde recebemos as impressões da G.·. L.·., se á a occasião prudente arriscar as bases, que na escuridão das trevas, nas vacillações da fé, nos combates das paixões, assegura o Edificio dos nossos antepassados? A' que contradicções não hiriamos expôr os verdadeiros crentes, se consentissemos em alluir a clava mestra, que liga em huma só peça todas as outras do Templo? Como em hum mar ameaçado de tantas tempestades, desprezar como inutil essa bussola experimentada, que nos tem conduzido á travez dos seculos? Não, nós nos lisongeamos antes de accreditar, que sendo os MM.·. os mais leis depositarios dos preceitos, que lhes são confiados, que existindo na Lei os meios os mais seguros de huma verdadeira união, vós não insistireis em sondar os nossos corações, em aguardar, se a diuturnidade dos tempos, se as divisões do seculo tem amortecido aquella fé, aquella constancia, aquella adhesão aos principios,

que servem de timbre aos Discipulos de Adonhiram. Se approvesse ao Sup.·. Arch.·. do Un.·., para apurar-nos nas difficuldades, alentar ainda em vós essas suspeitas, nós vos affiançamos, somos MM.·., temos direito á vossa confiança: a diuturnidade dos tempos não tem feito, se não radicar mais profundamente em nossos corações o respeito pela Lei, a divisão dos espiritos assegurar-nos, que não he prudente alluir, quando não ha certeza de poder edificar; a Lei, e sómente a Lei, he que nos dirige; he na Lei, que nós queremos abraçar-vos: he com a Lei, que podeis dar trabalhadores á Sap.·. Officina; he em summa a Lei, como vedes dos nossos poderes, que nos cumpre sustentar

A poderosa assistencia do Sup.·. Arch.·. do Un.·. dirija, e vigore no caminho da justiça as vistas dos Resp.·., CC.·., RR.·. ✠✠.·., M. J. d'Oliveira, J. da C. Barbosa, B. da S. Lisboa, J. B. B. Pereira, J. J. de Gouvea, para complemento da obra encetada, gloria e prosperidade de toda a Maç.·. Brasileira.

No remanso da paz, fóra da vista dos Prof.·., aos 30 do 5.º mez do an.·. da V.·. L.·. 5832.

ARETHEU, C.·. R.·. ✠.·.; M.·. V.·., C.·. R.·. ✠.·.; J.·. 2.º., C.·. R.·. ✠.·.; T.·., C.·. ✠.·.

A Commissão apresentou na Gr.·. L.·. esta Resposta, e foi resolvido, que se respondesse, que toda a negociação se interrompia, e que a Commissão estava dissolvida.

Não foi esta a primeira tentativa para huma reunião, que muito convem á Maç.·. em geral. Logo depois de reinstallado o primeiro reconhecido Oriente do Brasil, que só as perseguições do anno de 1822, e circunstancias politicas dos seguintes, embaraçárão de trabalhar, sem com tudo extinguil-o, e tanto que os seus Membros se apresentárão em seus postos, e vierão povoar as columnas de seus Quadros, logo que a Luz Maç.·. sahio debaixo do Modio, e appareceo no seu verdadeiro candelabro: huma participação e fraternal convite se fez logo para huma gloriosa reunião, á esse Corpo, que no anno de 1830, se erigira em Oriente. E porque os Maç.·. Brasileiros sabem, que não só recusárão os seus Quadros, como até mesmo responderão com frase algum tanto alheia da dignidade Maç.·., excusado he publicar esses Officios, bastando tão sómente os que ficão transcriptos para conhecimento e prova da franqueza e Maç.·. fraternidade, com que o antigo reconhecido Gr.·. Or.·. do Brasil tem procurado a maior prosperidade da Nossa Sublime Ordem, por huma reunião fraternal, necessaria, e em tudo digna dos que se honrão de ser M.·.!

Apresentando-se na Sessão da Gr.·. L.·. (de 15 de Setembro) o Sr. D. de Ponte Rivera, Canal.·. do R.·. Seg.·. Enviado pelo G.·. O.·. Peruano, e sendo recebido em plena Assembléa com as solemnidades da Ordem, pronunciou o seguinte discurso, depois de lidos os Diplomas, que antes da sua entrada apresentára á G.·. L.·.

DISCURSO.

RESPEITAVEL M.·., DISTINCTOS VIG.·., E AMADOS I.·. EU VOS SAUDO.

O G.·. O.·. Peruano, tendo noticia de que hoveis reinstalado o vosso G.·. O.·. Brasileiro, encarregou-me da honrosa missão de felicitar-vos em seo nome, reconhecer-vos, e solicitar de-vos que tambem o reconheçaes; assim como de vos fazer scientes de que nada anhela tanto como o encetar com vosco relações fraternaes, para que ajudado dos vossos Conselhos e luzes possa imitar a vossa philantropia, e virtudes, e melhor conseguir os fins, á que se dirige a Maç.·. Serei breve sobre a parte da minha commissão relativa á significar-vos os sentimentos de particular simpatia e apre-

ção, com que vos destingue o Gr.·. O.·. Peruano; só a situação geographica, e identidade de costumes, bastão para justificar tão nobre predilecção entre Maç.·. Americanos. Elle vos participa igualmente que segue o Rito Escossez, e já sabe que haveis adoptado o moderno Francez; mas está bem convencido de que he indifferente o escada por onde os Maç.·. podem subir ao Templo das virtudes, pois que só he essencial ali chegar purificado, e digno do nome de virtuoso. A' isto se reduz todo o cabedal dos Maç.·. do G.·. O.·. Peruano. Occupado actualmente em discutir os seus Estatutos, elle promette mandar-vos hum Exemplar, por meu intermedio, logo que estejão Sanccionados.

Depois de vos communicar assim o objecto da minha Missão, seja me permittido exultar de jubilo por me vêr em meio de tão numeroso concurso de Maç.·. virtuosos, e agradecer os vossos applausos segundo a Ordem.

A este Discurso de Mensagem respondeo logo o G.·. Or.·. da G.·. L.·. J. da C. Barboza, C.·. ✠.·. nos seguintes termos.

DISCURSO.

Á Gl.·. do Sup.·. Arch.·. do Ur.·.
S.·. S.·. S.·.

Sempre que a Luz Maç.·. reflecte de qualquer ponto do nosso Globo, e d'entre povos que ella encaminha no exercicio das virtudes, a humanidade deve exultar, e os Maç.·. cobrirem-se de honra, e de Gloria; vendo assim satisfazerem-se os seus desejos, e coroarem-se os seus trabalhos. He desta arte que a Beneficencia logra de occupar hum assento acanhado em alguns corações, ou em alguns pequenos circulos, derramase como orvalho do Ceo sobre todos os homens espalhados por differentes paizes. A Luz da Maç.·., vós o sabeis, Ir.·., he bem semelhante á do Sol, que reparte com todos os seos raios, e produz em diversos lugares os mesmos effeitos, que produzira sempre desde a sua creação. Ella gira em Orbita regular, e tão magestoza, que nem a noite dos Seculos, nem a massa das perseguições, tem podido jámais obscurece-la,

ou extinguil-a. Reapparecendo quasi sempre mais brilhante depois de alguns eclipses motivados pelos erros, que acompanhão as fraquezas da nossa especie, ella segue, e auxilia a civilisação em sua marcha, desenvolvendo as preciosidades das Artes e Sciencias, adoçando os nossos costumes, e aproximando os homens daquella perfeição, que nos he licito procurar usando acertadamente das nobres faculdades, com que nos enriquecera o Sup.·. Arch.·. do Un.·.

Eis o principal motivo Ir.·. porque os nossos corações se devem encher hoje de hum virtuoso jubilo, vendo que de hum paiz remoto a luz da Maç.·. nos procura vencendo as difficuldades das nossas posições geographicas, saltando montes, e affrontando a furia dos mares, só para augmentar o clarão do Candelabro Maçonico, que agora mais do que nunca illumina a marcha da livre Familia Americana.

Nós somos abraçados pelos Mações do Sapientissimo O.·. do Perú, cujo Representante, por tantos titulos Respeitavel, agora apparece em nosso Templo. Nós sahimos promptos e contentes ao seu encontro, apenas soarão nesta habitação do Segredo, e da Sabedoria os golpes de malhete dos que conhecem os misterios da nossa Augusta Ordem; elle apresentou os documentos, que nos inclinão á respeital-o como hum

visitante, que sahe da Orbita ordinaria
Mações, porque vem saudar-nos em nome
hum Oriente, que deseja reunir as luzes
todos os Mações Americanos, e que firma
ra o seu assento com o fim honroso
ser util á humanidade em geral, e pez
de seguir o Rito Escosses, que não diffe
re em principios do Rito Francez, que t
mos adoptado. Esta Alliança de Amor,
de virtude deve ser appreciada pelos que s
bem quanto serão Vantajozos os seus re
sultados. Reconhecendo assim os Maçõ
de hum Estado, que tantos esforços te
feito para firmar o amor das virtudes e
meio das calamidades, á que tem dado lu
gar a politica de nossos tempos, nós en
contraremos ali amigos firmes e leaes, a
sim como os Peruanos aqui devem encon
trar, porque os Maç.. Brasileiros não sã
tardos no desempenho dos seus Sagrado
deveres.

Estão por este modo apertadas as nossas mão
em doce e virtuosa amizade; a Beneficen
cia que deste Acto resulta em gloria d
dous O.. tão dignos hum do outro, dev
sem duvida encher de gloria os Operario
das diversas Officinas, que então em seu
respectivos Circulos.

Já do Norte deste nosso Hemisferio no
tinha chegado a saudação fraternal, que tam
bem haviamos recebido da Inglaterra, e d

França. A primeira Nação da America, que ensinou ás outras a gloria, que se colhe de sustentar os Direitos do homem, apressou-se em reconhecer o nosso Grande O.·. apenas o brado da nossa Glorioza Independencia nos desprendeo dos ferros Coloniaes que tambem algemavão a Maç.·. Portugueza. Suffocada em seu berço pelos ciumes de huma Metropole desconfiada do nosso engrandecimento, ella só deo signaes de vida em 1822; mas pareceo dormir por dez annos, para acordar agora mais cheia de vida e de gloria, agora que respira em seu verdadeiro elemento, a liberdade desembaraçada das suas pêas.

A centelha escondida na poderneira nunca se apaga; e assim tambem o fogo da Maç.·. quando huma vez penetra os Corações bem formados, salta delles mais activo e brilhante, apenas o amor da humanidade o fere ou seu deposito, offerecendo-lhe os necessarios fomentos para que lavre com fructo, e reclamando a sua preciza luz na pratica das mais importantes virtudes.

Congratulemo-nos Ir.·. pela honroza presença do Respeitavel Enviado do G.·. O.·. Peruano, que assim procura a nossa amizade e reconhecimento. Este Acto bem prova que o reflexo da nossa Luz Maçonica tem chegado aos seus Quadros, e nos adquire

se exercer a Arte Real. O seu exemplo em breve será seguido pelos Maç.·. dos outros Estados nossos contermanos; a Liberdade, e a Independencia que formão as bazes de nossa natural sympathia, não são menos influentes do que a Beneficencia, e philantropia, que delles nascem, e formão as primeiras fibras dos corações Americanos. Nós já somos Irmãos por motivos politicos, e os laços de hum tão nobre fraternidade muito mais se aperfeiçoarão por motivos virtuozos, isto he Maç.·. A elevada cathegória, em que nos apparece hum tão Respeitavel Visitador, bastára sem duvida para lhe tributarmos o nosso mais profundo respeito, se pela honrosa Commissão, de que he encarregado, não tivessemos dobrado motivo para o admittirmos em nossa cordial amizade. Principiemos Irmãos, principiemos a provar ao Sapientissimo G.·. O.·. Peruano que somos desvellados em cumprir os deveres, á que elle nos convida, solicitando o nosso reconhecimento. Honremos, e applaudamos o seu Dignissimo Representante, porque confiamos que os Maç.·. Peruanos proverão os Maç.·. Brasileiros, que possão alguma vez procurar o amparo de suas virtudes, e o balsamo d'aquella verdadeira amizade, que reciprocamente nos prometemos, e que só entre Maçons Regulares se reputa verdadeira o Santo.·.

DISCURSO

Recitado na R.·. L.·. Com.·. e Art.·. ao O.·. do B.·., pelo Cav.·. R.·. ✠ J. da C. Barboza. no acto de tomar posse do Ven.·. em Março de 1832.

Collocado neste Throno, á que só me elevárão a vossa escolha, se conheço que tenho bastante motivo para encher-me de huma nobre ufania, tambem me quebra o animo a lembrança de que passo á substituir a hum Respeitabilissimo Veneravel, que desempenhára todos os seos deveres com honra da R.·. A.·. O.·.; com credito de suas excellentes qualidades; e com aplauso deste Resp.·. Quadro, que jámais se esquecerá das suas doctrinas, e exemplos. Mas ainda bem que os raios da sua virtude e sabedoria, reflectidos deste Throno sobre as nossas columnas, me podem orientar na direcção dos trabalhos, que me confiastes. A emulação neste caso he tanto mais indispensavel, quanto he mais sensivel a falta de hum Veneravel, que vós terieis reelei-to, senão preferisseis a Lei geral á vontade deste Resp.·. Quadro. Igual a vós em docilidade e fervor Maçonico, eu só appare-ço por vossa eleição no primeiro empregó

para regular os nossos trabalhos; e se nesta qualidade me tendes prometido amor, respeito, constante coadjuração, e obediencia legal, eu pela minha parte tambem vos asseguro respeito, amor, disvello, e tudo quanto couber em minhas faculdades, para que esta Familia Maçonica cresça e prospere em virtudes; e para que os vinculos de huma cordial fraternidade reunão docemente os nossos corações. O deposito das verdades e praticas Maçonicas, que se nos confiára desde a nossa iniciação, não deve ser nunca abandonado, por isso mesmo que delias pende a virtude, e a virtude he só quem pode felicitar o homem. Aquelle, que abrio os seus olhos á grande Luz, e recebeo dos Mações o abraço e osculo de paz e confraternidade, não deve entibiar-se na estrada, que se lhe abrira, saudoso das trevas e vicios, em que láborão os profanos. He mesmo impossivel que os nossos corações senão ábrão ás delicias de huma franca amisade, que reina sempre em nossos Quadros, que tem reinado, e reinará entre nós, porque he propria do homem honrado; e o homem honrado, seja qual fôr a sua condição, não póde desprezar a virtude.

Sim, meus Irmãos, postoque tudo pereça debaixo do pezo dos seculos, com tudo a Maçonaria, bem como huma arvore plantada em terreno fertil, cresce, e ostenta

se de cada vez mais copada e florida, em meio das ruinas, que o tempo deixa apóz si; tal he o privilegio da virtude, e de tudo o que nella se apóia! Que motivo por tanto póde ser mais interessante para nos obrigar a huma perfeita e fraternal reunião em torno do altar da Maçonaria? Debaixo de quaes outros mais favoraveis auspicios poderião os amigos da propagação da verdadeira Luz reabrir as portas deste Templo construido em gloria do S.·. A.·. do U.·., e renovar trabalhos, que só tempos de ignorancia poderão suspender? O Genio Tutelar da Liberdade extendeo as suas azas sobre o Brasil, e a felicidade fulgura por isso mesmo aos olhos dos Brasileiros, em cujos corações a Independencia da Patria, e a Liberdade dos homens interessão os seus disvelos e a sua gloria. Bem como hum Astro, que fecunda o Universo, a Maçonaria já resplende mais radiante dissipando as nuvens, que ha 10 annos assombravão o seu eterno brilho. Os nossos trabalhos tomarão maior vigor; o seu pezo repartio-se por antigos e novos operarios, proporcionando-se ás suas forças a maior, ou menor perfeição de tão nobre tarefa. A vigilancia tocou aos Mestres: a actividade aos Companheiros; o zelo aos Aprendizes; mas a virtude he de todos. Huma doce concordia enlaça os nossos corações no amor da

Maçonaria; já muitos templos se edificão, e se consagrão á virtude.

A Officina *Commercio e Artes na Idade d'Ouro*, á que hoje presido por vossa eleição, e que n'outros tempos tanto se distinguira pelo zelo dos seus Operarios, renasce gloriosa como a Phenix dentre as cinzas, em que parecia haver-a sepultado huma indigna perfidia. Reunem-se os seus Membros dispersos; povoão as suas columnas pela adopção de novos trabalhadores, que fugindo a confuzão dos profanos, aqui vem respirar a aura suave da paz, e da preciosa amizade, que se abrigão nos circulos Maçonicos. O raio luminoso, que nos guia pelos caminhos da sabedoria e da virtude, procede de hum fóco commum, a quem a Liberdade da Patria deo nova existencia, regenerando a sua força, e restituindo-lhe os seos privilegios. Os homens aqui virão, como n'outros tempos á escola de Delphos, receber lições de fraternidade, de união, e de beneficencia. Eis hum grande triumpho da Arte Real; eis huma obra daquella sabedoria, que conduz o Maçon á felicidade pelo nobre exercicio das virtudes sociaes. A queda dos Imperios, a revolução dos povos, podem sim alguma vez interromper a sua marcha, porém nunca esgotar este rio caudal, cuja origem se perde na antiguidade dos tempos.

Se me fosse permittido desenrolar aos vossos olhos os Archivos dos seculos mais remo-

tas, para alcançar a origem da N.·. A.·.
vós a vereis perder-se na 3.ª idade do m
eclipsar-se, e resurgir mais brilhante
Mas deixemos ao sabio, ancioso de al
frustosos conhecimentos, e penetrar a
dos tempos, devorar os Annaes do Mun
e apontar-nos a Maçonaria em seu berço
clarando-nos quem forão seus fundador
Noé, ou Moyez, ou Salomão. Remocha
muito embora as cinzas do Egypto, in
gue as ruinas da Grecia, revolva os con
da Palestina, e faça concorrer as Naçõ
das, e todas as Ceitas antigas á confront
dos hyeroglíphos de humas com os nossos
bulos misteriosos; e os ritos sagrados de
tras com as nossas ceremonias puras; c
parando assim a actividade do nosso zelo
os diversos prejuizos da antiguidade; o
profano, póde, querendo, estabelecer ri
mas, mais ou menos engenhosos, para s
zer celebre, porém basta ao verdadeiro
ção a certeza, em que deve estar, de q
N.·. A.·. O.·. occulta a sua origem em h
infinita massa de annos, sem que por isso
ca a sua gloria, ou esfrie o primeiro fervo
seus Membros, como agora mesmo a ex
riencia nos ensina. E com effeito, as Festas
Diana em Scythia; de Urania entre os Phe
cios; de Minerva em Athenas; de Ceres
Eleusis; e de Isis no Egypto, offerecem al
mas relações analogicas com as nossas;

ellas tanto distão, como a realidade das sombras e figuras, em que se bosqueja. O Egypto tambem contou Mágos depositarios de todas as sciencias humanas; elles cubrião os seus segredos com o veo de hyeroglyphos, e só os revelavão aos que vião capazes de os possuir; mas se nisso entrava espirito Maçonico, a antiguidade o torna duvidoso á nossa investigação. Nós vemos Nabucodonosor tomar á força de Armas Jerusalem, destruir o Templo de Salomão, e reduzir os Maçõns á hum lastimoso captiveiro. Logo depois Cyro apodera-se de Babilonia, e os restabelece em todos os seus direitos; aqui a Maçoneria melhor se descobre dos véos da antiguidade, e precendendo de outras observações, concluimos que ella triumpha sempre da foice dos tempos, e do cutelo das revoluções. Mas que importa ao Maçon o conhecimento da verdadeira epoca da sua origem, quando está certo que pelo seu culto constitue-se o amigo do bem geral da humanidade, e sabe que póde ser feliz por elle, fazendo a felicidade dos seus semelhantes? Que vantagens não resulta á Sociedade civil desta Arte Divina, que por vinculos estreitos une os homens, e os harmonia sob-leis sabias, tornando-os operarios da sua propria felicidade, ensinando-lhes a construcção de hum edificio moral, que cobre de flores o espinhoso caminho da vida, e forma huma doce alliança entre os prazeres e a virtude? O profano desejaria sem

devido iniciar-se em nossos misterios, se pode fazer chegar huma das suas vistas ao interior do Templo dos Amigos da Ordem e da Paz. Qual não seria o seu pasmo vendo-nos em huma grey composta de homens de todas as feições, de todas as ordens e condições, applicados ao estudo das virtudes? Huma reunião, em que trabalhos tão uteis são guiados pela sabedoria e amabilidade, que se não encontrão fóra dos nossos Templos; em que a igualdade dirige os respeitos reciprocos; e em que os mesmos banquetes são presididos pela decencia, frugalidade, e alegria fraternal, não póde deixar de ser invejada pelos que sabem quanto são preciosos os momentos empregados em tão nobres exirçicios. Que sentimento de veneração não experimentaria elle para com huma instituição, que revelando sobre as revoluções politicas, apesar das guerras de opiniões, que nunca interrão a Maçonaria, tem vencido seculos e seculos, e corrido hum immenso espaço de bem differentes regiões? Semelhante á huma torrente, cuja rapidez forçou os diques construidos para represal-a, a Maçonaria triumpha dos maiores obstaculos, que encontra. Seus Templos destruidos erguem-se mais magestosos, dentre suas ruinas materiaes; fôra preciso destruir as nações dos filhos da Luz, para que desapparecessem os altares do culto que, com

sagrão ao G. A. do U. beneficiando aquelles, em quem fôra estampada a sua imagem; cujo fim a existencia e gloria da Maçonaria são eternas, porque tambem são eternas a verdade e a virtude.

E poderia não ter perpetua duração huma Ordem tão util, que impõe aos seus membros a obrigação de se communicarem mutuamente as suas luzes: de se edificarem com reciprocos exemplos de virtude: e de se coadjuvarem beneficentes, gosando de todos os prazeres das almas francas e nobres, sem aquelles abusos, que no seculo lhes fazem perder o seu verdadeiro merecimento? Quanto não he precisa esta escolha, em que se dão lições de amizade, de justiça, de beneficencia, de honra, de caridade e patriotismo; virtudes, que devem constituir sempre o verdadeiro caracter de hum Maçon!

Senhor de si mesmo, por isso que he livre, e ama a virtude, elle se eleva sobre as ruinas de suas vencidas paixões, e o seu coração converte-se em throno de sabedoria. Cheio de respeito para com os direitos de cada hum dos seus Concidadãos, elle sabe cumprir todos os deveres de seu estado civil, e Maçonico. Se algumas nuvens se condensão em seus mais bellos dias, sabe prudente sacrificar as suas paixões á paz, e á união. Inimigo da mentira, e toda

cubice tão digno do seu acatamento do que a verdade. Fugindo sempre da vaidosa ostentação, extende hum véo de modestia sobre os beneficios que faz, e córa de vêr tanto acanhamento quando a gratidão os publica com o fim de espertar a emulação dos outros homens. Elle vôa em soccorro do indigente, e a pobreza he hum titulo mais recommendavel á sua liberalidade, em qualquer condição, que o homem lhe appareça. Consola os afflictos, ou derramando hum balsamo salutifero sobre as suas chagas, ou misturando o seu pranto com as lagrimas do desgraçado. Amigo fiel, a sua confiança torna-se illimitada. Depositario dos sentimentos da amisade, o seu segredo he tão inviolavel, quanto he para a sua franqueza: Submisso aos seus deveres, e dominando os seus caprichos, o seu espirito he despido de fausto, e o seu coração he sem dobrez. Amante da sua Patria, elle a serve como bom Cidadão, alegra-se de suas prosperidades, e toma á peito a sua gloria.

Qual he pois o Maçon, que não deseja ser reconhecirido por estas brilhantes qualidades no circulo, a que se reunira para levantar Templos á virtude, e cavar masmorras ao vicio? E tantas virtudes reunidas não são os preciosos frutos dessa arvore copada, cujos ramos abrangem os dous

Emispherios? « O' Virtudes sociaes, fonte redundantes, cujas aguas levão a fertilidade aos campos, que humideceis; que aligeirais o pezo das humanas desgraças, e assim abrilhantaes todos os nossos dias! As portas deste Augusto Templo vós serão sempre abertas; em vossa honra a amisade virá queimar os incensos do culto, que vos he devido, sobre este Altar sagrado. »

« Meus Irmãos, só pela pratica das virtudes poderemos ser felizes. Reunamo-nos mais em mais em fervor Maçonico, em doce e franca amisade; para que mutuamente nos ajudemos na pratica das virtudes, e desempenho dos nossos deveres. Digne-se o G.·. A.·. do U.·. apartar dos nossos corações qualquer sentimento, que se oppanha aos que devem ter os verdadeiros Maç.·. — Sabedoria, União, e Força, — sejão sempre a nossa divisa, e o nosso timbre em todas as nossas acções. Viva, Viva, Viva.

DISCURSO

Recitado no acto da Inauguração no novo Templo da M.·. ao O.·. do Rio de Janeiro, pelo Cav.·. R.·. ✠ J. da Cunha Barbosa, Gr.·. Or.·.

Momentos ha na nossa vida, meus Irmãos, em que o silencio produzido por hum respeito profundo he mais eloquente, do que hum discurso meditado em repouso; e ainda quando seja a fiel expressão dos sentimentos de quem está bem convencido das verdades, que explana, todavia, elle não consegue tanto como a reflexiva meditação do homem cheio de grandes e magnificas imagens. Nós acabamos de presenciar hum acto, por muitos motivos respeitavel, e até hoje unico nos Annaes da Maç.·. Brasileira; a magestade de tão augustas cerimonias unida á novidade de hume dedicação, em que se manifesta o maior respeito para com o S.·. A.·. do U.·. e para com os homens, que elle creára semelhantes á si, conduz o nosso pensamento á despertar em tantos simbolos e ritos, aquellas verdades e preceitos, que devem regular os Mações no caminho da felicidade; cheia a nossa alma de objectos tão nobres, e

entregue á profunda meditação, de que el les são diguos, que sublimes pensamentos a não arrebatão da terra á que ainda pertence por sua vida? Ah eu exprimo francamente o que sinto, mas sei que os meus pobsamentos subejão á toda e qualquer expressão, que delles eu possa fazer, assim como acredito tambem que no coração de cada hum de vós se passá o mesmo que no meu. O espirito de verdadeira confraternidade, que nos une em cadeia indissoluvel em torno deste novo Altar da Maç.·. communica-se por todos nós bem como a chama electrica; elle nos faz igualmente experimentar as doces e nobres sensações, que produz hum acto tão respeitavel, e tão novo.

Mas seja-me consentido desafogar o coração dos sentimentos, que o enchem neste ensejo; não porque seja preciso instruir-vos em materia, que por si mesmo se explica, mas sim para que vejaes que elles perfeitamente se harmonião com os vossos, resoando acordes como instrumentos afinados em orchesta bem dirigida.

Que vimos nós, meus Irmãos? Hum Templo construido sobre fundamentos inabalaveis; huma luz, que desenvolhada em pequena faisca da pedra, em que se occultava, propagou-se em muitas estrelas dando-nos a necessaria claridade para marchar

não sem tropêços; tres differentes lustrações daquelle, que em nome da Maçonaria Brasileira consagra este monumento de amor e sincera veneração ao Sup.·. Arch.·. do U.·.; huma invocação fervorosa, filial, e em todo digna de quem o reconhece verdadeira fonte de sabedoria e felicidade; em fim huma reunião magestosa de Mações de todos os gráos e qualidades aformoseando este Quadro, em que a virtude se deve exilar para sempre.

Ah! este Templo figura daquelle, que cada hum de nós deve erguer em seu coração, atavis-se de emblemas, que bem claramente nos inculcão as virtudes, que nos convém cultivar, porque são ellas os nossos mais preciosos ornamentos. A Sabedoria, a Justiça, a União, e a Beneficencia, columnas principaes da Maçonaria, promettem-nos huma eterna e gloriosa duração, porque assentão sobre a Liberdade e Independencia da nossa Patria, e serão defendidos pelo nobre zelo de Mações Brasileiros, nunca menos fervorosos, do que os outros, que povoão o mundo. Este zelo, que tanto se nos recomenda em nossos trabalhos, está symbolisado nas chammas da primeira lustração, que testemunhámos. O fogo, assim como regenéra a natureza, assim devóra as partes menos puras, que servem de embaraço á nossa desejada perfei-

ção; e se o oiro só depois de encendrado nas chammas he que toma o seu maior brilho, da mesma sorte os nossos corações só depois de purificados nas chammas de hum ardente zelo Maç.·. he que podem ser Templos da virtude, dignos da santidade e pureza daquelle, á quem os consagramos.

Tambem a candura de costumes, a innocencia das nossas palavras e acções, se nos recomendão por essa ablução lustral ha pouco praticada. A agua que lava as manchas do nosso corpo, e que a mesma Religião Christãa emprega para lavar as da nossa alma, a agua aqui serve de nos lembrar a purificação necessaria aos trabalhadores de hum Officina, em que a virtude resplandece á proporção que os seus Operarios se apartão dos erros e vicios, em que se manchão os que se esquecem da nobreza de seus destinos.

E que lições importantes não colhemos nós do suave cheiro dessas aromas, que queimados em honra do Sup.·. Arch.·. do U.·. embalsamão o ar, que respiramos neste Templo dedicado á sua gloria, e á felicidade de todos os homens? A virtude, meus Irmãos, por mais que se esconda das vistas profanas, manifesta-se por seus effeitos, honrando aquelles, que a pratica, e que o silencio da modestia rouba á huma vaidosa ostentação. Os aromas lançados se-

bre as brazas fazem logo sentir o delicioso cheiro, que só assim produzem suavisando o ar dos que respirão em torno do Altar, em que ardem. O bom exemplo das virtudes Maç.·. ainda praticadas no retiro da Modestia, que nenhuma outra testemunha deseja ter de seus bons actos além da sua mesma consciencia, rompe os véos do silencio, e enchendo de honra os que se consagrão ao exercio das boas acções, edifica, corrobéra, e torna mais attentos aos deveres, os que parecião separados, ou delles esquecidos na confuzão e obscuridade dos profanos. O bom exemplo simbolisado na suavidade das preciosas essencias, que enche o recinto deste Templo, não só deve avivar a emulação dos que nelle se reunem, como tambem diffundir o amor das virtudes pelos que podem apreciar os seus encantos, e conhecer a sua grande importancia. O Maçon, que recata com sabedoria o seu nome dos aplausos, que lhe merecem as suas boas acções, não deve occultar, todavia, debaixo do modio a luz, que promove a felicidade dos seus semelhantes; elle concorre para a maior gloria da nossa A.·. Ord.·. concorrendo para a illustração dos mesmos profanos, que dormem sepultados nas trevas do mundo; e o seu merito adquire redobrado valor, porque então faz o bem com o nobre intuito de que elle aproveite á humanidade em geral.

Estas verdades estão ao alcance daquelles, que virão a grande Luz: ella se desenvolve da obscuridade dos seculos para dirigir a nossa marcha na estrada das virtudes, e propaga-se, a pezar dos seus maiores obstaculos, pelo fervor Maçonico, que eu não duvido respeitar no edificante recolhimento, com que assistis á este Acto, que confraterniza todos os nossos corações. As trevas cobrião este recinto, assim como succedera ao mundo antes de se crear a Luz; os erros e os vicios fizerão então apparecer hum cáhos em tudo opposto aos designios de quem nos criára para a felicidade. Foi preciso que huma reunião de homens anciosos das virtudes, que de mais em mais se obscurecião sobre a terra, se entendessem entre si por meio de signaes, tóques, e palavras, sem distinção de tempo e de lugar, para melhor promoverem a felicidade dos homens, desassombrando-a da corrupção já largamente espalhada sobre a face do globo. Foi então que a Maç.ª appareceo como hum Astro luminoso, espancando as trevas, e dirigindo-nos por caminhos seguriissimos ao verdadeiro termo da nossa viagem sobre a terra. A perfeição das virtudes, que se havia tornado mui difficil, por não dizer impossivel, na depravação e turbulencia mundana, começou á ser facil no recinto da paz e do silencio, em que trabalhavão os que

dendo-se o nome de Irmãos, dirigião-se por huma só vontade, a de ser felizes pela pratica das mais heroicas virtudes. O Sabios que deixão de estudar os effeitos da Luz Maç.·. occupando-se exclusivamente da origem da nossa A.·. O.·. parecem acreditar que ella necessita da auctoridade dos seculos para ser respeitada, como merece, pela sabedoria das suas eternas doutrinas. Sem desprezarmos as suas opiniões, ou elles pretendão achar o seu berço nas margens do Nilo, ou no templo de Salomão, ou mesmo nos Campos da Palestina entre os Cavalleiros ali dispersados pela fortuna da guerra, diremos, (e tanto bastará para consiliar amor e respeito á huma Instituição, que triumpha sempre das revoluções do tempo e da politica) que a importancia da Maç.·. he de simples intuição para os que sabem apreciar a importancia das virtudes. Se pois a virtude aqui se ensina, se recomenda, e pratica, para que he gastar tempo em procurar a origem da Maç.·. na obscuridade dos Seculos, quando a sua Luz a descobre no coração do homem de verdade, de justiça, de honra? Aproveitemos antes dos seus reflexos brilhantes para adiantarmos a nossa marcha no caminho das virtudes, e então de mais em mais nos chegaremos á perfeição, objecto digno dos cuidados do verdadeiro Maçon.

Sim, meus Irmãos, só nos mesmos dif-

ferentes grãos, cujas decorações agora fazem hum espectaculo magestoso neste Templo, nós percebemos os emblemas das differentes virtudes, que nos convem praticar. Elles são como os degráos por onde subimos ao sanctuario da sabedoria, colocado ao Oriente donde desfére a grande Luz, que sobre todos se diffunde. Alli existe o Castello das Misterias bem como em rochedo escarpado; mas o seu accésso, e a sua entrada facilitão-se gradualmente aos que fazem progressos na Arte Real. Aquelles, á quem a primeira chave dos nossos segredos abrio o ingrásso das nossas Columnas, e dali marchão entre a esquadria e o compaço ao Altar, em que vemos brilhando a Luz Maç.:, tem já principiado a carreira do merito; mas se he vergonhoso arripial-a, tambem não he proprio do nosso fervor enubiar-nos, e parar, saudando de longe o termo, á que podemos chegar praticando constantemente as virtudes. Reine entre nós a mais perfeita e fraternal harmonia; e os nossos sentimentos produzirão huma massa de luzes, que honrem a Nossa A.:. Ord.:., e nos encham de prazeres puros; taes que se não encontrão nas sociedades profanas. Ainda tó-ção os nossos timpanos as palavras, com que o Sap.:. Gr.:. M.:. invocou os auspicios do Sup.:. Arch.:. do U.:. dedicando lhe este Templo construido em sua gloria; e qual de

não ousará manchar a pureza e respeito do seu principio, praticando acções indignas de quem se dedica de coração ao culto das virtudes?...

Sup.·. Arch.·. do U.·. Tu que abranges a immensidade, e conheces os nossos mais secretos sentimentos: digna-te receber esta nova offerta, que te fazemos; protege os Operarios deste A.·. Templo; e faze que para felicidade dos homens, os Mações aqui reunidos propaguem de idade em idade a Luz das virtudes, que nos recomendas, como unicos e seguros meios da nossa verdadeira felicidade.

Oração Funebre, recitada na L.·. Esperança de Nicitheroy, nas exequias do I.·. Vasco Henriques d'Amorim, Cav.·. R.·. ✠, Orador do mesmo Quad.·., e seu Deputado ao G.·. O.·. por J.·. R.·. Monteiro, El.·. Sec.·. e Orador Adjunto No dia 14. de Junho de 5832.

E estava eu reservado á cobrir com accentos de dôr as expressões de sabedoria que, ainda parecem ressoar neste Augusto Templo, e pelas quaes o coração verdadeiramente Maçonico daquelle, que agora choramos, se manifestava em sua Moral pura e sublime, explicando os nossos emblemas e simbolos? Dura, deficultosa tarefa me impõe hoje a vossa escolha! Eu não sei por que maneira me explique na dôr geral, que de nós se tem apoderado!... Quisera entregar-me á hum funebre e respeitoso silencio; para só meditar sobre a gravidade da perda, que experimentamos, e assim colher as importantes lições, que a morte nos offerece, sentada nesse tumulo, em que iguala os homens todos, sejão quaes forem as suas qualidades. Mas não he possivel que a nossa gratidão e justiça deixem sorver-se na voragem da sepultura a parte mais preciosa de hum verdadeiro Maçon, que deve

triumphar da foice do tempo; e do pezado esquecimento com que só os vicios e crimes obscures em a memoria de suas victimas. A morte, que desfecha indistinctamente os seus golpes sobre as vidas, que lhe são sujeitas, respeita todavia os testimunhos de virtude, que salvão da sua voracidade os nomes daquelles, que se fazem dignos de viver eternamente na memoria dos homens. A immortalidade de seos actos brilhantes, supre a de seos dias mortaes; elles vivem lembrados, até mesmo quando as suas cinzas se dispersão, quando até se perde a marcha dos lugares, em que forão depositadas. De tudo o que vejo em torno de mim nestas horas melancolicas, huma só voz se me dirige, ella se explica com bastante energia sobre o motivo desta nossa reunião; ou antes ella fere todos os nossos corações, derramando a profunda dôr, de que me sinto repassado..

Orgão dos sentimentos deste Augusto Quadro, eu não serei mais expressivo na exposição, que vou fazer em razão do meu Officio, do que o luto geral e pesado, em que vos vejo submergidos. Morreo... sim, morreo o nosso charo Irmão *Vasco Henriques d'Amorim*... este só annuncio despertá em corações bem formados a certeza da perda, que deploramos.

Assim como a falta de hum Cidadão vir-

tuoso he digna de sentir-se pelos que sabem quanto a virtude interessa a humanidade, assim a morte de hum Maçon, que fielmente desempenhára os seus deveres, produz no Quadro, de que era Membro, huma saudade, que se não satisfaz com qualquer manifestação luctuosa. Morreo; sim.... esse monumento funerario, em que estão depositadas as suas insignias, e decorações, ainda banhadas de nossas lagrimas, a tristeza derramada por nossas columnas, interrompendo os ordinarios trabalhos; o silencio dos Aprendizes; o melancolico recolhimento dos Mestres em seus differentes gráos, e qualidades; o Occidente mais obscurecido, do que em outros dias; o Oriente privado de huma Luz brilhante; e a Cadeira do Orador do nosso Quadro vaga, até pela insufficiencia de quem agora a substitue, sem a instrucção proporcionada a tão difficil encargo, e que só por obediencia se submetera; tudo, tudo inculca que a nossa perda he grande; que a nossa dôr por ella se gradúa; e que a sensibilidade Maçonica, ao proferir-se o nome do nosso finado Ir.·. Orador, *Vasco Henriques de Amorim*, não admitte outra consolação, que não seja a fiel recordação das suas brilhantes qualidades e virtudes, que o Amor e Justiça gravão com seo nome em nossos corações, para honra da Maç.·., para glo-

não deste Quadro, e para emolação de todos os Mações.

Eis o que passo a fazer, auxiliado pela vossa bondade.

Principio.

A virtude não careco de Patria, porque he de todos os paizes. Mas a sua luz he tão refulgente, que, enchendo de gloria os corações daquelles, que a praticão, abrilhanta os lugares, em que nascerão, e honra as familias, de que forão Membros. Se esta preciosidade não passa em herança porque só enriquece os possuidores, que a houzerão de seos cuidados e fadigas, com tudo ella produz huma influencia salutar, que dispertа a emulação dos parentes e amigos, tanto, que não poucas vezes os vemos seguindo a estrada do merito dos que lhes derão existencia e gloria, atrahidos pelos exemplos de suas virtudes.

O que digo da virtude em relação á Sociedade em geral, posso tambem dizer a respeito das associações particulares, mormente quando o seo principal fim he a pratica daquellas acções, que illustrando os seus membros, tornão mais respeitaveis as Instituições por elles abraçadas.

Os Maçoes dedicão-se ao exercicio das virtudes, porque sabem que ellas aproveitão á humanidade, seja qual fôr o estado

civil, ou a Nação, a que pertonção. Mas nem por isso o Quadro, em que virão a grande luz, ou em que se afilião, se deve considerar sem parte alguma no merito daquelles, que desempenhão as obrigações, a que se ligarão. Se assim não fôra, de certo não seria tão geral, e tão justa a nossa dôr pela morte do nosso caro Ir.·. *Vasco Henriques d'Amorim.*

A amisade fraternal, e sincera faz commuas os sentimentos dos corações dos que por ella se ligão; ellos partilhão igualmente a gloria é a dôr, a felicidade é a desgraça; são como as cordas de hum instrumento musico, afinadas em hum mesmo tom, que resoe em perfeita armonia, apenas qualquer dellas se tange.

Dotado pela Natureza de hum coração terno, de hum genio docil, de huma alma nobre, e superior aos erros e prejuizos do seculo, o nosso Ir.·. V.·. H.·. de A.·. desde que apparecêo no mundo no dia 6 de Maio de 1791 na Capital da Provincia do Rio Grande do Sul, manifestou indicios de que lhe aproveitaria a disvellada educação com que seus Pais cultivavão esta tenra planta. O desenvolvimento das suas faculdades intellectuaes roborava a sua natural inclinação á virtude; e apenas se sentio com forças para servir á Patria, e adquirir por seu trabalho a honesta subsistencia

que nem sempre receberia de seus Pais, aceitou a honrosa carreira de Official da Fazenda Publica, principiando o seu tirocinio no Thesouro desta Corte em 1808. A sua pontualidade no fiel desempenho de suas obrigações; os seus progressos nesta carreira, em que aos seus naturaes talentos se accrescentarão luzes não escassas, adquiridas por hum aturado estudo, não só lhe merecerão a estima dos seus Superiores, e dos seus Collegas, como tambem lhe abrirão a porta a maiores encargos, em que o seu merito se tornou muito mais patente.

Ou elle fiscalisasse a Thesouraria Geral das Tropas no anno de 1817, ou creasse a Junta na Provincia Cisplatina, como Escrivão, e Deputado da mesma, e com a graduação de Contador Geral em 1825, ou finalmente, exercesse o cargo de Ajudante do Escrivão do Thesouro nesta Corte em 1828, e em 1830 fosse creado Membro da Commissão Liquidadora do Banco por parte do Governo, sempre o nosso Ir.·. V. M. d'Amorim se portou com dignidade, com honra, e por isso com geral estimação.

Era impossivel, que tão distinctas qualidades, lhe não abrissem as portas do Templo Maçonico, e lhe não franqueassem os Misterios-sublimes de huma Ordem, em que a circunspecção marca o adiantamento dos seus Operarios, e em que estes encontrão

as mais doces consolações, exercendo a beneficencia no osculo da fraternal; e verdadeira amizade. O ingresso dos nossos portícos não se difficultou a quem na vida civil se mostrou digno de ter parte em nossos philantropicos trabalhos... O amor da virtude, que ha muito abrazava o coração de hum Neophito por tantos titulos recomendavel, adquirindo maior incremento pelas doutrinas, e exemplos da Maç.·., rompêo em chamas de activo Zelo, e á sua luz a humanidade foi por muitas vezes soccorrida, applaudindo se os Mações de huma acquisição tao acertada.

Sim, o nosso I.·., V. H. de A. entrando na honroza tarefa dos amigos da humanidade, e dedicando os seus trabalhos, e fadigas ao bem dos seus semelhantes, e ao maior credito da nossa A.·. O.·., não só dêo a necessaria expansão aos sentimentos de seo coração bem formado, como tambem se tornou ainda mais digno do respeito, e contemplação dos que servem á verdade e á razão em beneficio da humanidade. Os seus progressos na Arte Real marcárão a promoção dos seus gráos, sem que a Justiça se offendesse, sem que a gratidão Maçonica faltasse ao que deve, quando premeia o merecimento dos que a servem com dignidade. Quasi 10 annos esteve esta luz occulta sob o modio, a que

me recolhera, quando huma indigna perseguição nos obrigou a gemer em silencio, privados da consolação de nos juntarmos em torno deste Altar, em que se queimavão incensos á Gloria do Supremo A.·. do U.·. Mas ella apparecêo mais radiosa, logo que a liberdade da Patria veio tirar de cima de nossos corações o Scepiro de chumbo, que comprimia as benefícas effuzões desses sentimentos, que agora sem susto patenteamos. Na renovação dos nossos Augustos Trabalhos, os mais Zelosos Operarios acodirão contentes ás Officinas, em que serão conhecidos, e o nosso Ir.·. V. H. de A.·. apparecêo nas fileiras dos amigos da Paz, e da Ordem sempre com aquelle Zelo, que hum tão largo tempo não pôde esfriar, e menos extinguir.

Ai I.·. Recordando as louvaveis acções de hum I.·. que tão distincto se fizera em nossa Ordem, eu me esquecia, de que afiava mais a setta, que agora traspassa os nossos corações. Disfructando a sua falta, em quanto contemplava os seus passos, regulados pela Esquadria, e pelo Compaço, eu chego ao termo de seus dias, e a minha estudada illuzão desapparece, concentrando-se todas as nossas vistas nesse monumento lugubre, em que hum nome tão respeitavel he tudo o que resta, do que fôra no Mundo o Ir.·. que choramos. Eu procuro no

circulo de tão virtuosa familia aquelle, que sabia fazer o seu precioso ornamento, pelas qualidades sempre respeitaveis na Maç.·., e hum vacuo descubro entre os povoadores das nossas Columnas: a morte aqui toma o seu lugar, ostentando o seu triumpho; mas sem poder devorar a memoria de suas virtudes. Procuro o seu nome nas taboas da Architectura dos nossos Mestres, hum crepe o rouba das minhas vistas, e só o leio descuberto nessa urna lectuosa, em que a morte domina as suas cinzas. Vós estranhaes os desconcertados accentos de hum Orador, que mal dezempenha as suas obrigações, ou porque a dôr torna confuzas as suas faculdades, ou porque não possue as luzes daquelle, que ainda ha bem pouco tempo explicava a moral pelos emblemas e ritos da nossa Ordem: vós o procuraes com as vistas no Oriente, que elle decorava, como estrella flammigera, e entristecendo-vos o seu desapparecimento daes credito á funebre noticia, que tudo concorre a confirmar, e que eu mesmo sou obrigado a dar-vos entre pranto e soluços, morreo o nosso charo Ir.·. V. H. de Amorim... Na cadeia sinbolica do nosso Quadro faltou este elo, pelo qual se nos communicava a electricidade Maçonica.

A sabedoria, a força, a união, soffrerão momentanea desarmonia, porque o seu

equilibrio se alteron, pela falta do quarto anel precioso na cadeia de nossa perfeita união....

No ensino, e exposição da moral e dos ritos enaudeceo essa voz sonorosa, e inimitante, que instruia com doutrinas, e persuadia a virtude com a linguagem dos exemplos, sempre grata aos corações bem intencionados... Na Deputação á Grande Loge nota-se a falta deste Representante, que sustentava com sabedoria, e com prudencia a causa do nosso Quadro, que não he outra que a da Maç.·. Brazileira, e por consequencia a de toda a Ordem... No respeitavel Capitulo dos Cavalleiros Rozas Cruzes a dôr tem huma só expressão; ella concorda com a nossa, quando alli se pronuncia em pranto o — *consummatum est* — ultima saudação de quem se despede dos que entrão nos porticos da Eternidade.

Salvemos, meus Ir.·., salvemos o nome e gloria do nosso charo Ir.·. V. H. de A. do esquecimento dos tumulos, porque são dignos de serem gravados no bronze das nossas Columnas, e nos corações sensiveis de verdadeiros Mações.

Possa o ramo de Acacia, que hoje depositamos sobre a lousa do seu jazigo, despertar sempre a lembrança das suas nobres qualidades, e accender o nosso zelo na imitação de suas virtudes. O homem não dos-

ce todo á sepultura, quando a sua vida se matiza de acções dignas de viverem na memoria dos virtuosos. A Gratidão, a Amizade, e a Justiça são virtudes eternas, e devem por isso mesmo occupar sempre os corações Maçonicos; e eu não duvido, que nos empenhemos em dar vida ás acções, que honrão a humanidade, para exemplo dos que vivem; para gloria da Sociedade a que pertentemos, para consolação dos Membros do nosso Respeitavel Quadro.

Morreo o nosso charo Ir.·. V. H. de A. — diz aquelle Tumulo, — e nós responderemos — elle vive em nossos corações, porque as suas virtudes o fazem digno de ser eternamente lembrado na Loja — Esperança de Nicteroy —, em que fôra mais particularmente apreciado.: e os nossos corações são aras mais dignas de sua immortalidade, do que as urnas, em que se guardão os seus restos: em quanto a justiça fôr a virtude dos Mações, o merecimento de que forem adornados, não se riscará da nossa lembrança — *Stant manibus aræ* (Virg. Æneida, liv. 3.).

DISCURSO

Recitado por J. da C. Barboza. Cav.·. R.·. ✣, Ven.·. da Resp.·. L.·. Commercio e Artes, em Sessão Economica, annunciando a morte do Ir.·. V. H. de Amorim, Cav.·. R.·. ✣, Orador da Resp.·. L.·. Esperança de Nicteroy, e seu Dep.·. ao Gr.·. Or.·.

Pela mesma razão, com que exultamos sempre que o circulo Maçonico se alarga pela iniciação de hum novo adepto, nós nos devemos entristecer á noticia da morte de algum dos nossos IIr.·. que tenha illustrado o seo Quadro com virtudes, e serviços. Tanto o interesse geral da Ordem, como o particular da Familia, em que se experimenta a falta de hum tão digno Membro, inspirão os sentimentos de saudosa recordação, com que devemos respeitar a memoria daquelles, que no desempenho dos seus deveres honrárão a humanidade servindo dignamente a sempre Aug.·. Maç.·.

O nosso charo Ir.·. V. H. de Amorim, está neste caso, meos IIr.·.; e o meo coração se aperta de dôr quando tenho de communicar-vos a infausta noticia da sua morte, que me fôra dada em Officio do

Secretario do seu Quadro. Mação antigo, e sem nunca deslizar-se da marcha, em que era illuminado pelas virtudes, elle foi bom Cidadão, bom Pai de Familia, e bom Maçon. Os Mysterios sublimes da nossa Aug.·. Ord.·. lhe forão franqueados em premio dos seus bons serviços; e os cargos honorificos da sua L.·. lhe forão confiados por escolha daquelles Hr.·., que sempre o respeitárão como huma luz brilhante. C.·. E.·. ✣, elle sustentou a dignidade deste elevado gráo, e com geral aprasimento, o Officio de Orador no seu Quadro, e a importante Delegação á Gr.·. L.·.

A morte, que veio tão cedo arranca-lo da cadeia indissolvel, em que formava tão precioso anel, não póde arrancar o seu nome de nossos corações, onde durará com a nossa existencia. Misturando com lagrimas as flores, que lançarmos sobre o seu jazigo, nós honraremos as suas cinzas dando hum justo desafôgo á nossa fraternal saudade. Morrêo, sim; mas a sua memoria vivirá entre nós; justos apreciadores de suas virtudes, nem deixaremos o seu Tumulo sem o tributo da nossa honrosa gratidão, nem os nossos corações sem o abalo de huma sensibilidade ferida pela dôr de huma perda, que entre homens de virtude se reputa hum grande mal.

Mas se alguma consolação nos resta em

momentos tão melancolicos, ella deve emanar da consideração de quanto são dignos das nossas lagrimas, e saudades, aquelles que fielmente desempenhão os seus deveres; e de que o exemplo das virtudes do nosso charo Ir.·. Cav.·. R.·. ✠, V. H. de Amorim, hoje recolhido ao seio da terra, não será perdido para os que chorão sobre as suas cinzas em prova do amor e respeito, que sempre nos mereceo.

Honra lhe seja dada pelos, que sabem prezar as virtudes Maçonicas.

Oração para o acto Solemne do Juramento á Const.·. Maç.·. do Gr.·. Or.·. do Bra.·., Recitada á 29 de Novembro de 1832.

A Gl.·. do Sup.·. Arch.·. do Un.·.

S.·. S.·. S.·.

Chegou o momento suspirado, e por todos desejado, de unidos, e ligados, á face do Sup.·. Arch.·. do Un.·. elevando nossos braços de acordo com nossos Corações, prestarmos o Juramento ao Codigo Sagrado onde se achão exaradas nossas obrigações, e deveres. —

Qual será de Nós, verdadeiro filho da Luz, que se não ache neste momento possuido dos mais vivos transportes de jubilo, quando depois de tantos trabalhos, sacrificios, e esforços, pode dizer sem temor — *Nos legem habemus?* Quando vê plantada no nosso Oriente a frondoza arvore da Maç.·. cultivada, e regada com os suores, e disvelos de seos filhos, promettendo cubrirse de flores, e dar fructos de paz, e de concordia!! e quem por hum motivo tão justo, quanto gloriozo não deporá todos os odios, e ressentimentos, para, como

boas vergantêas do mesmo tronco, vivermos unidos, e regidos pela mesma Lei. Esquecendo o triste passado, encarando hum futuro glorioso, veremos reunidos em hum só Centro nossos II.·. dissidentes, que reconhecendo seos erros, tornarão ao antigo aprisco desassombrado de nuvens pela claridade da Nova Lei. —

Com ella gravaremos nas paginas da Historia huma nova Epocha, poremos a Independencia Maç.·. a par, e em harmonia com o Codigo fundamental da Nação: e cumprindo nós todos os deveres, que a Constituição nos prescreve, veremos a Maço.·. marchar a passo igual com a Religião, e Philosophia, e só com o ditame da Lei restabelecer o equilibrio da Moral, que entorna balsemo de paz, e de amizade em corações ulcerados, que só encara a Virtude, a Patria, e a Tolerancia como objectos sagrados, e apresenta as vantagens da União, as Doçuras da Beneficencia, e os encantos da Fraternidade. — Sim Veneraveis Ilustres II.·. Veneraveis, Principes, Cavalleiros, e mais Respeitaveis II.·. imitemos neste Solemne Acto, a Religiosidade, com que os antigos Macabeos, jurarão, e guardárão as Condições do Seo Pacto, e as cumprirão. — Não lhes cedamos hum só passo em zelo, e fervor, em abrigar dentro de nossos peitos a Obra-prima da

nossos annos — defendamo-la á custa do nosso sangue; seja cada hum de nós fiel vigilante na guarda de tão precioso Deposito. — Cubramos com a bandeira da Lei o China, o Luzo, o Egypciano, e os Adoradores de todos os Cultos. — E poderei sem a nota de parcial, e injusto omittir os respeitaveis nomes dos Nomothetas, e Collaboradores da Nossa Cous.·. Objecto hoje de nossa reunião. ! e o daquelles, que por escolha das diversas Officinas, nos ajudárão a desbastar, e romper as espessas mattas dos erros, a abrir, e trilhar novas estradas adaptadas ás nossas circunstancias lançando pontes para mais rapidos percorrermos os intrincados tramites da nova Legislação. . .? Não! No Livro d'Oiro, tereis hum distincto lugar, S.·. G.·. M.·. tanto pelas vossas virtudes, como pelo vosso profundo Saber. — E Vós, brilhante Satellite do Sol, S.·. Gr.·. Imp.·. que infatigavel no arduo desempenho de tantos encargos, fostes hum Anjo de paz, e de concordia levando ao fim a grande obra da Constit.·. á despeito dos urros da inveja, e da emulação.

Respeitabilissimos Veneraveis, que ornais com as vossas virtudes os diversos quadros do circulo do Gr.·. Or.·. Bra.·. acceitai os puros votos de nossos corações agradecidos, e crede, que jamais se riscará de nossa lembrança, antes transmittiremos á futura

graõ Maç.·., a eloquencia vehemente de Demosthenes com que o Veneravel da Un.·. e Trang.·. sustentou intrepido, e corajoso os pontos capitaes da Const.·. (ora jurada), levando a luz, e convicção aquelles objectos, que parecião mais escuros, e intrincados na mesma discussão. — O Respeitabilissimo Veneravel da Loja Commer.·. e Artes, Martir da liberdade de nossa Patria, e hum dos que lançou as primeiras bases do Imperio profano, com a convincente força da Logica, reduzio á principios certos, o que estava espalhado em proposições.

E vós, J.·. V., Respeitabilis.·. Veneravel da Esp.·. de Nictheroy, com a suavidade e doçura attica, conciliastes a diversidade de opiniões usando destramente dos preceitos, e regras da sublime Arte de Bemdizer. — Charissimo Ir.·. Br., a quem a Prudencia de mãos dadas com a Filantropia collocarão no elevado throno do Amor da Ordem, legislastes segundo os dictames de vosso caridoso coração. — Com abundantes luzes, ajudastes, Venerabilissimo P., o andamento e perfeição dos nossos augustos trabalhos, não temendo para chegares á tempo, nem o impeto das ondas, nem a furia dos ventos, para nos prestardes o auxilio da amisade fraternal. — E vós, Ir.·. S., Resp.·. Veneravel da Loja Imparcialidade, desempenhastes dignamente o titulo distintivo da vossa

officina; tendo sempre ouro fio a balança da Justiça na punição dos crimes, e recompensa das virtudes. — E vós todos... ✠ meus Charissimos II.·. perdoai-me, se na correntesa, e estreitesa de meu discurso, não refiro nome, quadro ou officina dos Commissarios, e Deputados, que ajudastes a confecção de nosso Codigo Sagrado — Recebei os sinceros agradecimentos, que como vosso Ir.·. vos faço em nome e da parte do Povo Maç.·. aqui legalmente representado. — Tu, Supre.·. Arch.·. do Un.·. lá da cupula elevada da tua gloria, onde só se pode chegar pela Pureza, justiça, e verdade, recebe nosso Codigo. — Sancciona-o com tua Dextra. — Annue, com hum leve aceno de tua magestosa cabeça, esta obra toda dirigida á conter em equilibrio, e harmonia as diversas officinas onde se trabalha por levantar Templos á virtude, e cavar masmorras aos vicios.

DISSE.

HYMNO AOS MAÇÕES.

Oh! quanto he bom e jocundo
Vivermos em paz ligados!
Sejão pois nossos cuidados
Tender sempre á perfeição.

S.

De ajustadas peças nasce
Deste Templo a formosura:
E assim nossa architetura
Deve nascer da união.

F.

Oh! quanto, etc.

A Força, que os vicios doma,
Só pela Virtude existe;
Se he de muitos mais resiste,
E faz mais nobre a união.

U.

Oh! quanto, etc.

Formando huma só Familia
Nada somos divididos;
Huns por outros soccorridos,
Tornamos doce a união.

Oh! quanto. etc.

Por J. da C. B.

HYMNO AO SUP.·. ARCH.·. DO U.·.

Salve, ó luz resplandecente,
Astro de Philantropia.
Protege os Mações, que jurão.
Viver sempre em harmonia.

Com teus raios coruscantes
Afugenta o vicio rude;
Ah! nunca o seu bafo empeste
Este Templo da Virtude!

Salve, etc.

De mundo as trevas dissipa,
Que innegrecem a Verdade;
Nossas almas fortaleçe
No caminho da Equidade.

Salve, etc,

Divinal Beneficencia,
Amor, candura, e franqueza,
Dominem os nossos peitos,
Fação nossa mór belleza.

Por D. G. M.

ODE

Recitada no Acto de se Jurar a Constituição Maçonica (29 de Outubro de 1832) por D. J. G. M.

De novo eis-me no Templo da virtude,
Entre hum povo Philosopho, escolhido,
Que em laços de Amisade,
Eternos laços, huma vez ligou-se
Só para bem fazer á humanidade.

Que versos cantarei, que dignos sejão
De neste augusto Alcacar ser ouvido?
Que flores colherei? ou que grinaldas
Devo offrecer nas aras da virtude?
Hoje, que á face do Arbitro do Mundo
Solemne juramento ás leis prestamos?

O' verdade, ó razão, ó leis, ó força,
O' dos filhos da Luz celestes Numes,
Vós sois, e vós sereis sempre os meus guias!
Em balde contra mim a vil calumnia
Ondas de fel derrame;
Em balde a Inveja contra mim levante

Densa poeira, que me enlute todo.
Nada temo, ó verdade; tu me escudas.

Mas que scena pompssa se me antolha?
Eu vejo, eu vejo do ceruleo Empyrio
Desfeita a opacidade,
E sobre espheras n'hum montão rotundo
Lá se equilibra o Architector do Mundo.

Oh que voz de trovão no ár ribomba,
A terra estruje, que em seu eixo freme
O mar entona, e balanceia os montes!
Oh rara maravilha!
Mundos! Homens! ouvi-me (eia, escutemos,
Deos he quem falla, enmudecer devemos)

» Eu sou quem fez sahir c'o hum só aceno
A Natura formal do informe cáhos;
Eu mesmo tenho do Universo o eixo
Em minha dextra firme;
Eternas leis dictei, que regem tudo;
Dictadas huma vez não mais as mudo.

Ao mar limites puz nas brancas praias,
Onde bramindo, seu furor esbarra;
Dei a Ecliptica ao sol; marquei o gyro
A' multidão dos Astros;

A' materia outorguei a gravidade,
E aos homens a razão, e a liberdade.

Tudo existe por mim; mas ah eu mesmo.
Despotico não sou; sou Deos, sou recto
E quem, quem ousa quebrantar insano
As minhas leis eternas?
Hes tu, monstro do erro, hes tu, malvado,
Que dos homens os olhos tens vendado.

Cansado estou de ver Reinos; Imperios
D'hum monstro horrendo aos pés agrilhoados;
Cansado estou de ver lutas continuas
No terraqueo Planeta;
Prantos, lamentos, rógos, e gemidos
Retumbaõ sem cessar nos meus ouvidos,

Não mais quero soffrer; eia já basta;
Caia por terra da ignorancia a venda,
Direitos, que são seus recobre o homem.
Baixe a verdade á terra,
Confunda o erro, minhas leis publique,
E entre os homens para sempre fique. —

Fallou, callou-se; eis já pulcra verdade
Rompendo os ares das siderias plagas,
N'huma auréola de raios coruscantes,
Aos homens se apresenta;

O monstro do erro ao vê-la
Cheio de susto espavorido treme,
Deixa o sceptro cahir, e chora, e geme.

Os homens longo tempo mergulhados
Na densa escuridão, reino do erro,
Da verdade ao clarão do somno acordão;
Poucos a seguem; poucos, sim, mas sabios,
Poucos, mas virtuosos, que mais valem,
Que o Mundo todo, e o resto dos profanos;
Estes poucos em torno da verdade
Dérão começo á nossa Sociedade.

Sempre inimigos de crueis tyrannos;
Oppostos sempre ao crime, ao erro oppostos,
Irmãos, amigos firmes, verdadeiros
Forão esses da luz filhos primeiros.

Mas tudo degenera; tudo muda;
Hoje.... mas ah! que intenta a mente ousada.
Acaso neste Templo
Respira algum Mac..., que os crimes tenha
Dos miseros profanos?

Pode aqui a ambição, o odio, a inveja,
A intriga se occultar neste recinto?
Podem pleitear altares á virtude?
Crê-lo não posso, nem jámais eu pude;

Somos todos irmãos, amigos todos.
Sancta Constituição, que hoje juramos
Será por nós guardada eternamente;
E envergonhe-se aquelle,
Que tem impropriamente
O nome de Maçon indigno delle.

ODE

Pelo mesmo Autor da antecedente.

Audaz Philosophia, em vão te afanas
Por arrancar das mãos da Natureza
A chave de diamante,
Que fecha o alçapão inexcrutavel,
Onde a verdade cluasurada existe.

Em vão no espaço infindo o vôo librando
Te arrójas á escalar c'o a mente insana
Da Eternidade as portas,
Para do proprio Deos da bocca ouvires
Os futuros destinos dos humanos.

Em vão te cansas em mostrar aos homens
Futeis Systemas, falsas Theorias,
Qeu teu orgulho gera,
E que a fria Razão não comprehende.
Onde a Verdade está, que ha tanto buscas?

Genio sublime aos ares me transporta!
Se'los passados da famosa Grecia,
A' meus olhos abri-vos.

Tudo presente está! O' que prodigios
Aper de mil fraquezas se levantão!

Na multidão dos átomos perdido
Democrito não vê a Divindade;
Menos presando o Mundo
Ri-se dos homens; a virtude, e o vicio
São á seus olhos meros preconceitos.

Co'os suaves acordos d'harmonia
A mente de Pythagoras se arrôba,
E no estrellado Empyreo
Dos Planetas as orbitas descreve,
E d'Alma do Universo o assento marca.

Tu discip'lo de Socrates divino,
Que avaro de saber deixaste a Patria,
Tu de certo aprendeste
Uteis lições no Egypto; abre teu livro,
E dize-me, ó Platão, o que nós somos.

Vê que o Cynico está de ti zombando;
E para derribar o teu systema
Lá de Stagira o sabio
A voz levanta; e no Lycêo publica,
Qu'a alma quanto em si tem deve aos sentidos.

Mas donde vens, idéa do infinito?
Vens da Razão, ou vens da Natureza?

Acaso mão de artista
Gravar póde no extenso o teu transumpto?
Pyrrho me ensina á duvidar de tudo.

Quão loucos sois, ó homens! quão errados
A verdade buscais! Ella na essencia
Só das cousas existe
Toda absorvida; e para nós occulta,
Só aos olhos de Deos sem nuvens brilha.

Sabio he só quem os gritos suffocando
De violentas paixões, segue a virtude
E o coração caleja
De em segredo soffrer da dor o embate,
Qual immóto rochedo ao mar, que o affronta.

Como hés sublime, ó Zeno! como hés grande!
Mas os fracos mortaes não podem tanto.
Espirito devino
Co' as leis dos Anjos roborou teu peito;
Mas dos Anjos a lei não he pr'a os homens.

Qual da Sicilia o monte, que vomita
Ignea materia, que o rodeia, e o inflama,
Assim minha alma agora
No turbilhão de idéas magestosas
Sotoposta se abrasa, e se aniquila.

He minha alma quem sente, ella he quem pensa,

Ella da dor, e do prazer he centro;
Mas porque maravilha
Minhas fibras se abalão junctamente?
Que lei divina, ou que magia he esta?

O' Leibnitz immortal, tu só podeste
Na vasta mente erguer este suberbo,
Incantado edificio;
Tu só pr'estab'leceste esta harmonia,
Que liga, e rege oppostas naturezas.

Desejo insasiavel da verdade
Arrasta o homen á immensos desvarios.
O creador Descartes
Locke combate; e o pio Mallebranche
Cheio de Deos, em Deos só vê, só vive.

Kant, o preclaro Kant, o vôo erguendo
Deixa no Mundo boquiaberta o vulgo;
E qual astro brilhante
No campo Metaphisico passeia,
Vedado aos olhos miopes do povo.

Sabio extende os dominios e as balizas
Do imperio da Razão; vós, ó sentidos,
Sois sempre enganadores;
Só em si a Razão acha *a priori*
Idéias, que não vêem da Experiencia.

Onde á verdade está? onde se occulta?
Neste immenso Oceano de Systemas?
Philosophos! curvai-vos,
Ante o Deos Creador da Natureza;
Só á elle a verdade está patente.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS

OU

Estatutos e Regulamento Geral do Grão de Aprendiz,

PRIMEIRO GRÃO DA MAÇONERIA AZUL

ORGANIZADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃO E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), ADOPTADOS AOS TRABALHOS

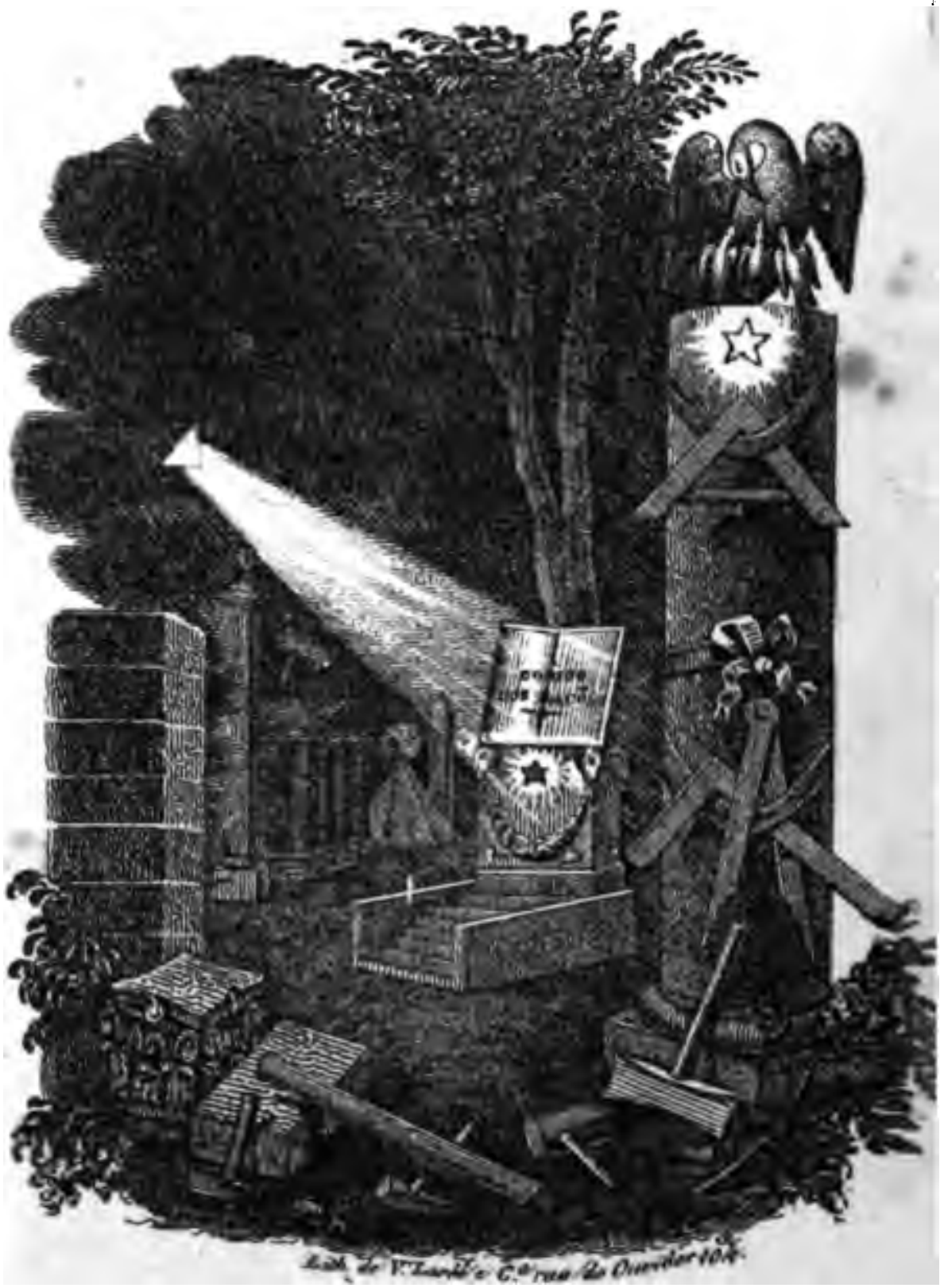
DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

SOB SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †.

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IIRR.·. SEIGNOT-PLANCHER E C
rua d'Ouvidor, N. 95.

Instrucções Maçonicas.


Lith. de V. Lardé & C.ie rue de Ouvrier 104.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS,

OU

Catbecismo e Regulamento Geral

do Grão de Aprendiz,

PRIMEIRO GRÃO DA MAÇONERIA AZUL;

ORGANIZADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃO E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), E ADOPTADOS AOS TRABALHOS

DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

PELO SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †.·.

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IIRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª
rua d'Ouvidor, N. 95.

INTRODUCÇÃO.

DO MODO COM QUE HUM MAÇ.·. SE DEVE COMPORTAR EM LOJA.

Huma Loja he huma Assembléa de homens virtuosos, e por consequencia respeitaveis. Todo o homem de boa razão deve ter por principio merecer a estima da Sociedade, em que he Membro, e o primeiro meio, que deve empregar, he cumprir exactamente as Leis, á que se submettéra, ou por Estado, ou por juramento. As da Maçoneria tem por base a honra, a decencia, e a humanidade. Eu não me alargarei sobre os costumes: quem diz Mação, diz homem de bem; e todos os novamente iniciados devem persuadir-se, que este nome he generico; isto he, que comprehende o do

subdito fiel, bom filho, bom esposo, bor
pai, amigo perfeito, e cidadão livre. Aquelle
que tanto se esquece de si mesmo, que deix
de cumprir tão importantes deveres, nã
deve esperar mais do que humiliações, e
Maçoneria o pune com desprezo. He verd
de, que ella o não prende, mas separa
do seu gremio, e d'elle se esquece. A d
cencia he inseparavel de huma alma be
formada. Se o nascimento, e as distinçõ
profanas não são nada entre os Mações,
boa educação he tudo. He pois essencial
que trajem modestamente, e que nunca pr
firão palavra, que offenda a decencia, e
honestidade.

Qualquer que seja a relação, em que
Maç.·. estejão entre si, não devem us
de outro nome que o de Irmão; isto f
parte do elogio da Maçoneria; porque e
te nome sagrado encerra todos os sen
mentos, do que são susceptiveis os nos
corações.

He essencial lembrarem-se, que não
permittido a Irmão algum, excepto aos
gilantes, e ao Orador, fallar em Loja abert

sem permissão obtida do Venel.; para este effeito levanta-se a mão direita, e o Vig.·. da respectiva columna bate, e adverte ao Venel., que ha hum Irmão em sua columna, que pede a palavra.

Nunca se deve sahir da Loja, sem se advertir ao Vig.·. pelo modo que se disse; e posto que a ninguem se impede a sahida, com tudo esta formalidade he necessaria para que a boa ordem se mantenha sempre.

Quando aconteça receber algum insulto em Loja, ou ouvir cousa absolutamente contraria á Ordem Maçonica, deve esse Irmão queixar-se ao Venel., obtendo primeiramente a permissão, como fica dito. Todavia, ninguem deve chegar a este extremo, sem que a offença seja gravissima, porque em todo o caso a indulgencia he preferivel á vingança.

Não pode algum Ir.·. retirar se dos trabalhos, sem lançar na bolça da beneficencia a sua quota do costume; nem entrar depois de aberta a Loja, sem as formalidades do rito.

Por estas poucas reflexões comprehende-

se, que a Maçoneria exige dos seus adeptos sentimentos superiores aos vulgares. E como esta segue todas as Leis do Estado, e da Religião despida de fanatismo, he a Charidade hum dos seus principaes deveres. Mas fazendo-se actos de beneficencia deve-se procurar, que não hajão d'elles outras testemunhas além do Ceo, e do coração, porque o merecimento d'esta grande virtude perde-se, quando a ostentação he o seu motivo.

ODE MAÇONICA

Recitada no acto da Inauguração do novo Templo, por Dom.·. J.·. G.·. de M. da L.·. Comm.·. Artes.

Não de profano affecto em chama impura
Minha alma se afogueia.
Electrica torrente, que dimana
Dos vossos corações o meu abrasa.
Nas áras consagradas á Virtude
Humildes ablações tributar venho.

Eu não hirei, oh Nilo, ás tuas margens
Respirar os vapores,
Que do Templo de Isis se levantão.
Museo, esconde embora os teus mysterios:
Nem tu, sabio Pythagoras, escrevas.
Orpheo, não cantes; perjurar não queiras

Para tecer grinaldas á Virtude
De vós não necessito.
E pois que importa qu'entre nós se alongue
Larga barreira, que me impede ouvir-vos?
A Luz brilha á meus olhos! e a Verdade
Á' minha alma baixou, qual he, tão pura!

Oh em vez dirão o que exercita
As sociaes virtudes!
Perfeita imagem do Architecto Immenso
O Maçon, que de o ser se presa, e honra,
No lago immundo de brutaes prazeres,
Qual o profano vulgo, não se enxurda.

Oh candida Amisade! oh sacro affecto
Das almas generosas!
Quem mais insenso queima em teus altares?
Quem mais te offerta reverentes cultos?
Quem hum peito mais puro te consagra?
Quem? senão os Mações, que te conhecem!..

Dentro deste recinto sacro-santo
Só se adora a Virtude:
E nossos corações unidos todos
São muralhas de bronze, que a defendem
Dos ataques do vicio, que debalde
Intenta o cólo erguer para aterral-a.

Eu fallo ante o luzeiro da Verdade;
E meus graves accentos
Ao Supremo Architecto tem chegado.
Não, de meus labios lisonjeiro nectar
Não se deslisa; vate sou sublime;
Homens não louvo, louvo só virtudes.

Aqui se realisa a bella imagem

Que tu, Platão, tivesse.
Em laços fraternaes ligados todos,
Aqui trabalhe o Rei junto ao vassallo,
Erguendo hum novo Templo, onde a Virtude
Se abrigue dos insultos dos profanos.

Extendamos os olhos, extendamos
Sobre o vasto Universo.
Eis-alli mollemente recostado
Sobre fofos colxões o rico inerte;
O riso do desprezo tem nos labios,
Nos olhos a luxuria, e n'alma o crime.

Em torno do seu leito mil escravos
Respeitosos se curvão;
E sobre accesas brasas depositão
Os suaves Arabicos perfumes,
Qu'hum cheiro exhalão, que convida o somno,
Que apraz, que enerva a languida Molleza.

Em vão bate-lhe a porta hum indigente,
Em vão pede-lhe esmolas
Os ouvidos do rico acostumados
Co' as phrases da licença, não, não podem
D'hum triste pobre ouvir a voz chorosa
Deixa que [illegible] a humanidade gema.

Magro, e secco co' os olhos espantados,

Devorado de fome,
Alli jaz o miserrimo avarento
Sentado sobre o cofre, onde repousa
Sua vida, e seu Deos. Ah não lhe peças
Nem se quer hum real; o avaro he surdo.

Retiremos dos olhos esses quadros
De horror, e de miserias.
Olhemos para nós, e demos graças
Ao Supremo Architecto do Universo,
Que nos inspira o amor de humanidade,
E para soccorre-la dá-nos força.

Mas que scena tão triste se me antolha!
Huma pobre viuva,
Desgrenhada, chorosa, mal vestida,
Co'hum filhinho no peito, outros ao lado,
Mesquinho pão de porta em porta esmola,
Qu'ella come banhado com seu pranto.

Não, não chores, Irmãa; homens existem,
Que a natureza vingão.
Sobre sua cabeça já diviso
O braço protector, que sempre alçado
Levanta da miseria os infelises:
O braço he d'hum Mação, ninguem duvide.

Batido pelos ventos, e arrojado

Pelas curvadas ondas,
Que em montanhas se elevão, e se espedação,
Hum naufrago lá chega áquella praia;
Ahi ninguem conhece, mas que importa?
Basta hum signal, encontra mil Amigos.

Oh que bello expectaculo seria
Se toda a Natureza
Fosse hum Templo, e Mações os homens todos!
Então perfeita Paz baixára ao Mundo,
Então o torpe vicio acabaria
Em lobrega masmorra aferrolhado.

LISTA DAS LOJAS MAÇONICAS EXISTENTES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

Lojas pertencentes ao Reinstallado Grande Oriente.

1. Commercio e Artes.
2. União e Tranquillidade.
3. Esperança de Nictheroy.
4. Amór da Ordem.
5. Imparcialidade.
6. Charidade.

Lojas pertencentes ao moderno Oriente.

1. Sete de Abril.
2. União.
3. Vigilancia.

Lojas que não reconhecem Oriente algum.

1. Segredo.
2. Educação e Moral (*esta do Rito Escossez*).

Lojas pertencentes ao Reinstallado Grande Oriente, e existindo fora da Cidade do Rio de Janeiro.

7. Amizade Fraternal, *na Villa Real da Praia Grande.*

8. Feliz União, *na Villa de Campos.*
9. Tranquillidade, *na Villa da Ilha Grande.*
10. Beneficencia, *na Cidade da Victoria, Provincia do Espirito Santo.*
11. Seis de Março, *Recife, Pernambuco.*
12. Tolerancia, *na Capital do Grão Pará.*
13. Intelligencia, *Porto Feliz, São Paulo.*
14. Razão, *em Cuyabá, Matto-Grosso.*
15. Philanthropia e Liberdade, *em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.*

Escalla dos trabalhos Maçonicos, repartidos pelos dias da semana, e pela qual se regulão as Lojas da Cidade.

Dias de Sem.	Sessão Magna.	Dita Economica.
2.ª feira.	Imparcialidade.	Amor da Ordem.
3.ª feira.	União e Tranquillidade.	Esp. de Nictheroy.
4.ª feira.	Commercio e Artes.	Imparcialidade.
5.ª feira.	Amor da Ordem	União e Tranquill.
6.ª feira.	Esperança de Nictheroy.	Commercio e Artes.
Sabbado.	Grande Loja.	

A Loja Amizade Fraternal, na Villa Real da Praia Grande, faz as suas Sessões Magnas ao Domingo, e as Economicas ás Quinta feira.

N. B. A nova Loja—Charidade, ainda não tem lugar na escalla, mas he provavel que faça aos Domingos as suas Sessões Magnas, e aos Sabbados as Economicas, por serem os unicos dias desembaraçados presentemente.

Todas estas Lojas tem sido organisadas dentro de hum anno, e achão-se muito bem povoadas.

POST-SCRIPTUM.

Desempenhado o plano destes Annaes, até o Juramento da Constituição Maçonica, e em quadro assaz resumido, como podem ver os nossos leitores, resta-nos declarar, que todas as peças vão publicadas por consentimento dos seus Autores; e que no seguinte Tomo, cujos materiaes em grande copia se achão reunidos, daremos maior desenvolvimento á Historia da Maçonaria Fluminense, não só publicando muitas pessas, que parecem faltar, e que nos tem sido confiadas para se publicarem, como tambem relatando muitos factos acontecidos depois desse Juramento, e que merecem ser expostos com veracidade e clareza de historiador imparcial, e que se conhecerá por documentos e explicações delles derivadas, e em tempo que a verdade pode ser bem deparada.

O susto de que se tem tomado certa gente, até só pelo annuncio destes Annaes, ha de sem duvida desapparecer á vista do primeiro Tomo, que agora publicamos. A Maçonaria merece-nos grande respeito; e he para a livrar

mos de certas imputações, que gratuitamente lhe attribuem os seus inimigos, que escreveremos a verdade, caia em quem cahir a censura de se apartar das leis maçonicas, os que julgão honra-la com meios indecentes, até nas associações profanas. Nunca faltaremos aos juramentos prestados em huma ordem, que tem a probidade por norte das acções de seus membros; mas tambem nunca nos acobardaremos a faltar á verdade em nossos escriptos (ainda quando ameaçados), porque a verdade fé a luz dos verdadeiros Mações, e são bastardos os que a occultão só com vistas em interesses particulares, ou em triumpho de partidos. A publicação deste 1.º volume he huma prova de que queimaremos sempre honrosos incensos a huma ordem, que honra a humanidade; e a do 2.º volume mostrará que o desvio de alguns dos seus membros não a podem tornar suspeita, ou desprezivel; porque o mal que fazem só damna aos seus autores, e de nenhum modo a maioria de huma associação, que respeita, como deve, as virtudes tanto Religiosas, como civis. O Sr. J. B. de Andrada foi nomeado Grande Mestre.

ADVERTENCIAS SOBRE A ABERTURA, E ENCERRAMENTO DA LOJA.

A abertura da Loja não he propriamente outra cousa, senão o consentimento unanime de começar os trabalhos. Encerramento da Loja he o consentimento unanime de terminar os trabalhos da Sessão. A ceremonia, por que antigamente começava a abertura da Loja, era huma oração a Deos; mas as perseguições dos Tyrannos, principalmente as que soffrerão os primeiros Christãos, fizerão com que symbolizassem os pontos principaes da Religião, como se havia feito na moral: sendo evidente, que as idéas abstractas da moral só podem ser comprehendidas pelos talentos medianos, quando são explicadas por idéas physicas. Desde então começárão estes homens virtuosos á symbolizar debaixo de emblemas materiaes a homenagem, que prestavão ao Ente Supre-

mo, e a observancia das virtudes: por consequencia a abertura da Loja ficou sendo huma observancia simples, curta, e symbolica, como tudo o mais da Maçoneria, porém inteiramente distincta, e independente da instrucção.

D'aqui se vê quão errada seja a pratica de alguns Mestres de Loja, que no ceremonial da abertura da Loja fazem algumas perguntas do Cathecismo; e outros com mais indesculpavel ignorancia dos Estatutos da Ordem, exigem dos Vigilantes n'esta occasião alguns signaes, sendo certo, que contendo essas cousas importantes segredos da Maçonaria, vem a ser hum crime tratar d'ellas antes da Loja estar aberta: o que certamente ainda não está, ao tempo que se está abrindo, nem antes dos applausos da abertura. Não he menor a imprudencia de que usão alguns Mestres, exigindo na occasião da abertura da Loja signaes, e provas de serem os Vigilantes Maçõe, não só porque os Mestres devem conhecer os seus Officiaes pessoalmente, mas porque o exame dos irmãos, que se não conhecem, deve ser feito

pelos Expertos, e fóra da Loja: e pelo que toca aos Irmãos, que estão na Loja, ao tempo da abertura, ao Vigilante pertence conhecer se são, ou não Mações, para responder ao Veneravel, quando este lho perguntar, se os irmãos estão em ordem, porque havendo alguim irmão não conhecido, será mandado sahir para ser admittido com as devidas formalidades, ao depois da Loja estar aberta: nem o Vigilante poderá responder ao Veneravel, que os irmãos estão em ordem, sem haver praticado estas diligencias.

DO QUE SE DEVE PRATICAR EM LOJA COM OS VISITADORES.

A virtude da hospitalidade foi sempre tão respeitada dos Maçõe, que elles não perderão em tempo algum as occasiões de a inculcar, e ensinar a pratica d'esta virtude por meio de symbolos, e signaes sensiveis. D'aqui vem as attenções, civilidades, e distincções, com que os irmãos visitantes, principalmente estrangeiros, devem ser recebidos nas Lojas.

Nenhum irmão visitante deve assistir á abertura da Loja, se não fôr maçonicamente conhecido, quando o Veneravel, ou outros Membros da Loja tem trabalhado com o tal irmão em alguma Loja regular; porque para isto não basta o reconhecimento ordinario praticado fóra da Loja. E nenhum irmão, que não fôr por esta maneira conhecido por Membro da Loja, será n'ella admittido em

tempo algum, sem preceder o exame do Experto, ou do *Ne-varietur* da Carta, como fica declarado no Capitulo 2.°

Quando o Veneravel fôr avisado, de que ha na camara dos passos perdidos hum visitante, que deseja entrar na Loja, antes que o mande entrar, se informará do gráo, que tem o visitante; e se esse gráo fôr superior ao do Experto de fóra, então a Loja mandará huma Commissão de hum, ou trés Membros para o examinar, os quaes terão, pelo menos, o gráo, que diz ter o visitante.

O visitante, ao entrar da porta da Loja, dá o toque, e palavra de passe ao Experto de dentro, como fica dito, e deve então marchar dando os passos, segundo o gráo da Loja, que estiver aberta, mas regulando os passos de sorte, que quando der o ultimo, fique postado no meio das columnas, e entre os Vigilantes, e saudará com o signal do gráo proprio da Loja aberta, ao Veneravel, o qual agradecerá a saudação, fazendo com o macete na mão o mesmo signal, ou o de resposta nos gráos em que o ha. O visitante saudará depois o 1.° Vigi-

lante sem se tirar da postura, mas torcendo hum pouco o corpo para o Meiodia, e fazendo o signal, a que o 1.º Vigilante responderá com outro da mesma maneira, que o fez o Veneravel; e ultimamente fará o visitante a 3.ª saudação ao 2.º Vigilante, em sua columna, de quem receberá o mesmo agradecimento; e logo se voltará o visitante para o Oriente, e o Veneravel lhe perguntará:

« Amado irmão visitante, a que vindes aqui a este Templo? »

O visitante responderá. « Participar dos vossos augustos trabalhos, e instruir-me com as vossas luzes, e edificar-me com o exemplo das vossas virtudes. »

Alguns Veneraveis costumão fazer, n'esta occasião, ao visitante duas, ou mais perguntas do Cathecismo, e acabadas ellas, o Veneravel diz:

« Tomai assento, meu amado irmão, no lugar, que as vossas luzes, e as vossas virtudes merecem. »

Logo que o Veneravel manda ao visitante tomar assento, o Mestre de Ceremonias o

deve conduzir, com todas as mostras de attenção, e civilidade, assignando-lhe o lugar no topo da columna do seu respectivo grão; e se o visitante fôr estrangeiro, então sem attender ao gráo, lhe assignará hum lugar dos mais distinctos da Loja.

Sendo o Veneravel informado, de que o irmão visitante, que deseja entrar, he o Grão Mestre da Ordem, ou hum Cavalleiro Roza-Cruz, antes de mandar que seja admittido, lembrará á Loja que se disponha para lhe fazer as honras costumadas, e lhas explicará, se o julgar necessario, afim de que o ceremonial se execute sem perturbação: sendo muito de interesse dos Veneraveis, que os visitantes não tenhão que notar faltas de regularidade na Loja; porque todas estas, com muita razão, se devem imputar ao Veneravel.

Logo que o visitante G.·. M.·. da Ordem, ou Roza-Cruz, dêr o primeiro passo da marcha dentro da Loja, o Veneravel bate hum golpe de maçete forte: quando o visitante dá o segundo passo, o 1.° Vigilante outra pancada de maçete; e quando o visitante dê

o terceiro passo, o 2.° Vigilante dá a terceira pancada. Para estas pancadas serem dadas ao tempo dos passos, o visitante os fará com vagar sufficiente, e os Vigilantes terão os olhos attentos para o visitante. Ao tempo em que o 2.° Vigilante bate a terceira pancada, o Veneravel, e toda a Loja se levanta de pé, e assim se conserva até que o G.·. M.·., ou Roza Cruz tome assento. E em quanto o Veneravel fizer as perguntas ao visitante, terá sempre o macete na postura do signal gotoral, para agradecer ao visitante a mesma postura respeitavel, em que deve estar.

No caso de o visitante ser d'esta graduação, quando o Veneravel o manda tomar assento, o Mestre de Ceremonias o conduz ao Trono, e logo que elle ahi chegar, o Veneravel descerá da cadeira, e lhe entregará o macete, fazendo primeiro com elle o signal do gráo da Loja aberta, em signal de que pela sua alta dignidade lhe entrega o governo da Loja. O visitante recebe o macete, e entra para a parte da cadeira, mas sem se sentar, nem encostar a ella, torna

a entregar o macete ao Veneravel, fazendo tambem o signal da Loja aberta: logo o Veneravel entra para a cadeira, e o visitante vai tomar o primeiro lugar, á direita do Veneravel, se he o G.·. M.·.: e se he simplesmente Roza Cruz, toma o primeiro lugar entre os do seu gráo.

Esta renuncia da parte do G.·. M.·., ou Roza-Cruz, pois que sempre se pratica, he voluntariamente da sua parte; porque elle tem effectivamente o direito de subir á cadeira, e fazer o officio do Veneravel.

O visitante qualquer, antes de sentar-se, fará (bem como os demais irmãos quando se sentão) o signal da Loja aberta, aos dois irmãos, que lhe ficarem á direita, e á esquerda.

Na Loja do Mesa, além da precedencia do lugar, que os visitantes devem ter, com a mesma ordem, que nas Lojas de instrucção, ou recepção; haverá o cuidado de fazer sentar aos lados do visitante dois irmãos da Loja, que se julgarem mais bem accitos ao visitante, afim de o enterterem na conversação, e de o servirem; fazendo-

lhe as honras da Mesa: porque a liberdade, e franca sinceridade, que deve reinar nos banquetes maçonicos he, e deve ser compativel com as leis da civilidade, que se costuma praticar com os hospedes.

Em todas as Lojas, que assistir visitantes, o Veneravel, antes de propor a moção de fechar a Loja, fará o seguinte comprimento ao visitante. O Veneravel diz:

« Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes, convidai a todos os nossos irmãos, em todos os seus gráos, e qualidades, tanto da parte do Meio dia, como da parte do Norte, para que agradeçamos ao nosso Irmão F. o favor, que nos fez de ajudar aos nossos trabalhos, e instruir-nos com as suas luzes, mostrando a nossa gratidão, e alegria, que a sua presença nos causa, com as acclamações do costume. »

O 1.° Vigilante diz: « Meus Irmãos, que formaes a columna do Meiodia, eu vos convido da parte do nosso Veneravel, para que agradeçamos ao nosso I.·. F. o favor etc. » como já fica acima dito.

O 2.° Vigilante repete o mesmo na sua

columna do Norte: e ambos dão parte ao Veneravel, que está annunciado, e o Veneravel diz: « A' mim, meus Irmãos. » Então bate huma pancada de macete, que he respondida com outra, pelos dois Vigilantes, e toda a Loja se poem de pé, com as acclamações na forma da Loja que está aberta.

O visitante não bate estes applausos, mas em quanto elles durão, terá os braços em postura de respeito; mas acabada a acclamação, o visitante agradecerá os applausos com estas, ou semelhantes palavras:

« Venerabilissimo Mestre, Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes, Irmão Orador, e mais Irmãos Dignitarios, Cavalheiros Roza-Cruzes (se os ha) que tão dignamente decorais o Oriente, e Irmãos de todos os gráos, que formais ambas as columnas.

Eu vos agradeço, como devo, penetrado do mais vivo sentimento de gratidão, pelo favor, que me fizestes de me receber, e admittir á participar dos vossos Augustos Trabalhos, e edificar o meu reconhecimento, e prazer; do que batendo os applausos da Ordem; rogo ao Irmão Mestre de Ceremo-

nias, que me dirija para edificar-me com o exemplo das vossas virtudes: e como não posso melhor certificar o meu reconhecimento, e prazer, do que batendo os applausos da Ordem, desejo por isso, que o Irmão Mestre de Ceremonias me dirija para o fazer.»

O Mestre de Ceremonias faz o signal, e bate os applausos com o visitante; e logo que acabão, o Veneravel diz: «Meus Irmãos, cubramos estes agradecimentos.»

O Veneravel, e tóda a Loja bate segunda vez os applausos, e então senta-se o Veneravel, e todos o imitão.

Sendo mais de hum visitante, o Veneravel não será obrigado a nomear os nomes de todos; mas dirá em geral: «os nossos amados Irmãos visitantes;» e o comprimento de agradecimento será recitado pelo visitante mais graduado, e com elle applaudirão os demais visitantes.

Se porém entre os visitantes estiver o G.·. Mestre, ou algum Roza-Cruz, primeiro se fará separadamente o ceremonial com este, ou com estes, e depois se repetirá o mesmo com todos os mais visitantes juntamente.

ABERTURA DA LOJA DE AP.:

Os Officiaes Dignitarios, de que a Loja de Aprendiz se compõe são: o Mestre, que se trata por Veneravel: Primeiro Vigilante: Segundo Vigilante: Orador: Thesoureiro: Secretario: Mestre de Ceremonias: Espertos: Cubridor, ou Esperto de fóra. O numero d'estes officiaes he sempre o mesmo em todas as Lojas, e posto que em algumas tenhão differentes denominações, o numero não se pode alterar, porque significa 3 vezes 3.

Todos os Irmãos, que assistirem á Loja de Aprendiz, devem estar decorados com insignias de algum dos gráos que tiverem: he livre a escolha da insignia, mas o tratamento, e lugar, que o irmão tiver na Loja, deve ser correspondente á insignia, que o mesmo irmão actualmente trouxer, posto que tenha gráo superior ao que de-

nota a sua insignia: de maneira, que nem ao mesmo Roza-Cruz se farão as honras do seu gráo, se trouxer insignia de grão inferior.

Os Irmãos, que forem Officiaes Dignitarios da Loja, devem trazer, além da insignia do seu grão, a insignia correspondente do officio, a qual se entregará ao irmão, que os haja de substituir, quando lhes for necessario deixar o lugar.

As insignias dos Irmãos Dignitarios são: o Veneravel, hum compasso entrelaçado na esquadria, de maneira que o angulo da esquadria fique para baixo; e o angulo que formão as pernas do compasso abertas em noventa graos, fica para cima: o 1.º Vigilante terá o nivel: o 2.º Vigilante a regoa graduada: o Orador hum circulo: o Thesoureiro duas chaves em aspa: o Secretario duas pennas em aspa: o Mestre de Ceremonias hum triangulo: o Esperto huma espada: o Cubridor huma trolha, ou colher de pedreiro.

As insignias proprias do gráo de Aprendiz são: hum avental de pelle branca, sem mais

bordado, nem orelas, o qual deve estar posto com a aba levantada para cima, e hum par de luvas de pelle branca.

A côr da decoração da sala he azul para as cortinas, panos de mesa, docel, e tudo o mais; os galões, e franjas dos paramentos, que tiverem este ornato, deve ser prata, ou ao menos fazenda de côr branca. E he hum abuso de alguns Veneraveis consentirem aos Mestres de Ceremonias usarem de outras côres no ornato das Lojas de Aprendiz. As luzes d'este grão são tres, dispostas em triangulo sobre o altar, em castiçaes pequenos, ou em tocheiros grandes sobre o pavimento, guardando a mesma figura.

As duas columnas J e B se costumão pôr, ou immediatamente por detraz das cadeiras dos Vigilantes, ou aos lados.

O Ven. sentado no Throno, ao Oriente, e com a face para os dois Vig.·. que devem estar ao Occidente, cada hum junto á sua columna, bate com o malhete sobre a mesa, e he da mesma sorte respondido pelos Vig.·.; depois diz:

Ven. Silencio, meus Irs. em Loja.

Ditas estas palavras, e repetidas pelos Vig.ˢ ∴ todos os Irs. se arranjão em suas columnas, guardada a precedencia dos seus gráos. Diz então o

Ven. — *Irs.* 1.º e 2.º Vig.ˢ ∴ convidai a todos os nossos charos Irs. em todos os seus gráos e qualidades para que me ajudem a abrir a Loja de Ap.∴ Maç.

Os Vig.ˢ ∴ cada hum por sua vez repetem estas palavras aos de suas columnas, da parte do Ven. e feito o annuncio diz batendo com o macete.

O 2.º *Vig.* ∴ — Está annunciado; isto mesmo, e da mesma forma diz o 1.º Vig.∴

Ven. — *Ir.* ∴ 1.º Vig.∴ sois vós Maç?

1.º *Vig.* — Todos os meus Ir.ˢ me reconhecem por tal.

Ven. — Qual he o primeiro dever de hum Mação?

1.º *Vig.* — He vêr se a Loja está coberta interior, e exteriormente.

Ven. — Certificai-vos pelo Ir. 2.º Esperto.

Este Ir. sahe, examina, entra, e parti-

cipa ao 1.° Vig.·. que tambem o participa ao Ven.

Ven. — Qual he o vosso segundo dever?

1.° *Vig.* — He vêr se todos os Ir.° estão em ordem.

Ven. — Certificai-vos pelo Ir. M.° de Cer.·.

Este Ir. levanta-se, observa com hum golpe de vista se os Ir.° todos estão com o signal da Ordem; participa ao 1.° Vig. e este ao Ven.

Ven. — Para que nos ajuntamos nós?

1.° *Vig.* — Para levantar Templos á virtude, e cavar masmorras aos vicios.

Ven. — Que tempo devemos nós trabalhar?

1.° *Vig.* — Desde o meio dia até meia noite.

Ven. — Que tempo he preciso para fazer hum Apr.·. Mação?

1.° *Vig.* — Tres annos.

Ven. — Que idade tendes vós?

1.° *Vig.* — Trez annos.

Ven. — Que horas são?

1.° *Vig.* — Quasi Meio dia.

Ven. — Em virtude pois da hora e da ida-

de, adverti á todos os nossos charos Ir.° que nós vamos abrir a Loja de S. João, com o titulo distinctivo de — debaixo dos auspicios do Grande Oriente Brazileiro, no gráo de Apr.·. Maç.·. e começar os nossos trabalhos com as formalidades do rito.

1.° *Vig.* — Meus Ir.° da columna do Meio dia, eu vos advirto da parte do nosso Ven. que em virtude da hora e da idade, nós etc.

2.° *Vig.* — Meus Ir.° da columna do Norte. &c.

Feitas estas participações, o 2.° Vig. bate hum golpe de malhete, e diz ao 1.° Vig.·. — está annunciado; este bate, e diz tambem ao Ven. está annunciado. — O Ven bate 3 golpes sobre a mesa — os quaes são repetidos pelo 1.° e pelo 2.° Vig.·., levanta-se dizendo — á mim meus Ir,° —, faz o signal de Apr.·. acompanhado de todos os Ir.° bate as palmas, como em Apr.·. dá tres vivas, e diz: —

Ven. — Meus charos Ir.° a Loja de Aprendiz está aberta: — e sentão-se.

CATHECISMO DE APRENDIZ.

Pergunta. Meu Irmão, donde vindo vós?

Resposta. Venerabilissimo da Loja de S. João. (1)

P. Que se faz na Loja de S. João?

R. Ellevão se templos á virtude, e cavão-se masmorras para os vicios.

---

(1) Não sendo a Maç.·. outra cousa mais do que o emblema de toda a natureza, a sua moral huma homenagem, que se deva prestar ao Creador do Universo: he entre os Maç.·. esta homenagem a pratica das virtudes, e sobre tudo as da Religião. E como nos primeiros tempos do Christianismo não se fazião proselitos se não depois de baptizados, d'aqui vem o motivo da pergunta e resposta do Cathecismo, que annotamos. *Venho da Loja de S. João*, quer dizer, *fui purificado pelas aguas do Baptismo.* Ninguem ignora que foi S. João quem instituio este Sacramento; e he justo que a primeira pergunta sobre os deveres de huma Ordem tão Religiosa como a Maç.·., seja á respeito da primeira acção, que abre as portas do Christianismo ás Graças, que elle franquea aos homens, que o abração.

P. Que trazeis vós?

R. Saude, prosperidade, e bom acolhimento á todos os Irmãos.

P. Que vindes fazer aqui?

R. Vencer as minhas paixões, submetter a minha vontade, e fazer novos progressos na Maçoneria.

P. Que entendeis vós por Maçoneria?

R. O estudo das sciencias, e pratica das virtudes. (1)

---

(1) Se consultarmos as obras, que tratão dos antigos Misterios, perceberemos que o seu segredo era a doctrina dos Sabios, dos Philosophos da antiguidade, que abandonando ao povo ignorante e estupido a idolatria, á que tão afferrado se mostrava, reunião-se fóra das suas vistas para em segurança adorarem o verdadeiro Deos, Unico, Creador, e Conservador de todas as cousas.

A iniciação dividia-se em muitos gráos, ou epocas; o iniciado era instruido cautelosa e successivamente, porque temia-se atacar de hum só golpe todos os seus inveterados prejuizos. Era preciso ter sahído da idade das paixões, e ser instruído nas doutrinas em tempo marcado como interstício, ou preparação aos segredos, que em cada grão se lhes revelavão. Os estudos de hum Neophita duravão tres annos, e daqui vem o dizer-se que a idade de hum Apr.·. he tres annos; isto he, que empregou esse tempo em estu-

P. Que he hum Mação ?

R. He hum homem livre, fiel ás leis, o irmão e amigo dos Reis, e Pastores, quando elles são virtuosos (1).

P. Como poderei eu conhecer que sois Mação ?

R. Reconhecendo os meus signaes, toques, e palavras, e as circunstancias da minha recepção ficlmente recitadas.

---

dar, e praticar virtudes, que o fizerão digno de ver a Luz da Maç.·.

(1) Os Pedreiros escolhidos por Salomão para trabalharem no Templo forão declarados livres, e izentos de todos os impostos, elles e seus descendentes, tivesão o privilegio de andar armados. He verdade que Nabucodonosor, tomando Jerusalem, destruio o Templo, e os Pedreiros forão levados em captiveiro com o povo Judeo. Porém depois Cyro, tomando Babilonia, os restabeleceo em todos os seus direitos. Fez mais; querendo recompensar a virtude de Zorobabel, permittio-lhe regressar á Santa Cidade com os Israelistas, para reedificar o Templo; e para assignalar a sua estima, jantou com elle antes da sua partida, e deu-lhe o oculo de paz, chamando-o seu Irmão, e seu Amigo.

Ha outros motivos pelos quaes os Mações com justiça se chamão livres; mas como pedem grande desen-

P. Quaes são os signaes de hum Maçon?

R. A Esquadria, o nivel, e o perpendicular.

P. Quaes são os toques?

R. Certas acções regulares, e determinadas, que os Maçons praticão entre si.

P. Quem vos procurou a vantagem de sereis vós Maçon?

R. Hum sabio amigo, que ao depois reconheci por meu irmão.

P. Porque procurasteis ser recebido Maçon?

R. Porque estava nas trevas, e desejava vêr a luz.

P. Que significa esta luz?

R. O conhecimento, e reunião de todas as virtudes, symbolo do Grande Architeto do Universo (1).

---

(1) A Luz tão chara aos Maç.·. tem por origem o fogo sagrado, que descera do Ceo sobre o Altar, no dia em que forão consagrados Aarão e seus filhos. Os Christãos começarão pondo tres luzes sobre os seus Altares, para simbolisarem a essencia trina do Creador; e depois encherão os Templos de luzes, para fazerem conhecer a immensidade do Ser supremo. O Christianismo, tomando esta maxima dos Judeos, pu-

P. Onde fosteis recebido Mação ?

R. Em huma Loja perfeita.

P. Que entendeis por loja perfeita ?

R. Entendo que tres Mações, congregados fazem huma Loja simples, cinco a formão justa, e sete a fazem perfeita.

P. Quaes são os tres Mações da Loja simples ?

R. Hum Veneravel, e dois Vigilantes.

P. Quaes são os cinco da justa ?

R. Os tres primeiros, e dois Mestres.

P. Quaes são os sete que fazem a Loja perfeita ?

R. Hum Veneravel; dois Vigilantes, dois Mestres, hum Companheiro, e hum Aprendiz.

P. Quem vos preparou para sereis recebido Mação ?

---

bião por seus canticos sagrados, que adorava o Deos de Luz, e não o fogo. Os Magos dos antigos Persas conhecião hum Deos Supremo, Creador do Universo; mas ao mesmo tempo admittião dois principios eternos; o primeiro, autor do bem, que representavão pela Luz; o segundo, autor do mal, que representavão pelas trevas.

R. Venerabilissimo, hum Esperto.

P. Que exigio elle de vós?

R. Que o informasse da minha idade, das minhas qualidades civis, e do meu zelo em querer ser recebido. Depois me poz, nem nú, nem vestido, mas de maneira decente: tirou-me todos os metaes, e conduzio-me á porta da Loja; na qual bateu tres grandes pancadas.

P. Porque vos poz o Esperto, nem nú nem vestido?

R. Para me mostrar que o luxo, he hum vicio que só impõe ao vulgo; e que o homem, que deseja ser virtuoso, deve ser superior aos prejuisos.

P. Para que vos tirou os metaes?

R. Porque elles são o symbolo dos vicios, e hum bom Mação, não deve possuir em particular a propriedade de cousa alguma (1).

---

(1) Em muitas Lojas, e em muitos Cathecismos, em vez desta resposta simbolica, se diz: que durante a construcção do Templo de Salomão não se ouvia estrondo algum, e que para este effeito se despojavão dos metaes os seus trabalhadores. Não se deve entender tão restrictamente o que se diz da propriedade de cada

P. Que significão as tres pancadas do Esperto?

R. As tres palavras da Escriptura Santa: Batei, e se vos abrirá: Procurai, e achareis; Pedi, e recebereis.

P. Que produzirão essas pancadas?

R. A abertura da Loja.

P. Que fez de vós o Esperto quando se abrio a Loja?

R. Entregou-me nas mãos do segundo Vigilante.

P. Que percebestes vós entrando na Loja?

R. Nada que o espirito humano possa perceber: hum veo espesso me cobria os olhos.

P. Para que vos vendarão os olhos?

R. Para me fazer comprehender, quanto a ignorancia he prejudicial á felicidade dos homens.

P. Que fez de vós o 2.° Vigilante?

---

hum Mação, que della só possa gosar em communidade, que só pode existir na imaginação; mas essas palavras da Instrucção denotão, que os Mações desgraçados tem direito á beneficencia dos que podem soccorre-los; e que todos devem fugir dos fomentos de vicios empregando virtuosamente os seus haveres, e com preferencia á beneficio da Sociedade á que pertença.

R. Fez-me viajar tres vezes do Occidente para o Oriente, pelo caminho do Norte; e do Oriente para o Occidente pelo caminho do meio-dia: e depois entregou-me á disposição do 1.º Vigilante.

P. Para que vos fez viajar?

R. Para me fazer conhecer que jámais do primeiro passo se chega á virtude.

P. Que procuraveis no vosso caminho?

R. Procurava a luz, de que já dei a explicação.

P. E que fez de vós o primeiro Vigilante?

R. Tirou-me a venda dos olhos por ordem, que recebeo, fez-me pôr os pés em esquadria, e aproximar-me do Veneravel por tres grandes passos.

P. Que vistes quando vos desvendarão os olhos?

R. Todos os meus irmãos armados de espadas, cujas pontas me apresentavão.

P. E para que?

R. Para me mostrar que estarião sempre promptos para derramarem por meu respeito o seu sangue se eu fosse fiel ás obriga-

ções, que hia a contrahir: bem como para me punir, se eu fosse tão despresivel, que faltasse a ellas. (1)

P. Para que vos puzerão os pés em esquadria, e fizerão dar tres grandes passos?

R. Para me mostrar o caminho, que devem seguir, e o modo porque devem marchar os Aprendizes da nossa Ord.

P. Que significa esta marcha?

R. O zelo que devemos mostrar caminhando para quem nos illumina.

P. Que fez de vós o Veneravel?

R. Como estava certo dos meus sentimentos, depois de obter o consentimento da Loja, me recebeu Mação, com todas as formalidades requeridas.

P. Quaes forão essas formalidades?

R. Eu tinha o çapato esquerdo achinellado, o joelho direito nú, a mão direita sobre o Evangelho, na esquerda tinha hum compasso meio aberto, apontado ao peito esquerdo que estava nú.

---

(1) Em alguns Cathecismos a resposta he outra, e vem á ser: — para separarem os profanos, que intentem devassar os nossos Misterios.

P. Que fazieis vós nesta postura?

R. Contrahia a obrigação de guardar eternamente os segredos dos Maçõos, e da Maçoneria.

P. Lembra-vos essa obrigação?

R. Sim, Venerabilissimo.

N. B. He costume de algumas Lojas, fazer repetir aqui a formula da obrigação; mas não he isto lei geralmente recebida, e depende da vontade dos Veneraveis; quando porém se recita a obrigação, devem todos estar de pé, e na postura, e signal gutural. Pelo que he necessario que todo o bom Mação a saiba de cór, bem como as palavras sagradas, as marchas, e os signaes, visto que são cousas que os Estatutos da Ordem prohibem que se imprimão.

P. Porque tinheis o joelho nú, e o çapato achinellado?

R. Para aprender que o Mação deve ser humilde.

P. Para que vos puzerão o compasso sobre o peito esquerdo nú?

R. Para me mostrar, que o coração de

hum Maçon deve ser justo e sempre descuberto.

P. Que vos derão quando vos receberão Maçon ?

R. Hum signal, hum toque, e duas palavras.

P. Dai-me o signal ?

R (A resposta he fazer o signal).

P. Como chamaes a este signal ?

R. Gutural.

P. Que significa ?

R. Huma parte da minha obrigação; que devo preferir ter a minha garganta cortada antes, que revelar os segredos da Maçonaria aos profanos.

P. Dai o toque ao irmão 2.° Vigilante ?

(Da-se o toque, e logo que o 2.° Vigilante o acha regular responde):

R. Está justo, Venerabilissimo.

P. Dizei-me a palavra sagrada dos Aprendizes ?

R. Não posso repetir, se não soletrando. Dizei-me a primeira letra, que eu vos direi a segunda.

(Soletra-se na fórma do costume).

P. Que significa esta palavra?

R. Que a sabedoria está em Deos. Esta he o nome da columna, que estava ao Septentrião junto a porta do Templo, onde se ajuntavão os Aprendizes.

P. Qual he a vossa palavra do passe?

R. (Repete-se) e continua: esta palavra, quer dizer possessão mundana: he o nome do filho de Lamec, primeiro que reduzio á Arte a fundição dos metaes.

P. Derão-vos mais alguma cousa quando vos receberão Maçon?

R. Derão-me hum avental branco, e luvas de homem, e de mulher da mesma côr.

P. Que significa o avental?

R. He o symbolo do trabalho, a sua brancura, nos lembra a candura dos nossos costumes, e a igualdade que reinar deve entre nós.

P. Porque vos derão luvas brancas?

R. Para me ensinar que hum Maçon, não deve nunca manchar as suas mãos na iniquidade.

P. Porque vos derão luvas de mulher?

R. Para me mostrar que todo o Maçon,

deve amar e estimar a sua consorte; e que se não póde esquecer della hum só instante sem ser injusto.

P. Que vistes quando fostes recebido Mação?

R. Tres grandes luzes, postas em esquadria: huma a Oriente, outra ao Ocidente, e outra ao meio-dia.

P. Porque não havia luz da parte do Norte?

R. Porque o Sol allumia esta parte mui escaçamente.

P. Que significão estas tres luzes?

R. O Sol, a Lua, e o Mestre da Loja.

P. Porque se faz com luzes esse symbolo?

R. Porque o Sol allumia os trabalhadores durante o dia, a Lua de noite, e o Veneravel na Loja em todo o tempo.

P. Aonde reside o Veneravel na Loja?

R. Ao Oriente.

P. Porque?

R. Ao exemplo do Sol, que apparece no Oriente para começar o dia; o Venerável está no Oriente para abrir a Loja, ajudar os

trabalhadores com os seus conselhos, e illuminar os operarios com as suas luzes.

P. Aonde rezidem os Vigilantes?

R. Ao Ocidente.

P. Porque?

R. Como o Sol termina o dia no Occidente, os Vigilantes rezidem nessa parte, para fechar a Loja, despedir os obreiros contentes, e fazer bom acolhimento aos irmãos Visitadores.

P. Aonde vos collocarão depois da vossa recepção?

R. Ao Septentrião.

P. Porque?

R. Porque he a parte dos menos esclarecidos; e hum Aprendiz, que apenas tem recebido mui fraca luz, não está no estado de suportar maior claridade.

P. Em que trabalhão os Aprendizes?

R. Em desbastar a pedra bruta.

P. Aonde se paga aos Aprendizes?

R. Na columna *J.*

P. Quaes são os maiores deveres de hum Maçon?

R. Preencher as obrigações do estado, em que a Providencia o tem posto; fugir do vicio, e praticar a virtude.

MODO DE FECHAR A LOJA.

O Veneravel quando propõe á Loja a leitura do cathecismo póde tambem ajuntar que acabado elle se vai fechar a Loja: nesse caso acabado o cathecismo, passa logo á fazer as perguntas do encerramento da Loja. Mas não tendo feito essa declaração, antes de começar as perguntas obterá o consentimento da Loja; e depois pergunta.

P. Irmão 1.° Vigilante até que horas se trabalha em Loja?

R. Até a meia noite.

P. Que horas são?

R. Meia noite.

P. Que idade tendes vós?

R. Tres annos.

O Veneravel. Em virtude da hora, e da idade, advertí á todos os nossos amados irmãos, tanto do lado do meio-dia, como do lado do Norte, que vamos á fechar a

Loja, e acabar os nossos trabalhos na fórma do costume.

O 1.° Vigilante annuncia o mesmo aos irmãos da sua columna do meio-dia. E o segundo Vigilante repete o mesmo na sua columna; e dá parte que está annunciado; e o mesmo faz o 1.° Vigilante.

O Veneravel bate 3 pancadas de Aprendiz, que são respondidas pelos Vig.°. e diz « A mim meus irmãos. Então batem os aplausos, e fazem as aclamações; fazendo antes o signal de Aprendiz. Feito isto o Veneravel diz » Meus irmãos a Loja está fechada.

O 1.° Vigilante. Meus irmãos a Loja está fechada. O 2.° Vigilante diz o mesmo.

DISCURSO NA RECEPÇÃO DE HUM PROFANO.

Se o merito de qualquer sociedade particular se deve calcular pelas vantagens, que della resultão á sociedade geral, qual não deve ser a excelencia da Maç.·., desta escola de sabedoria, e de virtude, destinada á engrandecer a esphera das idéas, á pulir e ádoçar os costumes, e apertar os doces laços da concordia, e da fraternidade? Baseada sobre as relações, e os deveres do homem social, esta associação de homens sabios, livres, e virtuosos, incansaveis em promover o bem da humanidade por meio de seos conhecimentos, e pela pratica constante das virtudes, tem em todos os seculos dado exemplos de patriotismo aos seos Concidadãos, de Caridade aos ricos, de virtude ao homem piedoso, de descripção, e de prudencia ao mundo todo.

Para convencer-vos de taes verdades, seria necessario hum longo discurso, que fatigaria a vossa attenção, e talentos mais elevados, e superiores aos que possuo: mas, se todas as vantagens, que constituem o merito de huma sociedade, podem ser consideradas debaixo de tres pontos de vista — opiniões politicas — phylosophia — e moral —, limitar-me-hei a mostrar-vos em hum resumido quadro os principios que professa o Maç.·. sobre estas tres partes da ordem social; afim de que vós, conhecendo a sublimidade da ordem, á que acabais de ser iniciados, possais tambem conhecer as obrigações, que vos aguardão.

Os primeiros preceitos da Maç.·. o que ella prescreve mais constante, e severamente aos Maç.·. he huma devotação, hum afferro inalteravel á pessoa do Soberano, que prefere a vontade geral da Nação á sua propria vontade. Estes principios, de que a Maç.·. de todos os tempos se tem penetrado, são lembrados e recommendados em todas as festas da ordem; os primeiros votos formados

amigavel, são dirigidos ao Imperador, á sua Augusta Familia, e á duração do seu reinado. Nos discursos, que neste sagrado recinto se dirigem aos iniciados, recommenda-se sempre a reunião á boa causa, diz-se-lhes que hum verdadeiro Maç.·., he hum homem tolerante, tranquillo, prudente, que deve amar o paiz, que o vio nascer, ou aquelle que tem adoptado por sua Patria, que deve vellar, quanto couber em suas forças, na boa ordem geral, e na segurança de todos; que todas as questões politicas e religiosas, todo o espirito de partido, tudo o que tende a perturbar a ordem, he contrario aos nossos principios, e a nossa instituição; que deve modificar seu caracter segundo as differentes necessidades; e adoptando hum cosmo politismo racionavel, dar em todas as occaziões exemplo de submissão ás leis, e adhesão ao systema do governo, sob cujo imperio a providencia o tiver collocado.

Estes principios que professamos, e que não cessamos de lembrar a todos os nossos Irmãos, devem sem duvida fazer reflectir na Sociedade vantagens preciosas, e uteis a hum

governo, que procura firmar-se, e de cuja conservação depende a nossa felicidade. Elles são o fruto de huma sãa politica, dessa sciencia, que ensina ao homem a conduzir-se com prudencia em qualquer circunstancia, que se possa achar, como Cidadão, como homem publico, ou como chefe de familia.

Passemos á Philosophia: eu não fallarei daquella que se define — sciencia que abraça toda a natureza, e que quer conhecer as suas causas e effeitos; — mas unicamente da que he necessaria ao homem para o guiar nas situações peniveis da vida.

O verdadeiro philosopho he aquelle, que sabe dominar as suas paixões, que não obra se não depois de reflectir, que marcha sempre precedido da toxa da razão; elle tem huma certa elevação de espirito, que o constitue superior aos prejuizos, sem com tudo censura-los abertamente; os acontecimentos tristes, e desastrosos são para elle huma prova da sua prudencia, e sabe suportar com coragem os golpes da adversidade. Todos os homens são iguaes a seos

olhos, se elles são honestos, e virtuosos. O philosopho, tal qual nós o consideramos aqui, he, na força da palavra, hum homem honesto, que nada obra sem consultar a razão, que nada faz com paixão, e que une a hum espirito de exactidão e de moderação os costumes e qualidades sociaes. Tal he pois a philosophia do Maç.·. Huma Loja pode ser considerada como huma grande familia, cujo Chefe não he mais, que o primeiro entre seos iguaes. Vencer suas paixões, olhar todos os homens como seos irmãos, conduzir-se pelas luzes da razão, fugir do vicio, praticar a virtude, não se deixar seduzir pelos favores da fortuna, nem abater-se nas desgraças: eis o que se ouve sem cessar em huma Loja, e que se repete a todos os Maç.·. indistinctamente, o que cada hum deve praticar na Sociedade, como hum testemunho dos bons principios da Instituição Maç.·. afim de a fazer gozar das vantagens, que della pode tirar.

Mas, se a nossa Instituição he util á Sociedade, se existem relações entre ellas, he sem duvida pela moral. A moral, meos Ir.·.

he a religião do mundo civilisado: ella tem mais ou menos imperio sobre os differentes povos, que governa; mas conserva ainda huma grande influencia, e faz todos os esforços para reprimir as invasões, que os ameação. Nenhuma Sociedade tem huma moral mais constante, e mais apurada, que a Maç.·.; ella parece ter esgotado as melhores fontes; e as suas regras, os deveres que ella se impõe, podem servir de lições em todas as condições da vida. Ella tem por base a honra e a decencia; sabe respeitar os contratos, sem o que as Sociedades não saberião manter-se.

A qualidade de Maç.·. traz comsigo a obrigação de ser bom filho, bom esposo, bom Pái, e bom amigo. Estes deveres reunidos são a essencia de huma boa moral. Nenhum individuo pode ser admittido a huma Loja, se não tiver bons costumes, e se não occupar na Sociedade hum estado, que o faça estimavel; e nenhum pode permanecer nella com a mais pequena nodoa, que possa manchar a sua reputação; elle, não só he excluido da Loja, de que he membro, mas ain-

da assignalado em todas as outras, como hum Maç.·. indigno de tão honroso nome.

A Maç.·. se exprime algumas vezes por emblemas, e figuras symbolicas; mas esta lingoagem he sempre a da moral, e da razão.

Com effeito, não ha figura alguma destas, que não encerre hum sentido moral: humas nos dizem, que todas as nossas acções devem ser reguladas pela equidade; que a união deve reinar entre nós; outras, que o homem deve vellar sobre si mesmo; para não ser surprehendido pelo vicio, que o cerca sem cessar; em fim, que a duração da ordem repouza sobre a pratica de todas as virtudes.

Taes maximas, huma doutrina tão santa, e tão conforme aos principios, que regulão a Sociedade, não podem de certo deixar de lhe ser vantajosas. O exemplo tem hum grande poder sobre o coração do homem; as impressões, que elle recebe, determinão ás mais das vezes suas inclinações, e influem sobre suas acções; por consequencia hum Maç.·. que frequenta as Lojas, e que se im-

bue em taes principios, deve ser na Sociedade hum Cidadão virtuoso, hum amigo fiel, hum parente generoso,

Podemos pois concluir, pelo que acabamos de expôr, que são incontestaveis as vantagens sociaes, que resultão da Instituição Maç.∴

Eis-aqui pois, meos Irmãos novamente iniciados, as doutrinas, que fazem a base da Nossa Augusta Ordem; nem he para que fiquem em theoria, que nós as expendemos em nossos discursos: a Maç.∴ fora de certo huma Sociedade sem proveito ao bem geral da humanidade, se os seos Membros não caprixassem em praticar doutrinas tão santas. He talvez a esta circunstancia, que ella deve o haver triunfado da estragadora foice dos tempos, do cutelo das revoluções, e da corrupção das paixões inherentes a todas as obras do homem. Ao clarão da luz brilhante, que se descobrio aos vossos olhos depois das experiencias, em que destes sufficientes provas de honrados sentimentos, e firmeza de caracter, vós podeis conhecer as importantes verdades, que se vos ensinão em

nossos ritos, e symbolos. Em nenhum delles encontrareis menos, do que huma sensivel recommendação daquellas virtudes que devem adornar a vida de hum verdadeiro Maç.·. A rectidão em todas as nossas palavras e acções, simbolizadas pelo compasso e esquadria; a honra pela espada, em que prestastes o vosso juramento; e a doce fraternidade nos amplexos, e osculos, com que fostes reconhecidos, devem estar sempre presentes ao vosso espirito, para vos chamarem ao cumprimento destes importantes deveres, que tornão hum Maç.·. digno de ser respeitado entre os mesmos profanos, como hum Cidadão virtuoso e benemerito. Os vossos progressos na carreira das virtudes, em que entrastes por vossa iniciação, vos hirão descobrindo novas verdades, que por ora não se proporcionão a vossa idade Maçonica; mas posso desde já congratular-me com todos os Membros desta Respeitavel Loja, que a emulação vos fará grande no desempenho de vossas obrigações novamente contrahidas; e que o exemplo das nobres acções, que entre nós se praticão em honra

da Maç.·. e em beneficio da humanidade em geral, não será perdido em vós, que tão dignamente augmentais hoje o numero dos verdadeiros filhos da Luz, dos Respeitaveis Operarios deste Augusto Quadro. Permitta o Grande Architeto do Universo que por vós não falhem as nossas esperanças, ou se obscureça a nossa gloria, sempre pura, apesar das borrascas dos vicios, e erros do mundo. — Vivat, vivat, vivat.

Recitado na L.·. Com.·. e Artes pelo seu Orador

J. R. Monteiro.

olhos, se elles são honestos, e virtuosos. O philosopho, tal qual nós o consideramos aqui, he, na força da palavra, hum homem honesto, que nada obra sem consultar a razão, que nada faz com paixão, e que une a hum espirito de exactidão e de moderação os costumes e qualidades sociaes. Tal he pois a philosophia do Maç.·. Huma Loja pode ser considerada como huma grande familia, cujo Chefe não he mais, que o primeiro entre seos iguaes. Vencer suas paixões, olhar todos os homens como seos irmãos, conduzir-se pelas luzes da razão, fugir do vicio, praticar a virtude, não se deixar seduzir pelos favores da fortuna, nem abater-se nas desgraças: eis o que se ouve sem cessar em huma Loja, e que se repete a todos os Maç.·. indistinctamente, o que cada hum deve praticar na Sociedade, como hum testemunho dos bons principios da Instituição Maç.·. afim de a fazer gozar das vantagens, que della pode tirar.

Mas, se a nossa Instituição he util á Sociedade, se existem relações entre ellas, he sem duvida pela moral. A moral, meos Ir.·.

he a religião do mundo civilisado: ella tem mais ou menos imperio sobre os differentes povos, que governa; mas conserva ainda huma grande influencia, e faz todos os esforços para reprimir as invasões, que os ameação. Nenhuma Sociedade tem huma moral mais constante, e mais apurada, que a Maç.·.; ella parece ter esgotado as melhores fontes; e as suas regras, os deveres que ella se impõe, podem servir de lições em todas as condições da vida. Ella tem por base a honra e a decencia; sabe respeitar os contratos, sem o que as Sociedades não saberião manter-se.

A qualidade de Maç.·. traz comsigo a obrigação de ser bom filho, bom esposo, bom Páe, e bom amigo. Estes deveres reunidos são a essencia de huma boa moral. Nenhum individuo pode ser admittido a huma Loja, se não tiver bons costumes, e se não occupar na Sociedade hum estado, que o faça estimavel; e nenhum pode permanecer nella com a mais pequena nodoa, que possa manchar a sua reputação; elle, não só he excluido da Loja, de que he membro, mas ain-

da assignalado em todas as outras, como hum Maç.·. indigno de tão honroso nome.

A Maç.·. se exprime algumas vezes por emblemas, e figuras symbolicas; mas esta lingoagem he sempre a da moral, e da razão.

Com effeito, não ha figura alguma destas, que não encerre hum sentido moral: humas nos dizem, que todas as nossas acções devem ser reguladas pela equidade; que a união deve reinar entre nós; outras, que o homem deve vellar sobre si mesmo; para não ser surprehendido pelo vicio, que o cerca sem cessar; em fim, que a duração da ordem repouza sobre a pratica de todas as virtudes.

Taes maximas, huma doutrina tão santa, e tão conforme aos principios, que regulão a Sociedade, não podem de certo deixar de lhe ser vantajosas. O exemplo tem hum grande poder sobre o coração do homem; as impressões, que elle recebe, determinão ás mais das vezes suas inclinações, e influem sobre suas acções; por consequencia hum Maç.·. que frequenta as Lojas, e que se im-

bus em taes principios, deve ser na Sociedade hum Cidadão virtuoso, hum amigo fiel, hum parente generoso,

Podemos pois concluir, pelo que acabamos de expôr, que são incontestaveis as vantagens sociaes, que resultão da Instituição Maç.·.

Eis-aqui pois, meos Irmãos novamente iniciados, as doutrinas, que fazem a base da Nossa Augusta Ordem; nem he para que fiquem em theoria, que nós as expendemos em nossos discursos: a Maç.·. fora de certo huma Sociedade sem proveito ao bem geral da humanidade, se os seos Membros não caprixassem em praticar doutrinas tão santas. He talvez a esta circunstancia, que ella deve o haver triunfado da estragadora foice dos tempos, do cutelo das revoluções, e da corrupção das paixões inherentes a todas as obras do homem. Ao clarão da luz brilhante, que se descobrio aos vossos olhos depois das experiencias, em que destes sufficientes provas de honrados sentimentos, e firmeza de caracter, vós podeis conhecer as importantes verdades, que se vos ensinão em

nossos ritos, e symbolos. Em nenhum delles encontrareis menos, do que huma sensivel recommendação daquellas virtudes que devem adornar a vida de hum verdadeiro Maç.·. A rectidão em todas as nossas palavras e acções, simbolizadas pelo compasso e esquadria; a honra pela espada, em que prestastes o vosso juramento; e a doce fraternidade nos amplexos, e osculos, com que fostes reconhecidos, devem estar sempre presentes ao vosso espirito, para vos chamarem ao cumprimento destes importantes deveres, que tornão hum Maç.·. digno de ser respeitado entre os mesmos profanos, como hum Cidadão virtuoso e benemerito. Os vossos progressos na carreira das virtudes, em que entrastes por vossa iniciação, vos hirão descobrindo novas verdades, que por ora não se proporcionão a vossa idade Maçonica; mas posso desde já congratular-me com todos os Membros desta Respeitavel Loja, que a emulação vos fará grande no desempenho de vossas obrigações novamente contrahidas; e que o exemplo das nobres acções, que entre nós se praticão em honra

da Maç.·. e em beneficio da humanidade em geral, não será perdido em vós, que tão dignamente augmentais hoje o numero dos verdadeiros filhos da Luz, dos Respeitaveis Operarios deste Augusto Quadro. Permitta o Grande Architeto do Universo que por vós não falhem as nossas esperanças, ou se obscureça a nossa gloria, sempre pura, apezar das borrascas dos vicios, e erros do mundo. — Vivat, vivat, vivat.

Recitado na L.·. Com.·. e Artes pelo seu Orador

J. R. Monteiro.

LOJA DE MEZA.

DISPOSIÇÃO DESTA LOJA.

Como a Instrucção de Mesa faz parte dos Mistorios da Ordem, esta Loja se deve fazer em lugar tão coberto como a salla das Recepções. Armar-se-ha huma Mesa em forma de ferradura, tão grande, quanto permitta o lugar, e que possa conter todos os convidados.

O Ven. occupa sempre o lugar no Oriente em meio da Mesa, tendo o Or.·. á sua direita. Os Vigilantes occupão os fins da Mesa ao Occidente; os Mestres sentão-se do lado do meio dia, cedendo os primeiros lugares aos Visitadores, que se apresentarem. Os Irmãos novamente iniciados devem sentar-se ao lado do Norte, começando do Orador; e os Comp. seguem-se a estes até o fim da columna em que está o 2.° Vig. O Irm. Embaixador senta-se dentro da ferra-

dura de face ao Ven.; a sua unica funcção he agradecer á saude dos Principes.

Tudo o que constitue o serviço da Mesa, deve formar 3 linhas parallelas; isto he, os pratos de guardanapo formão a primeira, por fóra, cada hum em frente de hum Irmão, que tambem pela parte de fóra se assenta, (á excepção do Embaixador, como ha pouco se disse). As botelhas e cópos formão a segunda; os pratos com comidas, e as luzes, a terceira.

Convem saber que nesta Loja tudo o que serve na mesa tem nome differente. Os cópos chamão-se *canhões*; as botelhas *barricas*; o vinho tinto *polvora vermelha*; o branco *polvora forte*; a agua *polvora branca*; o pão *pedra bruta*; as luzes *estrellas*; os pratos *telhas*; as facas *cutellos*; o sal *area*; as comidas *materiaes*; os garfos *espeques*; as colheres *trolhas*; *etc. etc.*

ABERTURA DA LOJA DE MESA.

Estando tudo disposto, como se disse, o Ven. levanta-se, e com elles todos os Ir.·. bate tres golpes do Aprendiz sobre a Mesa; os Vig. fazem outro tanto, e depois diz:

Ven. Irms. 1.° 2.° Vig.·. convidai a todos os nossos charos Irms., tanto da columna do Meio dia, como da do Norte, para que nos ajudem á abrir a Loja de Apr.·. Maç.·. e a de Instrucção de Mesa.

1.° *Vig.*·. — Irms. que decorais a columna do Meio dia, eu vos convido da parte do nosso Ven., para que queirais ajudar á abrir a Loja de Apr.·. Maç.·. e a de Instrucção de Mesa.

2.° *Vig.*·. — Irms. que decorais a columna do Norte etc. Depois disto o 2.° Vig. bate huma pancada, e diz ao 1.° Está annunciado. O 1.° Vig. bate, e diz o mesmo ao Ven. Este bate, e diz:

Ven. — Irm. 1.° Vig. sois vós Maç?

R. — Todos os meus Irms. me reconhecem por tal.

Ven. — Qual he o primeiro dever de hum Maç?

R. — Vêr se a Loja está coberta.

Ven. — Asegurai-vos.

(O 1.° Vig. observa se o Esp.·. está junto da porta, e está fechada como he costume, e então diz).

R. — Está coberta, Venerabilissimo.

Ven. — Qual he o segundo dever de hum Maçõe Vig.·., em Loja?

R. Vêr se todos os Maç.·., estão em ordem. (Observa, e achando que estão, assegura isso ao Ven.·.)

Ven. — Para que nos ajuntamos nós?

R. — Para levantar Templos á virtude, e cavar masmorras ao vicio.

Ven. — Que tempo devemos trabalhar?

R. — Desde o meio dia até a meia noite.

Ven. — Que tempo he preciso para fazer hum Apr.·. Maçõe?

R. — Tres annos.

Ven. — Que idade tendes vós?

R. — Tres annos.

Ven. — Que horas são?

R. — Quasi meio dia.

Ven. — Em virtude da hora e da idade, advertí á todos os nossos Irms., que a Loja de Apr.∴ e de Instrucção de Mesa está aberta, e que nós vamos começar os nossos trabalhos na forma do costume.

Os *Vigs.*∴, cada hum em sua columna, fazem este aviso, repetindo as palavras do Ven., e com as alterações usuaes. Feito isto bate sobre a Mesa o 2.° Vig.∴ dizendo ao 1.°: — está annunciado; este faz o mesmo para com o Ven.

Ven. — A' mim meus Irs.

Faz o signal de Apr.∴ com toda a Loja, fazem-se as acclamações e aplausos deste gráo; sentão-se todos; e o Ven. manda começar o Trabalho, isto he, fazer uso dos materiaes.

Devem todos estar muito attentos aos golpes do macete, tanto do Ven. como dos Vigs.∴ e suspender todo o trabalho para se ouvir qualquer proposta que elles fazem. Prohibem-se até com multas conversas alheias

da Maçoneria, e questões que possão perturbar a ordem necessaria. O Ven. deve vellar muito em que os Irms. estejão circunspectos, e não abusem do prazer da mesa, fazendo chamar á ordem o que della se apartar.

Ninguem póde fazer uso dos canhões, sem que o Ven. tenha proposto as tres primeiras saudes de obrigação.

1.ª do Imperador e sua Familia.

He agradecida e respondida por hum Irm. Respeitavel, que tenha sido nomeado para Embaixador; elle a ouve de pé entre o 1.º e 2.º Vigs.·. tendo a espada na mão, e o guardanapo sobre o braço, que são as maiores honras, com que se fazem as saudes.

2.ª do Grão-Mestre da Ordem.

3.ª do Ven. da Loja.

Seguem-se depois 4.ª a do 1.º Vig.·. 5.ª a do 2.º Vig.·. 6.ª a dos Irms. novamente recebidos; e 7.ª a dos Visitantes.

Todas as outras são arbitrarias, e sentados os Irms., excepto alguma extraordinaria, que ou o Ven.·. ou a Loja proponha fazer-se de pé e com as honras do estilo.

Modo de se fazerem as saudes.

PRIMEIRA SAUDE DE OBRIGAÇÃO.

O Veneravel bate e diz; e os Vigilantes respondem batendo cada hum na sua columna.

Veneravel. Irmãos Primeiro e Segundo Vigilante, fazei alinhar, e carregar as armas, para a primeira saude de obrigação, interessantissima á Ordem.

Primeiro Vigilante. Meus Irmãos sobre a minha columna, em todos os vossos gráos e qualidades, (aqui os enumera segundo a regra estabelecida na abertura da Loja de Aprendiz) alinhai, e carregai as vossas armas para a primeira saude de obrigação, interessantissima a nossa Ordem, e que o Veneravel vai propôr.

2.° Vigilante. Meus Irmãos &c.

Depois que o 2.° Vigilante acaba de fallar toda a assembléa carrega os canhões, com polvara tinta ou forte, mais, ou menos car-

ga, segundo cada hum lhe parece (porque isto he livre, com tanto que carregue); e quando tudo está carregado o Veneravel propõem a saude nesta fórma.

Veneravel. Irmãos 1.° e 2.° Vigilante, estão os canhões carregados e alinhados?

1.° Vigilante. Sim, Venerabilissimo.

2.° Vigilante. Sim, Venerabilissimo.

Logo que os Vigilantes respondem, o Veneravel bate, e se levanta, e toda a assembléa se põem logo de pé, e se põem em ordem.

Veneravel. Irmãos 1.° e 2.° Vigilante, enunciai a todos os nossos amados Irmãos, em todos os seus gráos e qualidades, que a saude que tenho o prazer de lhes propor he a do nosso Illustre Monarcha gloriosamente reynante, por cuja conservação não devemos cessar de fazer votos, assim como pela prosperidade do Estado. A' esta saude ajuntaremos a da Familia Imperial, e de tudo quanto tem a felicidade de lhe pertencer. He a tão estimaveis saudes que he preciso atirar estes canhonaços de polvora vermelha com zelo e amizade respeitosa, fazendo fogo, bom fogo, e perfeito fogo.

1.° Vigilante. Meus Irmãos sobre a minha columna (repete os gráos e qualidades) a saúde, proposta pelo Veneravel, he a do Imperador nosso illustre Monarcha, por cuja conservação não devemos cessar de fazer votos, assim como pela prosperidade do Estado. O Veneravel unio a esta saude a da Familia Imperial, e de tudo quanto tem a felicidade de lhe pertencer. He para fazer estas saudes com todas as distincções da franca e real Maçoneria, que o Veneravel vos roga de atirar estes canhonaços de polvora vermelha, fazendo fogo, boim fogo, e perfeito fogo.

2.° Vigilante. Meus Irmãos etc.

E logo que acaba diz: Veneravel, está annunciado.

1.° Vigilante. Veneravel, está annunciado.

O Veneravel então manda (Vóz)

1. Mão direita ás armas. (Põem-se a mão no copo.)

2. Armas á frente. (Leva-se o canhão á altura do peito.)

3. Apontar. (Leva se o canhão a boca.)

4. Fogo, gram fogo, perfeito fogo. (Então

se bebe huma vez ou tres, seguindo o exemplo do Veneravel.)

Tendo os Irmãos todos consumido a sua polvora, o Veneravel diz: (Voz) armas á frente.

Imitão-se as acções do Veneravel levando o cópo ao lugar da segunda vóz; isto he, defronte do peito; leva-se depois ao peito esquerdo e dahi ao direito; e torna o cópo ao lugar da segunda vóz; de maneira que este movimento descreve hum triangulo. Feito este exercicio tres vezes descança-se o cópo sobre a meza em tres tempos; isto he, no primeiro poem-se, o cópo hum tanto horizontal, á esquerda; no segundo traz-se á direita por huma linha recta parallella á borda da meza; no terceiro bate-se com o pé do cópo. Logo batem-se os applausos com as mãos, e dão-se as acclamações, gritando tres vezes — vivat —

N. B. Todo este exercicio deve ser feito com tal exactidão e habilidade, que toda a assembléa produza os mesmos movimentos, em hum tempo, e todas as pancadas pareção huma só.

FUNÇÃO DO EMBAIXADOR.

Logo que o Irmão Embaixador ouve propor a saude do Monarcha, deve levantar-se, desembainhar a espada, e tê-la na mão; e descer ao Occidente entre os dois Vigilantes, em a qual posição se conserva, até que toda a assembléa se torne a assentar: então pega no seu canhão, que lhe apresenta hum Irmão servente, e agradece a saude do Monarcha, nestes ou semelhantes termos.

Veneravel Mestre, tão digno do lugar, a que vos vejo elevado; Irmão primeiro e segundo Vigilantes: Irmãos Dignatarios; Roza-Cruzes; Vigilantes (se os ha presentes) Mestres e Irmãos novamente iniciados: Meus Irmãos. O Imperador meu amo sensivel aos cuidados ordinarios, que vos tendes de fazer a sua saude, se servio encarregar-me de vos certificar do seu justo reconhecimento; por

tanto não podendo eu melhor preencher este dever para com vosco, e mostrar-vos tão bem os meus sentimentos a vosso respeito, do que usando das armas dos Maçons, vou atirar este canhonaço de polvora vermelha a vossa gloria, e fazer bom fogo, gram fogo, e perfeito fogo.

Então bebe o Embaixador observando tão-bem as formalidades acima referidas, e vai tomar o seu lugar.

O Veneravel diz. « Meus Irmãos cubra-mos estes agradecimentos. »

O Veneravel e toda a Loja torna a bater os applausos, e acclama, tres vezes—Vivat.—

TERCEIRA SAUDE DE OBRIGAÇÃO.

O Primeiro Vigilante bate, o Segundo responde do mesmo modo, e por ultimo bate o Veneravel e diz:

Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes que quereis vós?

1.° Vigilante. Venerabilissimo, o Irmão Orador, o Irmão 2.° Vigilante, e eu, vos pedimos licença para carregar as armas e alinhar, á fim de fazer huma saude, que nos he estimavel, e que dezejamos propôr.

Veneravel. Meus Irmãos em todos os vossos gráos e qualidades (enumera as que ha na Loja) carregai e alinhai as vossas armas para huma saude, que os amados Irmãos Orador, e Vigilantes vos querem propôr.

(Todas os Irmãos e até o Veneravel carregão os canhoens.)

Veneravel Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes estão os canhoens todos carregados e alinhados?

1.° Vigilante. Sim, Venerabilissimo.

2.° Vigilante. Sim, Venerabilissimo.

Veneravel. O Oriente se une aos vossos dezejos: qual he a saude que tendes a propôr?

Primeiro Vigilante. He a vossa, Venerabilissimo. Meus Irmãos sobre a minha columna, em todos os vossos gráos e qualidades (enumerará as que houver na Loja), a saude que o Irmão Orador, Segundo Vigilante, e eu, temos o gosto de vos propôr, he a do nosso Veneravel Mestre presente, e de tudo quanto tem a felicidade de lhe pertencer. He para tão estimavel saude que nos devemos reunir á fim de atirar estes cabonaços de polvora tinta com as distincções da illustre, franca, e real Maçoneria, e por tres vezes fazer bom fogo, grande fogo, e perfeito fogo.

2.° Vigilante. Meus Irmãos etc.

Orador. Meus Irmãos etc.

Depois que o Orador acaba de annunciar a saude, o primeiro Vigilante dá a vóz de commando na fórma acima explicada. Bebe toda a assembléa, (menos o Veneravel) fazendo os tres fogos, applaude e acclama. O

Veneneravel, que tem já o seu canhão carregado, agradece então a saude, faz o fogo, e applaude; e quando elle acaba o 1.° Vigilante diz:

A' mim meus Irmãos, cubramos estes agradecimentos.

Então toda a assembléa (excepto o Veneravel) repete os applausos, e conclue com as acclamaçoens.

SEXTA SAUDE DE OBRIGAÇÃO.

Como a sexta saude de obrigação he a dos Aprendizes novamente recebidos, será conveniente lembrar aqui huma formula de agradecimento que se lhes possa ensinar.

Feita e applaudida pela Loja a saude dos Aprendizes, o mais antigo de entre elles pede a palavra na fórma do costume, e logo que se lha concede, diz:

Veneravel Mestre que ornais tão bem o Oriente, Irmãos Primeiro e Segundo Vigilantes, e vós meus Irmãos, tanto do lado do Meio-dia, como do lado do Norte, em todos os vossos gráos e qualidades (aqui especifica as que houver na Loja.) Meus Irmãos, ninguem he mais sensivel, que os Irmãos Aprendizes meus companheiros, e eu, que tenho a felicidade de estar encorporado com elles, ás provas de estimação e amizade, que vós

saude. E para vos testemunhar o nosso vivo reconhecimento, vamos, em acto de agradecimento, atirar este canhonaço de polvora vermelha á vossa gloria, e pelos numeros conhecidos dos felizes mortaes discipulos da verdadeira luz.

Estas palavras devem ser repetidas por mais dous Aprendizes, hum depois de outro, e tendo os tres acabado, todos os deste gráo fazem o fogo juntos, observando as mesmas formalidades acima ditas.

A Ordem requer que sejão sempre tres os que proponhão, e tres os que agradeção alguma saude; e por isso quando ha hum só Irmão daquelle gráo ou qualidade, a quem se quer fazer a saude, une-se esta com a saude de algum gráo superior: porém se forem dois já se póde fazer: porque o Orador he obrigado a suprir o terceiro lugar. Esta regra he geral, e só tem excepção na saude dos Principes e do Veneravel.

FORMULA DE AGRADECIMENTO DE QUE PODE UZAR QUALQUER IRMÃO PRESENTE, A QUEM A LOJA FAZ HUMA SAUDE.

Venerabilissimo Mestre, Irmãos Primeiro e Segundo Vigilantes, Irmão Orador, e mais Irmãos Dignitarios, Venerabilissimo Grande Mestre, Cavalleiros Roza-Cruzes, que tão bem decoraes o Oriente, Irmãos Vizitantes, Mestres de todos os gráos, e qualidades, Companheiros, e Aprendizes, tanto do lado do Meio-dia como do lado do Norte. (Aqui se omittirão aquellas dignidades e qualidades que não houver na Loja.) Ninguem será mais sensivel do que eu aos signaes de estimação e amizade, que vos dignasteis mostrar-me fazendo fogo á minha saude; e para testemunhar o meu vivo reconhecimento, vou atirar este canhonaço com polvora vermelha fazendo bom fogo, grande fogo e perfeito fogo.

CONCLUSÃO DO BANQUETE.

Acabadas todas as saudes de obrigação, e saudes particulares, e havendo-se cantado alguns dos canticos, feitos em louvor da Ordem, o Veneravel propoem a ultima saude para fechar a Loja nesta fórma.

Veneravel. Irmãos Primeiro e Segundo Vigilantes, fazei carregar e alinhar as armas para a ultima saude de obrigação da Ordem.

1.° Vigilante. Meus Irmãos etc.

2.° Vigilante. Meus Irmãos etc.

Logo que a assembléa tem obedecido, os Vigilantes o participão nesta fórma.

2.° Vigilante. Veneravel as armas estão carregadas e alinhadas da parte do Norte.

1.° Vigilante. Veneravel as armas estão carregadas e alinhadas da parte do Meio-dia.

O Veneravel bate, levanta-se, e toda a assembléa se poem de pé: cruzão-se os braços, e se dão reciprocamente a mão direi-

ta, com a esquerda, formando huma cadêa de todos os Irmãos, sem exceptuar os Irmãos serventes, em memoria da igualdade Maçonica.

Neste estado o Veneravel entôa o Cantico do encerramento, á que respondem em *Chorus*; e chegando ao versiculo da saude, os Irmãos todos fazem fogo, com as formalidades do costume, á saude de todos os Maçons, espalhados sobre a superficie da terra: acabado o fogo, e cruzados outra vez os braços continúa o cantico, e elle findo, o Veneravel fecha a Loja com as tres perguntas seguintes.

Veneravel. Irmãos Primeiro e Segundo Vigilantes, estão os Irmãos em Ordem?

R. Elles estão, Venerabilissimo.

Veneravel. Que horas são?

R. Meia noite.

Veneravel. Que idade tendes vós?

R. Tres annos.

Veneravel. Em virtude da hora e da idade, adverti á todos os nossos amados Irmãos, tanto, do lado do Meio-dia, como do lado do Norte, que a Loja de Aprendiz Maçon, e a de instrucção de meza, estão fechadas, e que nós

vamos terminar os nossos trabalhos na forma do costume.

1.° Vigilante. Meus Irmãos &c.

2.° Vigilante. Meus Irmãos &c.

1.° Vigilante. Está annunciado.

2.° Vigilante. Está annunciado.

Veneravel. A mim meus Irmãos.

Faz-se o signal, batem-se os applausos, e gritão-se as acclamações, e se annuncia a Loja fechada.

HYMNO

Composto por M. J. da Silva e Alvarenga, *Orador da Loja* Reunião, *e cantado em hum dos seus Banquetes.*

He feliz quem pranto enchuga,
Que de magoa vio correr;
Quanto he grato, quanto he doce,
Quanto he justo este prazer!
Quem domou cruel fortuna
Tem mais gloria no vencer;
São divinos seus esforços,
Mais que humano o seu prazer.
Quanto he grato, quanto he doce
Quanto he justo este prazer!
Consolar a hum desgraçado
No seu triste padecer,
He honrando a humanidade
Conseguir hum novo ser.
Quanto he grato, quanto he doce.
Quanto he justo este prazer!
Brandos olhos, que agradecem
Fazem a alma estremecer;
Oh que nobres sentimentos
N'hum e n'outro vão nascer!
Quanto he grato, quanto he doce,
Quanto he justo este prazer!
Misantropo endurecido,
Que só sabe aborrecer,
Não provou celeste Nectar
Que a virtude faz beber.
Quanto he grato, quanto he doce,

HYMNO

De mesmo Autor.

Quer no monte quer no prado,
Cresce a herva, arbusto, e flor;
Cresça em nós por toda a parte
União, e paz, e amor.
Natural ou peregrino,
Derrotado ou vencedor,
Todos une hum laço estreito
De amisade superior.
Cresça em nós por toda a parte
União, e paz, e amor.
Longe miseros profanos
Se atropellem com furor,
Que não podem ver seus olhos
Desusado resplendor.
Cresça em nós por toda a parte
União, e paz, e amor.

NA TYP. DOS IIRM.os SEIGNOT-PLANCHER E C.a,
Rua d'Ouvidor, N. 95.
1833.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS,

OU

Catecismo e Regulamento Geral do Grão de Companheiro,

SEGUNDO GRÃO DA MAÇONERIA AZUL;

ORGANISADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃO E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), E ADOPTADOS AOS TRABALHOS

DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

PELO SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †.·.

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IIRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª

Instrucções Maçonicas.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS,

OU

Catbecismo e Regulamento Geral do Grão de Companheiro,

SEGUNDO GRÁO DA MAÇONERIA AZUL;

ORGANISADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃO E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), E ADOPTADOS AOS TRABALHOS

DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

PELO SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †.·.

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IIRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª
rua d'Ouvidor, N. 95.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS.

ABERTURA DA LOJA.

Como o gráo de Companheiro não he se não huma disposicão para receber o gráo de *Mestre*, tem esta Loja mui pouca differença da Loja de Aprendiz; e os Officiaes Dignitarios são justamente os mesmos com semelhantes titulos, e tratamentos.

As insignas proprias deste grão são as mesmas que as de Aprendiz, com a differença que o avental deve ter huma orla, ou debrum bordado, pintado, ou de qualquer maneira feita; mas sempre feito de côr azul: a abeta cahida para baixo, e hum dos angulos inferiores suspendido.

A decoração da salla deve ser a da Loja de Aprendiz, com a differença que o throno pode ser decorado com ouro; mas ainda que o seja, todo o mais ornato será azul.

A sanefa do docel deve ser muito larga, e recortada; e debaixo do docel na parte mais inferior do espaldar, a letra G, dentro em hum triangulo, cercado de raios brilhantes e luzidos como hum resplendor illuminado. As luzes que chamão do gráo, são seis, e devem estar, ou sobre o altar do Veneravel, ou dispostas com a mesma ordem, mas em grandes castiçaes, e em maiores distancias no pavimento da assembléa, entre as duas alas de membros da Loja. O pavimento será coberto com alguma alcatifa enxadressada, ou de varios embutidos; e defronte das columnas haverá de huma parte hum cubo, ou piramide de pedra; e da outra parte huma grande pedra tosca sem algum lavor. Haverá mais preparado para a cerimonia da recepção huma pedra de riscar em lugar conveniente á decoração da sala.

A abertura da Loja he a seguinte:

Estando tudo disposto para dar este gráo, o Veneravel bate as pancadas de Companheiro, os Vigilantes lhe respondem do mesmo modo, e o Veneravel diz:

Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes convidai a todos os nossos amados irmãos, tanto do lado do meio dia, como do lado do Norte, em todos os seus gráos e qualidades, para que nos ajudem á abrir a Loja de Companheiro Maçon.

1.° Vigilante.—Venerabilissimo G. Mestre, Respeitaveis Cavalleiros Roza-Cruzes, que tão dignamente ornaes o Oriente. Irmãos Visitantes, Mestres, e todos os mais irmãos em todos os seus gráos e qualidades, que formaes a minha columna do lado do meio dia (aqui omitta os gráos e qualidades que não houver na Loja;) eu vos convido de parte do nosso Veneravel para que nos ajudeis á abrir a Loja de Companheiro Maçon.

2.° Vigilante.—Meus Irmãos etc. (e continua logo) Venerabilissimo está annunciado.

O Veneravel pergunta. Irmão 1.° Vigilante; donde vindes vós?

R. Venho de trabalhar no Temp.·. em qualidade de Companheiro.

P. Que vindes fazer aqui?

R. Receber as vossas ordens, e aproveitar-me das vossas luzes.

P. Que deveis observar na qualidade de Companheiro ?

R. Se todos os Irmãos estão em ordem. (O Vigilante observa, e informa o Veneravel se estão ou não em ordem).

P. Para que nos ajuntamos nós ?

R. Para nos instruir na Arte Real, entregando-nos ao estudo das Sciencias, que ella exige.

P. Que horas são ?

R. Meio dia.

P. Que idade tendes vós ?

R. Tres annos.

Veneravel. Em virtude da hora, e da idade, advertì á todos os nossos Irmãos que a Loja de Companheiro está aberta, e nós vamos começar os nossos trabalhos na forma do costume.

1.° Vigilante. — Meus Irmãos etc.

2.° Vigilante. — Meus Irmãos etc. (e conclue) Venerabilissimo está annunciado.

1.° Vigilante. — Venerabilissimo está annunciado.

Então o Veneravel com toda a assembléa faz o signal de Companheiro, bate os aplau-

zos, e aclamações do grão, e annuncia a *Loja* aberta.

Havendo Aspirantes segue-se immediatamente as recepções; e se as não ha passa-se logo ao Cathecismo.

RECEPÇÃO.

Aqui somente se faz menção de algumas circunstancias essenciaes na collação do gráo de Companheiro, e que merecem particular lembrança; por que das outras estarão bem instruidos todos os Maçõe, que passárão por este gráo.

O Aspirante será preparado na Camara do horror pelos Expertos; estará com os cabellos soltos, huma varinha na mão direita, que descança no hombro; e com a mão esquerda tapará o olho esquerdo.

Precederáõ ao Aspirante tres companheiros, hum com a grande esquadria, outro com o grande nivel; outro com o prumo; mas logo que entrarem na Loja com o Aspirante, entregaráõ as tres joias á tres Mestres, que estaráõ promptos para as receber, e que durante todo o ceremonial, conduziráõ a diante do Aspirante.

O Mestre de Cerimonias, ou o proponente do Aspirante o acompanha ao lado esquerdo para lhe sugerir as respostas, que deve dar: e os Experios o seguirão logo atras para o fazer executar o que o Veneravel ordenar.

Quanto ao mais que ha á fazer, os Veneraveis não podem ter melhor guia para se regularem, no breve ceremonial que se pratica neste gráo, do que o mesmo cathecismo: o qual lido com reflexão, tira todas as duvidas, que poderáõ occorrer nesta materia.

CATHECISMO DE COMPANHEIRO

Pergunta. Meu Irmão, que motivo vos trouxe á este lugar?

Resposta. Venerabilissimo, venho á assembléa dos Companheiros para receber as vossas ordens, e aproveitar-me das vossas luzes.

P. Como chegastes á este gráo?

R. Pelo zelo, trabalho, e prudencia.

P. Que vos ensinárão quando vos receberão Companheiro?

R. A significação da letra G.

P. Que significa esta letra?

R. Geometria: a quinta Sciencia em ordem, e a mais util á hum Mação.

P. Aonde fostes recebido Companheiro?

R. Em huma Loja perfeita.

P. Quem são os Maçõcs que compõe a Loja perfeita?

R. Sois, designados pelas sete luzes; e são hum Veneravel Mestre, dois Vigilantes, dois Mestres, e hum Companheiro.

P. Como vos receberão?

R. Fazendo-me subir os sete degrãos do Templo.

P. Que vos derão depois de vos terem recebido!

R. Hum signal, hum toque, e hunna palavra.

P. Dai-me o signal?

R. (Responde-se fazendo o signal).

P. Como chamaes a este signal?

R. Peitoral.

P. Que significa?

R. Que eu guardo os segredos dos Framações no coração, e que preferiria, que me arrancassem o peito antes, do que revelar estes segredos aos profanos.

P. Dai o toque ao irmão segundo Vigilante?

(Obedece-se; e se está conforme, o segundo Vigilante responde ao Veneravel). Está justo, Venerabilissimo.

P. Dai-me a palavra sagrada.

R. (Repete-se como se aprendeo).

P. Que significa esta palavra?

R. Que a força está em Deos, he este o nome da columna que estava ao meio dia, junto a porta do Templo, e aonde se ajuntavão os Companheiros ∴.

P. Tendes vós trabalhado depois que sois Companheiro?

R. Sim, Venerabilissimo; trabalhei no Templo de Salamão.

P. Por qual porta entrastes vós no Templo?

R. Pela porta do Occidente.

P. Que observasteis vós junto a essa porta?

R. Duas grandes columnas.

P. De que materia crão feitas?

R. De bronze.

P. Que altura tinhão?

R. Desoito covados.

P. Qual era a circumferencia destas columnas?

R. Doze covados.

P. Que grossura tinha o bronze?

R. Quatro dedos.

P. Que ornato tinhão as columnas?

R. Capiteis.

P. Que sustinhão essas columnas?

R. Dois globos de figura esferica, cheios de grãos de romãs.

P. Quantos havia?

R. Cem, e mais.

P. Porque dizeis vós cem e mais?

R. Para designar que os bons Mações devem ser innumeraveis.

P. Que uso tinha o interior destas columnas?

R. Nellas se encerravão os instrumentos da Geometria, e o thesouro para pagar aos trabalhadores.

P. A quem era dedicada a Loja onde fostes recebido?

R. A' S. João Baptista.

P. Porque?

R. Porque no tempo das guerras da Palestina, os Cavalleiros que erão Mações, se reunirão aos Cavalheiros de S. João de Jerusalem para combaterem os infieis: e como esses outros Cavalleiros tinhão por patrono a S. João, e se havião submettido á sua proteeção, á elle derão as graças, quan-

do voltarão da guerra; e convierão com os Nações qqe dali em diante, todas as Lojas se intitullassem assim.

P. Em que parte está situada a vossa Loja?

R. Ao Oriente no valle de Josaphet, em lugar aonde reina a verdade, a paz, e a união.

P. Que figura tem?

R. Hum quadrado oblongo.

P. Que comprimento tem?

R. Do Oriente ao Occidente.

P. Qual he a sua largura?

R. Do meio dia ao Septentrião.

P. Sua altura?

R. Innumeraveis covados.

P. Sua profundidade?

R. Desde a superficie da terra, até ao centro.

P. De que está coberta?

R. De hum docel celeste, ornado de estrellas.

P. Que he que sustenta tão vasto edificio?

R. Dois grandes pilares.

P. Como se chamão?

R. Sabedoria, e força.

P. Explicai-me este emblema?

R. Sabedoria para inventar, força para sustentar.

P. Tendes vós ornamentos na vossa Loja?

R. Sim Venerabilissimo; em numero de tres; que são o pavimento mozaico, a çaneſa recortada, e a estrella flamigera.

P. Que representão esses ornatos?

R. O pavimento mozaico, representa a solleira e liminar do grande portico do Templo: a çaneſa recortada, os ornamentos exteriores; e a estrella flamigera, o centro donde parte a verdadeira luz.

P. Encerrão estes ornatos alguma moralidade?

R. Sim, Venerabilissimo, o pavimento mozaico, formado de differentes pedras, unidas por argamassa, designa a uniſo intima que reina entre os Mações ligados pela virtude; a çaneſa recortada, he o emblema do ornato exterior de huma Loja, que vem á ser a regularidade do comportamento dos Irmãos, que a compõe; a estrella flamigera, he o symbolo do Sol do Universo.

P. Tendes vós na vossa Loja alguma joia?

R. Sim, Venerabilissimo; seis em numero; tres das quaes são moveis, e tres immoveis.

P. Quaes são as tres moveis?

R. A esquadria, o nivel, e o prumo.

P. Porque as chamaes moveis?

R. Porque passão de hum irmão á outro.

P. Que uso tem?

R. A esquadria serve para formar quadrados perfeitos; o nivel para igualar as superficies; e o prumo para elevar edificios direitos sobre as suas bases.

P. Quaes são as tres joias immoveis?

R. A pedra bruta; a pedra cubica, ou de amolar; e a pedra de riscar dos Mestres, para desenhar nella as obras que pertendem executar.

P. Estas designão tambem significações symbolicas?

R. Sim, Venerabilissimo: a esquadria nos annuncia que todas as nossas acções devem ser reguladas segundo a equidade; o nivel, que todos os homens são iguaes, e que entre elles deve reinar huma perfeita união de Irmãos: o prumo designa a rectidão das inten-

ções da nossa ordem, e a sua estabilidade, por ser elevada sobre a virtude. A pedra bruta aonde trabalhão os Aprendizes, he o emblema da nossa alma susceptivel de boas, ou más impressões; a pedra cubica que serve aos Companheiros para amolar a sua ferramenta, nos traz á memoria que só vigiando constantemente sobre nós mesmos, nos podemos livrar dos vicios; a pedra de riscar dos Mestres, he o bom exemplo, que nos facilita a pratica das mais eminentes virtudes.

P. Quantas qualidades ha de Mações, ou Pedreiros?

R. Duas. Mações, ou Pedreiros de theoria, e Pedreiros de prática.

P. Quaes são os Mações de theoria?

R. São os da nossa ordem, que elevão Templos á virtude, e cavão masmorras aos vicios.

P. Quaes são os Mações, ou Pedreiros de pratica?

R. São os Pedreiros obreiros, ou trabalhadores, que construem os edificios materiaes.

P. De que serve a Maçonaria theorica?

R. Serve de apurar os nossos costumes, e fazer-nos uteis ao Estado, e a humanidade, por meio dos principios, e moral sublime, que a Maçonaria contém.

P. Quaes são as leis da Maçonaria?

R. Punir o crime, e honrar a virtude.

P. Que deve evitar hum Maçon?

R. A inveja, a calumnia, e a intemperança.

P. Que deve observar?

R. O silencio, a prudencia, e a charidade.

P. Podeis vós dizer-me quantos pontos tem a Maçonaria?

R. São innumeraveis; mas reduzem-se á quatro principaes, á saber; o gutural, o peitoral, que nos lembra a nossa obrigação, que se explica quando se fazem: o manual, que serve para dar o toque no reconhecimento; e o pedestre, que nos mostra que todo o bom Maçon deve marchar pelo caminho da equidade, cujo symbolo he a esquadria.

P. Como viajão os Companheiros?

R. Do Occidente ao meio dia e ao Norte, e do Norte ao Oriente.

P. Que significa esta marcha?

R. Que hum Maçon deve voar ao soccorro dos seus Irmãos, ainda que elles estejão nas extremidades da terra.

P. Qual he o lugar dos Companheiros na Loja?

R. O meio dia para receber as ordens dos Mestres.

P. Onde são elles pagos?

R. Na columna B.

P. Qual he a palavra do passo dos Companheiros?

R. (Repete-se a palavra).

P. Que quer dizer esta palavra?

R. Em Hebreu significa espiga, e foi a palavra da senha do acampamento de Jephté, General dos Israelitas, quando a tribu de Ephraim se revoltou. Jephté apoderou-se das margens do Jordão por onde os Israelitas havião de passar; e todos os que voltárão, e não poderão pronunciar esta palavra, forão passados á espada, e precipitados ao Rio.

P. Vistes vós hoje vosso Mestre?

R. Sim Venerabilissimo.

P. Como estava elle vestido?

R. De oiro, e azul.

P. Que significão estas duas palavras?

R. Que hum Maçon deve conservar ainda a sabedoria no centro das grandezas, de que possa ser revestido.

P. Que idade tendes vós?

R. Cinco annos.

P. Que horas são?

R. Meia noite.

OBSERVAÇÕES.

A maldade de alguns profanos que forjão cathecismos apocriphos; e a ignorancia de alguns Mações, que se intrometterão a emendar os verdadeiros, sem entender o sentido das palavras, que emendão, são as duas causas que produzirão a multiplicidade de papeis, que correm com o nome de Cathecismos dos Fraimações, não só manuscriptos, más impressos: e para que o bom Mação conheça quão necessaria seja a sua boa reputação na Ordem; desacreditar semelhantes papeis, e procurar extinguil-os, se notarão aqui alguns dos seus erros.

Na explicação da letra G. emendárão muitos Veneraveis o cathecismo por não conferir esta, com a explicação, que da mesma letra se dá em outros gráos: o que não farião se reflectissem, que no mesmo grão de Mestre se dão dous duas explicações diffe-

rentes, huma consecutiva a outra, o que não pode ser engano; mas sim de pensado.

Na resposta, que se dá, a pergunta do que he Loja perfeita, tambem muitos cathecismos fazem alteração, para a assemelharem á outra que se dá no primeiro gráo; por não advertirem que a perfeição, que faz o objecto da pergunta, he relativa ao gráo, e por consequencia a resposta deve ser differente nos differentes gráos.

Não he menos claro o absurdo daquelles cathecismos, que á pergunta sobre as pessoas, que compõe a Loja perfeita, enumerão o Aprendiz; podia perguntar-se á estes emendadores, onde virão elles nunca hum Aprendiz em Loja de Companheiro, ou Mestre.

Muitos cathecismos trazem tambem a explicação da palavra sagrada de Aprendiz, que a força está em Deos, e da palavra de companheiro, que a sabedoria está em Deos, ou na perseverança do bem: estas explicações, são contrarias as leis da Maçoneria; e he claro, que a razão procura inventar, e a força sustentar; e seria impraticavel querer alguma cousa antes da sua existencia: além de

que todos os melhores interpretes convém, que a columna J. significa sabedoria, e a columna B. diz força.

A pergunta de Companheiro — porque porta entrasteis no Templo — se dá neste cathecismo a resposta — pela porta do Occidente. —

Muitos tem alterado esta resposta, com o fundamento de que no Templo de Salomão nunca ouve porta ao Occidente. Esta razão he verdadeira, mas não a consequencia; porque a porta de que aqui se trata não he a do Templo de Salomão, o qual na verdade nunca teve porta ao Occidente; mas esta he huma das perguntas introduzidas em obzequio da Religião Christã depois do seu estabelecimento pelos primeiros Mações Christãos, e se refere ás portas das Igrejas ou Templos dos Christãos, que primitivamente, e ainda hoje em muitas partes, tem á porta principal ao Occidente: e como no principio do Christianismo não se admittia a o Templo hum novo Christão se não depois de provado e experimentado na bondade de costumes, esta resposta aqui vem a ser emble-

matica, e exprime a pureza de costumes, que naquelle tempo se suppunha em todo o que era Christão, e ja admittido ao Templo: assim que o mesmo era dizer, sou Christão admittido ao Templo, que dizer, sou homem virtuoso. Se os Mações, que se atrevérão á emendar estas passagens, tivessem tido o trabalho de profundar as historias, e tradições maçonicas, não alterarião cousas, que fazem tanta honra á Ordem; mas o bom senso os devia obrigar, ao menos á contentar-se com o que achavão escripto.

Tambem emendárão muitos a circumferencia de doze covados, que se diz terem as duas columnas do Templo; por que havendo-se dito que a altura he de desoito covados, vem huma semelhante columna a ser contra todas as regras da Architectura.

Mas quem deseja só emendar não repara, que seria este hum erro, se fosse tão grosseiro, que nenhum Mação cahiria nelle se o não fizesse de proposito: e está tão longe de ser engano que esta disproporção á favor da grossura, he hum symbolo da fortaleza das obras de Deos, o que á sua se-

bedoria e poder, são acima de toda a comprehenção, e regras de ordem que os homens possão estabelecer.

Muitos outros exemplos podérão aqui ser notados, para mostrar quanta razão ha para conservar sem alteração os antigos cathecismos, que são conformes aos Estatutos da Ordem, mas contentem-se os Companheiros Mações, com saber que as perguntas, e respostas do cathecismo, são emblematicas, e que a verdadeira explicação de muitas dellas, prohibem os Estatutos da Ordem que se manifestem neste gráo.

ENCERRAMENTO DA LOJA.

Quando o Veneravel propõe á Loja, a leitura do Cathecismo, pode tambem ajuntar á esta moção a outra, de que acabado ella, se sigão immediatamente as perguntas para fechar a Loja; mas se não tiver unido estas duas moções, impetrará o consentimento da Loja para a fechar, e depois dirá:

P. Irmão 1.° Vigilante até que horas se trabalha na Loja?

R. Até a meia noite.

P. Que horas são?

R. Meia noite.

P. Que idade tendes vós?

R. Cinco annos.

O *Ven.* Em virtude da hora, e da idade, advertí á todos os nossos amados irmãos, em todos os seus gráos, e qualidades, tanto da parte do meio dia, como da parte do Norte que nós vamos fechar a Loja, e aca-

bar os nossos trabalhos na forma do costume.

1.° *Vig.* Meus irmãos da parte do meio dia etc.

2.° *Vig.* Meus irmãos da parte do Norte etc. (Conclue).

Está annunciado.

1.° *Vig.* Diz o mesmo.

Ven. A mim meus irmãos.

O Veneravel e toda a Assembléa faz o signal do gráo de Companheiro, e bate os applausos, e aclamaçõcs do gráo.

Depois declara a Loja fechada, e os Vigilantes repetem o mesmo.

DISCURSO DO ORADOR A' HUM ARTISTA.

Meu charo Irmão, trez palavras, que desde a existencia da Ordem não tem formado o acaso, mas sim huma justa combinação, para exprimir o sentimento, que nos anima, são hoje o titulo legitimo, com que a Sociedade vos honra, e recompença a submissão e constancia, que tendes mostrado. Vós já sois nosso. Nós já vos amamos por extremo. Temos-vos já, como hum nosso Irmão, e amigo. Esforçai-vos de provar todas as vantagens, que resultão do vinculo, que vindes contrahir, e cuja graça, e doçura sempre dependerão do vosso procedimento, e das vossas boas qualidades. Antes da vossa iniciação, logo se vos previnio, que a Maçonaria não requeria, nem propunha nada, que fosse contrario á religião de cada hum, á fidelidade que este deve ter ao Governo, e aos bons costumes. Os termos da obrigação, que fi-

zestes, vos devem convencer desta verdade. Mas tambem nunca esqueçais, meu Irmão, que este nó he indissoluvel, que só a morte póde romper; e que a Ordem vos prescreve huma fidelidade inviolavel, e huma apurada discrição. Vós sois nosso, quer dizer: que depois de haver comprido as obrigações do estado, em que a Providencia vos poz, o primeiro dever do bom Pedreiro-Livre he ser todo inteiro da Sociedade, de que he membro; que os vossos trabalhos lhe pertencem, e desde este momento fazem parte do fundo publico, e commum, sobre que assenta o feliz successo de seus trabalhos; e que sereis só amado á proporção dos esforços, que fizerdes para os prosperar. As Obras, em que ella vos occupa, não são difficultosas. Os simbolos do Templo de *Salomão*, á cujo Templo se vai buscar a origem da ordem, são imagem do Templo da virtude, que pertendemos levantar em nossos corações. Nós em o vosso esperamos achar materiaes proprios para construir este sublime Edificio, cuja base he a honestidade, e o amor do bem, e cujas principaes columnas são a caridade, e a amisade.

Vós tendes adquerido hum direito incontestavel á estes dois sentimentos, que nunca deixaremos de praticar. Esta he a divisa essencial de Irmãos. Este nome precioso vos identifica, e enche todos os espaços, que nos separavão, e restabelece a igualdade, que he o primeiro voto da natureza. Nós vo-lo communicámos sem violencia, e sem pezar; porém tambem sem nos invilecer. Disto vos deveis lisongear, Irmão, mas sem ergulho, nem soberba. Quanto mais os homens superiores, se esquecerem da distancia, em que estão, mais lhes convem lembrar-se disto, se quizerem com effeito, que a soberba seja apagada. O motivo que vos trouxe aqui póde ser que seja o dezejo de vos ligar com homens, que dantes não conhecieis. Este dezejo he louvavel; e não vos tendes enganado, nem da protecção que podeis ter, nem dos soccorros, que podeis esperar, nem da brandura que comvosco se tem usado, se da vossa parte, fiel ao caracter, que mostrais, e que em geral he o da honestidade e bons costumes, vos não apartardes nunca das nossas regras e preceitos. Hum vão dezejo de curio-

sidade nos tem muitas vezes guiado á varias seções. A esperança de encontrar cousas sobrenaturaes, ou maravilhosas, he o aguilhão de hum espirito fraco e inconsequente; porém o gosar as vantagens preciosas, que seguem a pratica da virtude, o exercicio constante dos direitos do homem, e a segurança dos seus privilegios, tudo isto he na realidade hum thesouro do sabio, e de huma alma sincera, e recta, e o mais por onde chegais á ter nosso Irmão, cujas vantagens nós vos promettemos. A caridade hé o nosso premio; mas devemos sempre dirigir o zelo d'ella, distinguindo judiciosamente as necessidades, de que só a fortuna he culpada, daquellas, que produzem a occiosidade, a indolencia, e a falta de procedimento. A nossa bolça está aberta para os primeiros; e o nosso coração se mostra surdo aos gritos indecentes dos segundos; porque hum acto virtuoso nunca póde authorisar hum vicio, ou recompensa-lo. Admittido aos nossos trabalhos, Irmão, vós hireis gostando da nobre gravidade da moral, que nos occupa, da explicação dos nossos signaes, das nossas palavras,

das nossas figuras, e das ceremonias mesmas da vossa recepção. Por toda a parte não vereis, senão a virtude; o seu Templo, e o culto que lhes damos. Admittido aos nossos prazeres, aos nossos divertimentos, aos nossos banquetes, vós a vereis presidir á estas pequenas festas, onde a moderação, a temperança, e a honestidade prohibem os excessos, que invilecem o homem, degradão a razão, e fazem envergonhar a decencia, sem com tudo recusar nada ás necessidades da natureza, e ás cousas, que lisongeão o gosto. Aquelle, que nós chamamos profano, é que não he Pedreiro Livre, póde embora seguir a torrente impetuosa das suas paixões, porque não tem o mesmo freio, e embaraços, que nós temos; e assim he que a nossa Sociedade dá tacitamente ao publico lições uteis, que não tem o ar de pedanteria, e que só consistem no merecimento do bom exemplo. A' respeito dos nossos costumes, e usos, nós somos discretos; mas o procedimento exterior dos Pedreiros-Livres deve sempre descobrir os seus principios. Esta he huma especie de amor proprio, que lhe he permit-

nido. Em quanto ao regimen essencial da Ordem bem depressa o conhecereis, meu charo Irmão. Elle todo consiste em huma inteira subordinação aos chefes da Ordem, e áquelles, que em gráos superiores se estabelecem entre nós como juizes, por premio de seus trabalhos, e assiduidade. Precisa tambem haver huma apurada discripção. Esta he que eu muito vos recommendo, meu Irmão. Por esta he, que a Ordem tem durado desde os seculos antigos, até ao seculo presente. Dizer aos profanos os nossos segredos, revelar-lhes os nossos ritos, seria não faze-los melhores, mas expo-los á serem profanados. Contentes com os bens, que nos tem adquirido, só esperamos sobre tudo examinar, se alguem da Ordem se faz digno. Nós esperamos, meu Irmão, não nos termos enganado com vosco; e esta boa opinião será sem duvida para vós, e para todos mais hum efficaz motivo para se continuar á merece-la.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS

OU

Catecismo e Regulamento Geral do Grão de Mestre,

TERCEIRO GRÃO DA MAÇONERIA AZUL

ORGANISADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃ E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), ADOPTADOS AOS TRABALHOS

DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

PELO SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IIRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C
rua d'Ouvidor, N. 95.

Instrucções Maçonicas.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS,

OU

Catbecismo e Regulamento Geral do Grão de Mestre,

TERCEIRO GRÃO DA MAÇONERIA AZUL;

ORGANISADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃO E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), E ADOPTADOS AOS TRABALHOS

DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

PELO SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †.·.

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IIRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª
rua d'Ouvidor, N. 95.

1833.

INSTRUCÇÕES MAÇÓNICAS.

ABERTURA DA LOJA.

Os Officiaes Dignatarios, são os mesmos que nas Lojas precedentes, com a differença sómente dos tratamentos; porque nesta Loja de Mestre todos os membro se chamão Veneraveis; e o Mestre Respeitavel.

As insignias de Mestre vem á ser: as luvas de pele bránca, e o avental do mesmo; porém orlado cóm debrum, ou bordado azul: no meio da abeta, terá o compasso entrelassado na esquadria, servindo-lhe de ornato os ramos de acacia; na abeta hum olho cercado de resplandor, e mettido em hum triangulo equilátero.

A decoração da Salla he de preto, na cadeira, docel, throno, altar e paredes; o mais he azul, nos gráos precedentes. Haverá na Loja hum tumulo para a cerimo-

nia da recepção, o qual deve tambem ser orlado de preto com tudo, que lhe diz respeito. Quanto ao mais de que na Loja se necessita do mesmo cathecismo se deduz.

A abertura da Loja, he a seguinte. O Respeitavel, subindo ao throno bate as pancadas de Mestre, e os Vigilantes lhe respondem com o mesmo, e todos os membros devem logo tomar os seu lugares; e o Respeitavel, começa as proguntas da abertura da Loja nestes termos.

Respeitavel. Veneraveis Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes, convidai a todos os nossos Veneraveis Mestres para nos ajudaram á abrir a respeitavel Loja de Mestre.

Primeiro Vigilante. Veneraveis Mestres do lado do Meio dia, eu vos convido da parte do Respeitavel para que nos ajudeis a abrir a respeitavel Loja de Mestre.

Segundo Vigilante. Veneraveis Mestres do lado do Norte etc.

A

Pergunta: Veneraveis Vigilantes estão todos os Irmãos em ordem?

R. Sim, Respeitabillissimo.

P. Irmão 1.º Vigilante, para que nos ajuntamos aqui?

R. Para recuperar a palavra de Mestre, que está perdida.

Respeitavel. Se assim he, meus Irmãos, hide ao Norte e ao meio dia reconhecer todos os Mestres, que encontrareis; sem duvida pelas suas luzes recuperareis a palavra: depois vireis ao Oriente para ma dar.

Os Vigilantes cada hum pela sua columna recebem de cada Irmão o toque de Mestre, e a palavra sagrada, na fórma que a ordem exige, e dão depois ao irmão o osculo de paz. Assim continuão até o Respeitavel: á quem dão palavra com as mesmas formalidades, e depois voltão aos seus lugares; e o Respeitavel Pergunta.

P. Veneravel 1.º Vigilante agora que achamos a palavra, que nos resta fazer?

R. Traçar os planos que devem servir de exemplo aos Companheiros.

P. Com que faremos esse trabalho?

R. Com o giz, huma terrina e carvão.

P. Que significão estas tres couzas?

R. Zelo, fervor, e constancia.

P. Que idade tendes vós?

R. Sete annos.

P. Que horas são?

R. Meio dia em ponto.

Resp.:. Em virtude da hora, e da idade, adverti á todos os nossos amados Irmãos, que a respeitavel Loja do Mestre está aberta, e que nós vamos começar os nossos trabalhos na forma do costume.

1.° *Vigilante.* Veneraveis Mestres, eu vos advirto da parte do nosso Respeitavel, que a respeitavel Loja do Mestre está aberta, e que nós vamos começar os nossos trabalhos na fórma do costume.

2.° *Vigilante* Veneraveis Mestres etc.

Havendo os Vigilantes participado ao Respeitavel de que está annuciado, o Repeitavel, e toda a assembléa faz o signal, e aclamações dos Mestres, e se annuncia a Loja aberta. Logo se passa ás recepções, e, não havendo, ao cathecismo.

OBSERVAÇÕES SOBRE A REGULARIDADE DESTA LOJA.

Logo que a Loja de Mestre está aberta, ou para melhor dizer, quando se vai abrir, e que o Respeitavel manda aos Vigilantes buscar a palavra, devem todos os membros voltarem-se para o Oriente, até o mesmo Respeitavel, o qual ficará com as costas para a Assembléa, e o rosto para o espaldar do docel; e a proporção que os Vigilantes forem recebendo a palavra, os que a derem ficarão logo voltados para fóra, do modo ordinario. Esta precaução, sempre praticada em todas as Lojas regulares, faz impossivel que algum, que não tenha o gráo de Mestre possa intruduzir-se subreticiamente na Loja.

Depois que o Respeitavel annuncia a Loja aberta, o Experto aviza o Cubridor, de que a Loja aberta he a de Mestre, á fim de que

que elle examine neste gráo os irmãos, que pertendem ser admittidos á vizitar a Loja que está aberta; para poderem entrar com a marcha correspondente do gráo, he necessario que o mesmo Cubridor os advirta da Loja que está aberta; e o irmão dará ao Experto a devida palavra de passe ao tempo que entrão na porta da Loja.

O Experto antes de abrir a porta para entrar algum vizitante, deitará no chão a espada com a ponta voltada para o Oriente, e os copos para o Ocidente, a fim de que o irmão admittido possa formalizar sobre ella a sua marcha de Mestre, e venha nisto á dar o ultimo signal de o ser.

O irmão introduzido na Loja regulará sempre a marcha de maneira, que ao ultimo passo fique postado entre as columnas, para responder ás perguntas, que lhe fizer o Respeitavel, como se partica nos mais gráos.

CATHECISMO DE MESTRE.

P. Venerável irmão, donde vindes vós?

R. Respeitabilissimo, venho da camará do meio,

P. Que se faz na camara do meio?

R. Honra-se a memoria do nosso Respeitavel Mestre Adonhiram.

P. Como chegastes vós lá?

R. Por huma escada feita de fórma de parafuzo, a qual se sobe por tres, sinco, e sete.

P. Que significão estes numeros?

R. Que he precizo tres annos para fazer hum Aprendiz, cinco para hum Companheiro, e sete para hum Mestre.

P. Como vos receberão?

R. Como se recebem os Mestres da nossa Ordem, apresentando-me hum ramo de acacia.

P. Onde fostes vós recebido Mestre?

R. Em huma Loja perfeita.

P. Quem são os que compõem huma tal Loja?

R. Nove, designados pelas nove luzes: que são hum Respeitavel Mestre, dois Veneraveis Vigilantes, e seis Mestres.

P. Com que cerimonia fosteis vós recebido?

R. Passando da esquadria ao compasso, sobre o tumulo do nosso respeitavel Mestre Adonhirão.

P. Que vistes vós quando vos fizerão entrar na Loja de Mestre?

R. Não me foi permittido olhar, e não ouvi se não gemidos.

P. O que notastes vós na Loja, em que fostes recebido?

R. Huma grande luz, em que vi a letra G.

P. Que significa esta letra?

R. Grandeza, Gloria: e que todo o mortal deve conhecer o que vos he superior.

P. Que póde ser superior á mim que sou Mação livre, e Mestre de huma Loja tão bem composta?

R. Deos. Com esta letra o dezignamos;

porque ella he a innicial da palavra God, que em muitas linguas significa o Ente Supremo.

P. Que vos derão quando vos receberão Mestre?

R. O segredo dos Mações, e da Maçonaria.

P. Daí-me o ponto perfeito da vossa entrada?

R. Dai-me o primeiro, que eu vos darei o segundo.

P. Eu guardo.

R. Eu escondo.

P. Que escondeis vós?

R. Todos os segredos, que me forão confiados.

P. Onde os escondeis vós?

R. No coração.

P. Ha alguma chave para lá entrar?

R. Sim, Respeitabellissimo.

P. Onde a guardais vós?

R. Em hum cofre de coral, que só se abre, e fecha com chave de marfim.

P. De que metal he essa chave?

R. De nenhum; porque he huma lingoa

bem em anzencia, e assim como o dirá na presença daquelles de quem falla.

P. Vós fostes sem duvida Aprendiz, e Companheiro, antes de ser Mestre?

R. Sim, Respeitabilissimo: I.·. e B.·. me são conhecidos, assim como a regra de tres; e isto deixa á minha disposição a chave de todas as Lojas.

P. Que chave he essa?

R. O conhecimento de todos os signaes, toques, e palavras, dos tres gráos que me forão confiados.

P. Mostrai-mos?

(Fazem-se os signaes dos dois gráos, e depois se põem na ordem de Mestre dizendo:)

R. Eix-aqui, vós deveis conhecer isto que he distintivo, e que carecteriza os verdadeiros Maçõe.

P. Sim, meu irmão: e donde a tirastes?

R. Da minha esquadria, e a conservo como couza, que me he a mais precioza.

P. Porque vos he esta chave tão preciosa?

R. Porque ella me tem feito conhecer a verdadeira luz.

P. Porque a trazeis vós na vossa esquadria?

R. Quero dizer com isto que ella acompanha o meu coração, onde estão encerrados os segredos da nossa ordem; e que ella me traz á lembrança a attitude, em que se achou o corpo de Adonhiram, cujo braço esquerdo estava estendido, e o direito formava a esquadria, figurando o signal peitoral.

P. Que viestes vós fazer aqui?

R. Procurar a palavra de Mestre, que se havia perdido.

P. Como se perdeu a palavra de Mestre?

R. Por tres grandes pancadas.

P. Quaes são essas tres grandes pancadas?

R. São as que receben o nosso Respeitavel Mestre, quando foi assassinado á porta do Templo por tres malvados, que lhe quizerão arrancar, ou a vida, ou a palavra do Mestre.

P. Como se soube que forão companheiros, os que commetterão este crime?

R. Pela revista geral, que se fez de todos os trabalhadores, na qual faltarão tres companheiros.

P. Perdida a palavra, como se tornou a achar?

R. Os Mestres suspeitarão o assassino de Adonhiram; e temendo que á força de tormentos lhe tivessem arrancado a palavra de Mestre, convierão elles entre si que a primeira palavra, que se proferisse, quando o achassem, lhes serviria para o fucturo de senha. O mesmo se determinou á respeito do signal, e do toque.

P. Quantos Mestres se mandarão em procura de Adonhiram?

R. Nove, dezignados pelas nove luzes.

P. Onde se achou o corpo do nosso Respeitavel Mestre?

R. Em hum montão de ruinas de quazi nove pés cubicos, sobre que se tinha plantado hum ramo de acacia.

P. Para que servia esse ramo?

R. Para que os traidores pudessem reconhecer o lugar aonde havião ocultado o corpo do Adonhiram, que elles fazião tenção de trasladar para outro lugar mais remote.

P. Que foi feito do corpo do nosso Respeitavel Mestre?

R. Salomão o mandou sepultar no santuario do Templo, e inculpir sobre o tumulo huma medalha de ouro triangular, sobre a qual estava gravado o nome de Jehova, antiga palavra de Mestre, e que no Hebreu significa Ente Supremo.

P. Que figura tinha o tumulo?

R. Sete pés de comprido, cinco de largo, e tres de profundo.

P. Quaes são as notas distintivas dos Mestres?

R. Hum signal, hum toque, huma palavra', e os cinco pontos perfeitos da Mestrança.

P. Dai-me o signal.

(Responde-se fazendo-o.)

P. Como chamaes a este signal?

R. Signal de horror.

P. Porque?

R. Porque dezigna o horror, que os Mestres tiverão quando acharão o corpo de Adonhiram.

P. Dai o toque ao Irmão 2.° Vigilante?

(Obdesce-se na mesma forma que se disse no grão de companheiro.)

P. Dai-lhe a palavra sagrada.

(Dá-se na forma que a Ordem exige.)

P. Que significa esta palavra?

R. A carne se despega dos ossos.

P. Qual he a palavra do passe?

(Repete-se, e continúa:) sobrenome, que se deu ao nosso Respeitavel Mestre.

P. Quaes são os cinco pontos perfeitos da Mestrança?

R. O pedestre, a inflexão dos joelhos, a juncção das mãos direitas, o braço esquerdo sobre a espada, e o osculo da paz.

P. Dai-me dessas couzas a explicação, que sabeis?

R. O pedestre, que nós estamos sempre prontos para marchar em socorro dos nossos irmãos. 2.° A inflexão dos joelhos, que devemos sem cessar humilhar-nos diante de quem nos deu a existencia. 3.° A juncção das mãos direitas, que devemos assistir aos nossos irmãos nas suas necessidades. 4.° O braço sobre a espada, que devemos prestar aos nossos irmãos todos os concelhos, que dictar a nossa sabedoria. 5.° Em fim que o osculo de paz annuncia esta união, esta doçura, inalteraveis, que fazem a baze da nossa Ordem.

P. Sobre que está sustentada a Loja do Mestre ?

R. Sobre tres grandes pilares, chamados: Sabedoria : Força : e Belleza.

P. Quem lhes deu estes nomes ?

R. Salomão, Hiram Rei de Tyro, e Adonhiram Archicteto do Templo.

P. Porque se atribue á Solamão a sabedoria ?

R. Porque diz a Escriptura que elle recebeu este dom de Deos, e que effectivamente foi o mais Sabio Rei do seu tempo.

P. Porque se atribue á força á Hiram Rei de Tyro ?

R. Porque elle submnistrou á Salomão as madeiras para a construção do Templo.

P. Porque se attribue a belleza á Adonhiram ?

R. Porque como grande Architecto do Templo, desenhou todos os ornatos, que havião de servir á decoração deste sumptuozo monumento.

P. Estes tres nomes das colunas encerrão alguma outra significação ?

R. Sim, Respeitabellissimo; a forma destas

colunas significa a Divindade em toda a sua extenção; A Sabedoria significa a sua essencia, A força a sua Omnipotencia. A belleza exprime quanto as obras de Deos são perfeitas e sublimes.

P. Quaes devem ser as qualidades de hum Mestre?

R. Sabedoria, Força, e Belleza.

P. Como se podem reunir estas qualidades tão raras?

R. A sabedoria nos costumes; a força, na união com os seus irmãos; e a belleza no caracter.

P. Ha na Loja de Mestre alguns moveis preciozos?

R. Sim, Respeitabellissimo; em numero de tres; que são, o Evangelho, o Compasso, e o Macete.

P. Qual he a sua significação?

R. O Evangelho disigna a verdade; o compasso a justiça; o macete, que serve para manter a Ordem, nos faz lembrar, que nós devemos ser doceis ás lições da Sebedoria.

P. Porque usão de macete os trez primeiros Officiaes da Loja?

R. Para nos dar a entender continuamente, que assim como a materia produz som quando se lhe bate, assim tambem, e com mais razão, o homem, a quem Deos deu hum coração, e a faculdade de conhecer, e de julgar, deve ser sensivel ás vozes da virtude, e prestar homenagem ao seu Creador.

P. Como se chama a hum Mestre?

R. Gabaon: que he o nome do lugar, em que os Israelitas depuzerão a archa, no tempo das perturbações.

P. Que significa isto?

R. Que o coração do Mação deve ser assaz puro para que possa servir de agradavel Templo a Deos.

P. Como se chama o Filho de hum Mação?

R. Lowton: palavra Ingleza, que significa discipu'o de Archiotectura.

P. Qual he o privilegio de hum Lowton?

R. De ser recebido primeiro Mação, de que outro qualquer.

P. Sobre que trabalhão os Mestres?

R. Sobre a prancha de riscar.

P. Onde recebem o seu sallario?

R. Na camara do meio,

P. Como viajão os Mestres?

R. Sobre toda a superfice da terra

P. Para que?

R. Para espalhar luz em toda a parte.

P. Se vós perdesseis hum dos vossos irmãos, aonde o acharieis?

R. Entre a esquadria e o compasso.

P. Explicai-me esta resposta?

R. A esquadria e o compasso são os simbolos da sabedoria, e da justiça, de que hum Mação ja mais se deve apartar.

P. Que farieis vós achando-vos em algum perigo?

R. Faria o signal de socorro, e daria brados dizendo — A' mim filhos da viuva. —

P. Porque bradaes vós pelos filhos da viuva?

R. Depois da morte do nosso Respeitavel Mestre, os Maçõe tomarão á seu cargo a May delle, que éra viuva, e intitularão-se seus filhos; porque Adonhiram tratou sempre a elles como irmãos.

P. Que idade tendes vóz?

R. Sete annos.

P. Que horas são?

R. Meio dia em ponto.

ENCERRAMENTO DA LOJA.

O Respeitavel propõe o encerramento de Loja; e obtido o consentimento dos irmãos, procede ás seguintes perguntas.

P. Veneravel 1.° Vigilante, até que horas se trabalha em Loja?

R. Até a meia noite em ponto.

P. Que horas são?

R. Meia noite em ponto.

P. Que idade tendes vós?

R. Sete annos.

Respeitavel. Em virtude da hora, e da idade, adverti a todos os nossos veneraveis irmãos, tanto da parte do Meio dia, como da parte do Norte, que vamos a fechar a Respeitavel Loja de Mestre, e acabar os nossos trabalhos na forma do costume.

1.° *Vigilante.* Meus irmãos, que compondes a minha columna do lado do meio-dia, eu vos advirto da parte do Respeitavel, que

nos vamos a fechar a Respeitavel Loja do Mestre, e acabar os nossos trabalhos na forma do costume.

2.° *Vigilante* Veneraveis Irmãos etc.

Resp. está annunciado.

1.° *Vigilante.* Respeitabellissimo, está annunciado.

Resp. A' mim meus irmãos.

O Veneravel, e toda a Assembléa faz o signal do gráo de Mestre, bate os applauzos deste gráo, e acclama.

Respeitavel. Veneraveis irmãos, a Loja está fechada.

1.° *Vigilante.* Veneraveis irmãos, a Loja está fechada.

2.° *Vigilante.* Veneraveis Irmãos, á Loja está fechada.

DISCURSO NA RECEPÇÃO DE HUM MESTRE.

MEUS amados Irmãos, para começar a instruir-vos nos misterios de Mestre he necessario, que vos diga, que o nosso Respeitavel Mestre Adonhirão, grande Architecto do Templo de *Salomão*, possuindo os segredos todos de Mestre, quiz antes affrontar, e padecer a morte, que revela-los. Eu julgo que, sois do mesmo parecer e sentimentos; razão porque me vejo obrigado a tratar-vos do mesmo modo, com que elle foi tratado por trez malvados Officiaes, que, (para terem a paga de Mestre) attentarão tirar-lhe a vida. Com o primeiro golpe ficou aturdido, com o segundo estremeceo, e com o terceiro cahio morto. A vós, meus caros Irmãos, se dirige esta palavra. Vós representais aquelle nosso respeitavel Mestre, que descança já no seio clarissimo do Santo dos Santos, por

cuja causa vos quero explicar o resumo da vida, e morte deste grande homem.

David, Rei de Israel, tendo projectado levantar hum Templo ao Eterno, ajunta para este fim thesouros immensos. Mas esta grande obra estava reservada para seu filho, Salomão, a quem Deos concedeo o dom da Sabedoria em seu espirito, de força em seu poder, e de belleza em seus thesouros riquissimos. Havendo pois *Salomão* aprazado o anno, o mez, e o dia, para começar este grande Edificio, deu parte á Hiram, Rei de Tiro, seu visinho, alliado, e amigo, que lho mandou logo cedros do Libano, já preparados, e promptos para a obra; e *Salomão*, mandou fazer o mesmo nas Pedreiras em todas aquellas pedras, que lhe erão necessarias para a construcção do Templo. Mas *Hiram* lhe fez hum presente ainda mais precioso com a pessoa de *Adonhiram*, seu parente consanguineo, e filho de huma viuva da tribu de Nephtali. Seu pai se chamava *Hur*, excellente Architecto, e naquelle tempo o mais habil na fundição dos metaes. *Salomão*, conhecendo as suas virtudes, o seu

merecimento, e talentos, o distinguio logo pelo cargo o mais nobre, e honroso. Deo-lhe então a direcção do Templo, e a superioridade sobre todos os operarios. Mas como estes erão muitos, elle os dividio em trez classes, em Aprendizes, Officiaes, e Mestres; e lhes deo a cada hum, hum sinal, huma palavra, e hum toque, para se poderem conhecer, e receber o seu sallario, Porém trez malvados Officiaes, levados da avareza, e da inveja, quizerão tocar no pagamento do Mestre, e projectarão, ou leva lo por força, ou tirar-lhe a vida. Para este effeito se collocarão no Templo, hum á porta do Occidente, outro á porta do meio dia, e o terceiro á porta do Norte. *Adonhiram*, que tinha por costume visitar os trabalhos, quando acabava o dia, para dar conta a *Salomão*, entra com effeito no Templo pela porta do Occidente, onde encontra de improviso o primeiro destes malvados, que lhe pede por força ou a paga de Mestre, ou a vida. *Adonhiram* ficou surprehendido deste cazo, e lhe respondeo brandamente, e com doçura: " meu Irmão, não " he deste modo, que eu a alcancei. Tra-

" balhai, merecei, vós a tereis. ,, Não contente este temerario da resposta, lhe dá huma pancada com huma regua, que o fez fugir para a porta do meio dia, onde elle achava o segundo, que lhe fez a mesma rogativa, e *Adonhiram* lhe deo a mesma resposta; e este lhe deo huma pancada com hum rolo de madeira, que o atordio; fugindo para a porta do Norte, encontrou o terceiro, que o suspendeo, pedindo-lhe tambem, ou a palavra de Mestre, ou a vida. Mas *Adonhiram* com firmeza, e valor, persistio em guardar o seu segredo. D'este terceiro he que elle recebeo huma tão furiosa pancada de hum malho, que o fez cahir morto para a porta do Oriente. Elles depois se ajuntarão, e concertarão entre si, se lhes pedirião a palavra do Mestre; e vendo que a não tinhão, nem sabião, envergonhados do seu crime, levarão o corpo do nosso Respeitavel Mestre fóra do Templo, e o occultarão debaixo de humas pedras com tenção de o furtarem de noite, e o levarem fóra de Jerusalem; e com effeito assim o fizerão. Trez, cinco, e sete dias: e passarão sem que *Salomão* visse o seu grande

Architecto, o que muito o inquietou, por cuja cauza ordenou a nove dos mestres mais moços, que fossem descobrir a *Adonhiram*, e lhe levassem a noticia do que d'elle achassem. Trez partirão logo pela porta do Oriente, trez pela porta do meio dia, e trez pela porta do Occidente, concordando primeiro entre si de se não apartarem huns dos outros em maior distancia do que a que se podesse ouvir vóz humana. Hum d'elles cançado já de andar, e querendo, descançar proximo de hum oiteiro, percebeu que a terra alli estava remechida de fresco. Elle se chegou ao pé, e revolvendo a mesma terra, descobre com effeito o corpo do nosso mui Respeitavel Mestre, *Adonhiram*; chama os camaradas, que á sua voz se aproximárão, e lhes fez ver a sua triste descoberta; mas não se atrevendo pelo respeito, que lhe tinhão, a toca-lo, cobrirão a cova, e achando-se ao pé huma Arvore, chamada Acacia, d'ella arrancarão hum ramo, que pozerão na cova para a poderem conhecer, e voltarão para Jerusalem á dar conta a *Salomão* da perda do seu Architecto. *Salomão* penetrado da mais

viva dor, rasga os seus vestidos, e jura de o vingar. Ordena a nove dos mais antigos Mestres, que fossem desenterrar o corpo do Respeitavel, e que em pompa funebre o levassem a Jerusalem os Mestres. Temendo, que pela força dos tormentos, e da violencia se tivesse divulgado a palavra do Mestre, accordarão, que o primeiro sinal, palavra, e toque, que se fizesse, e se proferisse á tirada do corpo, servisse para o futuro igualmente para os Mestres. Além disto, elles se vestirão de aventaes, e luvas de pelle branca; por prova da sua innocencia, e de que elles não forão os que banhárão suas mãos no sangue innocente. O mais velho d'elles se adiantou, (*aqui o Veneravel Mestre continuando o seu discurso, levanta o admittido, dando-lhe hum abraço*) e descobrindo a terra, que nos serve de symbolo, a toma por *Jakin*; e vendo ainda que o dedo lhe ficava na mão, a toma por *Boz* da mesma sorte, que sendo a carne putrificada, os ossos se despregarão da pelle; mas para mais firmeza, elle a toma pelos cinco pontos da Maçonaria, que chamamos de mero capricho, e o levanta deste

modo, pondo o pé contra pé, joelho contra joelho, barriga, contra barriga, a mão atraz das costas, proferindo estas palavras = M = B =, que significão: o corpo está corrompido; e o levarão á Jerusalem, onde *Salomão* para recompensar as suas virtudes, o seu merecimento, e os seus talentos, o fez enterrar ao Sanctuario do Templo, e lhe mandou pôr sobre o tumulo huma medalha de ouro, em fórma de triangulo, onde se achava gravada esta palavra, *Jevohuh*, que era a antiga palavra do Mestre, a qual em Hebreu significa: Deos. O seu sepulchro era de marmore negro, e tinha sete pés de comprido, cinco de largura, e trez de profundidade.

Procissão da Grande Loja dos Pedreiros-Livres em Inglaterra, executada a 2 de Maio de 1814, dia destinado para a installação de sua Alteza Real, o Duque de Sussex, como Gram-Mestre etc.

O Lugar do Oriente estava reservado para os Officiaes maiores, para a Deputação das Grandes Lojas, de Scotland, e Irlanda, e para os Visitadores de distincção. Os Mestres, Guardas, e os antigos Mestres das competentes Lojas se ajuntarão ás onze horas em ponto, tomarão os seus lugares debaixo das suas respectivas bandeiras, sobre os bancos da esquerda, e da direita do Salão dos Pedreiros-Livres. Os Mestres das Lojas estavão na frente; e em bancos por detraz delles os Guardas. Os Irmãos estavão todos de preto (exceptuando os militares) com collares azues claros, por suas proprias insignias, com luvas brancas, e aventaes. A grande Loja se abrio de tarde pelo muito

Veneravel, Sua Alteza Real, o *Duque de Kent*, antigo Gram-Mestre, acompanhado de outros antigos Officiaes maiores, no momento, em que se derão as instrucções maçonicas aos Irmãos congregados para o modo de proceder nesta solemnidade. Logo que a Grande Loja esteve devidamente formada, a Procissão se moveo na seguinte ordem:

Hião, o Gram Gentil-Homem com o seu bastão, os dois grandes Mordomos, e a cometiva de S. A. R., o Duque de Kent, a tres e tres. — A Insignia Real do Deputado Gram-Mestre, levada sobre huma almofada por hum Mestre Maçon, hia entre dois grandes Mordomos. — Nove excellentes Mestres, a tres e tres, levavão os instrumentos da Maçonaria. Os primeiros trez os dos Aprendizes, os trez segundos os dos Officiaes, e os ultimos tres, os do Mestre Maçon. — As luvas, e o avental do Gram Mestre hião sobre huma almofada, que levava o Mestre Maçon. O collar, e a joia do mesmo Gram Mestre levava sobre outra almofada outro Mestre Maçon. Seguião-se nos lados dois grandes Mordomos. Depois o gran-

de Super-Intendente das obras; o Grande Director das ceremonias; os Grandes Secretarios, que sobre almofadas levavão os Livros das Constituições; o Grande Registador, que trazia o Grande Thesoureiro com a sua chave de ouro; o Deputado Grande Capellão que sobre huma almofada trazia a Biblia, o Compasso, e a Esquadria; os dois Grandes Capellães; os dois Grandes Mordomos nos lados; os antigos Grandes Guardas, dois a dois; os Gram-Mestres das Provincias, precedendo a cada hum sua Bandeira; a columna do Grande-Guarda mais moço; o Guarda mais moço; o Estandarte da Grande Loja trazido por hum Mestre Maçon; os dois Grandes Mordomos nos lados; a columna do Grande Guarda mais velho; os antigos Deputados Gram-Mestres, dois a dois; os Illustres Visitadores, dois a dois; a Deputação da Grande Loja da Irlanda na sua respectiva ordem; a Deputação da Grande Loja de Scotland, tambem na sua ordem respectiva: a Bandeira de S. A. R., o Principe Regente, (Rei actual) o Protector da Ordem; os dois grandes Mordomos nos lados; o antigo Gram-

Mestre, Duque de Atholl; o antigo Gram-Mestre, o Duque de Kent; a Bandeira de S. A. R., o Gram-Mestre; os dois Grandes Mordomos aos lados; o Portador da Grande Espada; S. A. R., o Duque de Sussex, Gram-Mestre; os Grandes Mordomos; dois Grandes Mordomos, e o Grande Telhador.

A Procissão andou tres vezes em torno da Grande Loja. O Gram-Mestre, os antigos Gram-Mestres, e os Officiaes fizerão sua reverencia ao passar pela frente do Throno, e todos os Irmãos derão sobre os tres degráos as competentes saudações; Sua Alteza Real foi depois conduzido pelos seus famulos desde o centro da Loja até ao Throno, estando os grandes Officiaes postados de ambos os lados em fileiras. Continuando as mais ceremonias, que se não podem escrever, nem imprimir, os Irmãos, sustentando a Regalia, se adiantarão, e S. A. R. foi logo investido com a insignia do seu alto emprego. Foi depois installado pelos antigos Gram-Mestres; e as Bandeiras, que servirão na Procissão, forão postas sobre o Throno; e a Biblia Santa, o Compasso e a Esqu.-

dria se pozerão em cima da Arca, e diante delle. O Grande Director das ceremonias, depois de hum som de trombeta, proclamou por tres vezes estas palavras para a installação: " Saibão todos, que o muito " Digno Principe, Augusto Frederico, Du- " que de Sussex, Conde de Invers, Barão " de Arklow, Principe de Brunswick Lunen- " burgh, Cavalleiro da muito Nobre Ordem " de Garter &c. &c., he installado Gram- " Mestre da Unida Grande Loja dos antigos " Pedreiros-Livres de Inglaterra, a quem " Deos conserve por longo tempo. ,, Tocou-se logo huma synfonia; e a Procissão andou outra vez em roda da Grande Loja, e se deu sobre os tres degráos a respectiva saudação ao Nobre Lord, o Deputado Gram-Mestre, quando elle se aproximou á parte opposta ao Throno. O Muito Respeiavel, e o muito Digno Deputado Gram-Mestre, foi então conduzido desde o centro da Loja até ao Throno; conservando se os Grandes Officiaes em fileiras, e praticando-se as mesmas ceremonias, como acima. Depois do som do huma trombeta, foi pro-

chamado com estas palavras: " Saibão to-
" dos que o Respeitavel, e muito Digno
" Thomaz, Lord Dundas, Lord Tenente,
" e Vice-Almirante de Orkney e Shetland,
" he installado Deputado Gram-Mestre da
" Unida Grande Loja dos antigos Pedreiros-
" Livres de Inglaterra para o anno de 1814,
" a quem Deos conserve por longo tem-
" po ,, A Musica tocou huma symfonia , e os Grandes Guardas, e os Grandes Officiaes, tendo sido propriamente installados no dia de S. João, tomárão os seus respectivos lugares depois de se haverem aproximado ao Throno, e feito a devida venia ao Gram-Mestre. A Ode feita para aquella occasião foi immediatamente recitada por Mr. Pope; Depois S. A. R. o Gram-Mestre, chamou á attenção da Grande Loja varias importantes materias apontadas para esta solemnidade; e a grande Loja se fechou com huma resa santa. O Gram-Mestre com os seus Officiaes recebeo depois em hum quarto continuo os Mestres, e os Guardas de varias Lojas.

Tudo se conduzio com huma restricta attenção ás antigas solemnidades, e com effeito

foi esta ceremonia cheia da maior pompa, e magnificencia. Sua Alteza Real o Duque de Kent, Sua Mercê o Duque de Attoll, Sua Mercê o Duque de Devonshire, Sua Excellencia o Duque de la Gardje, e outras Illustres, e Distinctas Personagens, assistirão á Procissão, e a outros objectos, que não podem ser descriptos, nem impressos. Foi tambem presente certo numero de Gram-Mestres das Provincias, e Visitadores das Grandes Lojas do Scotland, e Irlanda, e os Representantes das mais Lojas, incluindo os da Grande Unida Loja de Inglaterra. O Espectaculo foi o mais brilhante pela feliz união, que houve entre as duas fraternidades, e assim foi successivamente continuando pelas fraternaes, e conciliatorias demonstrações dos dois Duques Reaes, debaixo da sancção do Principe Regente, Protector da Ordem; para o que tambem contribuio a desinteressada conducta do Duque de Atholl, que havia sido o Gram-Mestre de hum corpo por espaço de 40 annos. Os Representantes das Lojas de ambas as Ordens se intermediárão completamente, e seguirão hum costume tão uniforme,

que fizerão hum, e o mesmo corpo. Tão perfeitamente se achárão na apparencia, como na fraternidade. A ceremonia foi acompanhada de musica. Huma sublime Antifona composta por Mr. Wesley, foi executada no orgão com grande admiração. As partes forão desempenhadas por Mrs. Leete, Goss, Evans, Taylor, Terrail, e outros; e as differentes partes da solemnidade forão acompanhadas por outras peças de musica compostas por Mr. Kelly. A Comitiva do Duque de Kent, como toda constava de Pedreiros-Livres, esteve na Galeria. O serviço do dia se tornou verdadeiramente interessante por hum Discurso, que proferio o Gram-Mestre sobre o objecto da Maçonaria, sua antiguidade, sua tradição, sua longa conservação na primitiva simplicidade, sua universalidade, e sua beneficencia. Sua Alteza Real, para conservar sempre a Arte na sua genuina pureza, fixou a sua determinação; pois confiava, que ella acharia em toda a parte o favor de numerosas Lojas, que elevassem taes estabelecimentos na Metropoli do Imperio Britannico para augmento da Grande Loja de maneira, que esta po-

desse ser o ponto central, da communicação Maçonica, e a fraternidade do Mundo inteiro. Como hum objecto de litteratura, e de antiquada indagação, era a sciencia assaz curiosa e importante, tanto para o discipulo, como para o Mestre; para este fim, foi da consideração de S. A. R. que entre outras cousas, se formasse huma Livraria para toda a investigação Maçonica; o que não seria de pouca utilidade, nem tambem não tão facil, como se julga; porque semelhante Livraria não deveria conter só Obras das vulgares Historias Maçonicas, mas sim huma numerosa collecção de Livros raros, e de valor em lingoas, Hebrea, Celtica, Grega, Latina, e Oriental. Isto foi recebido pelo numeroso corpo dos Pedreiros-Livres congregados com o mais cordial aplauso. A ceremonia durou até ás quatro horas da tarde, depois da qual os Mestres de mais de duzentas Lojas forão particularmente introduzidos á presença de S. A. R. e receberão a sua mão, como Irmão.

Quinta feira 12 de Maio huma numerosa Companhia jantou no Sallão dos Pedreiros-Livres, e se ajuntou para o fim de fixar a

instituição da sustentação das filhas de menor idade dos ditos. S. A. R., o Duque de Sussex estava na Cadeira. Havia huma esplendida companhia de Senhoras na Galeria. A banda de musica vocal era admiravel. Nada póde exceder a eloquente falla, em que S. A. recommendou a toda a Assembléa a virtude da caridade; e os seus esforços forão logo coroados com inaudita felicidade. Perto de 900 Libras Esterlinas forão immediatamente subscriptas, incluindo a cellecta da Igreja de S. Martinho, que monta a 183 Libras; e isto depois de hum excellente Sermão que proferio o Dr. Coghlow. Os Mordomos nesta occasião tambem se esforçárão com o zelo não vulgar, e derão hum nobre exemplo de liberalidade em suas subscripçõcs.

NA TYP. DOS IIRM.°. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª,
Rua d'Ouvidor, N. 95.
1833.

Obras da Maçoneria á vender em casa de Seignot-Plancher e Comp.

Annaes Maçonicos Fluminenses, 1.° vol. 1$000 rs.
Historia geral da Franc-Maçoneria, 1 vol. 1$000.
Senda Maçonica, 1 vol. 2$000 rs.
Regulamentos particulares, 1 vol. 2$000 rs.
Instrucções Maçonicas, ou Cathecismo d'apprendiz, 1 vol. ornado d'huma bonita estampa, 640 rs.
Cathecismo de Companheiro, 400 rs.
Cathecismo de Mestre, 400 rs.

Achão-se no prélo, para sahir brevemente.

O Cobridor (tuileur) *de todos os ritos Maçonicos*, ou Manual da Maçoneria Franceza, Escoceza, de adopção, &c. 2 vol. ornados de 24 estampas.

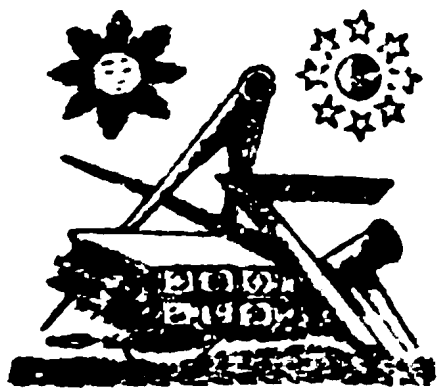
REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

VENERAVEL.



Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

VENERAVEL.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C^a,
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS SYMBOLICOS,

OU DOS

TRES PRIMEIROS GRÁOS

do Rito Francez.

PRIMEIRA PARTE.

VENERAVEL.

RIO DE JANEIRO.

1834.

19AG G80522 3 parts

Prefacio.

A Ordem dos Maçons he huma associação de homens virtuosos, que têem por objecto a mais perfeita igualdade, e viverem unidos pelos laços da amizade, confiança e estima, debaixo da denominaçao de Irmãos, e de excitarem-se huns aos outros á pratica das virtudes.

Em consequencia desta definição, he da sabedoria e do interesse de todas Lojas só admittirem á participação de nossos mysterios individuos dignos de partilharem todas estas vantagens, capazes d'alcançarem o alvo proposto, e de quem não tenhão que envergonhar-se, peranta os Maçons de todo o Universo.

Assim, quando se trata da admissão de hum Profano (*), a Loja a quem he apresentado deve considerar que vai dar hum Membro á associação geral, e hum Irmão a cada Membro: que huma vez admittido, os Maçons de todo o Universo, de qualquer estado, qualidade ou condição que sejão, serão obrigados a reconhece-lo por tal. He por tanto da honra da Loja, e do interesse de que deve estar animada pela gloria e prosperidade da ordem, que o aspirante seja digno de ser apresentado a todos os Maçons; e acolhido por todos os Irmãos como hum homem virtuoso, como seu Irmão, que nesta qualidade tem direito á sua mais intima amizade: a Loja, pela admissão de hum membro, se torna moralmente responsavel, perante todos os Maçons, do

(*) Desde a mais alta antiguidade, esta palavra significa inadmissão ao templo e aos mysterios. *Profanum extra templum.* Profano significa por tanto, não admittido actualmente, por opposição a ser iniciado.

caracter e qualidades do individuo que adoptou.

He pois de absoluta necessidade todo o escrupulo, exactidão, e severidade nas indagações e informações sobre os individuos que forem apresentados ás Lojas. Hum outro ponto não menos importante, he a uniformidade, ha tanto tempo desejada, em a maneira de proceder á iniciação.

Animado destes principios, o Grande Oriente de França se occupou da redacção de hum Protocolo d'iniciação dos tres primeiros gráos, ou gráos Symbolicos; e quiz tornar a chamar a Maçoneria a seus usos antigos, que alguns innovadores tinhão tentado alterar; e restabelecer estas primeiras e importantes iniciações em a sua antiga e respeitavel pureza.

As Lojas que lhe são affiliadas, devem conformar-se pontualmente a este

Protocolo, para que aos Maçons viajantes se não offereça huma diversidade tão revoltante, como contraria aos verdadeiros principios da Maçoneria.

REGULADORES

DO

RITO FRANCEZ.

Grão d'Aprendiz.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

Profano algum póde ser admittido antes de 21 annos de idade. Deve ser de condição livre e decente, e emancipado.

O criado, de qualquer condição que seja, só póde ser admittido como Ir.·. servente.

Não deve individuo algum, que exerça profissão vil ou abjecta, ser admittido; ráras vezes o poderá ser hum homem de officio, mesmo sendo Mestre, sobre tudo nos lugares em que as corporações e communidades não se acharem estabelecidas.

Nunca poderão ser admittidos os charpiros.

denominados *companheiros*, em as artes e officios.

A admissão de hum Profano só poderá ser determinada em terceira reunião, contando aquella em que foi proposto.

O intervallo entre a proposição e a iniciação será de *tres mezes*; porém este intervallo poderá reduzir-se a quarenta e cinco dias, se neste tempo houverem tres sessões magnas.

Todo o Profano admissivel será annunciado em particular ao Veneravel em exercicio, por hum dos membros da Loja. O mesmo acontecerá a respeito de todo o Maçon que quizer ser filiado.

O Veneravel proporá, da fórma que se segue, o Profano á Loja reunida, e durante os trabalhos, sem nomear ou designar de maneira alguma o Irmão que lh'o propôs.

« MM.·. II.·., o Profano N.·. (os nomes, prenomes), de tal idade, do tal estado, nascido em..., morador..., etc., foi proposto, e pede ser iniciado em nossos A.·. Mysterios, com o titulo de membro desta Loja. Ha 1.° e 2.° Vigilantes, denuncio-o aos vossos colum-

ma; o convidai os II.·. a que indaguem a respeito do Profano proposto, no intervallo desta á proxima sessão, para que então se deliberé se devem nomear-se Syndicantes. »

O 1º V.·. diz: « I.·. 2º V.·., II.·. que condecoraes a Columna do Meio-Dia, o Ven.·. propõe o Profano N.·. (repetindo os nomes, prenomes, idades, qualidade, domicilio, etc.) para ser iniciado em nossos A.·. Mysterios, com o titulo de membro desta Loja, e nos convida a que indaguemos sobre elle, no intervallo desta sessão, a fim de deliberar-se então se devem ser nomeados Syndicantes. »

O I.·. 2º Vig.·. diz: « II.·. que condecoraes a columna do Norte, o Ven.·. e o I.·. 1º Vig.·. nos propoem, etc. » (Repete a proposição nos mesmos termos.)

Na sessão seguinte tratar-se-ha da proposição do Profano, e o Ven.·. dirá:

« II.·. 1º e 2º Vig.·., convidai os II.·. a que nos communiquem o que sabem a respeito do Profano N.·., proposto na ultima Sessão. »

Os VV.·. repetem, cada hum na sua columna, este annuncio.

Os II.·. que tiverem observações a fazer, pedem successivamente a palavra, levantando-se e extendendo a mão.

O Vig.·. da columna em que se pede a palavra bate huma pancada de malhete, á qual responde o outro Vig.·., e depois o Ven.·.

O Vig.·. diz: « Veneravillissimo, hum I.·. na minha columna pede a palavra. »

O Ven.·. responde: « Podeis fallar meu I.·. »

Os II.·. que estão no Oriente, quando quizerem fallar, pedirão a palavra ao proprio Ven.·.

Nota. A formula de fazer circular por tres, todos os annuncios que se fazem em Loja, he exigotoria em todas as circunstancias, e denota o caracter essencial dos trabalhos regulares.

No caso de muitos II.·. pedirem em concorrencia a palavra, pertence ao Vig.·. ver qual a pedio em primeiro lugar, e dize-lo ao Ven.·.

Se ninguem se levanta, o I.·. 2° Vig. diz em voz baixa ao 1° Vig.·.: « Reina o silencio na minha columna. »

O 1° Vig.·. diz então em alta voz: « Ve-

[illegible]ssimo, reina o silencio em ambas as columnas. »

O Ven.·. diz: « Apresentai as vossas conclusões. I.·. Or.·. »

O I.·. Orador se levanta, faz as observações que julga a proposito, e espera que lhe respondão; porque a haverem razões em contrario ás suas, deve ouvi-las e discuti-las.

Se não ha observações a fazer, ou quando estão sufficientemente discutidas, a conclusão he que se devem nomear Syndicantes para examinarem as qualidades do Profano proposto. Se entretanto a natureza e a importancia das observações determinão o Orador a pensar que não devem ser nomeados, elle o dirá á Loja; porém em hum e outro caso, o Ven.·. ordenará o scrutinio da maneira que se segue:

« I.·. 2º Vig.·. ordenai ao Mestre de Ceremonias que conte os votantes, e distribua o scrutinio. »

O 2º Vig. dá esta ordem ao Mestre das Ceremonias; e este depois de ter distribuido as cepheras (huma branca e outra preta para ca-

da votante), dá conta ao 1º Vig.·. do numero dos II.·. presentes.

O 1º Vig.·. annuncia o mesmo numero ao Ven.·.

Nota. Os Visitantes têem direito de votar, visto que se trata de dar hum irmão á ordem inteira.

Então o Ven.·. diz : « II.·. 1º e 2º Vig.·., annnnciai nas vossas columnas que o scrutinio vai ter lugar a respeito das conclusões do I.·. Or.·. tendentes a que sejão (ou não sejão) nomeados Syndicantes para tomarem informações sobre o Profano proposto. As espheras brancas denotão voto a favor das conclusões do I.·. Or.·., e as pretas voto em contrario. »

O I.·. 1º Vig.·. bate e diz : « I.·. 2º Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o scrutinio vai ter lugar . etc. »

O 2º Vig.·. bate, e faz o mesmo annuncio.

Hum Experto, ou na sua ausencia hum I.·. nomeado para substitui-lo, distribue o scrutinio na ordem seguinte : apresenta a urna ao Ven.·., aos VVig.·., ao Or.·., depois aos II.·. que estão no Oriente, destes aos II.·. da Columna do Meio dia, aos II.·. da do Norte ;

depois de ter lançado nella a sua esphera, conduz a urna ao Ven.·., que antes de a abrir, chama hum outro Experto, para que assistão com elle á abertura do scrutinio. Finalmente abre a urna, e compara o numero das esopheras com o dos votantes, para conhecer se são identicos. Se acha mais ou menos esphe-ras que o numero dos votantes, o scrutinio he nullo, e deve começar-se de novo.

Se o scrutinio he igual e exacto, o Ven.·. dá huma pancada de malhete, que os Vig.·. repetem, e annuncia o resultado do scrutinio.

Se os suffragios são unanimes, o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas que as conclusões do I.·. Or.·. forão adoptadas unanimemente, e que em consequencia, vão ser nomeados Syndicantes particularmente encarregados de obter informações sobre o Profano proposto. Convidai ao mesmo tempo a todos os II.·. a unirem-se a mim para as applaudirmos. »

Se o resultado do scrutinio foi que se não nomeassem Syndicantes, o Ven.·. o annunciará, mas sem applauso.

O I.·. 1º Vig.·. diz : « I.·. 2º Vig.·., II.·. da columna do Meio dia, o scrutinio adoptou unanimemente as conclusões do I.·. Or.·. ; em consequencia vão ser nomeados Syndicantes, etc. O Ven.·. nos convida, para que unidos a elle, as applaudamos.

O 2º Vig.·. faz o mesmo annuncio.

Então o Ven.·. diz : « Assim, MM.·. II.·. »

E todos juntos applaudem pela bateria de duas pancadas precipitadas, e huma lenta, o,o, o repetida tres vezes, e terminada por huma triplice *viva !*

O Ven.·. nomea secretamente tres Syndicantes, tanto entre os II.·. presentes, como ausentes.

Na Sessão seguinte, o I.·. Mestre de Ceremonias, com ordem do Ven.·. fará passar para o Oriente, e entre as duas columnas hum *sacco*, a que se chama o *sacco das propostas*, e o apresentará a todos os II.·. successivamente. Cada hum metterá nelle a mão, como se quizesse lançar-lhe dentro alguma cousa, sem que se percebesse; por este meio os II.·. Syndicantes terão toda a facilidade

em communicarem o seu relatorio, sem que ninguem o saiba. Este relatorio póde ser escrito sobre hum pequeno papel quadrado, dobrado de maneira que não possa ser visto na mão, ficando assim desconhecidos os Syndicantes. Não será de mais necessario que estes relatorios estejão assignados, podendo apenas indicar-se o Profano proposto, pela letra inicial do seu nome.

O 1.·. Secretario só fará huma menção geral do Profano, sem indicar o nome, prenome, qualidade, idade, lugar do nascimento, ou domicilio do Profano, tanto na prancha dos trabalhos do dia, como na do dia da proposta, assim como da nomeação dos Syndicantes; mas em papel separado, timbrado, e sellado, e com tres assignaturas pelo menos, escreverá os nomes etc. do Profano, e tudo o que lhe disser respeito, assim como a nomeação dos Syndicantes, seus relatorios, escrutinio, etc., até ao momento da admissão, se tiver lugar; e neste caso escreverá no livro d'Architectura tudo o que estiver escrito nas folhas volantes.

As informações que cada Membro da Loja

poder obter, e mais particularmente os Syndicantes, devem ter por objecto não só a vida e os costumes do proposto, mas ainda a tempera do seu caracter, a natureza de suas inclinações habituaes, e de seus defeitos, e sobre tudo se não tem alguns vicios que possão ser huma razão sufficiente de exclusão.

Se o relatorio dos tres Syndicantes he favoravel, ou se dos tres, dous são favoraveis, o Ven.·. diz: « MM.·. II.·., na Sessão de.... o Profano N.·. foi proposto para ser iniciado em nossos A.·. Mys.·.; em consequencia do scrutinio nomiei tres Syndicantes, para que obtivessem as informações necessarias. Estes tres II.·. fizerão o seu relatorio, e resulta que, com a admissão do Profano, a Loja fará huma boa acquisição; o Profano persiste na vontade de ser admittido. II.·. 1° e 2° Vig.·. proponde o Profano N.·. aos II.·. de vossas columnas, e pedi-lhe suas opiniões. »

Os II.·. 1° e 2° Vig.·. annuncião. Se alguem quer fallar, deve ser ouvido, e finalmente o Or.·. conclue.

O I.·. Mestre de Ceremonias distribue o scrutinio na fórma já marcada.

Hum I.·. Experto levanta-se, e leva a urna ao Ven.·., que conta os votos na presença de hum outro Experto: se o scrutinio he unanime, o Ven.·. assim o communica em alta voz, e applaude-se.

Então o I.·. Secretario transcreve sobre a Prancha do dia tudo quanto tinha traçado nas folhas volantes.

Se o scrutinio apresenta tres espheras pretas, ou mais, fica o Profano excluido para sempre, e queimão-se as folhas volantes.

Se o scrutinio apresenta huma ou duas espheras pretas; só fará menção disto nas folhas volantes, e a proposta ficará adiada para a Sessão seguinte (economica).

Se nesta quinta sessão o scrutinio offerece somente huma esphera preta, o Ven.·. convidará e fará convidar pelos VV.·., em alta voz ao I.·. que lançou a esphera preta a communicar-lhe, fóra da Loja, e sob o sello do segredo Maçonico, os motivos da sua opposição.

Nesta conferencia secreta, o Ven.·. julgará da importancia dos motivos da opposição, e se os acha frivolos, fará o possivel para obter do I.·. opposito a sua desistencia, sem que com tudo possa obriga-lo a isso de nenhuma alguma.

Em fim, se na ultima sessão o scrutinio ainda apresenta huma esphera preta, o Profano não póde ser admittido. Se os motivos da opposição provêem de escrupulos sobre algum Estatutos, ou Regulamentos geraes particulares á Loja, o opposito poderá levantar-se, pedir a palavra, e emitti-los, a fim de que a Loja delibere a seu respeito; e o que se resolver, á pluralidade de votos por scrutinio, tendo em vista as conclusões do I.·. Or.·., será executado.

Se o I.·. que se oppõe á admissão não quer dizer as razões ao Ven.·., temendo inimizar-se, ou ligar-se com o Profano proposto, poderá abster-se de o fazer, e esperará o scrutinio, onde como se disse, huma esphera preta exclue o Profano.

A Loja, em tal conjectura, deve proceder a

conservação de hum membro de quem conhece o caracter, o espirito, e as qualidades, á acquisição de hum estranho, que lhe he desconhecido.

SECÇÃO SEGUNDA.

RECEPÇÃO.

Primeiro Preliminar.

Todos os Membros do Loja devem ser convocados para o dia da sessão indicada pelo Ven.·. As pranchas de convocação devem notar que ha recepção no primeiro gráo.

Ninguem deve faltar á sessão sem legitima escusa, como negocios civis, deveres de estado, etc. Se alguem faltar, deve escusar-se perante a Loja, por meio de huma prancha dirigida ao I.·. Secretario, sem o que deve-se-lhe impôr huma mulcta em beneficio dos pobres.

Segundo Preliminar.

O Profano aspirante será conduzido á porta do local, ao menos meia hora antes da aber-

tura dos trabalhos, pelo I.·. que o preparou. Esta porta será differente (se fôr possivel) da entrada ordinaria: quando ali chegar o I.·. se despedirá do adepto, como se effectivamente se retirasse.

O I.·. Preparador irá então ter com o Profano, se a hora dos trabalhos ainda não tiver chegado, e o conduzirá a algum lugar secreto, em que não possa conversar com quem quer que seja, nem ver ou reconhecer pessoa alguma.

O I.·. Preparador guardará hum exterior severo sem grossaria, evitará as conversas, e responderá com brevidade e mysteriosamente ás questões que possão ser lhe feitas, de maneira a tirar toda a vontade de que se lhe fação novas perguntas.

Pouco mais ou menos, meia hora antes da abertura dos trabalhos, o I.·. Preparador conduzirá o Profano á Camara das Reflexões.

Esta Camara deve ser fechada aos raios do dia, e illuminada por huma unica luz: os muros serão cobertos ou pintados do negro, carregados de funebres inscripções, a fim de

inspirar as reflexões, a tristeza, e mesmo o pavor: algumas sentenças de huma moral pura, e maximas de huma philosophia austera, serão traçadas claramente sobre as paredes, ou inscriptas em quadros suspensos em diversos lugares da Camara: huma caveira, ou hum squeleto, se poder obter-se, farão lembrar o nada das cousas humanas.

Nesta Camara deve haver sómente huma cadeira, huma mesa, hum pão, hum vaso cheio d'agua clara, sal e enxofre em dous pequenos vasos, papel, pennas, e tinta. Em cima da mesa estarão representados hum gallo, e huma ampulheta; por baixo destes emblemas se porão estas palavras: *Vigilancia* e *Perseverança*.

INSCRIPÇÕES.

Se a curiosidade te conduzio até aqui, retira-te.

Se temes conheção teus defeitos, não estarás bem entre nós.

Se és capaz de dissimulação, treme, porque te penetrarão.

Se as distincções humanas te allucinão, retira-te, porque entre nós só ha igualdade.

Se tua alma sentio pavor, não vás mais longe.

Se perseverardes, serás purificado pelos elementos; sahirás dos abismos das trevas, e verás a Luz.

O Profano será por algum tempo deixado só na Camara das Reflexões; depois o I.·. Preparador lhe dará por escrito as questões seguintes, ou semelhantes a resolver, tambem por escrito:

O que deve o homem de bem a si mesmo?

O que deve a seus semelhantes?

O que deve á sua Patria?

Estas questões serão escritas de maneira a deixar entre huma e outra bastante espaço para conter as respostas que o Profano deve dar.

Os II.·. estando reunidos no local, vestidos e decorados (*), o Ven.·. bate huma só pan-

(*) Esta palavra significa ter cada hum o seu *avental*.

cada de malhete para chamar aos trabalhos : cada hum chega a seu lugar, e fica em pé.

ABERTURA DOS TRABALHOS.

O Ven.·. diz :

P. I.·. 1° Vig.·., sois vós Maçon ?

R. MM.·. II.·. me reconhecem por tal.

P. Qual he o primeiro dever dos VV.·. em Loja ?

R. He certificar-se se a Loja está coberta interior e exteriormente.

Nota. Isto quer dizer, ser necessario que a porta do Templo esteja fechada, e que nenhum Profano que esteja na Sala dos Passos-Perdidos, possa escutar á mesma porta.

O Ven.·. diz : « Certificai-vos, M.·. I.·. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·. : « I.·. 2° Vig.·. indagai se a Loja está bem coberta. »

O 2° Vig.·. diz : « I.·. Experto, ou I.·. Cobridor, fazei o vosso dever. »

Então o I.·. Experto, com a espada na mão, abre a porta da Officina, tira a chave, deposita-a sobre a mesa, que se acha collocada en-

tre os dous VV.·.; ordena ao I.·. Examinador, que vigie na guarda externa do atrio, pela qual he responsavel; fecha de novo a porta, e se põe na entrada interior do atrio com a espada na mão. Feito isto, o I.·. Cobridor diz em voz baixa ao 2° Vig.·., que os trabalhos estão cobertos. O 2° Vig.·. repete o annuncio ao 1°, que diz em voz alta: « Venerabillissimo, os trabalhos estão cobertos interna e externamente. »

O Ven.·. diz: « A' ordem, meus II.·. » e acrescenta:

P. I.·. 1° Vig.·., qual he o segundo dever de hum Vig.·. em Loja?

R. He ver se todos os II.·. estão na ordem.

P. Estão elles á ordem?

O 2° Vig.·. diz ao 1°: « Todos os II.·. estão á ordem na columna do Norte. »

O 1° Vig.·. diz em voz alta: « Venerabillissimo, todos os II.·. estão á ordem nas duas columnas. »

P. A que hora começão os Maçons os seus trabalhos?

R. Ao meio dia;

P. Que horas são?

R. He meio dia.

O Ven.·. diz: « Como he a hora de começarmos nossos trabalhos, II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos nossos II.·., em huma e outra columnas, para que unidos a mim, começemos todos os trabalhos da Loja (tal)... no Oriente (tal)... no gráo de aprendiz Maçon. »

O 2° Vig.·. faz o mesmo annuncio.

O Ven.·. bate sobre o altar as tres pancadas mysteriosas....

Os II.·. VV.·. repetem; depois do que

O Ven.·. diz: « A mim, meus II.·.. »

Todos, com os olhos no Ven.·., fazem o signal de aprendiz, e applaudem com a bateria ordinaria. Em fim o Ven.·. diz: « Meus II.·., os trabalhos estão abertos, tomai os vossos lugares. »

Os VV.·. repetem o annuncio, e todos se assentão.

Finalmente o Ven.·. diz: « I.·. Secretario, lêde-nos a prancha de nossos ultimos trabalhos.... II.·. 1° e 2° VV.·., convidai nossos II.·. a que prestem attenção á leitura.

Os VV.·. repetem o convite.

O I.·. Secretario faz a leitura.

Nota. A prancha deve necessariamente conter todas as deliberações tomadas, e as proposições que forão feitas no decurso dos trabalhos.

Por muito perito que seja o I.·. Secretario, por muito attento que esteja, he difficil que esta prancha possa ser redigida, durante o progresso dos trabalhos, de maneira que supporte leitura reflectida; alem disso he possivel que tenha occorrido alguma cousa de que se tenha feito menção, e que a Loja ao depois delibére que della se não falle na prancha, o que exige illiminaçoes, notas, etc. He pois a proposito, que o I.·. Secretario só trace, durante os trabalhos, hum esboço que póde corrigir ou emendar, segundo as circunstancias, huma vez que passe tudo a limpo em hum registro destinado a este fim. Servir-se-ha para este esboço de folhas de papel marcadas com o timbre da Loja. No fim dos trabalhos, o I.·. Secretario fará a leitura do seu esboço, para que cada hum possa fazer-lhe as correcções que indicar: estas correcções sómente teráõ por objecto tornar mais claro e exacto o que se tiver passado durante os trabalhos, e para que possa certificar legalmente o que se tiver deliberado sobre o esboço, o I.·. Secretario o fará assignar pelo Ven.·., e pelo I.·. Orador.

Quando o I.·. Secretario fizer a leitura da redação sobre o Registro, o I.·. Orador comparará esta redacção com o esboço, a fim de certificar-se se o I.·. Secretario alterou ou omittio alguma cousa nas deliberações da precedente sessão.

Depois da leitura acabada, o I.·. Or.·. deve dar parte, em voz alta, de todas as alterações, ou omissões que tiver notado: se nada disto houver, dirá:

« Venerabillissimo, a prancha está exacta. »

Como he possivel que outros II.·. notem alguma falta essencial a corrigir, o Ven.·. dirá:

« II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos II.·. em huma e outra columna a fazerem suas observações a respeito da redacção da prancha, ou acta da ultima sessão, de que acabão de ouvir a leitura. »

Os VVig.·. fazem este annuncio.

Nota. As observações só podem ser concernentes á maneira porque a prancha foi redigida, sem que se possa alterar cousa alguma no que foi irrevogavelmente deliberado na ultima Sessão.

Se algum I.·. tem a dizer alguma cousa, levanta-se, pede a palavra, e depois de tê-la obtido, apresenta as suas observações que se discutem.

Se não ha quem queira fallar, os VV.·. o communição ao Ven.·. em voz alta.

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., com-

vidos a nossos II.·., em huma e outra columna, para que unidos a mim approvemos a grata dos ultimos trabalhos. »

Os VV.·. repetem o annuncio.

O Ven.·. diz : « A mim, meus II.·. »

E todos applaudem na fórma costumada.

Quando ha II.·. visitantes, só devem ser introduzidos depois da leitura da prancha; para que se esta contiver algumas correcções fraternaes contra algum ou alguns II.·., ou que esta prancha contenha alguma contestação, ou finalmente que nella se trate de alguma materia que deva ficar reconcentrada entre os II.·. da Loja, os Visitantes ignorem tudo.

Se ha visitantes na Sala dos Passos-Perdidos, o I.·. Mestre das Ceremonias é communica em voz baixa ao I.·. 2.º Vig.·., o qual bate para chamar a attenção; e depois advertê em voz baixa ao I.·. 1.º Vig.·., que bate tambem no que responde o Ven.·.

O 1.º Vig.·. diz : « Venerabilissimo, na Sala dos Passos-Perdidos ha II.·. que desejão ser admittidos a nossos trabalhos. »

O Ven.·. diz: « I.·. 2º Vig.·., convidai ao I.·. 3º Experto a que se informe quem são estes II.·.; lhes peça seus nomes, o de suas Lojas, e seus diplomas, e os examine nos trabalhos do grão. »

O I.·. 2º Vig.·. encarrega o I.·. Experto desta Commissão. Este sahe, e interroga a todos os I.·. Visitantes, hum apoz outro em particular: toma os seus nomes por escrito, o de suas Lojas, e traz comsigo os seus diplomas.

Bate á porta por meio da bateria do grão; o I.·. Cobridor responde-lhe da mesma maneira, e o Experto replica igualmente. O I.·. Cobridor adverte o 1º Vig.·., que o diz em voz alta ao Ven.·., depois de ter batido huma só pancada de malhete.

O Ven.·. diz: « Meu I.·. fazei ver quem bate; se fôr Membro da Loja franqueai-lhe a entrada, depois que tiver dado as palavras de *passe* e *ordem*. »

O 1º Vig.·. repete esta ordem ao I.·. Cobridor; o I.·. Cobridor abre a porta, introduz o I.·. Experto, se foi elle quem bateu, e fecha

a porta; se he hum Membro da Loja, o I.·.
Cobridor adverte o 2º Vig.·., que diz em alta voz

« He o I.·. (tal):.... Venerabillissimo. »

O que entra deve dar os tres passos d
Aprendiz, pôr se á ordem entre os dous VV.·.
e esperar que o Ven.·. o mande tomar assento

Se he o I.·. Experto, colloca-se entre o
dous VV.·. ; pede a palavra, e depois de a te
obtido, dá conta da sua Comunissão, e apre
senta os diplomas ao Mestre de Ceremonia
que os leva ao Ven.·.

Deve se pedir aos II.·. Visitantes que assig
nem os seus nomes em papel separado, par
que se possão conferir estas assignaturas com
os nomes escritos nos diplomas.

Se não ha difficuldades, o Ven.·. orden
que se lhe dê entrada. Logo que entrão n
Templo o I.·. Experto lhes pede a palavr
annual, que dão em voz baixa: para recebe
los, todos os II.·. estarão em pé, e á ordem

Depois de introduzidos, o Ven.·. lhes diri
girá a palavra para testemunhar-lhes o praze
que experimentão os II.·. com as suas visitas
convida-os a que tomem os seus lugares na

columnas para onde o Mestre de Ceremonias os conduz.

Se entre os II.·. Visitantes ha Veneraveis de Lojas, Deputação de Loja, hum dos tres grandes Officiaes da ordem, ou qualquer outro Official em exercicio no G.·. O.·., serão introduzidos da maneira seguinte:

Para hum Veneravel, ou Deputação de Loja, ou para hum Official do G.·. O.·., deputar-se-ha para recebe-los á porta do Templo, tres II.·. precedidos pelo M.·. de C.·. serão recebidos com a espada na mão.... Para o Grande Ven.·. do G.·. O.·. de França, a Deputação será composta de nove Membros, precedidos pelo M.·. de C.·.

Para hum Grão Mestre de hum Oriente Estrangeiro, sete II.·.

Quando estes II.·. estiverem entre os VV.·., (e no acto da sua introducção) o Ven.·. e os VV.·. baterão tres veses nove pancadas de malhete, depois do que o Ven.·. baterá huma mais forte para obter o silencio; o Ven.·. lhes dirigirá hum cumprimento de felicitação em nome da Loja, sobre o favor que recebe delles

e os convidados para que tomem lugar no Oriente, para onde o M.·. de C.·. os conduzirá. Os II.·. que os acompanhão formarão a abobeda de aço; os outros II.·. estarão em pé em ordem, e com a espada na mão.

O Ven.·. só offerecerá o malhete aos tres Grandes Officiaes da ordem. Quando os II.·. Visitantes tiverem tomado lugar, o Ven.·. convidará os II.·. VVig.·. e qualquer dos II.·. da Loja a outros, a unirem-se a elle, para applaudirem a presença destes II.·. Visitantes.

Os VV.·. annunciarão, e depois se applaudirá com a bateria do costume.

Se agradecem, cobrir-se-ha o seu applauso por ordem do Ven.·.

Introduzir-se-hão por ultimo os II.·. distinctos pelas suas qualidades Maçonicas, ou pelas suas dignidades na ordem, de maneira que o mais qualificado seja o derradeiro.

Acabado o ceremonial, o Ven.·. dirá:

« Assentemo-nos, meus II.·. »

O que será repetido pelos VV.·.; e depois o Ven.·. ajuntará:

« Mons. II.·. por dous scrutinios unanimes admittisteis ao Profano N.·. para ser iniciado em nossos A.·. Mys.·.; se não ha opposição, testemunhai o vosso consentimento da maneira costumada. »

Os VV.·. repetem o annuncio.

Todos os II.·. em signal de approvação extendem a mão, e a deixão cahir sobre os aventaes.

Se houver nova opposição, deve ser discutido.

Se a não ha, o Ven.·. diz:

« I.·. Mestre de Ceremonias, fazei advertir pelo I.·. Examinador ao I.·. Preparador, que a Loja espera lhe dê conta da Commissão de que o encarregou. »

O I.·. Preparador sendo advertido, bate á porta da maneira que já foi detalhada, e que se observa em todas as circunstancias, e dá conta das disposições do Candidato, entregando no I.·. M.·. de C.·. que o leva ao Ven.·. o papel em que se achão escritas as tres questões propostas, e as respostas por elle feitas.

O Ven.·. diz: « I.·. Preparador, ide pôr »

Recipiendario no estado que manda a nossa liturgia, e fazei-me entregar a sua espada (se a tem) e seus metaes.»

Durante a preparação o Ven.·. lê em voz alta as respostas que o Recipiendario deu ás questões que lhe forão propostas.

Se o adepto tardar muito, o Ven.·. fará ler os Regulamentos da Loja; mas esta leitura deve ser interrompida á primeira pancada da malhete.

O I.·. Preparador irá no em tanto ter com o adepto: lhe fará algumas observações sobre a importancia dos passos que vai dar; e quando vir que está firme em sua resolução, cessará de fallar-lhe, affectará mesmo o maior silencio, não respondendo de sorte alguma ao que lhe perguntar.

Então o fará sahir da Camara das Reflexões, e o porá no estado em que deve entrar em Loja isto he, com a cabeça descoberta, e os olhos vendados com o maior cuidado: deve estar em mangas de camisa (1) com o braço,

(1) Se a estação fôr mui fria, poderão cobri-lo com hum capote.

o peito esquerdos descobertos, sem ligas, o joelho direito nú, o çapato esquerdo acalcanhado; e demais não ter em si ouro ou prata, relógio, brincos, joias, ou metaes.

O I.·. Preparador virá trazer á Loja os metaes, joias, espada, etc. do Recipiendario: bate á porta da Loja, e entrega tudo ao I.·. M.·. de C.·., que as leva ao Ven.·. Depois volta para conduzir o Candidato á porta da Loja, na qual bate tres grandes pancadas irregulares.

O 2º Vig.·. bate huma só vez, e diz ao 1º Vig.·.: « Batem profanamente á porta do Templo. »

O 1º Vig.·. bate da mesma maneira, e annuncia ao Ven.·., que bate huma pancada, e diz: « Vêde quem assim bate. »

O 1º Vig.·., diz ao 2º, este ao I.·. Cobridor, que abre hum pouco a porta, e pergunta em tom rispido, quem bate assim?

O I.·. Preparador ou Experto, sem largar o adepto, diz:

« He hum Profano que quer ser Maçon, »

O I.·. Cobridor fecha a porta repentina-

mente, annuncia ao 2° Vig.·., este ao 1°, e este ultimo ao Ven.·.

Nota. He necessario absolutamente observar todas estas formalidades para augmentar o embaraço do Recipiendario.

O Ven.·. diz:

« Perguntai-lhe seu nome, seus prenomes, sua idade, sua Patria, sua qualidade, e sua habitação actual? Perguntai-lhe o que quer de nós, e qual he sua vontade? »

O I.·. Cobridor abre hum pouco a porta, e faz todas estas perguntas.

O I.·. Preparador responde a ellas, e o I.·. Cobridor as transmitte ao 2° Vig.·., este ao 1° Vig.·., que o diz em alta voz ao Ven.·.

O Ven.·. diz: « Fazei-o entrar. »

Immediatamente as portas se abrem com estrepito, parecendo que se abrirão muitos ferrolhos: o I.·. Preparador traz o Recipiendario pelas mãos; leva-o para perto dos dous VV.·.; as portas tornão-se a fechar com grande bulha, e neste instante o I.·. Preparador diz: « Ei-lo aqui, não respondo mais por ello. »

Os II ∴ VV ∴, sem largarem os malhetes, deixão os seus lugares, se aproximão do Profano, pegão-lhe cada hum em huma de suas mãos; e depois de alguns instantes de silencio, o 1° Vig ∴ diz:

« Venerabilissimo, eis o Profano. »

O Ven ∴ diz: « Senhor, as primeiras qualidades que se exigem para ser admittido entre nós, e sem as quaes não se póde ser iniciado em nossos Mysterios, são: a maior sinceridade, huma docilidade absoluta, e huma constancia a toda a prova. Pelas vossas respostas ás questões que vou fazer-vos, julgaremos o que devemos pensar a vosso respeito. »

P. Qual he o vosso intento vindo aqui?

Quem vos trouxe, ou aconselhou tal?

A curiosidade não teve grande parte neste intento?

O Ven ∴ espera as respostas do Profano, e lhe faz objecções analogas ao genero de seu espirito, e caracter conhecido.

P. Que idéa fazeis da Maçoneria?

Respondei com franqueza sobre tudo com verdade.

(Esperão-se as respostas.)

P. Estais prompto a soffrer as provas por que deveis passar?

(Espera-se a sua resposta.)

P. Sabeis as obrigações que entre nós se contractão?

Quem vos trouxe aqui?

Sabeis se quem aqui vos trouxe era Franco-Maçon?

Não vos disse, ou não vos prevenio elle sobre o que fazem os Francos-Maçons?

Como podeis desejar saber, o que me dizeis não conhecer?

Quaes forão as reflexões que se apresentárão ao vosso espirito á vista dos objectos que observastes na Camara, em que vos encerrárão á vossa chegada?

Que pensais do estado em que vos achais actualmente? Que idéa formais de huma Sociedade na qual se exige que o Recipiendario seja apresentado de huma maneira tão singular?

Respondei com verdade, porque lemos em vosso coração.

P. Não vos parece agora inconsiderada a vossa confiança, e o vosso intento?

Não temeis que abusemos do estado de fraqueza, e de cegueira a que vos deixastes reduzir? Sem armas, sem defeza, e quasi nú, entregastes-vos ao poder de possoas que não conheceis?

A cada questão o Ven.·. espera a resposta, para insistir e augmentar o embaraço, conforme responde o Profano.

Depois destas questões o Ven.·. diz: « Agora vão começar as provas indispensaveis. Se no decurso dellas vos faltar a coragem e a força necessaria para supporta-las, podeis retirar-vos: estas provas são todas mysteriosas e emblematicas; dai-lhe toda a attenção de que sois capaz. »

Depois de alguns minutos do mais profundo silencio, o Ven.·. diz: « I.·. Experto, fazei-o praticar a primeira viagem »

Os VV.·. tomão os seus lugares.

O I.·. Experto toma as duas mãos ao Candidato, e o faz viajar a partir do Occidente, onde se acha, passando pela columna do

Norte, do Norte ao Oriente, do Oriente ao Meio-dia, e deste ao Occidente, entre os dous VV.·., onde as viagens se terminão.

O I.·. Experto durante esta viagem marchará recuando.

A primeira viagem deve ser a mais difficil; deve ser feita em passos curtos, e muito irregulares. As circunstancias do local serão aproveitadas para tornar esta viagem penosa, por meio de obstaculos e difficuldades dispostas com arte, sem que entretanto se empregue cousa alguma que possa ferir ou incommodar o Recipiendario, que marchará ora a passos lentos, ora apressados; obrigando-o o I.·. Experto a abaixar-se de vez em quando, como se tivesse a passar por hum subterraneo; e outras vezes a pular, como se devesse saltar hum fosso; finalmente o obrigará a marchar em zig-zag, de sorte que elle não possa julgar da natureza do terreno que percorre.

Durante esta viagem far-se-ha representar huma chuva de pedra e trovoada, a fim de imprimir em sua alma alguns sentimentos de pavor. Quando o Candidato estiver de volta

para o Occidente, o 2° Vig.·. bate, e diz: « Venerabilissimo, a primeira viagem está feita. »

O Ven.·. diz, dirigindo-se ao Profano: « Senhor, que tendes notado na viagem que acabais de fazer? »

Depois da resposta o Ven.·. diz: « Esta primeira viagem he o emblema da vida humana; o tumulto das paixões, o choque dos diversos interesses, a difficuldade das emprezas, os obstaculos que se multiplicão pelas concurrencias, tudo isto figurado pelo rumor e estampido que retinio em vossos ouvidos, e pela desigualdade do terreno que percorrestes. »

O Ven.·. diz: « Fazei-o praticar a segunda viagem. »

A segunda viagem deve ser feita com passos menos lentos, e hum tanto mais largos. O Candidato deve apenas ouvir hum leve ruido de espadas que se tocão perto dos seus ouvidos. De volta ao Occidente, o I.·. Preparador mergulhará o braço nú do adepto em hum vaso cheio de agua, collocado anteriormente no lugar competente; e depois dirá:

« Venerabilissimo, está feita a segunda viagem. »

O Ven.·. diz : « Que reflexões fez nascer esta viagem em vosso espirito ? »

Depois de qualquer resposta o Ven.·. diz : « Achastes sem duvida muito menos difficuldades nesta viagem que na primeira. Isto vos convencerá dos effeitos da constancia no seguimento do caminho da virtude : tanto mais se avança, tanto mais agradavel elle se torna. Este ruido de armas que ouvistes, figurão os combates que o homem virtuoso he sem cessar obrigado a sustentar para triumphar dos ataques do vicio. Fostes purificado pela agua; mas restão ainda algumas provas; armai-vos de coragem para bem supporta-las até ao fim. »

« I.·. Experto, que pratique a terceira viagem. »

Esta terceira viagem deve ser feita a passos largos, com liberdade, porém sem precipitação, pouco mais ou menos como se anda em passeio. Em alguma distancia do Recipiendario se sacudirá huma tocha que produza grande

chama; mas deve ter-se todo o cuidado em que ella lhe não faça damno.

Quando o Recipiendario tiver voltado do Oriente, o 2º Vig.·. bate, e diz: «Venerabilissimo, está feita a terceira viagem.»

O Ven.·. diz: «Senhor, deveis ter notado ser esta viagem ainda menos penosa que a precedente; as chamas por onde passastes são o complemento da vossa purificação: oxalá o fogo material que vos cercou, accenda para sempre em o vosso coração o amor do vosso semelhante! Que a caridade presida a vossas palavras e acções, e não esqueceí nunca mais este preceito de huma moral sublime e commum a todas as Nações: *Não façais a outrem o que não quereis vos façam!*

«A constancia que mostrastes em vossas tres viagens, nos faz esperar supportareis da mesma sorte as provas que tendes ainda a soffrer. Tendes constancia?»

Depois da resposta, o Ven.·. dirá: «Senhor, huma das virtudes cuja pratica vos he mais precisa, e a que vos aproximará mais do autor do vosso ser, he a beneficencia: os mi-

taes de que vos despojárão são o emblema do vicios. Podeis sem incommodo sacrifica em beneficio dos pobres, a quem quotidiana mente soccorremos, o dinheiro e o product das joias que vos pertencem, e me entregárão Huma Sociedade numerosa tem os olhos fi tos em vós, e espera com attenção a res posta que ides dar: solliçito hum acto de ca ridade, e não hum acto de ostentação. »

Nota. Se o Recipiendario não mostrar huma determi nação franca e precisa, o Ven.·. fará diligencia por at trahi-lo por meio de persuasão, dirigindo-lhe hum dis curso equivalente ao que se põe aqui em nota.

A caridade que vos recommendo deixa de ser hu ma virtude quando he feita em prejuizo de direitos mai sagrados, e mais instantes. Obrigações civis a preencher huma familia a sustentar, filhos a educar, parentes pouc favorecidos da fortuna, eis os primeiros deveres que natureza nos impõe; eis os credores de todo o homem que regula a sua conducta pelos principios da equidade que pensarieis vós daquelle que quizesse parecer caridoso antes de os ter satisfeito? Quiz vos esclarecer sobre o deveres communs a todos os homens, e volto agora primeira proposição que vos fiz: podeis vós, sem pos tergar nenhum destes deveres, sacrificar em proveito do pobres que diariamente soccorremos, todo ou parte do metaes e joias que vos pertencem, e que tenho em me poder?

« Respondei ? »

Se o Candidato nada quizer dar, a Loja resolverá se por outras considerações merece ser admittido.

O Ven.·. continua: « Senhor, neste momento exigimos hum juramento que nos assegure a vossa discrição: deve ser por vós escrito, e assignado com o vosso sangue. »

« I.·. Cirurgião, exercei o vosso officio. »

Prepara-se tudo para huma sangria; e quando o ligamento está posto, e o I.·. Cirurgião prompto a picar, o I.·. Conductor pede *graça*.

Então o Ven.·. diz: « Senhor, a vossa resignação nos basta neste instante; sabei por esta prova que em todos os tempos, e em todas as circunstancias deveis soccorrer vossos H.·., e derramar, se fôr necessario, vosso sangue por elles. »

Depois desta prova, o Ven.·. diz: « I.·. M.·. de Cer.·., apresentai ao Profano o calice da amargura. »

Depois dirigindo a palavra ao Profano, lhe diz: « Bebei o calice até o fim. »

Logo que acabou de beber (o que o I.·. M.·.

do Cer.·. adverte ao Ven.·.), o Ven.·. diz:

« Senhor, a amargura desta bebida he o emblema dos desgostos inseparaveis da vida humana: só a resignação aos decretos da Providencia, os póde adoçar. »

Depois, dirigindo-se ao I.·. Experto, lhe diz:

« Conduzi o Neophyto para o altar a prestar o juramento. A pé, meus II.·., á ordem, com a espada na mão. »

O I.·. M.·. de Cer.·. conduz o Recipiendario ao altar; faz-lhe pôr o joelho direito sobre huma almofada em que está traçada huma esquadria, e o joelho esquerdo levantado; mette-se-lhe na mão esquerda hum compasso aberto, apoiando-se-lhe huma das pontas sobre o peito esquerdo, (esta ponta deve ser amoçada para que não haja accidente); a mão esquerda sobre a espada, deitada diagonalmente no altar. O Ven.·. com a mão esquerda sobre a do Candidato, lhe diz:

« Senhor, a obrigação que ides contrahir nada contem que atacar possa o respeito que devemos ás Leis, e aos bons costumes, nem á vossa adhesão, e nossa fidelidade ao Governo. »

Previno-vos que ella he terrivel, mas he indispensavel que a presteis com livre e espontanea vontade; consentis?

O Candidato deve dizer *sim*, com franqueza. Se recusasse seria necessario empregar as vias da persuasão; mas se obstinadamente o não quizesse fazer, então deixa-lo ião retirar.

Se consente, o Ven.·. lhe diz; «Repeti commigo.»

JURAMENTO.

Juro e prometto, tendo a mão posta sobre os Estatutos geraes da Ordem, e sobre a espada Symbolo da Honra, perante o G.·. A.·. do Univ.·., guardar inviolavelmente todos os segredos que me forem confiados por esta A.·. e R.·. L.·., assim como de tudo o que ouvir e ver; de nunca escrevc-los, estampa-los, e imputi-los, sem que para isso tenha recebido permissão expressa, e da maneira que me fôr indicada. Prometto amar meus Ll.·., e soccorre-los conforme minhas faculdades; prometto além disto conformar-me aos estatutos e regulamentos desta A.·. e R.·. L.·.

Consinto, se perjuro fôr, em ter a garganta cortada, o coração e as entranhas arrancadas, o corpo queimado, minhas cinzas lançadas ao vento, e que a minha memoria fique em execração a todos os Maçons. Assim o G.·. A.·. do U.·. me ajude.

Depois de prestado o juramento, conduz-se o Candidato outra vez para o meio dos VV.·.

Então o Ven.·. lhe diz: « Sénhor, o juramento que pronunciastes não vos causa inquietação? Tendes coragem para observa-lo? Consentireis em reitera-lo quando receberdes a Luz?

Depois que o Candidato tiver respondido *sim*, o Ven.·. dirá: « Que quereis? »

O 2° Vig.·. lhe dicta em voz baixa a resposta que deve dar o Candidato:

R. A Luz.

O Ven.·. diz: « Vós a ides ver. Meus II.·. fazei o vosso dever. »

Isto servirá para adverti-los, que devem pôr-se em pé com a espada nas mãos.

Nota. He necessario haverem neste instante algumas tochas ou archotes guarnecidos de mechas d'espirito de

rinho e cheias de pó inflammavel a que os Cirurgiões chamão *licopodium* ou *arançon* em pó; mas este ultimo produz hum fumo espesso e acrimonioso. Estes archotes sãò feitos de maneira, que sacudindo-os, o pó sahe e se inflamma no espirito de vinho que arde, e produz huma intensa chamma: he necessario sacudi-las a huma distancia sufficiente do Candidato para que não lhe façaõ o menor mal.

A' primeira pancada de malhete, todos os II.·. se voltão para o Recipiendario; á segunda, dirigem a ponta de espada para elle...; á terceira, se lhe deixa cahir a venda dos olhos, que hum I.·. desata por detraz; he neste instante se sacodem as tochas ou archotes, tres vezes ao muito.

Depois de hum momento de silencio, para dar ao Recipendiario o tempo de considerar os objectos que o cercão, o Ven.·. diz: « As espadas que se achão voltadas para vós, annuncião que todos os Maçons correráõ em vosso soccorro em todas as circunstancias, se respeitardes a união Maçonica, e observardes escrupulosamente nossas Leis; mas tambem ellas vos annuncião que sómente achareis entre nós vingadores da Maçoneria e da virtude, sempre promptos a punirem o perjuro, se fordes criminoso. »

O Ven.·. ajunta: « I.·. Experto, conduzi o Neophyto. »

O Neophyto tendo o I.·. Experto á direita, e o I.·. M.·. de Cer.·. á esquerda, he conduzido por elles ao altar; ali se põe de joelhos como na primeira vez, e repete o juramento, durante o qual tem huma das pontas do compasso aberto sobre o peito esquerdo.

Depois do juramento, o Ven.·. bate levemente tres pancadas de malhete sobre a cabeça do compasso, dizendo: « Aprendei, pela exactidão do compasso, a dirigir para o bem todos os sentimentos do vosso coração. »

O Ven.·. tira a espada debaixo da mão do Recipiendario; colloca a lamina sobre a sua cabeça, e pronuncia a formula de recepção nestes termos:

« A' gloria do G.·. A.·. do U.·., em nome do G.·. O.·. (tal), com ajuda de todos os meus H.·. ausentes e presentes, em virtude dos poderes que me forão confiados por esta A.·. e R.·. L.·., eu vos recebo e constituo Aprendiz Maçon. »

No mesmo instante bate sobre a lamina da

espada tres vezes tres pequenas pancadas de malhete, na fórma da bateria ordinaria.

O Neophyto se levanta, e o Ven.·. lhe diz; «Meu Irmão (porque este he o nome com que vos trataremos daqui em diante), recebei de mim o primeiro beijo fraternal, por meio do numero mysterioso de tres.»

Se a estação he fria, será bom mandar vestir o Neophyto, e no intervallo o Ven.·. fará algumas questões do Cathecismo; se a estação he quente, ou se o Recipiendario já está vestido, collocão-no entre os VV.·. e o Ven.·. diz: «I.·. M.·. de Cer.·. fazei marchar o Neophyto para o O.·. por meio dos tres passos de Aprendiz.»

Conduzem-no ao altar, á direita do Ven.·., pelos tres passos de Aprendiz, ensinados pelo I.·. 1.º Vig.·., que o faz subir aos primeiros tres degráos do Templo. Os passos de Aprendiz se executão lançando o pé direito para a frente, como se quizesse dar hum passo largo; depois lança se o pé esquerdo pelo meio até o calcanhar do direito, de sorte que da sua união resulte huma dupla esquadria.

do Cer.·. adverte ao Ven.·.), o Ven.·. diz :
« Senhor, a amargura desta bebida he o em-
blema dos desgostos inseparaveis da vida hu-
mana : só a resignação aos decretos da Provi-
dencia, os póde adoçar. »

Depois, dirigindo-se ao I.·. Experto, lhe diz :
« Conduzi o Neophyto para o altar a prestar
o juramento. A pé, meus II.·., á ordem, com
a espada na mão. »

O I.·. M.·. de Cer.·. conduz o Reci-
piendario ao altar ; faz-lhe pôr o joelho di-
reito sobre huma almofada em que está trace-
da huma esquadria, e o joelho esquerdo le-
vantado ; mette-se-lhe na mão esquerda hum
compasso aberto, apoiando-se-lhe huma das
pontas sobre o peito esquerdo, (esta ponta de-
ve ser amaçada para que não haja accidente) ;
a mão esquerda sobre a espada, deitada di-
gonalmente no altar. O Ven.·. com a mão
esquerda sobre a do Candidato, lhe diz :
« Senhor, a obrigação que ides contrahir na-
da contem que ataque nossa o respeito que de-
mos ás Leis, e aos bons costumes, nem á vos-
sa adhesão, e nossa fidelidade ao Governo. »

Previno-vos que ella he terrivel, mas he indispensavel que a arosteis com livre e espontanea vontade; consentis?

O Candidato deve dizer *sim*, com franqueza. Se recusasse seria necessario empregar as vias da persuasão; mas se obstinadamente o não quizesse fazer, então deixa-lo ião retirar.

Se consente, o Ven.·. lhe diz; «Repeti commigo.»

JURAMENTO.

Juro e prometto, tendo a mão posta sobre os Estatutos geraes da Ordem, e sobre a espada Symbolo da Honra, perante o G.·. A.·. do Univ.·., guardar inviolavelmente todos os segredos que me forem confiados por esta A.·. e R.·. L.·., assim como de tudo o que ouvir e ver; de nunca escreve-los, estampa-los, e imbuti-los, sem que para isso tenha recebido permissão expressa, e da maneira que me fôr indicada. Prometto amar meus II.·., e soccorre-los conforme minhas faculdades; prometto além disto conformar-me aos estatutos e regulamentos desta A.·. e R.·. L.·.

Consinto, se perjuro fôr, em ter a garganta cortada, o coração e as entranhas arrancadas, o corpo queimado, minhas cinzas lançadas ao vento, e que a minha memoria fique em execração a todos os Maçons. Assim o G.·. A.·. do U.·. me ajude.

Depois de prestado o juramento, conduz-se o Candidato outra vez para o meio dos VV.·.

Então o Ven.·. lhe diz: « Senhor, o juramento que pronunciastes não vos causa inquietação? Tendes coragem para observa-lo? Consentireis em reitera-lo quando receberdes a Luz?

Depois que o Candidato tiver respondido *sim*, o Ven.·. dirá: « Que quereis? »

O 2° Vig.·. lhe dicta em voz baixa a resposta que deve dar o Candidato:

R. A Luz.

O Ven.·. diz: « Vós a ides ver. Meus II.·. fazei o vosso dever. »

Isto servirá para adverti-los, que devem pôr-se em pé com a espada nas mãos.

Nota. He necessario haverem neste instante algumas tochas ou archotes guarnecidos de mechas d'espirito de

vinho e cheias de pó inflammavel a que os Cirurgiões chamão *licopodium* ou *arcançon* em pó; mas este ultimo produz hum fumo espesso e acrimonioso. Estes archotes sãò feitos de maneira, que sacudindo-os, o pó sahe e se inflamma no espirito de vinho que arde, e produz huma intensa chamma: he necessario sacudi-las a huma distancia sufficiente do Candidato para que não lhe façaõ o menor mal.

A' primeira pancada de malhete, todos os II.·. se voltão para o Recipiendario; á segunda, dirigem a ponta de espada para elle...; á terceira, se lhe deixa cahir a venda dos olhos, que hum I.·. desata por detraz; he neste instque se sacodem as tochas ou archotes, tres vezes ao muito.

Depois de hum momento de silencio, para dar ao Recipendiario o tempo de considerar os objectos que o cercão, o Ven.·. diz: « As espadas que se achão voltadas para vós, annuncião que todos os Maçons correráõ em vosso soccorro em todas as circunstancias, se respeitardes a união Maçonica, e observardes escrupulosamente nossas Leis; mas tambem ellas vos annuncião que sómente acharéis entre nós vingadores da Maçoneria e da virtude, sempre promptos a punirem o perjuro, se fordes criminoso. »

O Ven.: ajunta: « I.: Experto, conduzi o Neophyto. »

O Neophyto tendo o I.: Experto á direita, e o I.: M.: de Cer.: á esquerda, he conduzido por elles ao altar: ali se põe de joelhos como na primeira vez, e repete o juramento, durante o qual tem huma das pontas do compasso aberto sobre o peito esquerdo.

Depois do juramento, o Ven.: bate levemente tres pancadas de malhete sobre a cabeça do compasso, dizendo: « Aprendei, pela exactidão do compasso, a dirigir para o bem todos os sentimentos do vosso coração. »

O Ven.: tira a espada debaixo da mão do Recipiendario; colloca a lamina sobre a sua cabeça, e pronuncia a formula de recepção nestes termos:

« A' gloria do G.: A.: do U.:, em nome do G.: O.: (tal), com ajuda de todos os meus II.: ausentes e presentes, em virtude dos poderes que me forão confiados por esta A.: e R.: L.:, eu vos recebo e constituo Aprendiz Maçon. »

No mesmo instante bate sobre a lamina da

espada tres vezes tres pequenas pancadas de malhete, na fórma da bateria ordinaria.

O Neophyto se levanta, e o Ven.·. lhe diz; «Meu Irmão (porque este he o nome com que vos trataremos daqui em diante), recebei de mim o primeiro beijo fraternal, por meio do numero mysterioso de tres.»

Se a estação he fria, será bom mandar vestir o Neophyto, e no intervallo o Ven.·. fará algumas questões do Catheeismo; se a estação he quente, ou se o Recipiendario já está vestido, collocão-no entre os VV.·. e o Ven.·. diz: «I.·. M.·. de Cer.·. fazei marchar o Neophyto para o O.·. por meio dos tres passos de Aprendiz.»

Conduzem-no ao altar, á direita do Ven.·., pelos tres passos de Aprendiz, ensinados pelo I.·. 1º Vig.·., que o faz subir aos primeiros tres degráos do Templo. Os passos de Aprendiz se executão lançando o pé direito para a frente, como se quizesse dar hum passo largo; depois lança se o pé esquerdo pelo meio até o calcanhar do direito, de sorte que da sua união resulte huma dupla esquadria.

O Ven.·. diz-lhe, dando-lhe o *avental* e as *luvas* de homem: « Meu I.·., este avental de que sempre vos ornareis em Loja, vos trará à lembrança incessantemente, que o homem he condemnado ao trabalho, e que hum Maçon deve ter huma vida activa e laboriosa. »

« As luvas, pela sua brancura, vos advertem da candura que sempre deve reinar na alma de hum homem de bem, e da pureza de nossas acções. »

E quando lhe dá as luvas de mulher, acrescenta: « O Bello Sexo não he admittido aos nossos mysterios; mas rendemos homenagem ás suas virtudes, e temos prazer em recorda-las nos nossos trabalhos: eis, meu I.·., hum par de luvas, que dareis á mulher da vossa maior estima.

O Ven.·. continua: « Para ser admittido em nossas Sessões, e participar dos laços que nos une em toda a terra, he necessario poder fazer-vos conhecer. Vou ensinar-vos os sinaes, toques, e palavras por meio das quaes nos reconhecemos, e somos acolhidos por todos os Maçons em qualquer lugar do mundo

(Dá-se-lhe a palavra do *grão*).

« Temos igualmente huma palavra de *passe*, que serve para certificar-nos ainda mais particularmente de que, aquelle que se apresenta he Maçon.

« Temos tambem huma palavra de *ordem* ou *annual*, que o G.·. O.·. renova todos os annos. O uso que ireis adquirindo entre nós, vos tornará todas estas cousas familiares, ensinando-vos que fazemos tudo em esquadria, e que o numero tres he entre nós mysterioso.

« O sinal de Aprendiz se faz, levando a mão direita aberta á garganta, de sorte que o pescoço fique entre o index e o dedo polegar; o cotovello ficará na altura da mão, o que forma huma linha horisontal; tira-se depois a mão na mesma direcção, e deixa se cahir perpendicularmente: destes dous movimentos, hum horisontal, e outro vertical, resultará huma esquadria.

« Este sinal recorda o juramento que demos, de ter antes a garganta cortada, que revelarmos nossos mysterios.

« O toque se faz dando-se mutuamente a mão, de sorte que os quatro dedos de cada huma estejão na palma da mão do outro, e collocão-se os polegares sobre a primeira phalange; então bate-se (ou antes se faz sentir por hum movimento invisivel) tres pancadas com o polegar sobre a juntura, duas ; recipitadas e huma lenta, que se póde representar por esta figura oo, o.

« A palavra sagrada he..... Vós vedes a primeira letra sobre a columna do Norte. Quando vos pedirem esta palavra, respondei : só a darei soletrada ; dai-me a primeira letra, dar vos-hei a segunda.

« Esta palavra significa *minha força está em Deos*.

« A palavra do *passe* he.... he este o nome do primeiro obreiro de nictares. »

« A palavra da *ordem* ou *annual*, he.... »

Nota. Os II.·. Serventes nunca devem saber a palavra *annual*.

O Ven.·. dá depois ao Neophyto o beijo fraternal por tres vezes.

Depois diz ao I.·. M.·. de Cer.·. : « Conduzi

e I.·. para o Occidente, a fim de aprender a trabalhar sobre a pedra bruta, e fazer-se reconhecer pelos II.·. 1° e 2° VV.·., dando-lhes os toques, palavras, e signaes que acabei de communicar-lhe. »

O I.·. M.·. de Cer.·. o conduz aos II.·. 1° e 2° VV.·., aos quaes dá as palavras, toques e signaes; depois o I.·. 2° Vig.·. lhe faz dar tres pancadas de malhete sobre a pedra bruta.

Os *II.·.* VV.·. annuncião que o Neophyto deu as palavras toques e signaes. O Recipiendario conserva-se entre os dous VV.·. em pé, e á ordem.

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. que condecorão as vossas columnas, a reconhecerem para o futuro ao I.·. N.·. na qualidade de Aprendiz Maçon desta R.·. L.·., e para que unidos a mim, applaudamos á sua iniciação. »

Os VV.·. fazem o annuncio.

O Ven.·. diz: « Applaudamos, meus II.·. »

Applaude-se na fórma do costume.

O M.·. de Cer.·. pede a palavra em nome do

Recipiendario, o ensina a agradecer, e applaudem juntos.

O Ven.: faz cobrir estes applausos.

Assim se acabão os trabalhos da iniciação; todos mettem a espada na bainha, e se assentão.

O I.: Orador depois de ter pedido a palavra ao Ven.:, dirige ao I.: novamente iniciado alguma peça de architectura, cujo thema deve ser algum ponto de moral sobre a união fraternal, sobre a igualdade, sobre os deveres do homem, sobre o esquecimento das injurias, ou outro objecto de moral a que dê preferencia.

Terminada a leitura, o Ven.: passará á instrucção, durante a qual o I.: 2º Vig.: acompanha o I.: de novo iniciado para perto do quadro, que, como ja disse, deve estar collocado no assoalho, e com a ponta da espada lhe indica as figuras, de que o Ven.: lhe explica os emblemas.

Acabada a instrucção, o I.: M.: de Cer.: conduz o I.: iniciado ao topo da columna do Norte, onde toma lugar por esta vez sómente.

Os II .·. devem collocar-se promiscuamente, e sem outra preeminencia que a dos gráos.

Se não ha outros trabalhos, o Ven .·. fecha a Loja, segundo a formula já indicada.

INSTRUCÇÃO.

P. I .·. 1° Vig .·., sois Maçon ?

R. Todos os meus II .·. me reconhecem por tal.

P. Qual he o primeiro dever de hum Vig .·. em Loja ?

R. He saber se a Loja está bem coberta.

« Certificai vos, meu I .·. »

Depois de preenchidas as formalidades prescritas na abertura da Loja, o Ven .·. diz :

P. O que he hum Maçon ?

R. He hum homem livre, igualmente amigo do pobre e do rico, se são virtuosos.

P. Que viemos nós fazer em Loja ?

R. Vencer as paixões, submetter nossas vontades, e fazer novos progressos na Maçoneria.

P. Onde fostes recebido ?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. Que he necessario a huma Loja para que seja justa e perfeita?

R. Tres a governão, cinco a compoem, e sete a fazem justa e perfeita.

P. Desde quando sois vós Maçon?

R. Desde que recebi a Luz.

P. Como reconhecerei que sois Maçon?

R. Pelos meus toques, palavras, e signaes.

P. Como se fazem os signaes Maçonicos?

R. Por esquadria, nivel e perpendicular.

P. Dai-me o signal de Aprendiz?

R. (Elle o dá).

P. Que significa este signal?

R. Que preferirei ter a garganta cortada, a revelar os segredos dos Maçons.

P. I.·. 2° Vig.·. dai os *toques* ao I.·. 1° Vig.·.

R. O I.·. 1° Vig.·. diz; « Está justo, Venerabilissimo. »

P. Dai-me a palavra.

R. Não devo ler ou escrever; só posso soletrar: dai-me a primeira letra, dar-vos-hei a segunda.

P. Que significa esta palavra?

R. Minha força está em Deos: era este o ome de huma columna d'aço collocada ao eptentrião do Templo de Salomão, onde os prendizes recebião o seu salario.

P. Dai me o *passo* d'Aprendiz?

R. (Elle o dá.)

P. Que significa elle?

R. Era este o nome do filho de Lameth, nventor da arte de trabalhar os metaes.

P. Porque desejastes ser Maçon?

R. Porque estava nas trevas, e desejava ver luz.

P. Quem vos apresentou em Loja?

R. Hum amigo virtuoso que depois reco-heci ser meu irmão.

P. Em que estado estaveis quando vos apre-ntárão em Loja?

R. Nem nú, nem vestido, mas desprovido de dos os metaes.

P. Porque vos puzerão em tal estado?

R. Nem nú, nem vestido. para nos repre-ntar o estado de innocencia, e para nos fazer mbrar que a virtude não necessita de orna-entos; desprovido de metaes, porque elles

são o emblema e quasi sempre a origem d
vicios que todo o Maçon deve evitar.

P. Como vos introduzirão em Loja?

R. Por tres grandes pancadas?

P. Que significão estas tres pancadas?

R. Pedi, recebereis; *procurai*, achareis
batei, abrir-vos-hão.

P. Qual foi o resultado destas tres panca
das?

R. Hum Experto, que me perguntou meu
nome, meus prenomes, idade, patria, e se er
minha vontade ser Maçon.

P. Que fez de vós o I.·. Experto?

R. Introduzio-me em Loja entre os dou
VV.·., e me fez viajar como Aprendiz Maçon
a fim de mostrar-me as difficuldades que s
encontrão para ser Maçon.

P. Que vos acontecco depois?

R. O Ven.·. com o consentimento unani
me de todos os II.·., me recebeu Maçon.

P. E como vos recebeu elle?

R. Com todas as formalidades do costume

P. Quaes são estas formalidades?

R. Tinha o joelho direito nú sobre a esqu

dria; a mão direita sobre a espada; na esquerda tinha hum compasso aberto em esquadria, com huma das pontas dirigida ao peito esquerdo que estava nú.

P. Que fizestes nesta postura?

R. Prestei juramento de guardar os sêgredos da Ordem.

P. Que vistes quando vos introduzirão em Loja?

R. Nada, Venerabilissimo.

P. E que vistes quando vos derão a Luz?

R. Vi o Sol, a Lua, e o Ven.·. da Loja.

P. Que relação póde haver entre estes astros, e o Ven.·. da Loja?

R. Assim como o Sol preside ao dia, a Lua á noite, assim o Ven.·. preside á Loja para illumina-la.

P. Onde está o Ven.·. da Loja?

R. No Oriente.

P. Porque?

R. Assim como o Sol nasce no Oriente para dar principio ao dia, assim o Ven.·. está no Oriente para abrir a Loja, illuminar os trabalhos, e pôr os obreiros em andamento.

P. Onde estão os VV .·. ?

R. No Occidente.

P. Porque ?

R. Para ajudar o Ven .·. em seus trabalho pagar aos obreiros, e despedi-los contentes.

P. Onde estão os Aprendizes ?

R. No Septentrião, porque só podem su portar huma luz fraca.

P. Como se chama esta Loja ?

R. A Loja S. João.

ENCERRAMENTO.

P. Que idade tendes ?

R. Tres annos.

P. A que horas costumão os Maçons acab vem os seus trabalhos ?

R. A' meia noite.

P. Que horas são ?

R. Meia noite, Venerabilissimo.

« Pois que he meia noite, hora em que Maçons costumão acabar seus trabalhos, II .·. e 2° VV .·., convidai aos II .·. de huma e outr columna, para que unidos a mim, me ajude

a encerrar os trabalhos de Aprendiz na A.·. e R.·. L.·. (tal) ao Or.·. (tal). »

Os VV.·. annuncião.

Depois do annuncio o Ven.·. dá tres pancadas de malhete da bateria costumada. Cada Vig.·. bate outras tantas, e nesse momento todos os II.·. se levantão, e se poem á ordem.

O Ven.·. diz: « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o signal de Aprendiz, e terminão-se os trabalhos pela triplice bateria, e o triplice viva!

TRABALHOS DO BANQUETE.

A mesa do Banquete, deve ter, quanto ser possa a figura de huma ferradura, e a sala deve ser disposta de sorte que exteriormente nada possa ver-se ou ouvir-se. O lugar do Ven.·. he no ponto central exterior da mesa, e a dos Vig.·. nas extremidades.

O I.·. Or.·. se colloca á testa da Columna do Meio dia, o I.·. Secretario á testa da do Norte: O Oriente he occupado pelos II.·. visitantes, ou pelos Officiaes da Loja, se não ha visitantes.

Excepto os cinco Officiaes que acabão de designar-se, pessoa alguma tem lugar distincto, excepto no caso de assistirem ao banquete visitantes condecorados em gráos superiores, occupando o Oriente: os outros visitantes serão collocados em frente das columnas.

O pão se chama	*Pedra bruta.*
O vinho.....	*Polvora forte, branca ou vermelha.*
As garrafas....	*Barricas.*
A agua.....	*Polvora fraca.*
Pratos.....	*Telhas.*
Dit s travessas..	*Bandejas.*
Velas acesas...	*Estrellas.*
Colheres.....	*Trolhas.*
Garfos.....	*Alviões.*
Facas	*Espadas.*
Guardanapos...	*Bandeiras.*
Copos.....	*Canhões.*
Licores.....	*Pó fulminante.*

Depois que todos tomão o seu logar, fica ao arbitrio do Ven.·. fazer a primeira saude

antes de principiar a comer-se, ou esperar para depois da sopa, ou em qualquer outra occasião que julgar a proposito. Quando quer fazer a primeira saude, bate huma pancada de malhete; e immediatamente os II.·. Serventes sahem do interior da ferradura, e se retirão para o Occidente (o mesmo se pratica em todas as saudes), todos os II.·. cessão de comer; e I.·. M.·. de Cer.·. he quasi sempre o unico que fica no interior da mesa, e defronte do Ven.·., para estar mais ao alcance de receber as ordens, e faze-las executar; algumas vezes se põe em huma pequena mesa entre os dous VV.·.

O I.·. M.·. de Cer.·. se levanta, e o Ven.·. diz: «II.·. 1° e 2° VV.·. certificai-vos se vossos trabalhos estão bem cobertos.»

Cada huma dos VV.·. certificão-se da qualidade Maçonica de todos os individuos que estão na sua columna, lançando sobre ellas os olhos, e reconhecendo-os por Maçons.

O 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.: «Respondo pela minha columna.»

O 1° Vig.·. diz: «Venerabilissimo, o I.·.

2° Vig.·., e eu, respondemos pelos II.·. que estão nas nossas columnas. »

O Ven.·. diz: « Respondo por aquelles que estão no Oriente. 1.·. Cobridor, fazei o vosso officio. »

Durante este tempo, os II.·. se decorão com as suas insignias, sem que seja necessario o *avental.*

O 1.·. Cobridor tira a chave da porta, que fecha, e desde este instante ninguem póde sahir ou entrar.

O 2° Vig.·. adverte ao 1°, que os trabalhos estão cobertos; este o communica em voz alta ao Ven.·., que bate huma pancada de malhete, e diz: « Meus II.·., os trabalhos suspensos tomão novo vigor. »

Nota. Se antes de passar-se ao banquete, se houverem fechado os trabalhos, torna-se de mister abri-los de novo.

Os II.·. 1° e 2° VV.·. repetem o annuncio, e depois o Ven.·. diz: « A' ordem meus II.·. »

Primeira Saude.

Depois o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos II.·. de huma e outra columna

para que se disponhão a *alinhar* e *carregar* para a primeira saude de obrigação. »

Os II.·. VV.·. repetem o annuncio.

O Ven.·. diz : « Carreguemos e alinhemos, meus II.·. »

Nota (He neste instante que se deve pegar nas bebidas, alias haverá confusão nos trabalhos). Cada hum enche o seu canhão, e bebe como lhe apraz ; se alguem por dieta, ou por gosto bebe sómente agua, ninguem o deve contrariar ; e á medida que cada hum enche o seu canhão (copo), o colloca hum pouco á direita da telha (prato), distante da borda da mesa, pouco mais ou menos o diametro da telha : por este meio os canhões ficão alinhados em hum instante.

Perfilão-se da mesma sorte as barricas, e as estrellas em segunda linha.

Quando tudo estiver alinhado sobre a columna do Norte, o 2.º Vig.·. o adverte ao 1.º Vig.·., que diz ao Ven.·. : « Tudo esta alinhado nas duas columnas, Venerabilissimo. »

O Ven.·. diz : « O Oriente está igualmente alinhado : a pé, á ordem, e espada na mão. »

Todos se levantão com o guardanapo sobre o ante-braço ; os II.·. decorados d'altos gráos, o põem sobre o hombro ; a espada na mão (se têem espada), ou huma faca na mão esquerda,

o está-se á ordem com a direita. (Se a mesa he huma ferradura, os II.·. que estão no interior ficão assentados).

O Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas que a primeira saude de obrigação he a de S.·. M.·. Imperial, e a da Sua Augusta Familia, á qual juntaremos nossos votos pela prosperidade das suas armas. He esta huma saude tão preciosa para nós, que vos convido a fazer o melhor fogo possivel. »

Os II.·. 1° e 2° VV.·. repetem o annuncio, e o Ven.·. diz : « Attenção, meus II.·., armas na mão : apontar : fogo ! (Bebe-se, repete-se, e o canhão á frente). Bom fogo ! (Bebe-se, etc.) O mais vivo de todos os fogos ! (Bebe-se o canhão deve estar pouco mais ou menos na altura do queixo, e contra o hombro). Armas á frente : hum, dous, tres ! (Nestes tres tempos leva-se o canhão para o peito esquerdo ; depois para á direita, e frente). « Hum, dous, tres ! » (Repetem-se pela terceira vez). A' pancada de tempo, á frente, espera-se a ordem do Ven.·., que faz a advertencia de assentar os canhões por tres tempos, dizendo : « Hum,

dous, tres ! » (Neste ultimo tempo todos os canhões devem bater sobre a mesa hum só tempo unisono). Depois applaude-se pela triplice bateria, e o triplice viva !

Depois disto o Ven.·. diz : « Tomemos os nossos lugares, meus II.·. »

Annuncio que repetem os VV.·.

Em quanto os trabalhos estão em vigor, he permittido continuar a comer; mas em silencio.

Segunda Saude.

Algumas vezes, e he isto mesmo o mais conveniente para a commodidade de todos, e não ser interrompido o serviço, o Ven.·. ordena a segunda saude, immediatamente á primeira.

Se não julga conveniente faze-las seguidamente, he necessario suspender os trabalhos.

Se o Ven.·. suspende os trabalhos antes de propôr a segunda saude, deve pô-los de novo em andamento; se se conservão, deve ordena-la em seguimento da primeira, e dirá : « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos II.·. em huma e outra columna a que se disponhão a

alinhar e carregar para a segunda saude de obrigação. »

Os H.·. VV.·. repetem o annuncio.

O Ven.·. diz: « Carreguemos e alinhemos, meus H.·. »

Quando estiver tudo alinhado e carregado como acima, os VV.·. o annuncião ao Ven.·., que diz: « H.·. 1° e 2° VV.·., a segunda saude de obrigação que tenho a propôr, he a do G.·. O.·. (tal), de todos os Officiaes que o compoem, dos Ven.·. das Lojas regulares, e de seus Deputados ao G.·. O.·., das Lojas correspondentes, e dos Visitantes Estrangeiros: finalmente unir-lhe-hemos os votos que fazemos pela prosperidade da Ordem em geral: convidai aos H.·. em huma e outra columna a unirem-se a mim para fazermos todos o fogo o mais Maçonico, e o mais fraternal. »

Os VV.·. repetem; faz-se a saude, e applaude se como na primeira.

Se se fez a saude de alguns dos H.·. presentes, como Official do G.·. O.·., Ven.·. de Loja Maçonica, Regedor, ou Deputado de Loja, não devem estes acompanhar essa saude, pôr-se

em pé, ou assentar-se; mas quando se terminão os applausos, pedem permissão para reunidos agradecerem. e hum delles falla em nome de todos. Durante este agradecimento, os II.·. estarão levantados.

Se depois de terem respondido á saude, applaudem, a Loja cobrirá este applauso com ordem do Veneravel.

Quando está tudo acabado, o Ven.·. bate huma pancada de malhete, e diz: « Assentemo-nos, meus II.·. »

Então fica a seu arbitrio suspender os trabalhos, ou deixa-los em vigor.

Terceira Sauda.

No momento que os VV.·. julgão a proposito, sobre tudo em occasião em que não haja mudanças de cobertas, o 1° V.·. bate huma pancada de malhete, que repete o 2°, e depois o Ven.·. que diz immediatamente: « Que quereis, meu Irmão? »

O 1° Vig.·., se os trabalhos estão suspensos, roga ao Ven.·. os ponha em vigor; o que elle faz nestes termos: « Meus II.·., á requisição

do 1° Vig.·., os trabalhos suspensos tomão seu vigor. »

Os VV.·. repetem este annuncio.

Depois disto o 1° Vig.·. bate huma pancada de malhete repetida pelo 2°, depois pelo Ven.·., e diz: « Venerabilissimo, tende a bondade de fazer alinhar e carregar para huma saude que o I.·. 2° Vig.·., o I.·. Orador, e eu, vamos ter a honra de propôr-vos. »

O Ven.·. fará carregar e alinhar, como nas precedentes saudes; e quando está informado de achar-se tudo em regra, diz: « I.·. 1° Vig.·., podeis propôr o vosso brinde. »

O I.·. 1° Vig.·. dirá: « A' vossa saude, Venerabilissimo. Em pé e á ordem, espada na mão, meus II.·. Meus II.·., a saude que o I.·. Orador, o 2° Vig.·., e eu, temos a honra de propôr-vos, he a do Venerabilissimo, que dirige os trabalhos desta A.·. e R.·. Loja, e de tudo quanto lhe pertence. Convidamos a todos os II.·. para fazermos o melhor fogo possivel. »

O 2° Vig.·. repete, dizendo: « A saude que o I.·. 1° Vig.·., o I.·. Orador, e eu, etc. »

O Orador repete o mesmo.

O I.·. 1° Vig.·. diz: « A mim, meus II.·. » e manda o exercicio, ou entrega o commando ao 2° Vig.·., como julga conveniente; faz dar os applausos, e os vivas!

Durante esta saude o Ven.·. fica assentado, porém todos os II.·. estarão em pé, e á ordem. Depois do Ven.·. ter agradecido, o 1° Vig.·. diz: « A mim, meus II.·. » e faz cobrir os applausos. Cada hum toma então o seu lugar.

O Ven.·. suspende os trabalhos quando julga a proposito, ou os deixa em vigor.

Quarta Saude.

Algum tempo depois, o Ven.·. põe os trabalhos em vigor, se o não estão, faz carregar e alinhar para nova saude.

Quando tudo está prompto, propõe hum brinde aos 1° e 2° VV.·. O I.·. Orador, e o I.·. Secretario repetem o annuncio.

O Ven.·. propõe esta saude. Todos os H.·. ficão sentados, excepto os V.V.·., que depois do brinde agradecem, fallando só o 1° Vig.·.

O Ven.·. faz cobrir os applausos.

Quinta Saude.

O Ven.·. ordena depois, no momento que julga opportuno, a saude dos II.·. Visitantes; durante esta saude os Visitantes estarão em pé: hum delles agradece em nome de todos, e o Ven.·. faz cobrir os applausos.

Fará parte desta quinta saude a das Lojas correspondentes, ou filiadas; mas se não houverem visitantes ou Lojas correspondentes, desligar-se ha da sexta saude a dos Officiaes da Loja. O Orador pedirá a palavra para agradecer.

Nota. Depois da saude aos II.·. Visitantes, se algum dos II.·. quer cantar, ou ler huma peça de architectura, o póde fazer pedindo a palavra.

He mesmo á propósito cantar-se alguns desses enthusiasmos moraes feitos sobre os fins da Maçoneria, e que, cantados em coro, levão á alma huma doce emoção, celebrando-se os prazeres e vantagens da União Maçonica.

Sexta Saude.

A saude dos II.·. Officiaes e Membros da Loja, e a dos II.·. novamente iniciados, se os houverem.

Esta saude he só feita pelo Ven.·., os VV.·. os II.·. Visitantes, se os ha. Os Officiaes e Membros da Loja agradecem em pé. O I.·. Orador pedindo a palavra pelos Officiaes, e o mais antigo Membro pelos seus collegas, e hum dos Iniciados, se os ha, pelos outros.

Setima e ultima Saude.

Finalmente o Ven.·. pede ao M.·. de Cer.·. que introduza os II.·. Serventes, e estes traráõ comsigo os seus canhões e bandeiras.

Entrados e collocados ao Occidente entre os dous VV.·., o Ven.·. dá huma pancada de malhete, e convida a alinhar e carregar para a ultima saude de obrigação.

Os II.·. VV.·. dão cada hum a sua pancada de malhete, e fazem o mesmo annuncio.

O Ven.·. diz: «Carreguemos e alinhemos, meus II.·.»

Cada hum carrega e alinha.

Depois que o Ven.·. he avisado de acharse tudo prompto, dirá: «Em pé, á ordem, e espada na mão.»

Todos se levantão, dão se mutuamente os

extremos dos guardanapos á direita e á esque
da. pegando se-lhe com esta ultima, o q
não impede de ter nella segura a espada:
II.·. Serventes formão com os VV.·. a mesm
cadêa, estando o M.·. de Cer.·. no meio delle

Então o Ven.·. dirá: « II.·. 1° e 2° VV.·
a derradeira saude de obrigação he a dos M
çons espalhados em toda a terra, tanto
prosperidade, como na adversidade. Dirijam
nossos votos ao G.·. A.·. do U.·., para que so
corra os desgraçados, e conduza os viajant
a bom porto. Convidai os II.·. em huma e o
tra columna a unirem-se a nós para fazer-m
esta saude com o melhor de todos os fogos.

Os VV.·. repetem.

Então o Ven.·. entôa a canção de encerra
mento que he repetida em coro.

Depois da cantoria, o Ven.·. dirá: « Atte
ção, meus II.·.: Armas na mão! hombro a
mas! apontar! fogo! bom fogo! triplice fogo
armas á frente! (Repetem-se tres vezes os dou
ultimos versos). Hum, dous, tres! hum, dou
tres! á frente! hum, dous, tres!

Applaude-se, e canta-se tres vezes o ultimo estribilho.

O Ven.·. bate huma pancada de malhete, que os VV.·. repetem, e depois diz:

P. I.·. 1° Vig.·., que idade tendes?

R. Tres annos, Venerabilissimo.

P. A que hora usamos acabar nossos trabalhos?

R. A' meia noite.

P. Que horas são, I.·. 2° Vig.·.?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, etc. » (como no encerramento dos trabalhos d'Aprendiz).... He hum uso louvavel dar o beijo fraternal antes de separar-se. O Ven.·. dá o beijo fraternal ao seu visinho, que lhe he retribuido pela esquerda.

O Ven.·. manda fazer a leitura dos trabalhos do Banquete. Pede a opinião dos assistentes, e applaude-se; depois faz perguntar se não ha proposições interressantes ao bem geral da Ordem, e da Loja em particular.

Se ha algumas, são escutadas e resolvidas,

se não breves; se não, serão admitidas para a
Sessão.

O Ven.º dá tres pancadas de malhete, e
diz: « Os trabalhos estão acabados, retiremo-
nos em paz »

Os VV.·. repetêm.

Todos tirão as insignias e despedem-se.

VENERAVEL.

SEGUNDO GRÁO,

OU

Grão de Companheiro.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Grão de Companheiro.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

Nenhum Aprendiz póde ser admittido ao grão de Companheiro sem ter acabado o seu tempo, que será de cinco Sessões de instrucção na Officina aonde tiver visto a Luz: he demais necessario que tenha a idade marcada pelos regulamentos, que he 23 annos completos.

Todo o Aprendiz que crer reunir as qualidades necessarias para ser elevado ao grão de Companheiro, o pedirá em particular ao I.·. 2.º Vig.·. da columna, e sob a inspecção do qual trabalhou desde a sua recepção.

Na occasião em que os trabalhos o permit-

rem, o 2º Vig.·. dirá: « Venerabilissimo, o I.·. N.·., Aprendiz desta A.·. e R.·. L.·. me rogou pedisse-vos por elle o favor de ser elevado ao Grão de Companheiro. »

O Ven.·. fará pôr o Aprendiz entre os dous VV.·., onde soffrerá hum exame de instrucção sobre o 2º Grão; depois do que o Ven.·. lhe mandará cobrir o Templo.

Depois de ter sahido o Recipiendario, o Ven.·. dirá: « II.·. 1º e 2º VV.·., convidai aos II.·. em huma e outra columna a que nos communiquem as suas reflexões sobre o pedido do I.·. N.·. »

Nota. Terminadas as observações (todos os II.·., sem excepturar os Aprendizes, as podem fazer), o Ven.·. ordenará aos Aprendizes que sahão o Templo. Depois que estes se retirarem, o Ven.·. abrirá os trabalhos da maneira que ha de ser detalhada brevemente.

Abertos os trabalhos, o Ven.·. dirá: « II.·. 1º e 2º VV.·., annunciai nas vossas columnas, que o I.·. N.·., Aprendiz desta A.·. e R.·. L.·. está proposto para ser admittido ao Grão de Companheiro, e convidai os nossos II.·. a que apresentem as suas observações. »

O I.·. 1º Vig.·. diz: « I.·. 2º Vig.·., II.·. que conduzam a columna do Meio dia, etc. »

O I.·. 2º Vig.·. repete o annuncio.

A Loja, então composta só de Mestres e Companheiros, apreciará as observações que tiverem feito os Aprendizes, ou ouvirá as que se apresentarem de novo. Poder-se-ha adiar a proposição para outro dia, se a brevidade do tempo, a natureza, e a urgencia dos trabalhos subsequentes não permittirem madura discussão, ou se houverem a tomar-se ulteriores esclarecimentos. Se se resolve deliberar se immediatamente, o I.·. Orador concluirá propondo a admissão, ou huma espera, o I.·. M.·. de C.·. distribuirá o scrutinio; hum I.·. Experto o recolherá, e o levará ao Ven.·., que, em presença de hum outro Experto, contará as esferas, e annunciará o resultado do scrutinio na forma usada, repetida pelos VV.·.

São necessarios os dous terços dos votos para a admissão dos Candidatos. Se o scrutinio he favoravel, o Ven.·. convidará os II.·. VV.·., e aos outros II.·. nas columnas a applaudi-lo.

Os VV.·. repetem o annuncio.

Depois o Ven.·. diz : « A mim, meus H.·. »
E applaude-se da maneira que está explicada.

Isto feito o Ven.·. encerra os trabalhos de
Companheiro, como se dirá; depois do que
fará entrar de novo os Aprendizes.

O Ven.·. annuncia que o I.·. N... foi ad-
mittido ao Gráo de Companheiro, ou que a
Loja adiou a deliberação para outro dia, ou
finalmente que o I.·. fica esperado para ou-
tro tempo.

SECÇÃO SEGUNDA.

Primeiro Preliminar.

Todos os Membros da Loja devem ser con
vocados da maneira costumada para o dia de
Sessão indicada pelo Ven.·.; as pranchas de
convocação devem annunciar recepção no se-
gundo gráo, para que aquelles a quem os seus
negocios impedirão de acharem-se na Sessão pre
cedente, possão ir áquella, e votarem. A pran
cha que o Secretario apresentar aos Aprendi
zes não deve fazer menção dos trabalhos a qu
não podem assistir.

Segundo Preliminar.

No dia determinado para a recepção, todos os II .·. serão admittidos na Loja. O Ven .·. fará a abertura dos trabalhos de Aprendiz, e depois da leitura da prancha dos trabalhos da ultima Sessão, e da Sancção do costume, o Ven .·. ordenará aos Aprendizes que se retirem.

A não haverem outros trabalhos que os de Companheiro, e se não houver banquete nesto dia, os Aprendizes não serão convocados; só o Aprendiz admittido entrará na sala dos Passos Perdidos.

O I .·. Preparador, com ordem do Ven .·., irá buscar o Aspirante, e o conduzirá á Camara das Reflexões, onde permanecerá até que o vão buscar para a sua recepção.

Neste intervallo se desenhará a Estrella flammejante, no centro do qual deve estar hum G .·., e se illuminará a columna do Meio dia, que deve deixar ver hum B .·. transparente, assim como a Estrella flammejante, que deve estar no forro da Loja no meio de hum Céo

semeado de estrellas, se fôr possivel, ou então acima do Ven.·., ou em baixo do docel.

Estando tudo assim disposto, o Ven.·. fará a abertura dos trabalhos da maneira seguinte

ABERTURA DOS TRABALHOS.

O Ven.·. dá huma pancada de malhete, que repetem os VV.·., e diz: « Meus II.·., a pé, espada na mão. » (O que todos executão.)

Depois acrescenta: « II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos se nas vossas columnas todos os II.·. são Companheiros. »

Ainda que seja facillimo aos VV.·. certificarem-se se todos os II.·. são Companheiros, porque devem conhecer os gráos de que cada hum se acha revestido, sobre tudo se não ha Visitantes desconhecidos, he com tudo a proposito que cada Vig.·. percorra a sua columna, e exija de cada I.·. as palavras, toque, e signal do gráo. Esta formalidade faz lembrar a cada hum o que he commum esquecer por falta de pratica.

Depois que os VV.·. tiverem feito o seu

gino, tornão á tomar os seus lugares, e dão conta ao Ven.·. da commissão que lhes dou.

Sciente o Ven.·., por meio dos VV.·., de que todos os II.·. são Companheiros, diz: « A' ordem, meus II.·. » (Esta ordem será explicada ao depois).

O Ven.·. fará aos VV.·., alternativamente, as cinco questões seguintes:

P. I.·. 1° Vig.·., sois Companheiro?

R. Eu o sou, Venerabilissimo.

P. Porque quizestes ser Companheiro?

R. Para conhecer a letra G.·.

P. Que idade tendes?

R. Cinco annos.

P. A que hora começão os Companheiros a trabalhar?

R. Ao meio dia.

P. E que horas são?

R. He meio dia.

O Ven.·. diz: « Como he meio dia, hora em que os Maçons costumão abrir os seus trabalhos de Companheiro, II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. nas vossas columnas a se reu-

nirem a mim para a abertura dos trabalhos de Companheiro. »

Os II.·. VV.·. repetem o annuncio.

Depois do annuncio, o Ven.·. dá sobre o altar cinco pancadas de malhete, tres precipitadas, e duas lentas, que se podem figurar assim: !!!—!! Estas cinco pancadas serão repetidas da mesma maneiro pelos VV.·., e depois o Ven.·. dirá; « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o signal de Companheiro, e applaudem por cinco repetidos tres vezes.

O Ven.·. diz: « Os trabalhos de Companheiro estão abertos, » O que os VV.·. repetem, e todos os II.·. tomão os seus lugares.

Os trabalhos de Companheiro estando assim em vigor, o Ven.·. annuncia de novo o objecto da Sessão, e depois de ter proposto o I.·. para ser admittido ao gráo de Companheiro, convida aos II.·. VV.·. a que peção as observações dos membros das suas columnas; se ninguem as faz, pede o signal de approvação levantando a mão.

Se os suffragios são a favor do Aspirante, o Ven.·. diz ao M.·. de Cer.·. que advirta ao

I.·. Preparador para que este vá buscar o Aspirante, e o conduza.

O Aspirante vestido como Aprendiz, e sem armas, será conduzido á porta do Templo, onde baterá com as pancadas do seu gráo. O I.·. Cobridor o annuncia em voz baixa ao 2° Vig.·., que o faz da mesma sorte ao 1° Vig.·., e este o annuncia em voz alta ao Ven.·. que diz: « Vede quem bate assim. »

Esta ordem he communicada ao 1° Vig.·., que a passa ao 2° Vig.·., e este ao I.·. Cobridor, que abre a porta, e pergunta quem bate.

O I.·. Experto (ou Preparador) responde: « He hum Aprendiz que requer ser admittido ao gráo de Companheiro. »

O I.·. Cobridor fecha a porta, e faz chegar esta resposta ao Ven.·. como da primeira vez.

O Ven.·. diz: « Perguntai-lhe se acabou o seu tempo; se crê que seu Mestre esteja delle contente, e se esta he a sua ultima vontade. »

A resposta do Recipiendario chega sempre ao Ven.·. pelos mesmos canaes, e este diz: « Introduzi o Aprendiz. »

No momento da introducção, todos os II.·. se levantão, poem a espada na mão direita, e fícão nesta attitude sem com tudo estarem á ordem, até que lhes seja ordenado o contrario.

O Aspirante será conduzido entre os dous VV.·. pelos tres passos de Aprendiz, e ali ficará em pé, á ordem do mesmo gráo, e com os pés em esquadria.

O Ven.·. lhe fará diversas questões do gráo de Aprendiz, e dirá, annunciando-lhe as cinco viagens:

« Meu I.·., os conhecimentos por vós adquiridos desde que fostes admittido a nossos mysterios, devem ter tornado sensiveis ao vosso espirito os emblemas que acompanhão a recepção de Aprendiz; nós vos demos a primeira, isto he, nós vos abrimos o caminho dos conhecimentos, que o commum dos homens não podem alcançar. Quanto mais caminhardes, tanto mais á força de trabalhos fareis descobertas importantes. Reflecti attentamente sobre todos os emblemas que vão acompanhar a vossa recepção.

Nota. He necessario estar certo que o Recipiendario tem alguns conhecimentos do gráo de Aprendiz, porque sem isto a pergunta que se lhe faz (se seu Méstre está delle contente) se tornaria illusoria.

« I.·. Experto, fazei-lhe começar a primeira viagem. »

O I.·. Experto apresentará ao Recipiendario hum malhete e hum cinzel que levará na mão esquerda; e levando-o pela direita, fará começar-lhe a viagem pelo Meio dia.

Estando o Recipiendario de volta ao Occidente, o Ven.·. lhe dirá:

« Meu I.·., esta primeira viagem figura o anno que todo o Companheiro deve consagrar a instruir-se da qualidade e do emprego dos materiaes; a aperfeiçoar-se no talhe e corte das pedras, que deve ter aprendido a desbastar com ajuda do malhete e do cinzel, em quanto foi Aprendiz. O sentido deste emblema he que hum Aprendiz, quaesquer que sejão os conhecimentos que pense ter adquirido, está ainda bem longe de poder acabar a sua obra; que o bruto e o superfluo dos materiaes consagrados á construc-

ção do Templo que levanta ao G.·. A.·. do U.·., e de que he materia e obreiro, não estão ainda tirados; que não póde dispensar-se do trabalho duro e penoso do malhete, e da conducta attenta e exacta do cinzel; e que não deve nunca apartar-se da linha que hum Mestre habil lhe indicou.

« I.·. Experto, fazei-o praticar a segunda viagem. »

Durante esta viagem o Recipiendario terá na mão esquerda hum compaço e huma regoa; de volta do Occidente o Ven.·. lhe dirá: « Meu I.·., esta viagem nos ensina, que durante o seguindo anno, hum Companheiro deve adquirir os elementos da Maçonaria pratica, isto he, a traçar linhas sobre os materiaes desbastados e preparados: he para isto que vos munirão de hum compaço, e de huma regoa. Este emblema apresenta ao vosso espirito huma verdade bem sensivel durante o curso da vida humana, assim como entre nós: a ignorancia he a nossa primeira herança. Homens instruidos tomão cuidado da nossa infancia, e nos ensinão os primeiros

elementos das sciencias; mas os primeiros ensaios de nossas mãos mostrão bem o estado de fraqueza em que nascemos. Bem depressa a educação nos abre o caminho das sciencias, e he para adquiri-lás que a nossa mocidade se consagra particularmente, até que os trabalhos mais reflectidos nos conduzão á descoberta da verdade.

« *I.*:. Experto, fazei-o praticar a terceira viagem. »

O Recipiendario entregará o compaço, mas conservará a regoa na mão esquerda; e com a mesma mão sustentará sobre o hombro huma alavanca (*).

Na sua volta ao Occidente, o Ven.:, lhe dirá: « Meu I.:, esta viagem nos representa a especie de trabalhos de hum Companheiro durante o terceiro anno. Confiava-se-lhe a conducta das pedras, e dos materiaes já promptos. Este emprego supõe bastantes conheci-

(*) Alavanca he hum instrumento de 2, 3, ou 4 pés de comprimento, destinado a mover as grandes pedras, etc. A alavanca que se dá ao Companheiro póde ser de madeira pintada de preto.

mentos para julgar á simples inspecção da sua forma, do lugar a que são destinados; e he para isto que se vos faz necessario huma re- goa. O seu deslocamento e transporte para o lugar que lhes compete, exige intelligencia e força. Os conhecimentos que o Companheiro adquire fazem presumir huma, e a alavanca suppre o que lhe falta em forças naturaes. Co- mo he ajudado neste trabalho pelos Apren- dizes, da mesma sorte aos Companheiros con- fiamos o cuidado de observar, e dirigir os Aprendizes debaixo da inspecção dos Mestres a quem servem.

« I.·. Experto, fazei-o praticar a quarta viagem. »

O Aprendiz dará a mão direita ao seu con- ductor, e na esquerda terá huma esquadria e huma regoa. De volta ao Occidente, o Ven.·. lhe dirá: « Meu I.·., esta viagem representa o quarto anno de hum Companheiro, durante o qual está occupado na construcção e ele- vação dos edificios, a dirigir o seu todo, e a verificar a exactidão da collocação das pedras e o emprego dos materiaes. Esta quarta via-

gem vos offerece o emblema da superioridade que os homem obtêem sobre os seus semelhantes pelo zelo, assiduidade, e eminencia de seus conhecimentos, mesmo quando menos a procurão. Instrui vossos II.·. por meio de uteis lições; guiai seus passos nos estreitos caminhos da virtude, e edificai-os por vossos exemplos.

« I.·. Experto, fazei-o praticar a quinta viagem. »

Durante esta viagem, o Recipiendario será conduzido pela mão direita, não levando na outra ferramenta alguma: de volta ao Occidente, o Ven.·. dirá: « Meu I.·., esta viagem vos figura o quinto anno do Companheiro. Sufficientemente instruido na pratica da arte, o Companheiro deve empregar este anno no estudo da Theoria; e he para isso que lhe deixamos as mãos livres. He aos trabalhos do espirito que d'ora em diante vos deveis entregar. Aprendei por este emblema que não basta que huma educação cuidadosa nos ponha na estrada da virtude, mas que entregues a nós mesmos, bem depressa a perderemos, se

esforços continuos, e hum estudo constante não nos puzerem em guarda contra a seducção do vicio, e o fogo das paixões: que todos os vossos passos se dirijão ao conhecimento da verdade, fim unico a que nos propômos. Segui pois o caminho que vos foi traçado, e tornai-vos digno de ser pelo tempo adiante admittido a novos conhecimentos.

« I.·. Experto, fazei subir ao Recipiendario os cinco degráos mysteriosos do Templo; que de lá elle descubra a Estrella flammejante, e a letra G.·., que orna o centro. »

Quando o Aprendiz tiver alcançado o quinto degráo, o Ven.·. lhe dirá: « Meu I.·., considerai esta Estrella mysteriosa; nunca a percais de vista: ella he o emblema do genio que eleva ás grandes cousas; e com mais razão ainda, he o symbolo desse fogo sagrado, dessa porção de luz divina de que o G.·. A.·. do U.·. formou nossas almas, e a cujos raios podemos distinguir, conhecer, e praticar a verdade e a justiça.

« A letra G.·., que vedes no centro, vos apresenta duas grandes e sublimes idéas: hu-

ma he o monogramma de hum dos nomes do Altissimo, manancial de toda a luz, e de toda a sciencia. A segunda idéa que esta letra nos apresenta, resulta do que commummente se explica pela palavra Geometria: esta sciencia tem por base essencial a applicação da propriedade dos numeros ás dimensões dos corpos, e sobre tudo ao triangulo a que se referem quasi todas as suas figuras, e que apresenta emblemas tão sublimes.

« I.·. Experto, fazei chegar o Recipiendario ao Oriente pelos passos de Companheiro, precedidos pelos de Aprendiz. »

O Aspirante fará os tres passos de Aprendiz para chegar-se aos degráos do Templo, isto he, á parte inferior do quadro; subirá cinco dos sete degráos do Templo, e depois executará os tres passos de Companheiro: o 1° ao Meio dia, o 2° ao Norte, e o 3° ao Oriente.

No 1° passo, leva-se o pé direito diagonalmente, e põe-se por detraz delle o pé esquerdo em esquadria: no 2°, põe-se o pé esquerdo em diagonal, e o pé direito se leva até toca-

lo, tambem diogonalmente, formando-se huma dupla esquadria; no 3° que he do repouso, leva-se o pé direito diagonalmente, e com o esquerdo forma-se huma esquadria simples.

Esta marcha irregular he o emblema do direito que tem hum Companheiro de passar do serviço de hum a outro Mestre, e mudar o trabalho como a necessidade o exige.

Conduzem-no depois ao Oriente, e alli põe o joelho direito sobre a almofada, e o esquerdo em esquadria, e pronuncia o seguinte:

JURAMENTO.

« Juro e prometto ao G.·. A.·. do U.·., entre vossas mãos, Venerabilissimo; e a todos os meus II.·., sob a fé do meu primeiro juramento, guardar e conservar fielmente os segredos que me vão ser confiados, e de não os communicar aos Aprendizes de qualquer maneira que possa ser; submettendo-me, no caso de infracção, ás penas estabelecidas no meu primeiro juramento.

Durante o juramento, o Recipiendario terá á sua direita o Experto, e á esquerda o Mestre de Ceremonias; todos os II.·. estaráõ levantados, á ordem, e espada na mão. Depois do juramento, o Ven.·. porá a lamina da sua espada sobre a cabeça do Recipiendario, e baterá levemente sobre ella cinco pancadas do malhete conforme a bateria indicada, dizendo: « A' gloria do G.·. A.·. do U.·., em nome do G.·. O.·. (tal), e em virtude dos poderes que me forão confiados por esta A.·. e R.·. Loja, eu vos recebo e constituo Companheiro Maçon. »

O Recipiendario se levanta, e o Ven.·. lhe diz: « Meu I.·., nós temos neste gráo, como no precedente, huma palavra sagrada, huma palavra de passe, hum signal, hum toque, e huma maneira de pôr á ordem.

« A ordem consiste em levar a mão direita sobre o coração, os quatro dedos unidos huns aos outros, e o polegar levantado, o que forma a esquadria.

« O signal se faz pondo-se á ordem, e movendo a mão e o braço da esquerda á direita horisontalmente até a altura do hombro, e

deixando cahir depois a mão perpendicular-
mente, o que forma huma esquadria.

« Este signal nos faz lembrar hum dos pon-
tos do nosso primeiro juramento, de ter ante
o coração arrancado que revelar nossos se-
gredos.

« O toque se faz batendo com o polegar d
mão direita, tres pancadas sobre a primeir
phalange do index daquelle a quem o quere-
mos dar, da mesma maneira que o toque d
Aprendiz, e duas outras pancadas sobre a mes-
ma phalange do dedo medio.

« A palavra sagrada he..... significa
perseverança no bem.

« A palavra de passe he..... signifi-
ca numer se como espigas de trigo.

« Ide, meu I∴, fazer-vos conhecer pelo
II∴ 1º e 2º VV∴ »

Os VV∴ dão conta ao Ven∴ da exactidão
das palavras, signal, e toque, que lhes deu o
Companheiro.

Depois disto o Ven∴ diz: « II∴ 1º e 2º
VV∴, convidai os II∴ em huma e outra co-
lumna a que reconheção para o futuro ao I∴

I... por Companheiro desta A.·. e R.·. Loja, e applaudirem a sua recepção. »

Os VV.·. repetem o annuncio.

Depois do annuncio o Ven.·. diz : « A mim, meus II.·. »

Todos applaudem pela bateria do gráo.

O novo Companheiro, que durante este tempo esteve á ordem entre os VV.·., pede a palavra ao 1° Vig.·., e depois de a ter obtido, agradece.

O Ven.·. faz cobrir o applauso, e diz : « Meus II.·., tomai nos vossos lugares. »

Todos mettem a espada na bainha, e se assentão. O novo Companheiro se assenta defronte do quadro durante a instrucção que vai ser detalhada. O I.·. 2°.Vig.·. lhe indica, com a ponta da espada, as diversas figuras de que o Ven.·. lhe dá a explicação.

Depois da instrucção, o I.·. M.·. de Cer.·. põe o Companheiro á testa da columna do Meio dia, por esta vez sómente ; nas outras sessões o Companheiro se assenta indistinctamente em huma ou outra columna.

Finalmente o Ven.·. encerra os trabalhos,

como já foi dito na abertura. Se ha alguns objectos a tratar, os trabalhos de Aprendiz continuaráõ, fazendo-se entrar os Aprendizes, se houverem algũs na Sala dos Passos Perdidos; e por ultimo os trabalhos de Aprendiz se terminaráõ da maneira costumada.

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Companheiro?

R. Eu o sou, Venerabilissimo.

P. Porque desejastes ser Companheiro?

R. Para conhecer a letra G.·.

P. Que significa esta letra?

R. Geometria.

P. E nada mais significa?

R. He a inicial de hum dos nomes do G.·. A.·. do U.·.

P. Como fostes recebido?

R. Passando da columna J.·. á columna B.·., e subindo os cinco primeiros degráos do Templo.

P. Por qual porta subistes?

R. Pela porta do Occidente.

P. Que icis fazer ao Templo?

R. Cavar masmorras aos vicios, levantar templos á virtude.

P. Quem se oppôz á vossa entrada?

R. O I.·. Cobridor.

P. Que exigio elle de vós?

R. Hum signal, hum toque, e huma palavra.

P. Que vistes quando subistes os degráos do Templo?

R. Duas columnas.

P. De que materia erão ellas compostas?

R. De aço.

P. Qual era a sua altura?

R. De dezoito pés cubos.

P. A sua circumferencia?

R. De doze pés cubos.

P. A sua espessura?

R. Quatro dedos.

P. Erão portanto vasias?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E porque?

R. Para encerrar a ferramenta dos Companheiros e Aprendizes, assim como o thesouro destinado a pagar seus salarios.

P. Como recebem os obreiros os seus salarios ?

R. Por hum signal, hum toque, e huma palavra ; os Aprendizes pelos de Aprendiz , e os Companheiros por os de seu grão.

P. Qual era a decoração das columnas ?

R. Folhas d'acantho lhes ornavão os capiteis , e estes estavão cobertos de innumeros fructos de romeira.

P. Onde fostes recebido Companheiro ?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. Que forma tinha ella ?

R. Hum quadrado longo.

P. Qual era o seu comprimento ?

R. Do Oriente ao Occidente.

P. E a sua largura ?

R. Do Meio dia ao Septentrião.

P. Qual era a sua altura ?

R. Innumeros pés, toesas, e cubos.

P. Como estava coberta ?

R. Com hum docel azul celeste semeado de estrellas.

P. O que a sustentava ?

R. Tres grandes pilastras de forma triangular.

P. Como chamais a estas tres pilastras?

R. *Sabedoria*, *Força* e *Belleza*.

P. Porque as chamais assim?

R. *Sabedoria* para inventar, *Força* para executar, *Belleza* para ornar.

P. Qual era a sua profundidade?

R. Da superficie da terra ao centro.

P. Porque respondeis desta sorte?

R. He para dar a entender que todos os Maçons espalhados sobre a terra formão hum só povo de irmãos, governados pelas mesmas leis, e pelos mesmos usos.

P. Tendes ornamentos na vossa Loja?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E em que numero?

R. Em numero de tres.

P. E quaes são elles?

R. O Pavimento mosaico, a Estrella flammejante, e o Festão recortado.

P. Qual era o seu uso?

R. O Pavimento mosaico ornava a soleira do grande Portico do Templo; a Estrella flam-

mejante que estava no meio esclarecia o centro, donde parte a verdadeira luz que esclarece as quatro partes do mundo; e o Festão recortado bordava e ornava as extremidades.

P. Dai-me a explicação moral destes tres ornamentos?

R. O Pavimento mosaico he o emblema da união intima que reina entre os Maçons; a Estrella flammejante he o emblema do G.·. A.·. do U.·., que brilha com huma luz pura que tira de si proprio; o Festão recortado significa o laço que une todos os Maçons, e delles forma huma só familia em toda a terra.

P. Tendes algumas joias na vossa Loja?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E em que numero?

R. Em numero de seis, a saber: tres moveis e tres immoveis.

P. Quaes são os ornatos moveis?

R. A Esquadria que traz o Venerabilissimo; o Nivel que condecora o 1° Vig.·.; e a Perpendicular, ou linha de prumo, que condecora o 2° Vig.·.

P. E quaes são as joias immoveis?

R. A Prancha de traçar, a Pedra cubica ponte aguada, e a Pedra bruta.

P. Qual he o uso das joias moveis?

R. A Esquadria serve para pôr as superficies dos materiaes em angulos rectos entre si; o Nivel para collocar horisontalmente as pedras ao lado huma das outras, e a Perpendicular para construir os edificios perfeitamente a prumo sobre as suas bases.

P. Dai-me a explicação em sentido moral.

R. A Esquadria nos adverte que todas as nossas acções devem regular-se pela rectidão e pela justiça; o Nivel, que deve reinar huma perfeita igualdade entre todos os Maçons; e a Perpendicular, que todos os bens dimanão do alto.

P. Qual he o uso das joias immoveis?

R. A Prancha serve aos Maçons para traçarem seus planos e desenhos; a Pedra cubica ponte aguda serve aos Companheiros para amolarem a sua ferramenta; e a Pedra bruta serve aos Aprendizes para aprenderem a trabalhar.

P. E qual he o seu sentido moral?

R. A Prancha de traçar he o emblema do

bom exemplo que devemos a nossos II.·., e a todos os homens; a Pedra cubica he o symbolo dos cuidados que toma o homem virtuoso para apagar as nodoas que o vicio lhe imprimio, e corrigir as paixões a que todos somos sugeitos; finalmente a Pedra bruta he a imagem do homem grosseiro e salvagem, que o estudo só continuo de si proprio póde polir e tornar perfeito.

P. Quantas especies ha de Maçons?

R. Ha duas, huns de Theoria, outros de Pratica.

P. O que aprendem os Maçons de Theoria?

R. Huma boa moral que serve para apurar nossos costumes, e tornar-nos agradaveis a todos os homens.

P. E o que he hum Maçon pratico?

R. He o obreiro de edificios.

P. Como conhecerei que sois Maçon?

R. Por meus signaes, palavras, e toques.

P. Quantos signaes ha na Maçoneria?

R. Hum sem numero, Venerabilissimo, mas se reduzem a cinco principaes.

P. Quaes são elles?

R. O Vocal, o Guttural, o Peitoral, o Manual, e o Pedestre.

P. Para que servem?

R. O Vocal para dar a palavra, o Guttural para dar o signal de Aprendiz, o Peitoral para dar o signal de Companheiro, o Manual para communicar o toque de hum e de outro, e o Pedestre para executar os passos de ambos.

P. Quantas janellas ha em huma Loja?

R. Tres.

P. Onde estão collocadas?

R. No Oriente, no Occidente, e no Meio dia.

P. Porque não ha nenhuma no Septentrião?

R. Porque o Sol o illumina fracamente.

P. De que servem ellas?

R. Para illuminarem os obreiros quando vêem para o trabalho, em quanto o executão, e quando o deixão.

P. Vistes hoje o vosso Mestre?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. Como estava elle vestido?

R. De ouro e de azul celeste.

P. Que significão estes duas côres?

R. O ouro significa riqueza, o azul sabe-

doria, dous dons que o G.·. A.·. do U.·. concedeu a Solomão.

P. Onde estão os Companheiros ?

R. No Meio dia.

P. E porque ?

R. Como mais illuminados que os Aprendizes, e para servirem os Mestres.

P. Como servis ao vosso Mestre ?

R. Com alegria, fervor, e liberdade.

P. Quanto tempo o servis ?

R. Desde a Segunda feira de madrugada até ao Sabbado á noite.

P. Recebestes salario ?

R. Estou contente, Venerabilissimo.

P. E onde o recebestes ?

R. Na Columna B.·.

P. Que significa esta letra ?

R. A inicial de huma palavra que serve a reconhecer-nos.

P. Dizei-m'a

R. Dai-me a primeira letra, dar-vos-hei a segunda.

P. Que significa esta palavra ?

R. Significa perseverança no bem.

P. Dizei-me a palavra de passe?

R. (Elle a diz.)

P. Que significa?

R. Numeroso como espigas de trigo.

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS.

P. Que idade tendes?

R. Cinco annos.

P. A que horas se encerrão os trabalhos?

R. A' meia noite.

P. E que horas são?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, hora em que os Maçons têem por costume terminar os seus trabalhos de Companheiro, II.·. 1° e 2° VV.·. convidai os II.·. nas vossas columnas, a que unidos a mim, me ajudem a encerrar os trabalhos de Companheiro na A.·. e R.·. Loja (tal).... do Or.·. (tal). »

Os VV.·. repetem o annuncio.

Depois delle feito o Ven.·. bate cinco pancadas de malhete, que repetem os VV.·., e diz: « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o signal, e applaudem.

O Ven.·. bate, e diz: « Os trabalhos do Companheiro estão encerrados. »

Os VV.·. repetem o annuncio, e todos se retirão.

VENERAVEL.

TERCEIRO GRÁO,

ou

Grão de Mestre.

REGULADORES

DOS

GRÃOS SYMBOLICOS.

Grão de Mestre.

SESSÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

Nenhum Companheiro poderá ser admittido ao terceiro grão, sem que tenha acabado o seu tempo, isto he, sem ter passado pelo menos tres mezes e meio depois da sua admissão a Companheiro (entende-se por isto que o Companheiro tenha assistido a sete sessões, supposto que ellas teem lugar de quinze em quinze dias), e sem ter a idade requerida, que são 25 annos completos.

Todo o Companheiro que, depois de ter preenchido as condições precedentes, desejar ser

admittido ao gráo de Mestre, e pedirá em particular ao I.·. 1° Vig.·.

Na occasião em que este ultimo julgar opportuno fazer este pedido, quando os trabalhos o permittirem, dirá: « Venerabilissimo, o I.·. N..., Companheiro desta A.·. e R.·. Loja, pede o favor de ser admittido ao gráo de Mestre. »

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas, que o I.·. N... he proposto para ser admittido ao gráo de Mestre. Pedi aos II.·. as suas observações. »

Os VV.·. fazem o annuncio da maneira costumada; e nesta occasião se o I.·. proposto está presente, pede a permissão de cobrir o Templo.

Depois que se acabarem as observações, se as houverem, os Aprendizes e Companheiros serão mandados cobrir o Templo.

Depois que todos sahem, o Ven.·. abre os trabalhos de Mestre, como ao depois se dirá, e pedirá novamente as observações: se se apresentão algumas, são discutidas; e a Loja composta unicamente de Mestres, delibera sobre

es conclusões do I.·. Orador, e por meio de escrutinio, se alguem o pede. Se o escrutinio fôr favoravel, o Ven.·. o fará applaudir pela bateria do gráo, como se dirá em lugar competente, e se indicará o dia da recepção, do qual o I.·. Secretario fará menção no esboço do dia.

Logo que a recepção fôr determinada ou differida, fechão-se os trabalhos de Mestre, e faz-se entrar os Companheiros, se os trabalhos deste gráo ficão em vigor; aliás fechão-se para continuar os de Aprendiz, admittindo-se todos os II.·.

SESSÃO SEGUNDA.

RECEPÇÃO.

Primeiro Preliminar.

Todos os Mestres serão convidados da maneira costumada para o dia determinado na ultima sessão. As pranchas de convocação devem mencionar que he para recepção no terceiro gráo, e convidar a todos para virem de

preto. Enviar-se-lhe tambem huma prancha ao Companheiro proposto.

Segundo Preliminar.

No dia indigado para a recepção, todos os Mestres serão admittidos. O Ven.·. abrirá os trabalhos de Aprendiz, e depois mandará ler a prancha da precedente sessão, e seguidamente abrirá os trabalhos de Companheiro. Isto feito, convidará aos II.·. 1.º e 2.º VV.·. a que percorrão as suas respectivas columnas, a fim de se certificarem se todos os II.·. são Mestres; perguntando-lhes separadamente em voz baixa as palavras, signal, e toque, formalidade que he bom observar-se, tanto para evitar os abusos, como para conservarem todos os II.·. a lembrança das palavras que algum poderia esquecer.

Quando os VV.·. voltarem aos seus lugares, dirão os nomes dos II.·. que achárão pouco instruidos. Se forem II.·. da Loja, o Ven.·. os convidará a que se instruão, e lhes fará passar as palavras que esquecerão; mas se fo-

rem Visitantes, he absolutamente necessario que cubrão os trabalhos.

Quando houver certeza de que todos os II.·. são Mestres, o Ven.·. abrirá os trabalhos da maneira que se segue.

Desde este momento todos os II.·. têem o titulo de *Veneravels*, e o Veneravelo de *Respeitavel*.

ABERTURA DOS TRABALHOS.

Estando tudo disposto como se acaba de dizer, o Respeitabilissimo bate, e diz: « A' ordem, meus II.·., espada na mão! »

Tira a sua espada, que põe na mão esquerda; todos os Mestres fazem outro tanto, tambem na mão esquerda com a ponta voltada para o chão, e poem-se á ordem.

A ordem he ter a mão extendida horisontalmente, o dedo polegar contra o peito, e os outros quatro bem unidos.

Esta ordem he a de repouso.

O Respeitabilissimo faz as sete perguntas seguintes:

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., qual hé o primeiro dever dos VV.·. em Loja de Mestre?

R. Respeitabilissimo, he certificarem-se se todos os II.·. são Mestres.

P. Estais certos que o são?

R. Estamos, Resp.·.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., sois Mestre?

R. Resp.·., experimentai me; a acacia me he conhecida.

P. Dai-me o signal de Mestre?

(Elle o dá).

P. Ven.·. I.·. 2° Vig.·., que idade tendes?

R. Sete annos e mais.

P. A que horas costumão começar-se os trabalhos?

R. Ao meio dia, Resp.·.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., que horas são?

R. He meio dia.

O Resp.·. diz: « Como he meio dia, Veneraveis II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. nas vossas columnas a que se reunão a mim para abrirmos os trabalhos no gráo de Mestre. »

Os II.·. VV.·. repetem o annuncio.

Depois do annuncio o Resp.·. bate nove pancadas de malhete, formadas da bateria de Aprendiz, repetida tres vezes: os VV.·. fazem outro tanto, e immediatamente o Resp.·. diz: « A mim, meus II.·. »

Todos os II.·. com os olhos no Resp.·. fazem o signal de Mestre, e applaudem por nove, que he o applauso de Aprendiz repetido tres vezes.

Finalmente o Ven.·. diz: « Estão abertos os trabalhos de Mestre. »

Os VV.·. fazem este annuncio nas suas columnas.

O signal se faz em pé, e á ordem, levando a mão á altura da testa, com a palma para fóra, a cabeça inclinada para o lado direito, e fazendo-se hum movimento com o corpo para traz.

O Resp.·. põe a sua espada nua sobre o altar, e depois encarrega aos VV.·. de convidarem os II.·. a se assentarem, o que executão.

Estando assim abertos os trabalhos, o Resp.·. diz: « Meus II.·., tendes dado o vosso consentimento á admissão do I.·. N... ao grão de

Mestre. Se algum de vós tem agora [illegible] legítimas de opposição, he este o momento de apresenta-las. O silencio provará que persistis no vosso consentimento. »

Se alguem faz opposição, he necessário ouvi-la, discuti-la, e julga-la sobre as conclusões do I.·. Orador; caso seja reputada valiosa, he preciso interromper a sessão, e adiar a recepção.

Se o silencio reina nas duas columnas, o Resp.·. diz : « I.·. M.·. do Cer.·., adverti o I.·. Preparador a que traga o Aspirante. »

O Recipiendario deve antes ter sido conduzido e encerrado na Câmara das Reflexões, em cujos muros devem ter posto maximas analogas á recepção; e ali o I.·. Preparador disporá seu espirito e imaginação por meio de discursos sensatos, serios e moraes, relativos á importancia do gráu.

Se alguma razão retardar a chegada do Recipiendario, o Resp.·. fará algumas questões tiradas do cathecismo.

O I.·. Preparador entregará ao Resp.·. o chapéo, e a espada do Aspirante.

Hum I.·. em cada columna pegará em hum cylindro ou rolo de papelão para se servirem delle, como ao depois se dirá.

RECEPÇÃO.

No momento em que se annunciar o Companheiro, apagar-se-hão as luzes. Huma alampada de metal ou de qualquer outra materia não transparente, de forma antiga, suspensa no meio da Loja, bastará para illuminar os trabalhos até ao momento da recepção. Ter-se-ha cuidado em que a Luz desta alampada não exceda as suas bordas, para que os objectos exteriores se possão distinguir bem.

Sobre o altar se porá huma outra alampada que reflicta huma luz fraca sobre o Resp.·., á semelhança de huma lanterna surda. Todos os II.·. estaráõ vestidos de preto, com o chapeo bem mettido na cabeça, a espada na mão, e avental branco bordado de azul. Collocar-se-hão em duas linhas, no meio da Loja, sobre banquetas dispostas ao longo do quadro, em huma distancia sufficiente para deixarem

passagem entre elles e o quadro, e tambem para que as vingens possão ser feitas por detraz delles.

Chegado o Recipiendario á porta do Templo, bate como Companheiro; deve trazer o seu avental, e de sorte que facilmente lho possão tirar sem resistencia.

O I.·. Cobridor annuncia ao 2.º Vig.·., que bate hum Companheiro; este o annuncia ao 1.º, que o diz em voz alta ao Resp.·.

O Resp.·. diz: « Qual he o Companheiro que ousa perturbar os nossos trabalhos? »

« I.·. 1.º Vig.·., vêde quem bate. »

O I.·. 1.º Vig.·. dá esta ordem ao 2.º que diz ao I.·. Cobridor: « Meu I.·., vêde quem bate. »

O I.·. Cobridor abre metade da porta, e pergunta: « Quem bate? »

O I.·. Preparador responde: « He hum Companheiro que acabou o seu tempo, e quer ser admittido Mestre. »

Quando esta resposta tiver chegado ao Resp.·. sempre pelo canal dos VV.·., dirá:

« Perguntai-lhe seus nomes, prenomes, sua idade, e seu estado civil. »

Esta pergunta chega ao Aspirante como á primeira.

O I.·. Preparador responde.

O I.·. Cobridor fecha a porta, de que deve apenas abrir metade cada vez; e quando a resposta chegou ao Resp.·., este diz: « Perguntai-lhe a sua idade Maçonica, onde trabalhou, e sobre que se exercitou. »

Quando esta pergunta chega ao I.·. Preparador, este responde: « O Aspirante já tem cinco annos passados; trabalhou no exterior do Templo sobre a pedra polida, e preparou as ferramentas. »

Esta resposta chega ao I.·. Resp.·. da mesma maneira, e então este diz: « Perguntai-lhe se está sinceramente disposto a preencher os deveres de hum Mestre Maçon, e se nada tem a arguir-se sobre os juramentos que precedentemente prestou. »

A pergunta chega ao Aspirante, e este dá a sua resposta, que passa ao Resp.·.

O Resp.·. bate, e diz: « Introduzi o Companheiro. »

Abrem-se as portas. O P.·. Preparador introduz o Aspirante, e o faz marchar rectamente até os dous VV.·., onde o retem com as costas viradas para o Oriente.

Tornão-se a fechar as portas com estrondo.

O Resp.·. diz com hum tom firme: « Apoderai-vos do Companheiro; tende cuidado em que elle nada possa ver do que aqui se passa, até que tenhamos a certeza de que he digno de ser admittido a nossos mysterios. »

Os VV.·. o agarrão. O 1.º Vig.·. lhe põe a ponta da espada sobre o coração.

O Resp.·. diz: « Companheiro, jurai e prometteí, debaixo das penas a que vos submettestes no vosso primeiro juramento, de nada revelardes do que aqui notardes, e de nada communicardes a algum Companheiro, ou Aprendiz, mesmo no caso de não serdes admittido ao grão que pareceis desejar. »

O Aspirante responderá: « Eu o juro. »

P. Prometteis responder com candura e franqueza ás perguntas que vos vão ser feitas?

R. Prometto.

Depois desta resposta, o Resp.·. diz: « Companheiro, que quereis? »

(Elle responde).

P. He o desejo de instruir-vos que vos anima?

(Responde.)

P. Tendes algum conhecimento do gráo que pedis?

(Responde.)

O Resp.·. diz: « I.·. Experto, fazei-o praticar a primeira das nove viagens mysteriosas. »

Os VV.·. tornão a tomar os seus lugares.

O I.·. Experto, collocado á direita do Recipiendario, lhe põe a ponta da espada sobre o coração, fazendo-o pegar pouco mais ou menos no terço do seu comprimento: o mesmo I.·. Experto pega com a mão direita nos copos da espada, e com a mão esquerda pega fortemente na do Recipiendario, e o faz girar em torno da Loja, levando-o diante de si, sem passar no Oriente, e começando pelo Meio dia. Tem todo o cuidado em que elle tenha sempre as costas voltadas para o interior.

Depois de ter ordenado a viagem, o Resp.·. acrescenta: « Vós todos Mestres, Membros do meu Conselho, conheceis o Companheiro: vinde dar-me conta do que sabeis, a fim de regularmos a conducta que teremos a seu respeito, e sobre a maneira com que se comportou desde que foi admittido entre nós. »

« Ai de vós Companheiro se voltardes a cabeça! »

Os VV.·. ficão nos seus lugares.

Nove Mestres se reunem em torno do quadro, onde o mais moderno dos Mestres deve estar deitado (*), e formão entre si a cadêa de união.

O Resp.·. faz passar á sua direita, em voz baixa, a antiga palavra de Mestre, J.·., que lhe deve voltar pela esquerda. Isto deve ser feito no maior silencio, com hum apparato que imponha, a fim de inspirar ao Recipiendario alguma inquietação sobre a conducta

(*) Como esta recepção he muito longa, será bom extender hum tapête muito estreito, sobre o qual o Mestre se deitará, para que a humidade do chão o não incommode.

que teve, e sobre as indiscrições que pôde commetter.

Nota. Se a Loja he muito pequena para que o Recipiendario possa fazer as viagens por detraz dos Mestres, estes se collocarão todos no centro em duas fileiras de banquetas, como já se disse; mas esta mudança deve fazer-se sem rumor.

Quando o Recipiendario volta ao Occidente, o *I*.·. *Vig*.·. bate, e diz em alta voz: « Resp.·., está feita a primeira viagem. »

Os nove Mestres que se tinhão levantado para formarem conselho com o Respeitavel ficão em pé á roda do quadro; o Resp.·. torna só ao seu lugar, bate, e diz: « Companheiro, desconfiamos que commettestes huma grave falta. I.·. Conductor, arrancai-lhe o seu avental, que não he mais digno de traze-lo. »

O I.·. Preparador lho arranca.

O Resp.·. continua: « Não vos argúe a consciencia? Sede sincero; lembrai-vos da promessa que nos fizestes ha hum instante: respondei. »

Depois da resposta do Recipiendario, o

Resp.·. lhe diz : « A vida do homem he hu ma passagem na terra. »

Depois ajunta : « Fazei-o praticar a segunda viagem. »

E lhe diz : « Companheiro, durante esta viagem scrutai os arcanos da vossa alma. »

O Resp.·. deixa o seu lugar, e se reune aos nove Mestres á roda do quadro.

Quando o Candidato estiver de volta ao Occidente, o 1° Vig.·. bate, e diz : « Está feita a segunda viagem. »

O Resp.·. volta a seu lugar, e diz : « O crime e a innocencia, a mentira e a verdade, têem caracteres que não permittem se confundão. Companheiro, não vos argúe a vossa consciencia ?

R. Não. (He esta em geral a resposta que dão).

O Resp.·. diz : « I.·. Experto (ou Conductor), fazei voltar o Companheiro : que veja a que excesso nos póde levar o esquecimento de nossos deveres. »

« Considerai na causa do luto em que estamos. »

O I.·. Experto o faz dar tres passos para traz, e o vira para o quadro: os nove Mestres que ali se achão dão hum passo á retaguarda, pondo a mão direita sobre o coração, á ordem de Mestre, e com a esquerda dirigem a ponta da sua espada para o quadro, voltando o rosto para o Recipiendario.

Depois de hum momento de silencio, o Resp.·. diz: « I.·. Experto, o Companheiro parece compungido. Nada o mostra culpado? »

O I.·. Experto responde: « Não, Resp.·. »

O Resp.·. Mestre diz então com hum tom solemne: « Cada instante nos conduz a nosso derradeiro fim; o verdadeiro Maçon nem o teme, nem o deseja. »

Depois acrescenta: « I.·. Experto, fazei-o praticar a terceira viagem. »

Quando o Recipiendario está de volta ao Occidente, o 1.º Vig.·. bate, e diz: « Está feita a terceira viagem. »

O Resp.·. bate huma pancada de malhete.

Os nove Mestres que estavão em pé, tornão a occupar os seus lugares.

Se todos os Mestres se achavão no centro, em razão da pouca capacidade, do local, vol tão neste momento aos seus lugares.

O Resp.·. diz: « Companheiro, tudo vo anuncia aqui o luto e a tristeza: suspeitão vos de ter participado na perfidia dos Com panheiros acoderados; chegou ao vosso conhe cimento seu detestavel trama? »

Responderá: « Não. »

O Resp.·. diz: « Quem será o vosso fia dor? »

Responde: « A minha palavra de honra, a minha fé de Maçon. »

O Resp.·. diz: « Eu as recebo; huma outra são entre nós sagradas: confirmai-a por hum signal que nada nos deixe a desejar. »

Pôr a mão sobre o coração, á ordem do Companheiro.

O Resp.·. continua: « Não vos surprehen dais, Companheiro, das precauções que to mamos a vosso respeito; depois da morte de nosso Respeitavel Mestre, todos os Companhei ros nos são suspeitos, o que sem duvida no tarieis pela maneira com que fostes tratado

a firmeza e a simplicidade das vossas respostas desvanecêrão nossas suspeitas a vosso respeito, e vos merecêrão a nossa confiança. Procurai tornar-vos digno do favor que sollicitais. O homem vulgar deixa-se enganar pela apparencia; mas o verdadeiro Maçon sabe affasta-la para chegar ao conhecimento da verdade.

« I.·. Companheiro, persistis no desejo que mostrastes de chegar ao grão do Mestre? »

Responde: « Persisto. »

O Resp.·. lhe diz: « Meu I.·., todas as provas por que tendes passado até este momento, os preceitos que vos forão dados, nada têem tido outro fim que o de fazer-vos chegar ao interior, onde adquirireis conhecimentos particulares e satisfactorios: não se póde lá entrar senão com huma alma pura. Não podemos penetrar os arcanos do vosso coração; sede vós mesmo o juiz, e temei os remorsos. Os Mestres se esforçaráõ a bem formar-vos: d'ora em diante ficareis encarregado de ensinar os Companheiros e os Aprendizes. Seja a virtude o motivo e o objecto de vossos preceitos; e nunca olvideis que o bom exemplo pro

duz mais seguros effeitos do que as mais assisadas lições.

« Sim, meu I.·., tudo o que tendes visto até hoje na Maçonaria, tudo o que vereis pelo tempo adiante, está coberto com o mysterioso véo do emblema : eis o que o Maçon intelligente, zeloso, e laborioso sabe penetrar. Dai attenção ao que vos aconteceu, e ao que vos ha de acontecer. Não esqueçais as tres viagens mysteriosas que tendes feito : o gráo exige nove, mas a Loja houve por bem reduzi-las a tres.

« I.·. Experto, fazei subir ao I.·. os sete degráos do Templo. Que entre nelle pela porta do Occidente, e vireis apresentar-mo quando fôr tempo pelos tres passos mysteriosos. Vós, II.·. em ambas as columnas, não esqueçais o vosso dever. »

(Este aviso he para os dous II.·. que estão munidos dos cilindros.)

O I.·. Experto faz subir ao Candidato os primeiros tres degráos, começando pelo pé dircito.

Chegado ao primeiro patamal, dá o signal

de Aprendiz: sobe outros dous degráos, e no segundo patamal dá o signal de Companheiro; sobe os dous ultimos degráos, e faz alto sobre o pavimento mosaico, sempre com o signal de Companheiro, e os dous pés em esquadria. Quando chega a este lugar, fica o Recipiendario com os pés muito perto da cabeça do I.·., que, como já dissemos, está deitado no chão; mas não o póde ver, porque está inteiramente coberto com hum véo preto. O I.·. que está deitado deve ter a perna esquerda extendida, a direita posta em esquadria, o joelho levantado, o braço esquerdo extendido, e o direito á ordem do Companheiro.

Chegado o Recipiendario a este lugar, o Resp.·. diz: «Os dous primeiros gráos vos ensinárão a conhecer o uso dos instrumentos e o emprego dos materiaes. Sem duvida esperais achar neste o desenvolvimento dos emblemas, sob os quaes a verdade se tem até hoje occultado aos vossos olhos: mas tudo no Universo está sugeito a espantosas revoluções: tudo perece!

« O Templo que Solomão tentava levantar ao Rei dos Reis soffreu esta funesta sorte. A morte inesperada do Chefe desta magnifica empreza póde retraçar-vos anticipadamente a ruina deste Templo famoso, que a historia nos representa sem cessar destruido, e sem cessar renascendo de suas proprias ruinas.

« Solomão, filho de David, celebre pela sua sabedoria, e pela immensidade de seus conhecimentos, resolveu levantar ao Eterno hum Templo que seu pai tinha projectado, mas que as guerras que teve a sustentar contra seus visinhos não lhe permittio edificar; o enviou a Hiram, Rei de Tyro, para que lhe fornecesse os materiaes necessarios para huma tal empreza. Hiram aceitou esta proposição com alegria, e mandou hum desses homens raros, cujo genio, intelligencia, gosto, superioridade de talentos na arte da Architectura, e o vasto conhecimento da essencia dos metaes lhe tinhão adquirido hum tal gráo de consideração e respeito, da parte do Rei de Tyro, que este o chamava seu Pai, por chamar-se Hiram como elle, ainda que fosse filho de

hum Tyriano, e de huma mulher da Tribu de Nephtali.

« Solomão deu a Hiram a intendencia, e a conducta dos trabalhos. O censo que se fez de todos os obreiros, deu a conhecer que o seu numero subia a 183,3oo. A historia os chama *proselytas*, que em nossa lingoa significa *estrangeiros admittidos*, isto he, *iniciados*. A saber: 3o,ooo homens destinados a cortarem os cedros do Libano, que servião por terços durante hum mez; 7o,ooo Aprendizes, 8o,ooo Companheiros, e 3,3oo Mestres. Os habitantes do Monte-Gibel preparavão os cedros, e talhavão as pedras.

« Os obreiros, divididos em tres classes, tinhão palavras, signaes, e toques para se reconhecerem entre si, e recebem a paga proporcionada ao genero de trabalhos que executavão.

« Os Aprendizes recebião o seu salario na columna J∴, os Companheiros na B∴, e os Mestres na Camara do meio. O nome da columna dos Aprendizes significa *preparação*, e a dos Companheiros significa *força*. Os mo-

numentos historicos que nos chegárão, nos ensinão que a columna J.·. estava collocada ao Norte, e a columna B.·. ao Meio dia, perto da porta do Occidente.

« Entrava-se no Templo por tres portas: a destinada aos Aprendizes, e pelo tempo adiante ao Templo, estava ao Occidente; a dos Companheiros, e depois do acabamento do Templo, aos Levitas, estava ao Meio dia; e a destinada aos Mestres, e depois aos Pontifices, estava ao Oriente.

« Logo que as portas forão collocadas, Solomão fez huma Lei, na qual se ordenava a todos os Aprendizes e Companheiros sahissem do Templo na vespera do Sabbado, e a elle não voltassem senão no Sabbado de madrugada, sob pena de morte.

« A ordem que tinha sido estabelecida entre os obreiros devia necessariamente firmar a tranquillidade; a ultima Lei de Solomão tinha por fim impedir que se illudisse por pretexto algum a observancia do Sabbado. Tudo respondia aos votos de Solomão, pelos cuidados e vigilancia de Hiram; o Templo adqui-

ha cada dia hum novo accrescimo, quando repentinamente hum crime horrivel veio suspender os trabalhos, e produzir hum luto universal. Tres Companheiros, descontentes de seus salarios, formárão o projecto de obterem o de Mestre, com ajuda dos sinaes, palavra, e toque, que querião haver á viva força.

« Tendo notado que Hiram visitava todas as tardes os trabalhos, depois que os obreiros se retiravão, se puzerão em embuscada ás tres portas do Templo: hum se armou com huma regoa, o outro com huma alavanca, e o terceiro com hum grande malhete.

« Hiram, tendo entrado no Templo por huma porta secreta, dirigio seus passos para a porta do Occidente, onde achou hum dos Companheiros que lhe perguntou as palavras, sinal, e toque de Mestre, ameaçando mata-lo se lhos não desse. Desgraçado! exclamou Hiram, que fazes? Não sabes que os não posso, nem devo dar? Não foi assim que os recebi; esforça-te por merece-los, e pódes ter a certeza de obte-los.

« No mesmo instante o traidor intentou des-

carregar-lhe sobre a cabeça huma pancad
com a regoa que tinha na mão; mas o mo
vimento feito por Hiram para evitar o golpe
fez com que sómente lhe acertasse sobre
hombro, »

Neste momento o I.·. Experto faz dar ao
Candidato hum dos tres passos de Aprendiz
que consiste em passar o pé direito por cima
do quadro diagonalmente, do Occidente onde
está, para o Meio dia, conservando a perna es
querda em esquadria na altura da barriga da
perna, e ficando alguns instantes sobre a per
na direita. O I.·. Experto sustem o Candidato
nesta postura, dando-lhe a mão.

No instante em que o Candidato dá o pri
meiro passo, o I.·. da columna do Meio dia
que tem o cylindro, lhe dá huma leve pan
cada, mas sensivel, sobre a espadua direita.

O Resp.·. continua: « Hiram intentou bus
car a sua salvação na fuga, e quiz escapar-se
pela porta do Meio dia; mas ali achou hum
outro Companheiro que lhe fez a mesma per
gunta com a mesma ameaça; porém no ins

tante em que quiz fugir, o Companheiro o perseguio, e lhe descarregou huma grande pancada de alavanca, que sómente lhe deu sobre a nuca. »

Neste momento faz-se dar ao Candidato o segundo passo mysterioso, lançando a perna esquerda por cima do quadro, diagonalmente do Meio dia ao Norte, conservando a perna direita em esquadria apoiada no tornozelo esquerdo.

Na occasião de dar o passo, hum I.·. da columna do Norte bate sobre a nuca do Candidato huma leve pancada com o seu cylindro.

Faz-se-lhe dar o terceiro passo, lançando a perna esquerda pelo extremo da representação, onde junta os dous pés em esquadria.

Immediatamente dous II.·. agarrão no Candidato pelos braços, pondo a outra mão sobre o peito, e pondo cada hum o pé por detraz dos calcanhares do Recipiendario: nesta occasião o I.·. que estava deitado se levanta sem rumor, de maneira que o Candidato o não possa sen-

tir, deixando no chão o véo com que se achava coberto.

O Resp.·. deixa o lugar, vem para junto do Candidato, e continua: « Este golpe mal dirigido fez apenas baquear ao nosso Respeitavel Mestre, que entretanto teve bastante força para correr á porta do Oriente, onde achou o terceiro Companheiro, que lhe fez a mesma pergunta, e as mesmas ameaças; e como recusasse, deu-lhe huma grande pancada de malhete sobre a cabeça, que o fez cahir morto. »

O Resp.·. dá huma pancada de malhete sobre a cabeça do Recipiendario; immediatamente os II.·. que o segurão o suspendem, e deitão com precaução sobre as costas.

Ao I.·. Experto, ou ao Mestre de Ceremonias compete este encargo; mas convem fazelo exercer por dous II.·, dos mais robustos, que possão deitar por terra o Recipiendario, sustentando o peso do seu corpo sem o maltratar.

O Recipiendario deve estar deitado como o estava o I.·. que occupou o seu lugar; a ca-

beça, deve estar hum pouco levantada sobre hum travesseiro; terá a perna esquerda extendida; a direita posta em esquadria; o joelho levantado; o braço esquerdo extendido; e o direito tambem posto em esquadria; a mão sobre o coração, á ordem de Companheiro, e coberta com avental; finalmente se extenderá sobre elle o véo preto, mas de maneira que tenha o rosto descoberto.

Cada hum toma o seu lugar; accendem-se as nove luzes, e apagão-se as alampadas.

Se houvesse a admittir-se hum outro I.·. ao grão de Mestre, não se accenderião as luzes, e se procederia á sua recepção; bem entendido que antes de tudo se votaria sobre a admissão de cada hum, como se disse a respeito de hum só. O I.·. que acaba de deitar-se ficaria no mesmo lugar, como estava o ultimo Mestre antes delle, e quando se lançasse por terra o seguinte, o precedente se collocaria em huma das columnas.

Se ha sómente huma recepção, ou logo que se chega á ultima, accendem-se as luzes, como se disse; e o Ven.·. continua:

« Meus II.·., a desordem se introduzio nos nosses trabalhos, a tristeza está pintada nos olhos de todos os obreiros; não podemos duvidar que o nosso respeitavel Mestre não esteja morto: procuremos todos o seu corpo, empreguemos nosso zelo e nosses cuidados para àcha-lo.

« I.·. 2° Vig.·., levai comvosco dous II.·., e começai a procurar pelo Norte. »

O I.·. 2° Vig.·. leva comsigo dous II.·., e todos juntos fazem o giro da Loja começando pelo Norte, sondando o terreno com as pontas das espadas.

De volta ao Occidente, o 2° Vig.·. bate, e diz: « Respeitabilissimo, nossas indagações forão baldadas. »

O Resp.·. bate e diz:

« I.·. 1° Vig.·., levai comvosco dous II.·., e procurai pelo Meio dia. »

O I.·. 1° Vig.·. designa dous II.·., com os quaes faz o giro da Loja começando pelo Meio dia, sondando a terra com a ponta da sua espada. De volta ao Occidente, o 1° Vig.·. bate,

e diz: «Respeitabilissimo nossas indagações forão baldadas.»

O Resp.·. bate, e diz:

« II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. que vos acompanhárão, a que se vos reunão outra vez; eu me farei acompanhar por dous II.·., e todos de concerto, procuraremos com mais attenção: oxalá sejamos tão felizes, que possamos fazer huma tal descoberta! »

Estes II.·. em numero de nove, fazem o giro da Loja na ordem que se segue:

O 2° Vig.·. seguido por dous Mestres da sua columna, parte em primeiro lugar para o Meio dia; e o 1° Vig.·., acompanhado por outros dous Mestres da sua columna, parte para o Norte. Fazem desta sorte o giro cruzando-se; e quando chegão ao Oriente, o Resp.·. se reune a elles com dous Mestres que designa, e todos fazem o giro da Loja, procurando e sondando o terreno com a ponta de suas espadas.

No segundo giro, o 2° Vig.·. pára e diz:

« Resp.·., vejo exhalar vapores de hum pequeno espaço de terreno. »

Fazem hum terceiro giro, depois do qual o

Resp.·. pára em frente do quadro ou angulo em que está representado hum monticulo e hum ramo d'acacia.

Nota. Muito melhor seria ter hum ramo d'acacia natural ou artificial, e da-lo ao Recipiendario para que o segurasse com a mão direita, fazendo neste lugar huma pequena abertura no véo que o cobre.

O 1º Vig.·. diz : « Resp.·. a terra me parece novamente revolvida neste lugar ; talvez aqui achassemos o objecto que procuramos. »

O Resp.·. finge encostar-se sobre o ramo d'acacia, e diz : « Ven.·. Mes.·., este ramo não cresceu neste lugar; o que me parece suspeito, e penso que as nossas indagações não serão baldadas. » Talvez que os assassinos tenhão, á força de tormentos, arrancado ao nosso Respeitavel Mestre a palavra e o sinal de Mestre ; concordareis em que o primeiro sinal que hum de nós fizer, a primeira palavra que pronunciar, se acharmos o corpo de Hiram, sejão d'ora em diante a palavra e o sinal de reconhecimento dos Mestres ? »

Todos dão o sinal d'approvação, e deixão cahir a mão direita sobre a coxa.

O Resp.·. levanta com a ponta da sua espada que tem na mão esquerda, assim como os oito outros II.·., huma parte do véo que cobre o Recipiendario: immediatamente fazem todos o sinal de horror.

O 2° Vig.·. se approxima, pega no index direito do Recipiendario, deixa-o cahir, pronunciando J.·. (a palavra d'Aprendiz), e dá hum passo para traz fazendo o sinal de horror.

O 1° Vig.·. se approxima ao depois, pega no segundo dedo ou *medius* do Recipiendario, pucha-o para si, e o deixa cahir dizendo B.·. (a palavra de Companheiro) faz logo o sinal de horror dando hum passo retrogrado.

O Resp.·. approxima-se do Recipendiario, e diz fazendo o sinal de horror, e recuando hum passo: « II.·. VV.·., quem desarranjou o corpo do nosso Respeitavel Mestre? »

O 2° Vig.·. diz: « Acreditei pode-lo levantar pelo toque d'Aprendiz, mas a carne deixa os ossos. »

O 1° Vig.·. diz: « Resp.·., suppuz pode-lo levantar pelo toque de Companheiro, porém a carne deixa os ossos. »

O Resp.·. diz: « Não sabeis que nada podeis sem mim, e que nós tres tudo podemos? »

Approxima-se do Recipiendario, põe o pé direito contra o seu, joelho contra joelho, com a mão direita lhe abraça o pulso, de sorte que as palmas d'ambas as mãos estejão unidas, e lhe passa o braço esquerdo sobre o hombro esquerdo, tendo por este meio o estomago contra estomago; depois com ajuda dos dous VV.·., o levanta e lhe diz ao ouvido, dando-lhe o triplice abraço, as tres syllabas da palavra M.·. B.·. N.·.

Todos os II.·. tomão os seus lugares, e o Resp.·. volta igualmente para o seu.

O I.·. M.·. de Cer.·. conduz o Recipiendario ao pé do altar, onde com o joelho em terra, pronuncia o juramento que abaixo se segue.

Todos os II.·. estarão em pé, á ordem, e com a espada na mão.

JURAMENTO.

Juro e prometto, em presença do G.·. A.·. do U.·., debaixo de minha palavra de honra e minha fé de Maçon, perante esta A.·. e R.·.

Loja, de não revelar de maneira alguma, a qualquer Companheiro, Aprendiz, ou Profano, alguns dos segredos que me forão ou vão ser confiados, sob as penas a que me submetti por meus primeiros juramentos. Reitero neste momento todas as obrigações que contrahi na Ordem : assim o G.·. A.·. do U.·. me ajude !

Depois do juramento, o Resp.·. dirá :

« A' gloria do G.·. A.·. do U.·., em nome do Grande Oriente (tal), em virtude dos poderes que me forão confiados por esta A.·. e R.·. Loja, eu vos recebo e constituo Mestre Maçom. »

Põe a sua espada sobre a cabeça do Recipiendario, e nella bate conforme a bateria do gráo.

O Recipiendario se levanta.

O Resp.·. lhe diz :

« Meu I.·., temos para reconhecer-nos neste gráo, como nos precedentes, huma palavra sagrada, huma palavra de passe, hum sinal, e hum toque.

« O sinal se faz como já vistes : pinta o

horror que tiverão os Mestres quando virão o cadaver de Hiram.

« A palavra sagrada he a que vos dei ao ouvido quando vos levantei; dá-se recebendo e dando o abraço em tres tempos, pronunciando-se huma syllaba em cada tempo: significa, *a carne deixa os ossos.*

« A palavra de passe he *Giblin*: he este o nome dos habitantes do Monte Gibel, que tiravão as pedras da pedreira e preparavão os cedros para a construcção do Templo.

« Como Mestre, vos chamarcis *Gabaon*; o toque he o que vos dei levantando-vos, com a differença que deveis pegar no punho como se pegou no vosso.

« Se hum Maçon se acha em perigo, deve pôr as mãos entrelaçadas sobre a cabeça, com a palma virada para o Céo, e dizer: —A mim, Filhos da Viuva.

« A ordem do gráo he extender a mão, unindo os quatro dedos, o polegar aberto e posto sobre o coração.

« Não se deve pronunciar a palavra sagrada nem dar o toque, senão em Loja de Mestre, e

depois de estar certo que aquelle que a pede he Mestre. »

O Resp.·. põe então ao novo Mestre o avental do seu gráo, e lhe diz:

« Trareis de ora em diante a aba do avental descida. A côr azul de que está bordado vos fará lembrar sem cessar que hum Maçon deve tudo esperar do Céo, e que em vão os homens pretendem construir, se o G.·. A.·. não se dignar elle mesmo faze-lo. »

Da-lhe a sua espada, dizendo:

« Já conheceis o uso que deveis fazer desta espada. »

Dando-lhe o chapéo, lhe diz:

« De ora em diante estareis coberto em Loja de Mestre: este antiquissimo uso annuncia a liberdade e a superioridade. Até aqui tendes servido como Aprendiz e Companheiro, agora ides mandar, mas temei de abusar. »

O Resp.·. bate, e diz:

« I.·. 1° Vig.·. eu vos envio o novo Mestre, para que como tal o ensineis a trabalhar, e o reconheçais na sua nova qualidade. »

O Mestre de Ceremonias o conduz para en-

tre os dous VV.·., O 1º Vig. lhe faz bater tres pancadas sobre cada huma das tres portas representadas no quadro, ao Oriente, ao Occidente, e ao Meio-dia; depois recebe delle as palavras, sinaes, e toque. Finalmente bate huma pancada, depois que o 2º Vig.·. tem recebido da mesma maneira do Recipiendario as palavras, sinaes, e toque, e diz:

« Resp.·., o I.·. está reconhecido, e trabalhou como Mestre. »

O Resp.·. ordena ao Mestre de Ceremonias que o ponha á testa de huma das columnas, e depois disto continua o discurso sobre o grão dirigindo a palavra ao I.·. novamente recebido:

« Meu I.·., apenas os Companheiros commettêrão o crime, sentirão toda a sua enormidade. A fim de occulta-lo, se possivel fosse, levárão o corpo de Hiram a alguma distancia dos trabalhos, e o enterrárão em huma cova feita á pressa, tencionando vi-lo buscar na primeira occasião opportuna, e transporta-lo para bem longe; e para reconhecerem facil-

mente o lugar, ali plantarão hum ramo de acacia.

« Mas bem depressa os Mestres notárão a ausencia de Hiram, e o advertirão a Solomão, que para satisfazer a sua impaciencia ordenou que immediatamente o procurassem. »

« Tres Mestres partirão pela porta do Norte, tres pela porta do Meio-dia, e tres pela do Occidente, convencionando não se apartarem huns dos outros além do alcance da voz. Ao nascer do Sol, hum delles notou hum vapor que se exhalava no campo, em alguma distancia; este phenomeno fixou a sua attenção, e tendo-o communicado aos outros Mestres, todos se approximárão do lugar donde sahia o vapor. Ao primeiro aspecto vião huma pequena elevação, e conhecêrão que a terra tinha sido revolvida havia pouco tempo, o que confirmou as suas suspeitas; mas o ramo de acacia que ceden aos primeiros esforços não lhes permittio duvidarem por mais tempo que estes indicios os não fizessem achar o objecto que procuravão. Para verifica-los começárão a cavar, e finalmente acháráo o corpo do nosso

respeitavel Mestre, já corrupto, e reconhecêrão ter sido assassinado.

« Era de temer que os assassinos tivessem, á força de tormentos, arrancado a Hiram os sinaes e palavras de Mestre: convencionárão consequentemente que o primeiro sinal, e a palavra que lhes escapasse quando o desenterrassem, serião d'então em diante o sinal e palavra do reconhecimento entre os Mestres.

« Revestirão-se com aventaes e luvas de pelle branca, para mostrarem que não tinhão ensopado suas mãos no sangue innocente; e deputárão hum delles a Solomão para instruí-lo da descoberta do corpo de Hiram.

« Solomão instruido do crime horrivel que o tinha privado de hum amigo, e do Chefe dos Trabalhos, cuja perfeição era a sua unica ambição, se entregou á mais violenta desesperação; rasgou seus vestidos, e jurou tirar a mais justa vingança de hum tão grande attentado.

« Ordenou hum luto geral entre os obreiros do Templo; mandou desenterrar o corpo pelos Mestres; fez-lhe magnificos funeraes, e o col-

beeu em hum tumulo de tres pés de largo sobre cinco de profundidade, e sete de comprimento; fez incrustar em cima hum triangulo de ouro mais puro, e gravar no meio do triangulo a antiga palavra de Mestre, que era hum dos nomes Hebraicos do G.·. A.·. do U.·.; finalmente ordenou que a palavra, sinal, e toque serião mudados, substituindo-se-lhes os que forão convencionados pelos novos Mestres.

« Agora vos he facil conhecer a analogia que ha entre as provas por que acabais de passar, e a relação das circumstancias das quaes são o emblema.

« Por pouco que tenhais reflectido nas differentes circunstancias que acompanhárão a vossa recepção, nos gráos a que fôstes admittido, talvez tenhais notado alguns pontos que apparentemente se contradizem, ou pelo menos não têem entre si huma perfeita connexão; suspendei por em quanto o vosso juizo a este respeito. Esta diversidade provém da dos objectos que os tres primeiros gráos vos apresentão, que são os pontos fundamentaes de

todos os conhecimentos Maçonicos. Vereis pelo tempo em diante, á força de estudos e indagações, desfazerem-se estas apparentes contradicções. A reunião de todos os conhecimentos vos apresentará hum todo ligado, seguido, satisfactorio, e destinado a conduzir aos mais elevados objectos. He bastante que a ordem vos tenha indicado o caminho que deveis seguir.

« Fostes tratado como Companheiro suspeito; isto faz allusão aos Profanos inimigos da ordem, que a calumnião e a perseguem sem a conhecerem, e contra os quaes devem s empregar a força para repellir seus golpes; a doçura para traze-los a sentimentos mais moderados; e a prudencia em a escolha dos meios que são a isto appropriados.

« Apenas vos justificastes, vossos II.·. se apressárão a dar-vos novos sinaes da sua amizade, admittindo-vos á participação de seus mysterios os mais intimos; desde esse momento conseguistes chegar ao interior.

« As viagens são o emblema das pesquizas do crime, e designão o estado errante e vaga-

bundo do criminoso, que em vão procura escapar aos remorsos e ao castigo.

« A marcha mysteriosa he o symbolo dos esforços que fez Hiram para escapar aos golpes dos assassinos.

« As tres pancadas que recebestes figurão aquellas que lhe forão dadas : ellas vos devem fazer sentir o perigo das tres funestas paixões que muitas vezes cegão ao homem, o Orgulho, a Inveja, e a Avareza.

« Estas mesmas provas são ainda o emblema da grande importancia de nossos mysterios; ellas devem convencer-nos que sempre em todos os lugares, em todas as circunstancias, devemos estar promptos a soffrer tudo, como o nosso Resp.: M.: Hiram, sem que cousa alguma nos obrigue a revelarmos os nossos segredos, e faltarmos aos nossos contractos.

« Finalmente, são tambem os emblemas allegoricos de huma infinidade de conhecimentos, que só hum estudo profundo nos póde dar, e que não posso nem devo communicar-vos neste momento.

« Fizerão-vos chegar ao setimo gráo, terceiro e numero perfeito da Maçonaria; vós o tendes obtido pela idade do vosso gráo, diligenciai não descer e perder o numero das perfeições de que estais condecorado. »

Terminado o discurso, o Resp.·. diz:

« VVen.·. II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. que condecorão as vossas columnas, a reconhecerem d'ora em diante ao I.·. N.·., como Mestre Maçon: e como tal seja reconhecido por todos os Maçons espalhados sobre a superficie da terra. »

Os VV.·. repetem.

O Resp.·. diz: « Applaudamos, meus II.·. »

Applaude-se pela triplice bateria d'Aprendiz.

O Recipiendario agradece.

O Resp.·. faz cobrir o applauso. Todos os II.·. mettem a espada na bainha, e se assentão.

O Resp.·. faz a instrucção inteira do gráo.

Depois da instrucção o Resp.·. diz:

« VVen.·. 1° e 2° VV.·., perguntai aos II.·. nas vossas columnas se nada têem a propôr. »

Os VV.·. annuncião.

Se ha alguma proposição, he discutida; ou se he muito importante, adia-se para outra Sessão.

Se as não ha, o Resp.·. bate, e diz:

« A' ordem, meus II.·. »

Todos se poem a pé, á ordem, e desembainhão as espadas com a mão direita, conservando a ponta voltada para o chão.

ENCERRAMENTO.

O Resp.·. diz:

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., a que hora devemos encerrar nossos trabalhos?

R. A' meia noite.

P. Que horas são?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, hora em que terminamos os nossos trabalhos, II.·. 1° e 2° VV.·., convidai nossos II.·. a que me ajudem a encerrar os trabalhos de Mestre, etc. »

Os VV.·. repetem o annuncio.

Encerrão-se depois os trabalhos de Companheiro, e finalmente os de Aprendiz.

INSTRUCÇÃO.

P. Ven.·. I.·. 1º Vig.·., sois Mestre?

R. Experimentai-me; a acacia me he conhecida.

P. Onde fostes recebido?

R. Na Camara do meio.

P. Como chegastes ali?

R. Por huma escada que subi por tres, cinco, e sete.

P. E que vistes?

R. Horror, tristeza, e luto.

P. Nada mais vistes?

R. Huma luz sombria illuminava o tumulo do nosso Resp.·. Mestre.

P. Qual era a sua grandeza?

R. Tres pés de largura, cinco de profundidade, e sete de comprimento.

P. Que tinha em cima?

R. Hum ramo de acacia na parte superior, hum triangulo do mais puro ouro, e o nome do Eterno gravado no centro.

P. Que vos aconteceu?

R. Suspeitárão-me de hum crime horrivel.

P. Quem vos animou?

R. A minha innocencia.

P. Como fostes recebido?

R. Passei da esquadria ao compasso.

P. Que procuraveis nesta estrada?

R. A palavra de Mestre que estava perdida.

P. Como se perdeu ella?

R. Por tres grandes pancadas a que succumbi.

P. Quem vos soccorreu?

R. A mão que me tinha ferido.

P. E como?

R. Só o direi em segredo a hum dos meus iguaes, e quando fôr obrigado.

P. Que soubestes?

R. As circunstancias da morte do nosso Resp.·. Mestre Hiram, que foi assassinado no Templo por tres Companheiros, que querião extorquir-lhe a palavra de Mestre, ou tirar-lhe a vida.

P. Que fizerão os Mestres para reconhecerem-se entre si, depois da morte do nosso Resp.·. Mestre Hiram?

R. Convencionárão que a primeira palavra

pronunciada, e o primeiro sinal que se fizesse no momento da descoberta do corpo de Hiram, serião substituidos á antiga palavra e sinal.

P. Quaes forão os indicios da descoberta do corpo de nosso Resp.ᵃ Mestre?

R. Hum vapor da terra, novamente cavada, e hum ramo de acacia.

P. Que fizerão do corpo depois de o terem achado?

R. Solomão o fez enterrar com pompa.

P. Quem era o Mestre Hiram?

R. Era Tyriano, e filho de huma viuva da Tribu de Nephtali.

P. Qual o nome de hum Mestre Maçon?

R. Gabuon.

P. Como viajão os Mestres?

R. Do Occidente para o Oriente, e sobre toda a superficie da terra.

P. Porque?

R. Para espalharem a luz, e reunirem o que se acha dividido.

P. Sobre que trabalhão os Mestres?

R. Sobre a Prancha de traçar.

P. Onde recebem elles a sua recompensa?

R. Na Camara do meio.

P. Que significão as nove Estrellas?

R. O numero dos Mestres enviados á descoberta do corpo de Hiram.

P. Se hum Mestre se perdesse, onde o acharieis vós?

R. Entre a esquadria e o compasso.

P. Quaes são os verdadeiros sinaes de hum Mestre?

R. A palavra, e os cinco pontos perfeitos de hum Mestre.

P. Se hum Mestre se achar em perigo de vida que deve fazer?

R. O sinal de perigo, dizendo: —A mim, filhos da Viuva.

P. Como se faz este sinal?

R. (Elle o faz.)

P. Porque se diz os Filhos da Viuva?

R. He porque todos os Maçons se dizem filhos de Hiram.

P. Qual he a idade de hum Mestre?

R. Sete annos e mais.

P. Porque dizeis sete annos e mais?

R. Porque Salomão empregou sete annos e mais na construcção do Templo.

P. Que significa a palavra de Mestre?

R. He este o nome de huma montanha onde Salomão fez tirar as pedras para a construcção do templo.

FIM

DO REGULADOR DE VENERAVEL.

Rio de Jan. T. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C. — 1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

PRIMEIRO VIGILANTE.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

PRIMEIRO VIGILANTE.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C^a,
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS SYMBOLICOS,

OU DOS

TRES PRIMEIROS GRÁOS

do Rito Francez.

SEGUNDA PARTE.

PRIMEIRO VIGILANTE.

RIO DE JANEIRO.

PRIMEIRO VIGILANTE.

PRIMEIRO GRÃO,

OU

Grão d'Aprendiz.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Grão d'Aprendiz.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

O Ven.·. proporá o Profano N.·., etc., e dirá: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas, etc., e convidai a todos os II.·. para que indaguem, etc. »

O 1° Vig.·. dirá: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. propõe o Profano N.·. (repete os nomes, prenomes, idade, qualidade, domicilio, etc.), para ser iniciado em nossos A.·. Mys.·., com o titulo de Membro desta Loja; e nos convida a qué indaguemos a respeito do Profano proposto, no intervallo desta á proxima Sessão,

para que se delibere se se devem nomear Syndicantes. »

O Ven.·. diz: « II.·. 1.° e 2.° VV.·., convidai nossos II.·. a que nos digão o que sabem relativamente ao Profano proposto, etc. »

O 1.° Vig.·. diz: « I.·. 1.° e 2.° VV.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que digamos o que tivermos podido saber relativamente ao Profano proposto na ultima Sessão. »

Se alguns dos II.·. têem observações a fazer, pedem successivamente a palavra, levantando-se, e extendendo a mão.

O Vig.·., na columna a que pertence, dá huma pancada de malhete, a que responde o outro Vig.·., e depois o Ven.·.

O Vig.·. diz: « Venerabilissimo, hum I.·. na minha columna pede a palavra. »

No caso em que muitos II.·. tenhão pedido a palavra; compete ao Vig.·. ver quem a pedio em primeiro lugar.

Se ninguem se levanta, o I.·. 2.° Vig.·. diz em voz baixa ao I.·. 1.° Vig.·.: « Reina o silencio na minha columna. »

O 1º Vig.·. diz então em voz alta ao Ven.·.: « Venerabilissimo, reina o silencio nas duas columnas. »

O Ven.·. ordena immediatamente o scrutinio, e acrescenta: « I.·. 1º Vig.·., ordenai ao I.·. Méstre de Ceremonias que conte o numero dos votantes, e distribua o scrutinio. »

O 2º Vig.·. dá esta ordem ao M.·. de Cer.·., e este distribue a cada I.·. huma esphera preta e outra branca, e diz o numero dos Membros presentes.

O 1º Vig.·. communica ao Ven.·. o numero dos votantes.

O Ven.·. diz então: « II.·. 1º e 2º VV.·., annunciai nas vossas columnas; etc., e 4 espheras, etc.

O 1º Vig.·. dá huma pancada de malhete, e diz: « I.·. 2º Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o scrutinio vai ter lugar sobre as conclusões do I.·. Orador, tendentes a que sejão (ou não sejão) nomeados Syndicantes; especialmente encarregados de obterem informações sobre o Profano proposto: as espheras brancas denotão voto a favor

das mesmas conclusões, e as pretas voto em contrario. »

O Ven.·. bate huma pancada de malhete, que os VV.·. repetem, e annuncia o resultado do scrutinio.

Se os suffragios são unanimes, o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai, etc., e convidai os II.·. para que unidos a mim as applaudamos. »

O 1° Vig.·. bate, e diz: « I.·. 2° VV.·., II.·. da columna do Meio dia, o scrutinio adoptou unanimemente as conclusões do I.·. Orador; em consequencia vão ser nomeados Syndicantes especialmente encarregados de obterem informações sobre o Profano proposto. O Ven.·. nos convida para que unidos a elle as applaudamos. »

Se o relatorio dos tres Syndicantes he favoravel, ou, se dos tres dous são favoraveis, o Ven.·. diz: « Meus II.·., na columna de, etc. II.·. 1° e 2° VV.·., propondo o Profano N.·. aos II.·. de vossas columnas, e pedi-lhes as suas observações. »

O 1° Vig.·. bate, e diz: « I.·. 2° Vig.·.,

II .·. da columna do Meio dia, o Ven .·. propõe para ser iniciado em nossos mysterios o Profano N .·., e nos pede as nossas observações. »

ABERTURA DOS TRABALHOS.

O Ven .·. diz:

P. I .·. 1° Vig .·., sois Maçon?

R. Todos os meus II .·. me reconhecem por tal.

P. Qual he o primeiro dever dos VV .·. em Loja?

R. He saber se a Loja está coberta.

« Certificai-vos, meu I .·. »

O 1° Vig .·. diz ao 2°: « I .·. 2° Vig .·., certificai-vos se a Loja está coberta. »

O I .·. Cobridor diz em voz baixa ao 2° Vig .·., que os trabalhos estão cobertos; este diz o mesmo ao 1° Vig .·., que diz em alta voz: « Venerabilissimo, os trabalhos estão cobertos. »

P. Qual he o segundo dever de hum Vig .·. em Loja?

R. He saber se os II .·. estão á ordem.

P. Estão elles á ordem?

O 2º Vig.·. diz: « Todos os II.·. estão á ordem na columna do Norte. »

O 1º Vig.·. diz em voz alta: « Venerabilissimo, todos os II.·. estão á ordem em ambas as columnas. »

P. A que hora costumão os Maçons abrir os seus trabalhos?

R. Ao meio dia.

P. Que horas são?

R. Meio dia.

O Ven.·. diz: « Como he meio dia, etc., para abrir a Loja de Maçon no gráo de Aprendiz. »

O I.·. 1º Vig.·. diz: « I.·. 2º Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida para que unidos a elle abramos os trabalhos da A.·. e R.·. Loja (tal) no gráo de Aprendiz Maçon. »

O 2º Vig.·. repete o annuncio.

O Ven.·. bate sobre o altar as tres pancadas mysteriosas ! ! ! , que os VV.·. repetem.

O Ven.·. diz: « I.·. Secretario, lêde., etc.

II.·. 1° e 2° VV.·. , convidai os II.·. a que prestem attenção a esta leitura. »

O I.·. 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. da columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a prestarmos attenção á leitura da Prancha de nossos ultimos trabalhos. »

Depois da leitura o Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai etc., do que acabão de ouvir a leitura. »

O 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. da columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que apresentêmos as nossas observações sobre a Prancha que acaba de ler-se. »

Se não ha observações a fazer, os VV.·. o advertem em voz alta ao Ven.·. ; ou quando está acabada a discussão, o Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai nossos II.·. a que applaudamos etc. »

Se ha Visitantes na Sala dos Passos-Perdidos, o I.·. M.·. de Cer.·. o adverte em voz baixa ao I.·. 2° Vig.·., que dá huma pancada de malhete, a que responde o Ven.·., e depois o 1° Vig.·., o qual diz : « Venerabilissimo, existem na Sala dos Passos-Perdidos alguns

II.·. Visitantes, que pedem ser admittidos a nossos trabalhos. »

O Ven.·. diz: « I.·. Experto, informai-vos quem são estes II.·., etc. »

O I.·. Experto, depois de ter executado as ordens que lhe forão dadas, bate á porta por meio da bateria do gráo.

O I.·. Cobridor adverte em voz baixa ao 2° Vig.·. que hum Maçon bate á porta; este o communicá ao 1° Vig.·., que diz em alta voz, depois de ter dado huma pancada de malhete: « Venerabilissimo, bate-se regularmente á porta do Templo. »

O Ven.·. diz: « Meu I.·., fazei ver quem bate; se he Membro da Loja, etc.; se he hum Visitante, franqueai-lhe a entrada, depois de ter dado as palavras de Passe e Ordem. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·.: « I.·. 2° Vig.·., fazei ver quem bate. »

O 2° Vig.·. diz ao I.·. Cobridor: « Vede quem bate. »

O I.·. Cobridor introduz o I.·. Experto, se foi elle quem bateu, e fecha a porta: se fôr hum Membro da Loja, o I.·. Cobridor o ad-

verte ao 2° Vig.·., que diz em voz alta ao Ven.·.: « He o I.·. tal. »

Quando são Visitantes, e depois de terem tomado lugares, o Ven.·. dirá: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. de vossas columnas a que unidos a mim, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que unidos a elle applaudamos a presença dos II.·. Visitantes. »

O 2° Vig.·. repete o annuncio.

O Ven.·. diz: « Meus II.·., por dous scrutinios etc., vos rogo testemunheis o vosso consentimento da maneira costumada. »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que mostremos o nosso consentimento da maneira costumada. »

Batem-se tres pancadas irregulares á porta da Loja.

O 2° Vig.·. bate, e diz ao 1° Vig.·.: « Bate-se irregularmente á porta do Templo? »

O 1° Vig.·. bate igualmente, e diz: « Ve-

nerabilissimo, batem irregularmente á porta do Templo. »

O Ven.·. diz: « Vede quem bate assim. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·. : « Fazei saber quem bate assim, I.·. 2° Vig.·. »

O 2° Vig.·. depois de ter sido avisado pelo I.·. Cobridor, diz : « He hum Profano que quer ser Maçon. »

O 1° Vig.·. diz ao Ven.·. : « He hum Profano que quer ser Maçon, Venerabilissimo. »

Nota. Os Vigilantes observão as mesmas formalidades a respeito das perguntas que o Veneravel faz dirigir ao Recipiendario.

Introduzido o Recipiendario, os VV.·. sem largarem os seus malhetes, se approximão do Profano, lhe pegão cada hum em huma mão, e depois de alguns instantes de silencio, o 1° Vig.·. dirá : « Venerabilissimo, eis o Profano. »

Quando o Ven.·. der ordem para a primeira viagem, os VV.·. tomão os seus lugares ; e quando o mesmo Ven.·. dá ordem para fazer approximar o Neophyto, pelos tres passos de

Aprendiz, o 1° Vig.·. lhos ensina, e o faz subir os tres primeiros degráos do Templo.

O Neophyto dá aos VV.·. as palavras, toques, e sinaes.

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai, etc. »

O 1° Vig.·. dirá: « II.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que reconheçamos para o futuro ao I.·. N... por Aprendiz Maçon, e Membro desta A.·. e R.·. Loja, e a que nos unamos a elle para applaudirmos a sua iniciação. »

INSTRUCÇÃO.

P. I.·. 1° Vig.·., sois Maçon?

R. Todos os meus II.·. me reconhecem por tal.

P. Qual he o primeiro dever de hum Vig.·. em Loja?

R. He saber se a Loja está bem coberta.

« Certificai-vos, meu I.·. »

Depois de se terem preenchido as formalidades prescriptas e detalhadas na abertura da Loja, o Ven.·. continua:

P. O que he hum Maçon?

R. He hum homem igualmente amigo do pobre e do rico, se são virtuosos.

P. Que viemos nós fazer em Loja?

R. Vencer as paixões, submetter nossas vontades, e fazer novos progressos na Maçoneria.

P. Onde vos recebêrão Maçon?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. Que he necessario para que huma Loja seja justa e perfeita?

R. Tres a governão, cinco a compoem, e sete a fazem justa e perfeita.

P. Desde quando sois Maçon?

R. Desde que recebi a Luz.

P. Como reconhecerei que sois Maçon?

R. Por meus sinaes, toques, e palavras.

P. Como se fazem os sinaes de Maçon?

R. Por esquadria, nivel, e perpendicular.

P. Dai-me o sinal de Aprendiz?

R. (Elle o dá.)

P. Que significa este sinal?

R. Que preferiria ter a garganta cortada a revelar os segredos dos Maçons.

P. I.·. 2° Vig.·., dai os toques ao I.·. 1° Vig.·.

R. O I.·. 1° Vig.·. diz: « He justo, Venerabilissimo. »

P. Dai-me a palavra?

R. Não devo ler, nem escrever; só posso soletrar: dai-me a primeira letra, dar-vos-hei a segunda.

P. Que significa esta palavra?

R. *Minha força está em Deos.* Era este o nome de huma columna d'aço collocada ao Septentrião do Templo de Solomão, onde se reunião os Aprendizes para receberem o seu salario.

P. Dai-me a palavra de Passe de Aprendiz.

R. (Elle a dá.)

P. Que significa ella?

R. He este o nome do filho de Laemeth, que inventou a arte de fundir os metaes.

P. Porque desejastes ser Maçon?

R. Porque estava nas trevas, e queria ver a Luz.

P. Quem vos apresentou em Loja?

R. Hum amigo virtuoso que depois reconheci por meu Irmão.

P. Em que estado vos apresentárão em Loja ?

R. Nem nú, nem vestido, mas em hum estado decente, e privado de todos os metaes.

P. E porque estaveis em tal estado ?

R. Nem nú, nem vestido, para representar o estado de innocencia, e para nos fazer lembrar que a virtude não necessita de ornamentos ; desprovido de metaes, porque elles são o emblema e muitas vezes a origem dos vicios que o Maçon deve evitar.

P. Como vos introduzirão em Loja ?

R. Por tres grandes pancadas.

P. Que significão estas tres pancadas ?

R. *Pedi*, vos daráõ ; *Procurai*, achareis ; *Batei*, abrir-vos-hão.

P. Qual foi o resultado ?

R. Hum Experto me perguntou meus nomes e prenomes, patria, idade, estado, e se era minha vontade ser Maçon.

P. Que fez de vós este I.·. Experto ?

R. Introduzio-me em Loja entre dous VV.·.,

e me fez viajar como Aprendiz Maçon, a fim de mostrar-me as difficuldades que se encontrão para ser Maçon.

P. Que vos aconteceu depois?

R. O Ven.∴ da Loja, com o consentimento unanime de todos os II.∴, me recebeu Maçon.

P. Como vos recebeu elle Maçon?

R. Com todas as formalidades requeridas.

P. Que formalidades são estas?

R. Tinha o joelho direito nú sobre a esquadria, a mão direita sobre a espada; e na mão esquerda tinha hum compasso aberto em esquadria, com huma das pontas dirigida sobre o peito esquerdo que estava descoberto.

P. Que fazieis nesta postura?

R. Jurava guardar os segrédos da Ordem.

P. Que vistes quando entrastes na Loja?

R. Nada, Venerabilissimo.

P. E que vistes quando vos derão a Luz?

R. Vi o Sol, a Lua, e o Ven.∴ da Loja.

P. Que relação póde haver entre estes astros, e o Ven.∴ da Loja?

R. Assim como o Sol preside ao dia, e a

Loa á noite, assim o Ven.∴ preside á Loja para illumina-la.

P. Onde estava o Ven.∴ da Loja?

R. No Oriente.

P. Porque?

R. Assim como o Sol se levanta no Oriente para começar a carreira do dia, assim o Ven.∴ está no Oriente para abrir a Loja, illuminar os trabalhos, e pôr os obreiros em actividade.

P. Onde estão os VV.∴?

R. No Occidente.

P. Para que?

R. Para ajudar ao Ven.∴ em seus trabalhos, pagar os obreiros, e despedi-los contentes.

P. Onde estão os Aprendizes?

R. No Septentrião, porque só podem supportar huma fraca luz.

P. Como se chama a vossa Loja?

R. A Loja de S. João.

ENCERRAMENTO.

P. Que idade tendes?

R. Tres annos, Venerabilissimo.

P. A que horas terminão os Maçons os seus trabalhos ?

R. A' meia noite.

P. Que horas são ?

R. Meia noite, Venerabilissimo.

« Como he meia noite, hora em que os Maçons costumão terminar os seus trabalhos etc., II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos II.·. etc. »

O 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecoreis a columna de Meio dia, o Ven.·. nos convida a que unidos a elle encerremos os trabalhos de Aprendiz Maçon na A.·. e R.·. L.·. (tal)... ao Or.·. tal. »

Depois do annuncio o Ven.·. bate tres pancadas de malhete na forma da bateria costumada : cada Vig.·. bate outras tantas, e neste momento todos os II.·. se levantão, e poem-se á ordem.

O Ven.·. diz : « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o sinal de Aprendiz, e terminão-se os trabalhos pela triplice bateria e pelo triplice viva.

BANQUETE.

O Ven.·. diz: «II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos se os trabalhos estão bem cobertos.»

Cada hum dos VV.·. certifica-se da qualidade Maçonica de todos os individuos pertencentes ás suas columnas, lançando os olhos sobre elles, e reconhecendo-os por Maçons.

O 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.: «Eu respondo, etc.»

O 1° Vig.·. diz: «Venerabilissimo, o I.·. 2° Vig.·. e eu, respondemos pelos II.·. de ambas as columnas.»

O Ven.·. diz: «Respondo por aquelles que estão no Oriente.»

Nota. Para saber-se a ordem inteira das saudes, he necessario recorrer ao Caderno do Ven.·. deste gráo.

PRIMEIRO VIGILANTE.

SEGUNDO GRÁO,

OU

Grão de Companheiro.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Grão de Companheiro.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que façamos as nossas observações a respeito do pedido do I.·. N... »

Estando os trabalhos abertos, o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos propõe o I.·. N... para ser admittido ao grão de Companheiro, e nos convida a que

façamos as nossas reflexões a respeito desta pretenção. »

O Ven.·. fará o annuncio da maneira costumada.

Os VV.·. repetem o annuncio. Se o scrutinio he favoravel, o Ven.·. convidará os II.·. nas duas columnas para que applaudão com elle.

Os VV.·. repetem, e todos executão a ordem.

ABERTURA.

O Ven.·. dá huma pancada de malhete, repetida pelos VV.·., e diz: « A mim, meus II.·.; e depois acrescenta: « II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos se todos os II.·. nas vossas columnas são Companheiros. »

Ainda que seja muito facil aos VV.·. verificarem se todos os II.·. são Companheiros, pois que devem conhecer os gráos de que cada hum se acha revestido, sobre tudo se não ha Visitantes desconhecidos, não será comtudo desacertado que cada hum dos Vigilantes percorra a sua columna, e peça a cada I.·. a pa

lavra, toque, e sinal do grão. Esta formalidade faz lembrar a todos a que he commum esquecer-se por falta de pratica.

Quando os VV.·. tiverem feito o seu giro, tornã a seus lugares, e dão conta ao Ven.·. da commissão que lhes deu.

O Ven.·. fará aos VV.·. alternativamente as cinco questões seguintes:

P. I.·. 1º Vig.·., sois Companheiro?

R. Eu o sou.

P. Para que quizestes ser Companheiro?

R. Para conhecer a letra G.·.

P. Que idade tendes?

R. Cinco annos.

P. A que horas começão os Companheiros os seus trabalhos?

R. Ao meio dia.

P. E que horas são?

R. Meio dia.

O Ven.·. diz: « Como he meio dia, etc., II.·. 1º e 2º VV.·., convidai, etc. »

O 1º Vig.·. diz: « I.·. 2º Vig.·., II.·. da columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a

nos reunirmos a elle para abrirmos os trabalhos de Companheiro. »

Depois do annuncio, o Ven.·. bate cinc pancadas de malhete !!! !!, repetidas mesma maneira pelos VV.·.; e depois o Ven.·. diz: « A mim, meus II.·. »

Todos juntos fazem o sinal, e depois applaudem por cinco, repetidos tres vezes.

O Ven.·. diz: « Estão abertos os trabalhos de Companheiro..»

O 1º Vig.·. diz: « Estão abertos os trabalhos de Companheiro. »

Estando assim em vigor os trabalhos de Companheiro, o Ven.·. communica de novo o objecto da Sessão; e depois de ter proposto o I.·. que deve ser admittido ao gráo de Companheiro, convida os VV.·. a que peção as observações dos II.·. de suas respectivas columnas. Se não ha quem falle, pede o sinal de approvação, levantando a mão.

O Aspirante bate á porta do Templo com o toque de Aprendiz; o I.·. Cobridor o annuncia ao 2º Vig.·.; o 2º Vig.·. o diz em voz bai-

xa ao 1° Vig.·., e este o communica em voz alta ao Ven.·., dizendo: « Venerabilissimo, hum Aprendiz bate á porta do Templo. »

O Ven.·. diz: « Vêde quem bate. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·., e este ao I.·. Cobridor: « Vêde quem bate. »

O I.·. Cobridor diz em voz baixa ao 2° Vig.·., è este ao 1°, e este ultimo ao Ven.·. em alta voz: « He hum Aprendiz que quer ser admittido Companheiro. »

O Ven.·. diz: « Perguntai-lhe, etc. »

O 1° Vig.·. diz ao 2°: « Perguntai-lhe se acabou o seu tempo, se crê que seu Mestre está contente delle, e se he esta a sua ultima vontade. »

A resposta do Recipiendario chega ao Ven.·. pelas mesmas vias, e este diz: « Fazei entrar o Aprendiz. »

Conduzem-no entre os dous VV.·. Depois das viagens, e do ter recebido do Ven.·. o que deve ter, sinaes, toques, e palavras do gráo, este lhe diz: « Meu I.·., ide-vos fazer reconhecer pelos II.·. 1° e 2° VV.·.

Os VV.∴ dão conta da exactidão da palavra, toque, e sinal, que lhes deu o Companheiro.

Depois disto, o Ven.∴ diz: « II.∴ 1° e 2° VV.∴, convidai os II.∴ em huma e outra columna a reconhecerem, etc. »

O 1° Vig diz: « I.∴ 2° Vig.∴, II.∴ que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.∴ nos convida a que para o futuro reconheçamos o I.∴ N... por Companheiro desta A.∴ e R.∴ L.∴, e para applaudirmos a sua recepção. »

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Companheiro?

R. Eu o sou.

P. Para que desejastes ser admittido Companheiro?

R. Para conhecer a letra G.∴

P. Que significa esta letra?

R. Geometria.

P. E que mais significa?

R. He a inicial de hum dos nomes do G.∴ A.∴ do U.∴

P. Como vos receberão?

R. Passei da columna I.·. á columna B.·., e subi os primeiros cinco degráos do Templo.

P. Por que porta os subistes?

R. Pela porta do Occidente.

P. Que ieis fazer ao Templo?

R. Cavar masmorras ao vicio, e levantar templos á virtude.

P. Quem se oppôz á vossa entrada?

R. O I.·. Cobridor.

P. Que exigio elle de vós?

R. Hum sinal, hum toque, e huma palavra.

P. Que vistes ao subir os degráos do Templo?

R. Duas grandes columnas.

P. De que materia erão ellas compostas?

R. Erão de aço.

P. Qual era a sua altura?

R. Dezoito pés cubos.

P. A sua circumferencia?

R. Doze pés cubos.

P. A sua espessura?

R. Quatro dedos.

P. Erão portanto vasias?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. Porque?

R. Para encerrar as ferramentas dos Companheiros e Aprendizes, assim como o thesouro destinado ao pagamento do seu salario.

P. Como recebem os obreiros o seu salario?

R. Por hum sinal; hum toque, e huma palavra; os Aprendizes pelos de Aprendiz, e os Companheiros pelos do seu gráo.

P. Quaes erão as decoraçõcs das columnas?

R. Folhas de acantho ornavão os capiteis, e estes estavão cobertos de innumeraveis frutas da romeira.

P. Onde fostes recebido Companheiro?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. Qual era a sua forma?

R. Hum quadrado longo.

P. De que comprimento era?

R. Do Oriente ao Occidente.

P. E de que largura?

R. Do Meio dia ao Septentrião.

P. Qual era a sua altura?

R. Innumeros pés, toezas, e cubos.

P. Como estava coberta?

R. Com hum docel azul celeste, semeado de estrellas.

P. O que a sustentava?

R. Tres pilastras de forma triangular.

P. Como chamais a estas tres pilastras.

R. *Sabedoria*, *Força*, *Belleza*.

P. E porque as chamais assim?

R. *Sabedoria* para inventar, *Força* para executar, *Belleza* para ornar.

P. Qual era a sua profundidade?

R. Da superficie da terra ao centro.

P. Porque respondeis assim?

R. He para dar a entender que todos os Maçons espalhados sobre a superficie da terra formão hum hum só Povo, governado pelas mesmas Leis, e pelos mesmos usos.

P. Tendes alguns ornamentos na vossa Loja?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E em que numero?

R. Em numero de tres.

P. E quaes são elles?

R. O Pavimento mosaico, a Estrella flammejante, e o Festão recortado.

P. Qual he o seu uso?

R. O Pavimento mosaico ornava a soleira do grande Portico do Templo; a Estrella flammejante estava no meio, e illuminava o centro, donde parte a verdadeira luz que esclarece as quatro partes do Mundo; e o Festão recortado bordava e ornava as extremidades.

P. Dai-me a explicação moral destes tres ornamentos?

R. O Pavimento mosaico he o emblema da união intima que reina entre os Maçons; a Estrella flammejante he o emblema do G.·. A.·. do U.·., que brilha de huma luz que tira de si proprio; o Festão recortado significa o laço que une a todos os Maçons, e faz huma unica familia em toda a terra.

P. Tendes algumas joias na vossa Loja?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E em que numero?

R. Em numero de seis, tres moveis, e tres immoveis.

P. Quaes são as joias moveis?

R. A esquadria que traz o Venerabilissimo, o Nivel que traz o 1° Vig.·., e a Perpendicular ou linha de prumo que traz o 2° Vig.·.

P. Quaes são as joias immoveis ?

R. A Prancha de traçar, a Pedra cubica ponte aguda, e a Pedra bruta.

P. Qual hé o uso das joias moveis ?

R. A Esquadria serve para pôr a superficie dos materiaes em angulos rectos entre si ; o Nivel serve para collocar horisontalmente as pedras humas junto das outras ; e a Perpendicular para construir os edificios perfeitamente a prumo sobre as suas bases.

P. Dai-me a explicação em sentido moral.

R. A Esquadria nos adverte que todas as nossas acções devem ser reguladas pela rectidão e justiça ; o Nivel, que deve reinar huma perfeita igualdade entre todos os Maçons ; a Perpendicular, que todos os bens dimanão do alto.

P. Qual he o uso das joias immoveis ?

R. A Prancha serve aos Maçons para traçarem seus planos e desenhos ; a Pedra cubica ponte aguda serve aos Companheiros para amolarem a sua ferramenta ; e a Pedra bruta serve aos Aprendizes para aprenderem a trabalhar.

P. Que significão em sentido moral?

R. A prancha de traçar he o emblema d
bom exemplo que devemos a nossos H.·., e
todos os homens; a Pedra cubica he o sym-
bolo dos cuidados que todo o homem virtuos
deve tomar para apagar as nodoas que o vici
lhe imprimio, e corrigir as paixões a que to-
dos somos sugeitos; finalmente, a Pedra brut
he a imagem do homem grosseiro e salvagem,
que só o estudo continuo de si mesmo pód
polir e tornar perfeito.

P. Quantas especies ha de Maçons?

R. Duas especies, huns de Theoria, e ou-
tros de Pratica.

P. O que aprendem os Maçons de Theoria?

R. Huma boa moral que serve a apura
nossos costumes, e a tornar-nos agradaveis
todos os homens.

P. E o que he hum Maçon de pratica?

R. He o obreiro dos edificios.

P. Como conhecerei que sois Maçon?

R. Por meus sinaes, palavras, e toques.

P. Quantos sinaes ha na Maçoneria?

R. São innumeros, Venerabilissimo; mas reduzem-se a cinco principaes.

P. Quaes são elles?

R. O Vocal, o Guttural, o Peitoral, o Manual, e o Pedestre.

P. De que servem elles?

R. O Vocal para dar a palavra, o Guttural para dar o sinal de Aprendiz, o Peitoral o de Companheiro, o Manual para dar o toque de hum e outro gráo, e o Pedestre para executar-se a marcha de ambos.

P. Quantas janellas ha em huma Loja?

R. Tres.

P. E onde estão collocadas?

R. Ao Oriente, ao Occidente, e ao Meio dia.

P. Porque o Septentrião não tem nenhuma?

R. Porque o Sol o esclarece fracamente.

P. De que servem ellas?

R. Para illuminarem os obreiros quando vêem para o trabalho, em quanto o executão, e quando o largão.

P. Vistes hoje o vosso Mestre?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E como estava vestido?

R. De ouro e azul celeste.

P. Que significão estas côres?

R. O ouro significa riqueza, e o azul sabedoria; dons que o G.·. A.·. do U.·. concedeu a Solomão.

P. Onde estão os Companheiros?

R. No Meio dia.

P. Porque?

R. Como mais illuminados que os Aprendizes, e para servirem os Mestres.

P. Como servis a vosso Mestre?

R. Com alegria, fervor, e liberdade.

P. E quanto tempo o servis?

P. Desde a Segunda feira de madrugada até Sabbado á noite.

P. Recebestes salario?

R. Venerabilissimo, estou contente.

P. E onde o recebestes?

R. Na columna B.·.

P. Que indica esta letra?

R. He a inicial de huma palavra que serve a reconhecer-nos.

P. Dizei-ma?

R. Dai-me a primeira letra, dar-vos-hei a segunda.

P. Que significa esta palavra?

R. Significa perseverança no bem.

P. Dizei-me a palavra de Passe?

R. (Elle a dá.)

P. Que significa?

R. Numeroso como espigas de trigo.

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS.

P. Que idade tendes?

R. Cinco annos.

P. A que horas se acabão os trabalhos?

R. A' meia noite.

P. Que horas são?

R. He meia noite.

« Como he meia noite, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a nos reunirmos a elle para encerrarmos os trabalhos de Companheiro na A.·. e R.·. L.·. de...., ao Oriente de.... »

O 2° Vig.·. repete o annuncio.

R. O Pavimento mosaico ornava a soleira do grande Portico do Templo; a Estrella flammejante estava no meio, e illuminava o centro, donde parte a verdadeira luz que esclarece as quatro partes do Mundo; e o Festão recortado bordava e ornava as extremidades.

P. Dai-me a explicação moral destes tres ornamentos?

R. O Pavimento mosaico he o emblema da união intima que reina entre os Maçons; a Estrella flammejante he o emblema do G.·. A.·. do U.·., que brilha de huma luz que tira de si proprio; o Festão recortado significa o laço que uñe a todos os Maçons, e faz huma unica familia em toda a terra.

P. Tendes algumas joias na vossa Loja?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E em que numero?

R. Em numero de seis, tres moveis, e tres immoveis.

P. Quaes são as joias moveis?

R. A esquadria que traz o Venerabilissimo, o Nivel que traz o 1º Vig.·., e a Perpendicular ou linha de prumo que traz o 2º Vig.·.

P. Quaes são as joias immoveis ?

R. A Prancha de traçar, a Pedra cubica ponte aguda, e a Pedra bruta.

P. Qual he o uso das joias moveis ?

R. A Esquadria serve para pôr a superficie dos materiaes em angulos rectos entre si ; o Nivel serve para collocar horisontalmente as pedras humas junto das outras ; e a Perpendicular para construir os edificios perfeitamente a prumo sobre as suas bases.

P. Dai-me a explicação em sentido moral.

R. A Esquadria nos adverte que todas as nossas acções devem ser reguladas pela rectidão e justiça ; o Nivel, que deve reinar huma perfeita igualdade entre todos os Maçons ; a Perpendicular, que todos os bens dimanão do alto.

P. Qual he o uso das joias immoveis ?

R. A Prancha serve aos Maçons para traçarem seus planos e desenhos ; a Pedra cubica ponte aguda serve aos Companheiros para amolarem a sua ferramenta ; e a Pedra bruta serve aos Aprendizes para aprenderem a trabalhar.

P. Que significão em sentido moral?

R. A prancha de traçar he o emblema do bom exemplo que devemos á nossos H∴, e a todos os homens; a Pedra cubica he o symbolo dos cuidados que todo o homem virtuoso deve tomar para apagar as nodoas que o vicio lhe imprimio, e corrigir as paixões a que todos somos sugeitos; finalmente, a Pedra bruta he a imagem do homem grosseiro e salvagem, que só o estudo continuo de si mesmo póde polir e tornar perfeito.

P. Quantas especies ha de Maçons?

R. Duas especies, huns de Theoria, e outros de Pratica.

P. O que aprendem os Maçons de Theoria?

R. Huma boa moral que serve a apurar nossos costumes, e a tornar-nos agradaveis a todos os homens.

P. E o que he hum Maçon de pratica?

R. He o obreiro dos edificios.

P. Como conhecerei que sois Maçon?

R. Por meus sinaes, palavras, e toques.

P. Quantos sinaes ha na Maçoneria?

R. São innumeros, Venerabilissimo; mas reduzem-se a cinco principaes.

P. Quaes são elles?

R. O Vocal, o Guttural, o Peitoral, o Manual, e o Pedestre.

P. De que servem elles?

R. O Vocal para dar a palavra, o Guttural para dar o sinal de Aprendiz, o Peitoral o de Companheiro, o Manual para dar o toque de hum e outro gráo, e o Pedestre para executar-se a marcha de ambos.

P. Quantas janellas ha em huma Loja?

R. Tres.

P. E onde estão collocadas?

R. Ao Oriente, ao Occidente, e ao Meio dia.

P. Porque o Septentrião não tem nenhuma?

R. Porque o Sol o esclarece fracamente.

P. De que servem ellas?

R. Para illuminarem os obreiros quando vêem para o trabalho, em quanto o executão, e quando o largão.

P. Vistes hoje o vosso Mestre?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E como estava vestido?

R. De ouro e azul celeste.

P. Que significão estas côres?

R. O ouro significa riqueza, e o azul sabedoria; dons que o G.·. A.·. do U.·. concedeu a Salomão.

P. Onde estão os Companheiros?

R. No Meio dia.

P. Porque?

R. Como mais illuminados que os Aprendizes, e para servirem os Mestres.

P. Como servis a vosso Mestre?

R. Com alegria, fervor, e liberdade.

P. E quanto tempo o servis?

P. Desde a Segunda feira de madrugada até Sabbado á noite.

P. Recebestes salario?

R. Venerabilissimo, estou contente.

P. E onde o recebestes?

R. Na columna B.·.

P. Que indica esta letra?

R. He a inicial de huma palavra que serve a reconhecer-nos.

P. Dizei-ma?

R. Dai-me a primeira letra, dar-vos-hei a segunda.

P. Que significa esta palavra?

R. Significa perseverança no bem.

P. Dizei-me a palavra de Passe?

R. (Elle a dá.)

P. Que significa?

R. Numeroso como espigas de trigo.

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS.

P. Que idade tendes?

R. Cinco annos.

P. A que horas se acabão os trabalhos?

R. A' meia noite.

P. Que horas são?

R. He meia noite.

« Como he meia noite, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a nos reunirmos a elle para encerrarmos os trabalhos de Companheiro na A.·. e R.·. L.·. de...., ao Oriente de.... »

O 2° Vig.·. repete o annuncio.

Depois do annuncio, o Ven.·. bate cinco pancadas de malhete, que repetem os VV.·., e diz: « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o sinal de Companheiro, e applaudem.

O Ven.·. bate, e diz: « Estão encerrados os trabalhos de Companheiro. »

O 1.º Vig.·. bate, e diz: « Meus II.·., estão terminados os trabalhos de Companheiro. »

PRIMEIRO VIGILANTE.

TERCEIRO GRÁO,

OU

Grão de Mestre.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Grão de Mestre.

DOS PRELIMINARES.

Todo o Companheiro que tiver preenchido as condições prescriptas, e desejar ser admittido ao gráo de Mestre, o pedirá em particular ao Irmão 1° Vigilante.

Na occasião em que este ultimo julgar que os trabalhos o permittem, dirá: « Venerabilissimo, o I.·. N.·. Companheiro desta Loja pede o favor de ser admittido ao gráo de Mestre. »

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., etc., pedi aos II.·. as suas observações. »

O 1° Vig.·. diz, depois de ter dado huma pancada de malhete, segundo o costume:

« I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que façamos as nossas observações. »

O 2° Vig.·. repete.

Nota. Se o I.·. proposto está presente, o 1° Vig.·. dirá: « O Companheiro pede a permissão de cobrir o Templo. »

Quando se terminarem as observações, os Aprendizes e os Companheiros cobrem o Templo.

Segundo Preliminar.

Os VV.·. deixão os seus lugares, e percorrem as suas respectivas columnas para saberem se todos os II.·. são Mestres, perguntando-lhes separadamente em voz baixa as palavras, toque, e sinal do gráo. Voltão depois aos seus lugares, e dão conta ao Ven.·.

ABERTURA.

P. Ven.·. 1° Vig.·., qual he o primeiro dever dos VV.·. em Loja de Mestre?

R. Respeitabilissimo, he saber se todos os II.·. são Mestres.

P. Tendes disso certeza ?

R. Temos, Resp.·.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., sois Mestre ?

R. Resp.·., experimentai-me ; a acacia me he conhecida.

P. Dai-me o sinal de Mestre ?

R. (Elle o dá.)

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., que idade tendes ?

R. Sete annos e mais.

P. A que horas começão os trabalhos ?

R. Ao meio dia.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., que horas são ?

R. Meio dia.

O Resp.·. diz : « Como he meio dia, VVen.·. II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·., etc.

O 1° Vig.·. diz : « Ven.·. I.·. 2° Vig.·., VVen.·. Mestres que condecorais a columna do Meio dia, o Resp.·. nos convida a nos reunirmos a elle para a abertura dos trabalhos no grão de Mestre. »

O 2° Vig.·. repete.

O Resp.·. dá nove pancadas de malhete.

Os VV.·. repetem a bateria.

O Resp.·. diz: « Estão abertos os trabalho de Mestre. »

O 1º Vig.·. diz: « Ven.·. I.·. 2º Vig.·. VVen.·. MM.·. que condecorais a columna d Meio dia, estão abertos os trabalhos de Mes tre. »

O 2º Vig.·. repete.

RECEPÇÃO.

O I.·. Cobridor annuncia ao 2º Vig.·. qu se bate como Companheiro; este o diz ao Vig.·., que diz em voz alta ao Resp.·. « Resp.·., hum Companheiro bate á porta d Templo. »

O Resp.·. diz: « Qual he o Companheiro etc. Vede quem bate. »

O 1º Vig.·. diz ao 2º Vig.·.: « Vede quem bate. »

O 2º Vig.·. faz a pergunta; e depois da res posta do I.·. Cobridor, diz ao 1º Vig.·.: « H hum Companheiro, etc. »

O 1º Vig.·. diz ao Resp.·.: « Resp.·., h

hum Companheiro que acabou o seu tempo, e que quer ser admittido Mestre. »

O Resp.·. diz : « Perguntai-lhe o seu nome, etc. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·. : « Perguntai-lhe o seu nome, seus prenomes, sua idade, e seu estado civil. »

O I.·. Cobridor communica ao 2° Vig.·. a resposta do Companheiro, e este ao 1° Vig.·., que diz em alta voz no Resp.·. : « O Aspirante tem cinco annos passados ; trabalhou no exterior do Templo sobre a pedra polida, e preparou as ferramentas. »

O Resp.·. diz : « Fazei-lhe perguntar se está sinceramente disposto, etc. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·. : « Perguntai-lhe se está sinceramente disposto a cumprir os deveres de hum Mestre Maçon, e se nada tem a arguir-se a respeito dos juramentos que precedentemente prestou. »

O I.·. 2° Vig.·. diz isto mesmo ao I.·. Cobridor. Logo que a resposta do Aspirante chega ao Resp.·., elle bate, e diz : « Introduzi o Companheiro. »

Introduzido o Companheiro, os VV.·., com ordem do Ven.·., o agarrão. O 1° Vig.·. lhe põe a ponta da sua espada sobre o coração.

A' ordem da primeira viagem, os VV.·. tornão aos seus lugares, e não os deixão sem ordem expressa.

A cada viagem o 1° Vig.·. bate, e diz: « Resp.·., a primeira (2ª ou 3ª) viagem está feita. »

O 2° Vig.·., depois de ter procurado, conforme a ordem que recebeu, diz: « Nossas indagações, etc. »

O 1° Vig.·. se faz acompanhar por dous II.·., com os quaes faz o giro da Loja começando pelo Meio dia, e sondando a terra com a ponta da sua espada. Logo que voltar ao Occidente, o mesmo 1° Vig.·. bate, e diz: « Resp.·., nossas diligencias forão baldadas. »

O Resp.·. se ajunta com outros dous II.·. aos VV.·.; fazem todos por tres vezes o giro da Loja; no segundo giro o I.·. 2° Vig.·. pára, e diz: « Resp.·., vejo hum vapor, etc. »

No terceiro giro, depois do qual o Resp.·. pára defronte do quadro, etc., o 1° Vig.·. diz:

« Resp ∴, a terra me parece cavada de fresco neste lugar, talvez aqui achassemos o objecto que procuramos. »

O Resp ∴ levanta com a ponta da sua espada huma parte do véo, etc.

O 2° Vig ∴ se approxima, pega no index, etc.

O 1° Vig ∴ se approxima, pega no segundo dedo ou medius do Recipiendario, pucha-o, e logo o deixa cahir, dizendo: « B ∴, e dá hum passo para traz, com o sinal de horror. »

O Resp ∴ se approxima tambem do Recipiendario, e diz, etc.

O 2° Vig ∴ diz: « Resp ∴, suppuz, etc. »

O 1° Vig ∴ diz: « Resp ∴, suppuz podelo levantar, *mas a carne deixa os ossos.* »

O Resp ∴, ajudado pelos VV ∴, levanta o Recipiendario.

Todos os II ∴ voltão aos seus lugares.

Fazem approximar o Recipiendario do quadro, onde estará tambem o 1° Vig ∴, que lhe fará dar tres pancadas sobre cada huma das portas figuradas no mesmo quadro, e delle receberá as palavras, toque, e sinal; e depois que o 2° Vig ∴ tiver feito outro tanto,

reconhecendo ao Recipiendario por Mestre, o 1° Vig.·. bate, e dirá: « O I.·. N.·. trabalhou de Mestre, e como tal está reconhecido. »

Terminado o discurso, o Resp.·. diz: « VVen.·. II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. a que reconheçao, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « Ven.·. I.·. 2° Vig.·. VVen.·. Mestres que condecorais a columna do Meio dia, o Resp.·. nos convida a que reconheçamos para o futuro o I.·. N.·. por Mestre Maçon, e como tal seja reconhecido por todos os Maçons espalhados sobre a superficie da terra. »

O 2° Vig.·. repete.

Depois da instrucção, o Resp.·. diz: « VVen.·. II.·. 1° e 2° VV.·., perguntai, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « Ven.·. I.·. 2° Vig.·., VVen.·. Mestres que condecorais a columna do Meio dia, o Resp.·. pergunta se nada tendes a propôr. »

ENCERRAMENTO.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., a que horas devemos encerrar nossos trabalhos?

R. A' meia noite.

P. E que horas são?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, etc., VVen.·. II.·. a.° e s.° VV.·., convidai os VVen.·. II.·. a que me ajudem a encerrar os trabalhos de Mestre. »

O 1.° Vig.·. diz: « Ven.·. I.·. 2.° Vig.·., VV.·. Mestres que condecorais a columna do Meio dia, o Resp.·. nos convida a que o ajudemos a encerrar os trabalhos de Mestre. »

Encerrão-se ao depois os de Companheiro, e finalmente os de Aprendiz.

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Mestre?

R. Experimentai-me; a acacia me he conhecida.

P. Onde fostes recebido?

R. Na Camara do Meio.

P. Como chegástes ali?

R. Por huma escada que subi por tres, cinco, e sete.

P. Que vistes naquelle logar?

R. Horror, luto, e tristeza.

(1.° Vig.)

P. E nada mais vistes?

R. Vi huma luz sombria illuminando o tumulo do nosso Resp.·. Mestre.

P. Qual era a grandeza deste tumulo?

R. Tres pés de largura, cinco de profundidade, e sete de comprimento.

P. Que tinha elle em cima?

R. Hum ramo de acacia na parte superior, hum triangulo do mais puro ouro, e o nome do Eterno gravado no centro.

P. Que vos aconteceu?

R. Suspeitárão-me de hum crime horrivel.

P. Quem vos animou?

R. A minha innocencia.

P. Como fostes recebido?

R. Passei da esquadria ao compasso.

P. Que procuraveis nesta estrada?

R. A palavra do Mestre que se tinha perdido.

P. Como se perdeu ella?

R. Por tres grandes pancadas, ás quaes succumbi.

P. Quem vos soccorreu?

R. A mão que me tinha ferido.

P. E como?

R. Só o direi em segredo a hum dos meus iguaes, e quando fôr a isso obrigado.

P. Que soubestes?

R. As circunstancias da morte do nosso Resp.·. Mestre Hiram, que foi assassinado no Templo por tres Companheiros que querião extorquir-lhe a palavra de Mestre, ou tirar-lhe a vida.

P. Que fizerão os Mestres para se reconhecerem entre si depois da morte do nosso Resp.·. Mestre Hiram?

R. Convencionárão que a primeira palavra pronunciada, o primeiro sinal feito na occasião da morte do nosso Resp.·. Mestre Hiram, serião substituidas á antiga palavra e sinal.

P. Quaes forão os indicios da descoberta do corpo do nosso Resp.·. Mestre?

R. Hum vapor da terra novamente revolvida, e hum ramo de acacia.

P. Que fizerão do corpo depois de o terem achado?

R. Salomão o fez enterrar com pompa.

P. Quem era o Mestre Hiram?

R. Era Tyriano, e filho de huma Viuva da Tribu de Nephtali.

P. Qual he o nome de hum Mestre Maçon?

R. *Gabaon.*

P. Como viajão os Mestres?

R. Do Occidente ao Oriente, e sobre toda a superficie da terra.

P. Porquê?

R. Para espalharem a luz, e reunirem o que está dividido.

P. Sobre que trabalhão os Mestres?

R. Sobre a Prancha de traçar.

P. Onde recebem elles a sua recompensa?

R. Na Camara do Meio.

P. Que significão as nove Estrellas?

R. O numero dos Mestres enviados á procura de Hiram.

P. Se hum Mestre se perdesse, onde o acharieis?

R. Entre a esquadria e o compasso.

P. Quaes são os verdadeiros sinaes de hum Mestre?

R. A palavra, e os cinco pontos perfeitos da Mestrança.

P. Se hum Mestre se achar em perigo que deve fazer ?

R. O sinal de perigo, dizendo : — A mim, Filhos da Viuva !

P. Como se faz este sinal ?

R. (Elle o faz.)

P. Porque se diz os Filhos da Viuva ?

R. Porque todos os Maçons se dizem filhos de Hiram.

P. Qual he a idade de hum Mestre ?

R. Sete annos e mais.

P. Porque dizeis sete annos e mais ?

R. Porque Solomão empregou sete annos e mais na construcção do Templo.

P. Que significa a palavra de Passe de Mestre ?

R. He este o nome de huma montanha onde Solomão fez tirar as pedras para a construcção do Templo.

FIM

DO REGULADOR DO PRIMEIRO VIGILANTE.

Rio de Jan. T. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C. - 1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

SEGUNDO VIGILANTE.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

SEGUNDO VIGILANTE.

R. Era Tyriano, e filho de huma Viuva da Tribu de Nephtali.

P. Qual he o nome de hum Mestre Maçon?

R. *Gabaon.*

P. Como vinjão os Mestres?

R. Do Occidente ao Oriente, e sobre toda a superficie da terra.

P. Porque?

R. Para espalharem a luz, e reunirem o que está dividido.

P. Sobre que trabalhão os Mestres?

R. Sobre a Prancha de traçar.

P. Onde recebem elles a sua recompensa?

R. Na Camara do Meio.

P. Que significão as nove Estrellas?

R. O numero dos Mestres enviados á procura de Hiram.

P. Se hum Mestre se perdesse, onde o acharieis?

R. Entre a esquadria e o compasso.

P. Quaes são os verdadeiros sinaes de hum Mestre?

R. A palavra, e os cinco pontos perfeitos da Mestrança.

P. Se hum Mestre se achar em perigo que deve fazer ?

R. O sinal de perigo, dizendo : — A mim, Filhos da Viuva !

P. Como se faz este sinal ?

R. (Elle o faz.)

P. Porque se diz os Filhos da Viuva ?

R. Porque todos os Maçons se dizem filhos de Hiram.

P. Qual he a idade de hum Mestre ?

R. Sete annos e mais.

P. Porque dizeis sete annos e mais ?

R. Porque Solomão empregou sete annos e mais na construcção do Templo.

P. Que significa a palavra de Passe de Mestre ?

R. He este o nome de huma montanha onde Solomão fez tirar as pedras para a construcção do Templo.

FIM

DO REGULADOR DO PRIMEIRO VIGILANTE.

Rio de Jan. T. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C. - 1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

SEGUNDO VIGILANTE.

Rio de Janeiro.

1854.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

SEGUNDO VIGILANTE.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C

Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS SYMBOLICOS,

OU DOS

TRES PRIMEIROS GRÁOS

do Rito Francez.

TERCEIRA PARTE.

SEGUNDO VIGILANTE.

RIO DE JANEIRO.

1834.

SEGUNDO VIGILANTE.

PRIMEIRO GRÃO,

ou

Grão d'Aprendiz.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Grão d'Aprendiz.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

O Ven.·. proporá o Profano N..., etc., e dirá: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas, etc.; e convidai todos os II.·. a que indaguem a respeito do Profano proposto, no intervallo desta á proxima reunião, etc.

Depois do annuncio do 1° Vig.·., o 2° Vig.·. diz: « II.·. que condecorais a columna do Norte, o Ven.·. propõe o Profano N... (repetindo os nomes, prenomes, idade, qualidade, domicilio), para ser iniciado em nossos A.·. Mysterios, com o titulo de Membro desta R.·. L.·.; e nos convida a tirarmos informações

a seu respeito, no intervallo desta á proxima reunião, para que se delibere então se devem ser nomeados Syndicantes.

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai nossos II.·. a dar-nos informações, etc.

O 2° Vig.·. diz: « M.·. que condecorais a columna do Norte, o Ven.·. nos convida a que informemos a este A.·. e R.·. L.·. de tudo quanto soubermos relativamente ao Profano proposto na ultima Sessão. »

Se alguns dos II.·. têem observações a fazer, pedem a palavra, levantando-se, e extendendo a mão.

O Vig.·. da columna a que pertencem dá huma pancada de malhete, á qual responde o outro Vig.·., e depois o Ven.·., da mesma maneira.

O mesmo Vig.·. diz: « Veneravelissimo, hum I.·. na minha columna pede a palavra. »

No caso de muitos dos II.·. pedirem a palavra, ao Vig.·. compete ver quem a pedio em primeiro lugar. Se ninguem pede a palavra, o 2° Vig.·. diz em voz baixa ao 1° Vig.·.:

« I.·. 1.º Vig.·. reina o silencio na minha columna. »

O 1.º Vig.·. diz então em voz alta : « Venerabilissimo, reina o silencio em ambas as columnas. »

Então o Ven.·. ordena immediatamente o scrutinio, e ajunta : « I.·. 1º Vig.·., certificai-vos do numero dos votantes, e fazei distribuir o scrutinio. »

O I.·. 2º Vig.·. communica esta ordem ao I.·. M.·. de Cer.·., e este distribue a cada I.·. duas espheras, huma branca e outra preta, e dá conta do numero dos votantes.

O 1º Vig.·. annuncia este numero ao Ven.·.

Então o Ven.·. diz : « II.·. 1º e 2º VV.·., annunciai nas vossas columnas, etc. As espheras brancas servirão para a adopção das conclusões do I.·. Orador, e as espheras pretas para denotar voto contrario. »

O 1º Vig.·. annuncia.

O 2º Vig.·. bate, e diz : « II.·. da columna do Norte, o scrutinio vai passar sobre as conclusões do I.·. Orador, tendentes a que sejão (ou não sejão) nomeados Commissarios

para syndicarem a respeito do Profano proposto : as espheras brancas denotão voto a favor, e as pretas voto contrario ás conclusões do I.·. Orador.

O Ven.·. dá huma pancada de malhete que os VV.·. repetem, e annuncia o resultado do scrutinio.

Se os suffragios são unanimes, o Ven.·. diz : « II.·. 1.° e 2.° VV.·., annunciai, etc. ; e convidai aos II.·. para que uniudo-se a mim, me ajudem a applaudir. »

O 1.° Vig.·. faz o annuncio.

O 2.° Vig.·. bate, e diz : « II.·. da columna do Norte, as conclusões do I.·. Orador forão unanimemente adoptadas pelo scrutinio; em consequencia vão ser nomeados Commissarios para syndicarem a respeito do Profano proposto ; e o Ven.·. nos convida, para que juntando-nos a elle, as applaudámos. »

Se o relatorio dos II.·. Syndicantes he favoravel, ou se dos tres, dous são favoraveis, o Ven.·. dirá : « Meus II.·., na Sessão de, etc. II.·. 1.° e 2.° VV.·., proponde o Profano N...

aos II.·. das vossas columnas, e pedi-lhes as suas observações. »

O 1º Vig.·. annuncia.

O 2º Vig.·. bate, e diz: « II.·. da columna do Norte, o I.·. Ven.·. propõe, para ser iniciado em nossos Aug.·. e Resp.·. Mys.·., ao Profano N.·.; e nos pede communiquemos a esta Aug.·. L.·. o que tivermos a observar relativamente ao mesmo Profano.

ABERTURA DOS TRABALHOS.

O Ven.·. diz:

P. I.·. 1º Vig.·., sois Maçon?

R. Meus II.·. me reconhecem por tal.

P. Qual hé o primeiro dever dos VV.·. em Loja?

R. He saber se a Loja está coberta.

O Ven.·. diz: « Certificai-vos, meu I.·. »

O 1º Vig.·. diz ao 2º Vig.·.: « I.·. 2º Vig.·., certificai-vos, etc. »

O 2º Vig.·. diz ao I.·. Cobridor: « Certificai-vos se a L.·. está bem coberta. »

O I.·. Cobridor diz em voz baixa ao I.·. 2º

Vig.·., que os trabalhos estão cobertos, interna e externamente; este diz o mesmo ao 2º Vig.·.: « I.·. 1º Vig.·., os trabalhos estão cobertos interna e externamente. »

O 1º Vig.·. o diz então em alta voz ao Ven.·.

P. Qual o segundo dever de hum *Vig.·.* em Loja?

R. He saber se todos os *II.·.* estão á ordem.

P. Estão elles á ordem?

O 2º Vig.·. diz: « Todos os II.·. estão á ordem na columna do Norte. »

O 1º Vig.·. diz em alta voz: « Venerabilissimo, todos os II.·. estão á ordem n'huma e n'outra columna. »

P. A que hora começão os Maçons os seus trabalhos?

R. Ao meio dia.

P. Que horas são?

R. He meio dia.

O Ven.·. diz: « Como he meio dia, etc..., vou abrir a Loja de M.·. no grão d'Aprendiz. »

O 2º Vig.·. diz: « *II.·.* da columna do Norte, o Ven.·. vos convida a que nos unamos a

elle para a abertura da A .·. e R .·. L .·. (tal) no gráo d'Aprendiz. »

O Ven .·. bate sobre o altar as tres pancadas mysteriosas ! ! . ! , que os VV .·. repetem.

O Ven .·. diz : « I .·. Secretario , fazei a leitura, etc..... II .·. 1° e 2° Vig .·. , convidai nossos II .·. a que prestem attenção á leitura da Prancha dos ultimos trabalhos. »

O 1° Vig .·. annuncia , e depois delle o 2° Vig .·. diz : « II .·. da columna do Norte , o Ven .·. nos convida a que prestemos attenção á leitura da Prancha de nossos ultimos trabalhos. »

Depois da leitura , o Ven .·. dirá : « II .·. 1° e 2° VV .·. , convidai , etc..... de que acabão de ouvir a leitura. »

O 1° Vig .·. faz o annuncio.

O 2° Vig .·. diz : « II .·. da coluna do Norte , o Ven .·. nos convida a que discutamos a Prancha dos ultimos trabalhos. »

Se não ha quem se opponha , os VV .·. o advertem em voz alta ao Ven .·. ; ou quando está determinada a discussão , o Ven .·. diz : « II .·. 1° e 2° VV .·. , convidai a nossos II .·.

para que unindo-se a mim, applaudamos todos, etc..... »

Se ha Visitantes na Sala dos Passos Perdidos, o I.·. M.·. de Cer.·. o diz em voz baixa ao I.·. 2° Vig.·., que dá huma pancada de malhete, ao qual responde o Ven.·., e depois o 2° Vig.·., que diz: « Venerabilissimo; na Sala dos Passos Perdidos existem II.·. Visitantes, que pedem, etc..... »

O Ven.·. diz: « I.·. Experto, informai-vos quem são estes II.·., etc..... »

O I.·. Experto, depois da execução desta ordem, bate na porta com a bateria do grão.

O I.·. Cobridor, adverte em voz baixa ao I.·. 2° Vig.·. de que se bate á porta, como Maçon; este adverte ao 1° Vig.·., que diz em voz alta, depois de ter batido huma só vez com o malhete:

« I.·. Ven.·., bate-se, etc..... »

O Ven.·. diz: « Meu I.·., vêde quem bate; se fôr visitante, franqueai-lhe a entrada, depois do ter dado as palavras de passe e ordem. »

O 1° Vig.·. o diz ao 2°, que diz ao I.·. Cobridor: « Vêde quem bate. »

O I.·. Cobridor introduz o I.·. Exposto, se foi elle quem bateu, e fecha a porta: se he hum Membro da L.·., o I.·. Cobridor adverte ao 2° Vig.·., que diz em voz alta ao Ven.·.:

« He o I.·. N.... »

Quando são Visitantes, e logo que tomárão assento, o Ven.·. diz:

« II.·. 1° e 2° Vig.·., convidai nossos II.·. para que unindo-se a mim, etc.... »

O 1° Vig.·. annuncia, e depois disto, o 2° Vig.·. diz:

« II.·. que condecorais a columna do Norte, o I.·. Ven.·. nos convida para que, unidos a elle, applaudamos a presença dos II.·. Visitantes. »

O Ven.·., diz então: « Mens H.·., por dous scrutinios, etc...; e vos rogo deis os vossos votos da maneira costumada. »

O 1° Vig.·. repete o annuncio.

O 2° Vig.·. diz: « II.·. da Columna do Norte, o Ven.·. vos convida a que testemunheis o vosso comentimento da maneira costumada.

Bate-se fortemente á porta do Templo, tres pancadas irregulares.

O 2º Vig.·. bate, e diz ao 1º Vig.·.

« Bate á porta hum Profano. »

O 1º Vig.·. bate, e diz: « Venerabillissimo bate-se, etc.... »

O Ven.·. diz: « Indagai quem bate assim. »

O 1º Vig.·. diz o mesmo ao 2º Vig.·.

O 2º Vig.·. diz ao I.·. Experto.·.: « Vêde quem bate. »

Depois da resposta do I.·. Experto, o 2º Vig.·. diz ao 1º: « He hum Profano que deseja ser Maçon. »

Nota. Os VV.·. observão as mesmas formalidades a respeito das perguntas que o Ven.·. faz dirigir ao Recipiendario.

Introduzido o Adepto, os VV.·. sem largarem os malhetes, se aproximão delle, tomão cada hum huma de suas mãos; e depois de alguns instantes de silencio, o 1º Vig.·. diz:

« Venerabillissimo, eis o Profano. »

Logo que o Ven.·. ordena a primeira viagem, os VV.·. tornão a seus lugares.

Depois de feita cada huma das viagens, o 2º Vig.·. bate, e diz:

« A primeira (a segunda, ou terceira) viagem está feita. »

Depois do juramento, logo que o Ven.·. diz ao Adepto: « Que quereis? » O 2º Vig.·. dicta em voz baixa a resposta que deve dar: (ver a luz).

Quando o Ven.·. dá ordem de fazer aproximar o Neophyto pelos tres passos de Aprendiz, o 1º Vig.·. lhos ensina, e o faz subir os tres primeiros degráos do altar.

O Neophyto recebe e dá aos VV.·. as palavras, toques, e sinaes.

O Ven.·. diz: « II.·. 1º e 2º VV.·., convividai, etc.... »

O 1º Vig.·. annuncia.

O 2º Vig.·. diz: « II.·. que condecorais a Columna do Norte, o Ven.·. nos convida a reconhecermos para o futuro o I.·. N.... por Aprendiz Maçon, e Membro desta A.·. e R.·. L.·., e unirmo-nos a elle para applaudirmos a sua iniciação. »

O Ven.·. passa a instrui-lo, e entretanto o

2° Vig.·. o leva para perto do quadro, e com a ponta da espada lhe indica as figuras, de que o Ven.·. explica os emblemas.

INSTRUCÇÃO.

P. I.·. 1° Vig.·., sois Maçon?

R. Meus II.·. por tal me reconhecem.

P. Qual he o primeiro dever dos VV.·. em Loja?

R. He saber se a Loja está bem coberta.

O Ven.·. diz: « Certificai-vos, meu *I*.·. »

Depois de preenchidas as formalidades prescriptas e detalhadas na abertura da Loja, o Ven.·. diz:

P. O que hē hum Maçon?

R. He hum homem livre, igualmente amigo do pobre e do rico, se são virtuosos.

P. Que viemos nós fazer em Loja?

R. Vencer as paixões, submetter nossas vontades, e fazer novos progressos na Maçonaria.

P. Onde fostes recebido Maçon?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. O que he necessario para que huma Loja seja justa e perfeita ?

R. Tres a governão, cinco a compoem, e sete a fazem justa e perfeita.

P. Desde quando sois Maçon ?

R. Desde que recebi a Luz.

P. De que maneira posso saber se sois Maçon ?

R. Por meio das palavras, toques, e sinaes.

P. Como se fazem os sinaes de Maçon ?

R. Por esquadria, nivel, e perpendicular.

P. Dai-me o sinal de Aprendiz.

R. (Elle o dá.)

P. Que significa este sinal ?

R. Que antes preferiria ter a garganta cortada, do que revelar os segredos dos Maçons.

P. I.·. 2° Vig.·., dai os toques ao I.·. 1° Vig.·.

R. O I.·. 1° Vig.·. diz : « He justo, Venerabilissimo.

P. Dai-me a palavra.

R. Não devo ler, ou escrever ; só devo soletrar, dai-me a primeira letra, e eu vos darei a segunda.

P. Que significa esta palavra ?

R. *Minha força está em Deos*; era este o nome de huma columna de aço collocada ao Septentrião do Templo de Solomão, onde se juntavão os Aprendizes para receberem o seu salario.

P. Dai-me a palavra de passe d'Aprendiz.

R. (Elle a dá.)

P. Que significa ?

R. He este o nome do filho de Lameth, que inventou a arte de trabalhar os metaes.

P. Porque desejastes ser Maçon ?

R. Porque vivia nas trevas, e queria ver a Luz.

P. Quem vos apresentou em Loja ?

R. Hum amigo virtuoso, que depois reconheci ser meu I.·.

P. Em que estado vos achaveis quando vos apresentárão em Loja ?

R. Nem nú, nem vestido, mas em decente estado, e desprovido de metaes.

P. Para que vos puzerão em tal estado ?

R. Nem nú, nem vestido, para representar o estado de innocencia, e para nos lembrar

que a virtude não necessita de ornamentos; desprovido de metaes, porque elles são o emblema, e muitas vezes a origem dos vicios que todo o Maçon deve evitar.

P. Como vos introduzirão em Loja?

R. Por tres grandes pancadas.

P. Que significão estas tres pancadas?

R. *Pedi*, recebereis; *procurai*, achareis; *batei*, vos abrirão.

P. Que resultou dessas tres pancadas?

R. Hum Experto, que me perguntou meu nome, prenomes, idade, patria, estado, e se era minha vontade ser Maçon.

P. Que fez de vós o I.·. Experto?

R. Introduzio me em Loja entre os dous VV.·., e me fez viajar como Aprendiz, a fim de mostrar-me as difficuldades que se encontrão para chegar a ser Maçon.

P. Que vos aconteceu depois?

R. O Ven.·. me recebeu Maçon com consentimento unanime de todos os II.·.

P. Como vos recebeu elle?

R. Com todas as formalidades requeridas.

P. Quaes são essas formalidades?

R. Tinha o joelho nu sobre a esquadria, a mão direita sobre a espada, com a esquerda segurava hum compasso aberto em esquadria, tendo huma das pontas dirigida sobre o peito esquerdo, que estava nu.

P. Que fazieis nesta postura?

R. Prestava juramento de guardar os segredos da Ordem.

P. Que vistes quando entrastes na Loja?

R. Nada, Venerabilissimo.

P. E que vistes quando vos derão a Luz?

R. Vi o Sol, a Lua, e o Ven.·. da Loja.

P. Que relação pode haver entre o Ven.·. da Loja, e estes Astros?

R. Assim como o Sol preside ao dia, e a Lua á noite, da mesma sorte o Ven.·. preside á Loja para illumina-la.

P. Onde se acha o Ven.·. da Loja?

R. No Oriente.

P. Porque?

R. Assim como o Sol se levanta no Oriente para abrir caminho ao dia, assim o Mestre está no Oriente para abrir a Loja, illuminar, e dar começo aos trabalhos.

P. Onde estão os VV . . ?

R. No Occidente.

P. Porque ?

P. Para ajudarem ao Ven . . em seus trabalhos, pagarem os obreiros, e despedi-los contentes.

P. Onde estão os Aprendizes ?

R. No Septentrião, porque só pódem supportar huma luz fraca.

P. Como se chama a vossa Loja ?

R. A Loja de . . . .

ENCERRAMENTO.

P. Que idade tendes ?

R. Tres annos.

P. A que horas costumão os Maçons terminar seus trabalhos ?

R. A' meia noite.

P. Que horas são ?

R. Meia noite, Venerabilissimo.

« Como he meia noite, hora em que os Maçons costumão, etc., II . . 1° e 2° VV . . , convidai, etc. »

O 1° Vig . . annuncia.

O 2º Vig.·. diz: « II.·. que condecorais a Columna do Norte, o I.·. Ven.·. nos convida, para que unidos a elle, o ajudemos a encerrar os trabalhos de Aprendiz em a A.·. e Resp.·. L.·. (tal), ao Oriente (tal), da maneira costumada.

Depois do annuncio o Ven.·. bate tres pancadas de malhete na forma do costume; cada Vig.·. bate outras tantas, e neste momento todos os II.·. se levantão, e poem-se á ordem.

O Ven.·. diz: « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o sinal de Aprendiz, e encerrão os trabalhos pela triplice bateria, e pelo triplice viva!

BANQUETE.

Primeira Saude.

O Ven.·. diz: « II.·. 1º e 2º VV.·., certificai-vos se nossos trabalhos estão cobertos. »

Cada hum dos VV.·. procura certificar-se da qualidade Maçonica de todos os individuos da sua columna, lançando os olhos sobre elles, e reconhecendo-os por Maçons.

O 2º Vig.·. diz ao I.·. 1º Vig.·. : « Eu respondo por aquelles que estão na minha columna. »

O 1º Vig.·. diz isto mesmo ao Ven.·., que diz tambem : « Eu respondo pelos que estão ao O.·. »

Nota. Para saber-se a ordem inteira da saude, he necessario recorrer ao caderno de Ven.·. deste gráo.

SEGUNDO VIGILANTE.

SEGUNDO GRÁO,

OU

Grão de Companheiro.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Gràò de Companheiro.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

Todo o Aprendiz que crêr reunir as qualidades necessarias para ser elevado ao Gráo de Companheiro, o pedirá em particular ao Vig.·. da columna a que pertence desde a sua recepção.

Na occasião em que os trabalhos o permittirem, o 2° Vig.·. dirá: « Venerabilissimo, o I.·. N.·. Aprendiz desta R.·. L.·. me rogou pedisse-vos por elle, o favor de ser admittido ao Gráo de Companheiro. »

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai, etc..... »

O 1º Vig.·. diz: « I.·. 2º Vig.·. II.·. da columna do Meio dia, etc..... »

O 2º Vig.·. dirá: « II.·. da columna do Norte, o Ven.·. nos convida a que façamos as nossas observações a respeito do pedido do I.·. N.... »

Achando-se abertos os trabalhos, o Ven.·. diz: « II.·. 1º e 2º VV.·., annunciai, etc..... »

O 1º Vig.·. diz: « I.·. 2º Vig.·., II.·. que condecorais a columna do meio dia etc..... »

O 2º Vig.·. dirá: « II.·. que condecorais a columna do Norte, o Ven.·. nos propõe o I.·. N.... para ser admittido ao Gráo de Companheiro, e nos convida a que façamos nossas reflexões a respeito desta pretenção. »

O Ven.·. fará o annuncio do scrutinio da maneira usada.

Os VV.·. repetirão o annuncio.

Se o scrutinio he favoravel, o Ven.·. convidará na forma do estilo, a todos os II.·. para que applaudão com elle.

Os VV.·. annuncião.

ABERTURA.

O Ven.·. bate huma pancada de malhete, repetida pelos VV.·., e diz: « A mim, meus *II*.·., etc..... » e depois accrescenta: « *II*.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos se em huma e outra columna todos os *II*.·. são Companheiros. »

Ainda que seja facillíme aos VV.·. certificarem-se á simples vista se todos os *II*.·. são Companheiros, porque devem conhecer os gráos de que cada hum se acha revestido, sobre tudo não havendo Visitantes desconhecidos, não será com tudo desacertado que cada Vig.·. percorra a sua columna, e pergunte a cada I.·. a palavra, sinal, e toque do gráo. Esta formalidade faz lembrar a todos, o que he commum esquecer-se por falta de pratica.

Quando os VV.·. tiverem feito o seu giro, tornão a seus lugares, e dão conta ao Ven.·. da commissão que lhes deu.

O Ven.·. fará aos VV.·., alternativamente, as cinco questões seguintes:

P. I.·. 1° Vig.·., sois Companheiro?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. Para que quizestes ser Companheiro ?

R. Para conhecer a letra G ∴

P. Que idade tendes ?

R. Cinco annos.

P. A que horas começão os trabalhos de Companheiro ?

R. Ao meio dia.

P. Que horas são ?

R. He meio dia.

O Ven ∴ diz então : « Como he meio dia, etc., II ∴ 1° e 2° VV ∴, convidai, etc..... »

O 1° Vig ∴ diz : « I ∴ 2° Vig ∴, II ∴ da columna do Meio dia, o Ven ∴ nos convida a nos unirmos a elle para abrirmos os trabalhos de Companheiro. »

Depois do annuncio, o Ven ∴ bate sobre o altar as cinco pancadas de malhete ! ! ! ! !, repetidas da mesma maneira pelos VV ∴. Immediatamente o Ven ∴ diz : « A mim, meus II ∴. »

Todos juntos fazem o sinal, e depois applaudem por cinco, repetidos tres vezes. Depois o Ven ∴ diz : « Os trabalhos de Companheiro estão abertos. »

O 1° Vig.·. diz: « Os trabalhos de Companheiro, etc..... »

O 2° Vig.·. dirá: « Os trabalhos de Companheiro estão abertos. »

Estando assim os trabalhos de Companheiro em andamento, o Ven.·. annuncia outra vez o objecto da Sessão; e depois de ter proposto o I.·. que deve ser admittido ao grão de Companheiro, convida os II.·. a que discutão a pretenção. Se ninguem falla, pede o sinal de approvação, levantando a mão.

O Aspirante bate com as pancadas d'Aprendiz á porta do Templo; o I.·. Cobridor o adverte em voz baixa ao 2° Vig.·.

O 2° Vig.·. diz em voz baixa ao 1° Vig.·.: « I.·. 1° Vig.·., bate hum Aprendiz á porta do Templo. »

O 1° Vig.·. o diz em alta voz ao Ven.·., e este responde ao 1° Vig.·., que o passa ao 2° Vig.·., e este ao I.·. Cobridor: « Vêde quem bate. »

O I.·. Cobridor diz em voz baixa ao 2° Vig.·., e este ao 1° Vig.·.: « He hum Aprendiz que quer ser Companheiro. »

O Ven.·. diz: « Perguntai-lhe, etc..... »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·., e este ao I.·. Cobridor: « Perguntai-lhe se acabou o seu tempo; se crê seu Mestre contente delle, e se he esta a sua ultima vontade. »

A resposta do Recipiendario chega ao Ven.·. pelas mesmas vias, e este diz então: « Fazei entrar o Aprendiz. »

O novo Companheiro he conduzido pelos dous VV.·.

1ª Viagem. Hum malhete e hum *cinzel*.
2ª » Hum compasso e huma regoa.
3ª » Huma alavanca e huma regoa.
4ª » Esquadria e regoa.
5ª » Nada.

Depois das viagens, o Aspirante tendo recebido do Ven.·. o que lhe compete, este lhe diz: « Ide, meu I.·., fazer-vos reconhecer pelos II.·. 1° e 2° VV.·. »

Os VV.·. dão parte da exactidão da palavra, sinal, e toque que lhe deu o Companheiro.

Depois disto, o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. em huma e outra columna a que reconheção, etc. »

O 1º Vig.·. diz: « II.·. que condecorais a columna do Meio dia, etc..... »

O 2º Vig.·. dirá: « II.·. que condecorais a columna do Norte, o Ven.·. nos convida a reconhecermos para o futuro o I.·. N.... por Companheiro desta A.·. e R.·. L.·., e applaudirmos a sua recepção. »

Assentado o novo Companheiro defronte do quadro durante a instrucção, o I.·. 2º Vig.·. lhe indica com a ponta da espada as diversas figuras de que o Ven.·. lhe dá a explicação.

O Ven.·. fecha os trabalhos na forma seguinte:

INSTRUCÇÃO.

P. Sois vós Companheiro?

R. Eu o sou, Venerabilissimo.

P. Para que desejastes ser recebido Companheiro?

R. Para conhecer a letra G.·.

P. Que significa esta letra?

R. Geometria.

P. Nada mais significa?

R. He a inicial de hum dos nomes do G.·. A.·. do U.·.

P. Como fostes recebido?

R. Passei da columna J.·. á columna B.·., e subi os cinco degráos do Templo.

P. Por que porta subistes?

R. Pela porta do Occidente.

P. Que ieis fazer ao Templo?

R. Cavar masmorras ao vicio, e levantar templos á virtude.

P. Quem se oppôz á vosso entrada?

R. O I.·. Cobridor.

P. Que exigio elle de vós?

R. Hum sinal, hum toque, e huma palavra.

P. Que vistes ao subir os degráos do Templo?

R. Duas grandes columnas.

P. De que materia erão?

R. De aço.

P. Qual era a sua altura?

R. Dezoito pés cubos.

P. Sua circumfereneia?

R. Doze pés cubos.

P. Sua espessura?

R. Quatro dedos.

P. Erão por tanto vasias?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E para que?

R. Para encerrar a ferramenta dos Companheiros e Aprendizes, assim como o thesouro destinado para o pagamento de seus salarios.

P. Como recebem os obreiros seus salarios?

R. Por hum sinal, hum toque, e huma palavra; os Aprendizes por meio dos de Aprendiz, e os Companheiros pelos do seu gráo.

P. Quaes erão as decorações das columnas?

R. Folhas de acantho ornavão os seus capiteis, e estes erão cobertos com innumeraveis fructos da romeira.

P. Onde fostes recebido Companheiro?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. Qual era a sua forma?

R. Hum quadrado longo.

P. Em que sentido era o seu comprimento?

R. Do Oriente ao Occidente.

P. E a sua largura?

R. Do Meio dia ao Septentrião.

P. Qual era a sua altura?

R. Hum sem numero de pés, toezas, e cubos.

P. Qual era a sua cobertura?

R. Hum docel azul celeste semeado de estrellas.

P. O que a sustentava?

R. Tres grandes pilastras de forma triangular.

P. Como as chamais?

R. *Sabedoria*, *Força*, e *Belleza*.

P. Porque as chamais assim?

R. *Sabedoria*, para inventar; *Força*, para executar; *Belleza*, para ornar.

P. Qual era a sua profundidade?

R. Da superficie da terra ao centro.

P. Porque respondeis assim?

R. He para dar a entender que todos os Maçons espalhados sobre a terra, formão hum só e unico povo de irmãos, governados pelas mesmas leis e pelos mesmos usos.

P. Tendes ornamentos na vossa Loja?

R. Sim, Venerabilissimo,

P. E quaes?

R. Em numero de tres.

P. Quaes são?

R. O Pavimento mosaico, a Estrella flammejante, e o Festão recortado.

P. E qual era o seu uso?

R. O Pavimento mosaico ornava a soleira do grande Portico do Templo; a Estrella flammejante, collocada no meio, esclarecia o centro; e o Festão recortado guarnecia e ornava as extremidades.

P. Dai-me a explicação moral destes tres ornamentos?

R. O Pavimento mosaico he o emblema da união intima que reina entre os Maçons; a Estrella flammejante he o emblema do G.·. A.·. do U.·., brilhante de huma luz pura que tira de si mesmo; o Festão recortado significa o laço que une todos os Maçons, e faz delles huma só familia em toda a terra.

P. Tendes algumas joias na vossa Loja?

R. Sim, Veneravelissimo.

P. E em que numero?

R. Em numero de seis, a saber: tres moveis, e tres immoveis.

P. Quaes são as joias moveis?

R. A Esquadria que traz o Venerabilissimo, o Nivel que traz o 1° Vig.·., e a Perpendicular ou linha de prumo que traz o 2° Vig.·.

P. Quaes são as joias immoveis?

R. A Prancha de traçar, a Pedra cubica ponte aguda, e a Pedra bruta.

P. Qual he o uso das joias moveis?

R. A Esquadria serve para pôr as superficies em angulos rectos entre si; o Nivel para collocar horisontalmente as pedras humas ao lado das outras; e a Perpendicular para construir os edificios perfeitamente a prumo sobre as suas bases.

P. Dai-me a explicação em sentido moral.

R. A Esquadria nos adverte que todas as nossas acções devem ser reguladas pela rectidão e justiça; o Nivel, que deve reinar huma perfeita igualdade entre os Maçons; e a Perpendicular, que todos os bens dimanão do alto.

P. Qual he o uso das joias immoveis?

R. A Prancha serve aos Maçons para traçarem seus planos e desenhos; a Pedra cubica de ponta serve aos Companheiros para amolarem os seus instrumentos; e a Pedra bruta

serve aos Aprendizes para aprenderem a trabalhar.

P. Qual he o sentido moral?

R. A Prancha de traçar he o emblema do bom exemplo que devemos dar a nossos II.·., e a todos os homens; a Pedra cubica he o symbolo dos cuidados que toma o homem virtuoso para apagar as nodoas que o vicio lhe imprimio, e corrigir as paixões a que todos estamos sugeitos; finalmente, a Pedra bruta he a imagem do homem grosseiro e salvagem, que só o estudo continuo de si proprio póde polir e tornár perfeito.

P. Quantas especies ha de Maçons?

R. Duas: huns são theoricos, e outros praticos.

P. Que aprendem os Maçons theoricos?

R. Huma boa moral que serve a apurar nossos costumes e fazer-nos agradaveis a todos os homens.

P. E o que he hum Maçon de Pratica?

R. He o obreiro dos edificios.

P. Como conhecerei que sois Maçon?

R. Por meus sinaes, toques, e palavras.

R. Dai-me a primeira letra, dar-vos-hei a segunda.

P. Que significa esta palavra?

R. Significa perseverança no bem.

P. Dizei-me a palavra de passe.

R. (Elle a diz.)

P. Que significa?

R. Numeroso como espigas de trigo.

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS.

P. Que idade tendes?

R. Cinco annos.

P. A que hora se terminão os trabalhos?

R. A' meia noite.

P. Que horas são?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, etc..... »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. qu condecorais a columna do Meio dia, o Ven.· nos convida, etc..... »

O 2° Vig.·. dirá: « II.·. da columna d Norte, o Ven.·. nos convida a que encerremo os trabalhos de Companheiro Maçon nesta A.· e R.·. L.·. (tal), ao O.·. de (tal). »

Depois do annuncio, o Ven.·. bate cinco pancadas de malhete, que repetem os VV.·., e diz: « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o sinal de Companheiro e applaudem.

O Ven.·. bate, e diz: « Estão acabados os trabalhos de Companheiro. »

O 1° Vig.·. bate, e diz: « Meus II.·., os trabalhos de Companheiro estão acabados. »

SEGUNDO VIGILANTE.

TERCEIRO GRÁO,

OU

Grão de Mestre.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Grão de Mestre.

DOS PRELIMINARES.

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida, etc..... »

O 2° Vig.·. bate, e diz: « II.·. que condecorais a columna do Norte, o Ven.·. nos convida a que apresentemos as nossas observaçõcs. »

Segundo Preliminar.

Os VV.·. deixão os seus lugares, percorrem cada hum a sua columna para se certificarem se todos os II.·. são Mestres, pedindo-lhes em voz baixa as palavras, sinal, e toque do gráo.

Quando voltão aos seus lugares, dão conta ao Respeitabilissimo.

ABERTURA.

P. Ven.·. I.·. 1º Vig.·., qual he o primeiro dever dos VV.·. em Loja de Mestre?

R. Resp.·., he saber se todos os II.·. são Mestres.

P. Estais disso certificado?

R. Resp.·., nós o estamos.

P. I.·. 1º Vig.·., sois Mestre?

R. Experimentai-me; a acacia me he conhecida.

P. Dai-me o sinal de Mestre?

R. (Dá-lho.)

P. Ven.·. I.·. 2º Vig.·., que idade tendes

R. Sete annos e mais.

P. A que horas se abrem os trabalhos?

R. Ao meio dia.

O I.·. 1º Vig.·. diz: «Ven.·. I.·. 2º Vig.·. II.·. que condecorais a columna do Meio dia o Resp.·. nos convida, etc.....»

O 2º Vig.·. diz: «VVen.·. II.·. que con-

decorais a columna do Norte, o Resp.·. nos convida e nos unirmos a elle para a abertura dos trabalhos no grão de Mestre. »

O Resp.·. dá nove pancadas de malhete.

Os VV.·. repetem a bateria.

O 1º Vig.·. diz: « Estão abertos os trabalhos. »

O 2º Vig.·. repete, e diz: « VVen.·. II.·. que condecorais a columna do Norte, estão abertos os trabalhos. »

RECEPÇÃO.

O I.·. Cobridor annuncia ao 2º Vig.·., que se bate como Companheiro á porta do Templo.

O I.·. 2º Vig.·. diz ao 1º Vig.·.: « Ven.·. I.·. 1º Vig.·., bate-se como Companheiro á porta da Loja. »

O 1º Vig.·., com ordem do Resp.·., diz ao 2º Vig.·.: « Vêde quem bate. »

O 2º Vig.·. diz ao I.·. Cobridor: « Vêde quem bate. »

Depois da resposta do I.·. Cobridor, o 2º Vig.·. diz ao 1º Vig.·.: « Ven.·. I.·. 1º Vig.·.,

he hum Companheiro que acabou o seu tempo, e quer ser admittido a Mestre. »

O 1° Vig.·. diz ao 2°: « Perguntai-lhe seu nome, etc..... »

O 2° Vig.·. diz ao I.·. Cobridor: « Perguntai-lhe seu nome, seus prenomes, sua idade, e seu estado civil. »

O I.·. Cobridor communica ao 2° Vig.·. as respostas do Aspirante.

O 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.: « Ven.·. I.· 1° Vig.·., o Aspirante já passou os cinco annos; trabalhou no exterior do Templo sobre a pedra polida, e preparou as ferramentas.

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·.: « Perguntai-lhe se está sinceramente disposto, etc.... »

O 2° Vig.·. diz ao I.·. Cobridor: « Perguntai-lhe se está sinceramente disposto a precher os deveres de hum Mestre Maçon, e s nada tem a arguir-se sobre os juramentos qu precedentemente prestou. »

Introduzido o Companheiro, os VV.·. s assentão.

Quando se ordena a primeira viagem, tor não de novo aos seus lugares, e não os largã

mais, sem que para isso recebão ordem expressa.

O Resp.·. diz: « I.·. 2º Vig.·., levai comvosco dous II.·., e começai a procurar pelo Norte. »

O I.·. 2º Vig.·. escolhe dous II.·., e faz com elles o giro da Loja, começando pelo Norte, e sondando o terreno com a ponta da sua espada. Depois volta ao Occidente, bate, e diz: « Resp.·., nossas indagações forão baldadas. »

O Resp.·. se junta com dous outros II.·. aos VV.·., e todos reunidos fazem tres vezes o giro da Loja.

No segundo giro o 2º Vig.·. pára, e diz: « Resp.·., eu vejo levantar-se hum vapor de hum pequeno espaço de terreno. Approximemo-nos. »

O Resp.·. levanta, com a ponta da sua espada, huma parte do véo, etc.....

O 2º Vig.·. se approxima, pega no indéx direito do Recipiendario, e o deixa cahir, dizendo: « J.·., e dá hum passo para traz, fazendo o sinal de horror. »

O Resp.·. diz: « II.·. VV.·., quem desarranjou este corpo? »

O 2° Vig.·. diz: « Resp.·., suppuz pode-lo levantar com o toque de Aprendiz, *mas a carne deixa os ossos.* »

O Resp.·., ajudado pelos VV.·.; levanta ao Recipiendario.

Todos os II.·. tornão a tomar os seus lugares.

Quando o Recipiendario chega ao Occidente, se faz conhecer pelos II.·. 1° e 2° VV.·.

Logo que o 2° Vig.·. o tem reconhecido, dá conta ao 1° Vig.·. que o diz ao Resp.·.

Terminado o discurso, o 1° Vig.·. com ordem do Resp.·., diz: « Ven.·. I.·. 2° Vig.·., VVen.·. II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Resp.·. nos convida, etc..... »

O 2° Vig.·. diz: « VVen.·. II.·. que condecorais a columna do Norte, o Resp.·. nos convida a que reconheçamos o I.·. N... por Mestre Maçon, e que como tal seja reconhecido pelos Maçons espalhados pela superficie da terra. »

Depois da instrucção, o 1° Vig.·. com or-

dem do Resp ∴, diz: « Ven ∴ I ∴ 2° Vig ∴, etc..... o Resp ∴ pergunta, etc..... »

O 2° Vig ∴ diz: « VVen ∴ II ∴ que condecorais a columna do Norte, o Resp ∴ pergunta se tendes alguma cousa a propôr. »

ENCERRAMENTO.

P. Ven ∴ I ∴ 1° Vig ∴, a que horas devemos encerrar nossos trabalhos?

R. A' meia noite.

P. Que horas são?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, etc..... VVen ∴ II ∴ 1° e 2° VV ∴, convidai aos VVen ∴ II ∴ a que me ajudem, etc..... »

O 1° Vig ∴ diz: « Ven ∴ I ∴ 2° Vig ∴, VVen ∴ MM ∴, etc..... »

O 2° Vig ∴ diz: « VVen ∴ Mestres que condecorais a columna do Norte, o Resp ∴ nos convida a que o ajudemos a encerrar os trabalhos de Mestre. »

Encerrão-se ao depois os de Companheiro, e finalmente os de Aprendiz.

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Mestre?

P. Experimentai-me; a acacia me he conhecida.

P. Onde fostes recebido?

R. Na camara do meio.

P. Como chegastes ali?

R. Por huma escada que subi por tres, cinco, e sete.

P. E que vistes?

R. Horror, luto, e tristeza.

P. Nada mais vistes?

R. Huma luz sombria illuminando o tumulo do nosso Resp.: Mestre.

P. Qual era a sua grandeza?

R. Tinha tres pés de largura, cinco de profundidade, e tres de comprimento.

P. Que tinha elle em cima?

R. Hum ramo de acacia na parte superior, hum triangulo de ouro mais puro, e o nome do Eterno gravado no centro.

P. Que vos aconteceo?

R. Suspeitárão-me de hum crime horrivel

P. Quem vos animou?

R. A minha innocencia.

P. Como fostes recebido?

R. Passando da esquadria ao compasso.

P. Que procuraveis nesta estrada?

R. A palavra de Mestre que se tinha perdido.

P. Como se perdeu ella?

R. Por tres grandes pancadas ás quaes succumbi.

P. Quem vos soccorreu?

R. A mão que me tinha ferido.

P. Como he isto?

R. Só o direi em segredo a hum dos meus iguaes, e quando fôr obrigado.

P. Que soubestes?

R. As circunstancias da morte do nosso Resp.·. M.·. Hiram, que foi assassinado no Templo por tres Companheiros, que querião extorquir-lhe a palavra de Mestre, ou tirar-lhe a vida.

P. Que fizerão os Mestres para se reconhecerem entre si depois da morte do nosso Resp.·. M.·. Hiram?

R. Convencionárão que a primeira palavra

pronunciada, e o primeiro sinal que se fizesse no momento da descoberta do corpo de Hiram, seriao substituidos ás antigas palavra e sinal.

P. Quaes forão os indicios da descoberta do corpo do nosso Resp.·. Mestre?

R. Hum vapor da terra novamente revolvida, e hum ramo d'acacia.

P. Que fizerão do corpo depois de o terem achado?

R. Solomão o fez enterrar com pompa.

P. Quem era o Mestre Hiram?

R. Era Tyriano, e filho de huma Viuva da Tribu de Nephtali.

P. Qual he o nome de hum Mestre Maçon?

R. *Gabaon.*

P. Como viajão os Mestres?

R. Do Occidente ao Oriente, e sobre toda a superficie da terra.

P. Porque?

R. Para espalharem a luz, e reunirem o que se acha disperso.

P. Sobre que trabalhão os Mestres?

R. Sobre a Prancha de traçar.

P. Onde recebem elles a sua recompensa?

R. Na camara do meio.

P. Que significão as nove Estrellas?

R. O numero dos Mestres enviados á descoberta de Hiram.

P. Se hum Mestre se perdesse, onde o acharieis?

P. Entre a esquadria e o compasso.

P. Quaes são os verdadeiros sinaes de hum Mestre?

R. A palavra, e os cinco pontos perfeitos da Mestrança.

P. Se hum Mestre se achar em perigo de vida, que deve fazer?

R. O sinal de perigo, dizendo: — A mim, Filhos da Viuva!

P. Como se faz este sinal?

R. (Elle o faz.)

P. Porque se diz os Filhos da Viuva?

R. He porque todos os Maçons se dizem filhos de Hiram.

P. Qual he a idade de hum Mestre?

R. Sete annos e mais.

P. Porque dizeis sete annos e mais?

R. He porque Solomão empregou sete annos e mais na construcção do Templo.

P. Que significa a palavra de passe de hum Mestre?

R. He o nome de huma montanha donde Solomão fez tirar as pedras para a construcção do Templo.

FIM

DO REGULADOR DO SEGUNDO VIGILANTE.

Rio de Jan. T. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C.-1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

VENERAVEL.

Rio de Janeiro.

1854.

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Mestre?

R. Experimentai-me; a acacia me he conhecida.

P. Onde fostes recebido?

R. Na camara do meio.

P. Como chegastes ali?

R. Por huma escada que subi por tres, cinco, e sete.

P. E que vistes?

R. Horror, luto, e tristeza.

P. Nada mais vistes?

R. Huma luz sombria illuminando o tumulo do nosso Resp.^, Mestre.

P. Qual era a sua grandeza?

R. Tinha tres pés de largura, cinco de profundidade, e tres de comprimento.

P. Que tinha elle em cima?

R. Hum ramo de acacia na parte superior, hum triangulo de ouro mais puro, e o nome do Eterno gravado no centro.

P. Que vos aconteceo?

R. Suspeitárão-me de hum crime horrivel

P. Quem vos animou?

R. A minha innocencia.

P. Como fostes recebido?

R. Passando da esquadria ao compasso.

P. Que procuraveis nesta estrada?

R. A palavra de Mestre que se tinha perdido.

P. Como se perdeu ella?

R. Por tres grandes pancadas ás quaes succumbi.

P. Quem vos soccorreu?

R. A mão que me tinha ferido.

P. Como he isto?

R. Só o direi em segredo a hum dos meus iguaes, e quando fôr obrigado.

P. Que soubestes?

R. As circunstancias da morte do nosso Resp.·. M.·. Hiram, que foi assassinado no Templo por tres Companheiros, que querião extorquir-lhe a palavra de Mestre, ou tirar-lhe a vida.

P. Que fizerão os Mestres para se reconhecerem entre si depois da morte do nosso Resp.·. M.·. Hiram?

R. Convencionárão que a primeira palavra

pronunciada, e o primeiro sinal que se fizesse no momento da descoberta do corpo de Hiram, seriao substituidos ás antigas palavra e sinal.

P. Quaes forão os indicios da descoberta do corpo do nosso Resp.·. Mestre?

R. Hum vapor da terra novamente revolvida, e hum ramo d'acacia.

P. Que fizerão do corpo depois de o terem achado?

R. Solomão o fez enterrar com pompa.

P. Quem era o Mestre Hiram?

R. Era Tyriano, e filho de huma Viuva da Tribu de Nephtali.

P. Qual he o nome de hum Mestre Maçon?

R. *Gabaon.*

P. Como viajão os Mestres?

R. Do Occidente ao Oriente, e sobre toda a superficie da terra.

P. Porque?

R. Para espalharem a luz, e reunirem o que se acha disperso.

P. Sobre que trabalhão os Mestres?

R. Sobre a Prancha de traçar.

P. Onde recebem elles a sua recompensa?

R. Na camara do meio.

P. Que significão as nove Estrellas?

R. O numero dos Mestres enviados á descoberta de Hiram.

P. Se hum Mestre se perdesse, onde o acharieis?

P. Entre a esquadria e o compasso.

P. Quaes são os verdadeiros sinaes de hum Mestre?

R. A palavra, e os cinco pontos perfeitos da Mestrança.

P. Se hum Mestre se achar em perigo de vida, que deve fazer?

R. O sinal de perigo, dizendo: —A mim, Filhos da Viuva!

P. Como se faz este sinal?

R. (Elle o faz.)

P. Porque se diz os Filhos da Viuva?

R. He porque todos os Maçons se dizem filhos de Hiram.

P. Qual he a idade de hum Mestre?

R. Sete annos e mais.

P. Porque dizeis sete annos e mais?

R. He porque Solomão empregou sete annos e mais na construcção do Templo.

P. Que significa a palavra de passe de hum Mestre?

R. He o nome de huma montanha donde Solomão fez tirar as pedras para a construcção do Templo.

FIM

DO REGULADOR DO SEGUNDO VIGILANTE.

Rio de Jan. T. Imp. e Comm. de Seignot-Plancher e C.-1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

VENERAVEL.

Rio de Janeiro.

1854.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

VENERAVEL.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C^e,
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS MYSTERIOSOS,

OU DAS

QUATRO ORDENS SUPERIORES

do Rito Francez.

PRIMEIRA PARTE.

VENERAVEL.

RIO DE JANEIRO.

1834.

PRIMEIRA ORDEM.

GRÁO

DE ELEITO SECRETO.

19E G80520 5 parts

O PRESIDENTE se chama *Sapientissimo.*

O 1° VIGILANTE. . . *Grande Inspector.*

O 2° VIGILANTE. . . *Severo Inspector.*

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRA ORDEM.

Grão de Eleito Secreto.

SAPIENTISSIMO.

ABERTURA.

Quando o Conselho se reunir, todos os II.·. estaráõ condecorados, a excepção da fita que devem trazer no braço esquerdo.

O Sapientissimo se põe ao pé do altar, e condecora com a fita preta todos os II.·. hum depois do outro, segundo as suas dignidades e officios. Depois o Sap.·. diz.

P. I.·. Grande-Inspector, qual he o primeiro dever de hum Grande-Inspector Eleito?

R. Sap.·., he saber se todos os II.·. sãõ Eleitos.

O Sap.·. — Certificai-vos, Grande-Insp.·.

(O Grande-Insp.·. certifica-se, e dá conta ao Sap.·.)

P. Qual he o segundo dever de hum Eleito?

R. Sap.·., he vêr se os trabalhos estão cobertos.

O Sap.·. — Certificai-vos, Grande-Insp.·.

(O Grande-Insp.·., certifica-se, e diz o que achou ao Sap.·.)

P. Sois Eleito Secreto?

R. Conheço huma caverna, huma alampada me illuminou, e huma fonte estancou a minha sede.

P. Que horas são?

R. A Estrella d'alva que apparece nos annuncia que o sol vai levantar-se, e que he tempo de nos pormos á obra.

O Sap.·. — Como este justo designio vos anima, e que o sol vai levantar-se, grande e severo Insp.·., II.·. Eleitos Secretos, o Conselho vai abrir-se. — A minha, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Sap.·., fazem o signal e applaudem. O Sap.·. bate oito pancadas iguaes e huma lenta.)

O Sap.·. — O Conselho dos Eleitos está aberto.

(Bate e diz:)

O Sap.·. — A vossos lugares, meus II.·.

(O Secretario faz a leitura da prancha dos ultimos trabalhos, e depois disto introduzem-se visitantes, se os houver:)

O Sap.·. — I.·. Sev.·. Insp.·., leva com vosco dous Eleitos; examinai escrupulosamente o exterior da Camara do Conselho: cumpre que eu tenha a certeza de que não podemos ser ouvidos.

(O Sev.·. Insp.·. sahe, acompanhado por dous Eleitos. Hum momento depois bate-se á porta como Mestre.

Depois do Grande-Insp.·. ter annunciado, o Sap.·. diz:)

O Sap.·. — Qual he o Mestre temerario que ousa vir perturbar os nossos trabalhos? Fazei ver quem bate, I.·. Grande-Insp.·.

(O Grande-Insp.·., depois de o ter sabido por meio do I.·. Mestre de Ceremonias, diz:)

O Grande-Insp.·. — São os Eleitos encarregados á pesquiza, que se apoderarão de hum dos obreiros do Templo, e o conduzem.

O Sap.·. — Franqueai-lhes a entrada.

(As portas abrem-se, o I.·. Insp.·. conduz o Candidato ao Occidente, dizendo:)

O I.·. Insp.·.-Eis hum dos obreiros do Templo, que achamos perto d'aqui; ignoramos os seus designios.

(Todos os Eleitos gritão *vingança*, e voltão seus punhaes para o Recipiendario. Ao mesmo tempo, o Grande-Insp.·. lhe põe hum punhal sobre o coração, prestes a traspassa-lo.

Depois de hum momento de silencio:)

O Sap.·. —Quem es tu?

(O Sev.·. Insp.·. lhe dicta as respostas.)

R. Eu me chamo *Joaben*, Maçon da classe dos Mestres.

P. Que queres?

R. Lançar-me a vossos pés, e pedir-vos a graça de ser o vingador d'Hiram.

O Sap.·. —Quebrai suas prisões; esteja livre, como deve estar todo o Maçon.

(Desatão-no.)

O Sap.·. —Confirmai-nos, meu I.·., pelas vossas respostas, a verdade do que acabais de avançar.

P. Sois Mestre?

P. Experimentai-me.

(O Sap.·. faz as perguntas tiradas da Instrucção do gráo de Mestre, para examinar se elle a sabe.)

O Sap.·.—Dai o toque, as palavras, e o signal de Mestre ao I.·. Grande-Insp.

(Dá tudo ao Grande-Insp.·.)

O Sap.·.—II.·., que compondes o Conselho estais satisfeitos?

(Todos os II.·. levantão a mão direita, que fazem cahir ao mesmo tempo sopre a coxa direita, em signal de approvação.

O Sap.·.—Como o I.·. reune todos os suffragios, I.·. Grande-Insp.·., fazei-o avançar nove passos (tres de Aprendiz, tres de Companheiro, e tres de Mestre) até ao Trono, para vir prestar o juramento entre nossas mãos.

(O I.·. Grande-Insp.·. o faz avançar até ao Trono, aonde tendo chegado, lhe faz pôr o joelho direito em terra, a mão direita sobre o livro da Sabedoria, e segurar com a mão esquerda hum compasso que suspende hum malhete.

O Sap.·. colloca o seu punhal sobre a testa do I.·., e o I.·. Grande-Insp.·. lhe põe o seu sobre as costas, depois o Sap.·. diz:)

O Sap.·.—Meu I.·., se são sinceras as vossas disposições, pronunciai commigo:

JURAMENTO.

« Eu prometto, á fé de Maçon, perante o « Grande Architecto do Universo, e desta As- « sembléa, nunca revelar a homem algum que « não tenha feito o que agora faço, o segre- « do dos Eleitos. Prometto preencher escru- « pulosamente todas as obrigações, e susten- « tar os meus juramentos: alias sirva a mais « horrivel morte de expiação ao meu perjurio; « seja o meu corpo o pasto das aves carni- « voras, e fique a minha memoria em exe- « cração aos filhos da viuva em toda a terra.»

(Prestado o juramento, o Sap.·. diz:)

O Sap.·. — I.·. Grande-Insp.·. fazei voltar o I.·. ao Occidente, e dar os passos retrogra- dos para saber que nada se faz sem desgos- tos, e que nunca deve offender-se das morti- ficações ordenadas por deliberação da Loja, sendo a humildade o verdadeiro caminho da perfeição Maçonica: fazei-o tomar lugar entre nós.

(Logo que chega ao Occidente, o Grande-Insp.·. o faz assentar sobre hum tamborete entre elle e o I.·. Sev.·. Insp.·., e então o Sap.·. diz:)

O Sap.·.—II.·. Eleitos, meus II.·.! depois que hum horroroso assassinato nos privou do Architecto que, por suas virtudes e luzes, tinha merecido a direcção do Edificio feito para nelle se cantarem os louvores do Grande Architecto do Universo, todos os obreiros estão em consternação, e em luto universal; a Estrella da manhã não chama mais os obreiros ao trabalho. Tenho implorado aquelle que torna vãos todos os trabalhos dos homens, quando elle mesmo não edifica. Dignou-se de ouvir minhas preces, e não quer que o crime fique por mais tempo impune. Hum incognito se me offertou, e me revelou o esconderijo dos assassinos d'Hiram. Esta descoberta merece o maior segredo e a mais prompta deliberação.

(Nestes instantes todos os II.·. gritão: *Vingança!*)

O Sap.·.—(*Dirigindo a palavra ao Recipiendario.*) I.·. Mestre, vosso zelo a preencher esta commissão, sem duvida iguala ao dos outros membros do meu Conselho. Mas eu não quero dar a preferencia a nenhum: a sorte vai decidir quem ha de ser escolhido.—I.·. Mestre de ceremonias, fazei o vosso dever.

(O I.·. Mestre de ceremonias apresenta o

scrutinio ao Candidato, que tira hum papel sobre o qual está escrito *Joaben*, e o apresenta depois a todos os Eleitos. Então o Sap.·. diz:)

O Sap.·. — *Joaben*, vossos votos estão preenchidos; sede o chefe de huma tão nobre empreza. Não tenho necessidade de fazer-vos sentir toda a importancia do emprego que vos confio. Ide do lado de Joppa, perto de huma caverna junto ás margens do mar, chamada *Caverna Benacar*; ali achareis Abibalc e seus cumplices; diligenciai conduzi-los. Lembrai-vos que não deveis attentar ás suas vidas sem que a vossa esteja em perigo..... Parti.

(Então se faz a viajem. O Severo-Inspector acompanha o Recipiendario; e depois de a terem feito, entrão, tendo o ultimo na mão direita hum punhal, o braço levantado prestes a ferir, e o esquerdo extendido ao longo do corpo; colloca-se ao Occidente, exclamando: *o crime está punido.*)

O Sap.·. — Que huma tão justa vingança sirva de exemplo aos perversos, e lhes mostre o fim que espera os culpados; que durante tres dias as cabeças dos assassinos estejão expostas com suas ferramentas, no interior das obras;

estes tres dias expirados, suas ferramentas serão despedaçadas, suas cabeças queimadas, e as cinzas lançadas aos ventos, para que delles não fique memoria entre os homens e os Maçons; e fique o conhecimento do crime e da sua justa punição para sempre concentrado entre os Maçons.

(A cortina se levanta, e deixa ver as cabeças expostas, como já foi dito.

O Sap.·. continua, e diz:)

O Sap.·.—Sabei, meu I.·. que tudo o que se passou e tudo quanto haveis executado, he feito para recordar-vos, da maneira a mais forte, as primeiras obrigações que contrahistes entrando na Ordem, e a punição justamente merecida de quem se torna perjuro. Tudo vos annuncion a vingança; mas a Ordem está bem longe de inspirar-vos hum semelhante sentimento, ao contrario ella vos ordena de nunca esquecer que o braço armado sem a sanção de hum poder legitimo, só póde ser criminoso.

Vinde agora, meu I.·., receber a recompensa que haveis merecido. E vós todos, meus M.·., ajudai-me a fazer hum Eleito.

(O Mestre de ceremonias conduz o Recipien-

dario ao Trono, para ali renovar o seu juramento, durante o qual todos os Eleitos estão voltados para elle, com a mão extendida. O Sap.·. lhe põe o seu punhal sobre o hombro direito, e lhe diz:)

O Sap.·. — Em nome do Grande-Oriente de...., no seu Grande Capitulo, e pelos poderes que me forão conferidos pelo Capitulo...., vos faço Eleito.

(Põe-lhe a fita preta, e o reveste com o avental de Eleito.)

O Sap.·. — Temos neste gráo, como nos precedentes, hum signal, huma palavra e hum toque.

SINAL.

O signal se faz por aquelle que o pede, tirando o seu punhal com a mão direita, e levantando-o como para ferir. O que responde, fecha o punho da mão direita, e assim fechado, o levanta e depois o volta.

TOQUE.

O toque, para o que o pede, he, depois de ter fechado a mão direita, levantar o polegar,

e apresenta-lo áquelle a quem se pede. Este deve responder pegando no polegar com toda a mão direita. *(Repete-se alternativamente tres vezes a mesma cousa.)*

PALAVRA SAGRADA.

A palavra sagrada he N...., que significa *Vingança.*

PALAVRA DE PASSE.

A palavra de passe he A....

Ide agora, meu I.·., fazer-vos reconhecer por todos os II.·., dando-lhes o signal, a palavra e o toque, começando pelo I.·. Grande Insp.·.

(Feito isto, o Sap.·. o proclama, dizendo:)

O Sap.·. — II.·. Grande e Severo-Inspectores II.·. Eleitos Secretos, reconhecereis para o futuro ao I.·. N...., na qualidade de Membro do Conselho dos Eleitos Secretos do Capitulo de...., na sua primeira Ordem.

(Os II.·. Grande e Severo-Inspectores repetem o annuncio. Todos os Eleitos, guiados pelo Sap.·. applaudem.

O I.·. novamente recebido agradece; o seu

JURAMENTO.

« Eu prometto, á fé de Maçon, perante o « Grande Architecto do Universo, e desta As- « sembléa, nunca revelar a homem algum que « não tenha feito o que agora faço, o segre- « do dos Eleitos. Prometto preencher escru- « pulosamente todas as obrigações, e susten- « tar os meus juramentos: aliás sirva a mais « horrivel morte de expiação ao meu perjurio; « seja o meu corpo o pasto das aves carni- « voras, e fique a minha memoria em exe- « cração aos filhos da viuva em toda a terra.»

(Prestado o juramento, o Sap.·. diz:)

O Sap.·. — I.·. Grande-Insp.·. fazei voltar o I.·. ao Occidente, e dar os passos retrogra- dos para saber que nada se faz sem desgos- tos, e que nunca deve offender-se das morti- ficações ordenadas por deliberação da Loja, sendo a humildade o verdadeiro caminho da perfeição Maçonica: fazei-o tomar lugar entre nós.

(Logo que chega ao Occidente, o Grande-Insp.·. o faz assentar sobre hum tamborete entre elle e o I.·. Sev.·. Insp.·., e então o Sap.·. diz:)

O Sap.·.—II.·. Eleitos, meus II.·. ! depois que hum horroroso assassinato nos privou do Architecto que, por suas virtudes e luzes, tinha merecido a direcção do Edificio feito para nelle se cantarem os louvores do Grande Architecto do Universo, todos os obreiros estão em consternação, e em luto universal; a Estrella da manhã não chama mais os obreiros ao trabalho. Tenho implorado aquelle que torna vãos todos os trabalhos dos homens, quando elle mesmo não edifica. Dignou-se de ouvir minhas preces, e não quer que o crime fique por mais tempo impune. Hum incognito se me offertou, e me revelou o escondrijo dos assassinos d'Hiram. Esta descoberta merece o maior segredo e a mais prompta deliberação.

(Nestes instantes todos os II.·. gritão: *Vingança!*)

O Sap.·.—(*Dirigindo a palavra ao Recipiendario.*) I.·. Mestre, vosso zelo a preencher esta commissão, sem duvida iguala ao dos outros membros do meu Conselho. Mas eu não quero dar a preferencia a nenhum: a sorte vai decidir quem ha de ser escolhido.—I.·. Mestre de ceremonias, fazei o vosso dever.

(O I.·. Mestre de ceremonias apresenta o

scrutinio ao Candidato, que tira hum papel sobre o qual está escrito *Joaben*, e o apresenta depois a todos os Eleitos. Então o Sap.·. diz:)

O Sap.·. — *Joaben*, vossos votos estão preenchidos; sede o chefe de huma tão nobre empreza. Não tenho necessidade de fazer-vos sentir toda a importancia do emprego que vos confio. Ide do lado de Joppa, perto de huma caverna junto ás margens do mar, chamada *Caverna Benacar*; ali achareis Abibalc e seus cumplices; diligenciai conduzi-los. Lembrai-vos que não deveis attentar ás suas vidas sem que a vossa esteja em perigo..... Parti.

(Então se faz a viajem. O Severo-Inspector acompanha o Recipiendario; e depois de a terem feito, entrão, tendo o ultimo na mão direita hum punhal, o braço levantado prestes a ferir, e o esquerdo extendido ao longo do corpo; colloca-se ao Occidente, exclamando: *o crime está punido.*)

O Sap.·. — Que huma tão justa vingança sirva de exemplo aos perversos, e lhes mostre o fim que espera os culpados; que durante tres dias as cabeças dos assassinos estejão expostas com suas ferramentas, no interior das obras;

estes tres dias expirados, suas ferramentas serão despedaçadas, suas cabeças queimadas, e as cinzas lançadas aos ventos, para que delles não fique memoria entre os homens e os Maçons; e fique o conhecimento do crime e da sua justa punição para sempre concentrado entre os Maçons.

(A cortina se levanta, e deixa ver as cabeças expostas, como já foi dito.

O Sap.·. continúa, e diz:)

O Sap.·.—Sabei, meu I.·. que tudo o que se passou e tudo quanto haveis executado, he feito para recordar-vos, da maneira a mais forte, as primeiras obrigações que contrahistes entrando na Ordem, e a punição justamente merecida de quem se torna perjuro. Tudo vos annuncia a vingança; mas a Ordem está bem longe de inspirar-vos hum semelhante sentimento, ao contrario ella vos ordena de nunca esquecer que o braço armado sem a sanção de hum poder legitimo, só póde ser criminoso.

Vinde agora, meu I.·., receber a recompensa que haveis merecido. E vós todos, meus ff.·., ajudai-me a fazer hum Eleito.

(O Mestre de ceremonias conduz o recipien-

dario ao Trono, para ali renovar o seu juramento, durante o qual todos os Eleitos estão voltados para elle, com a mão extendida. O Sap.·. lhe põe o seu punhal sobre o hombro direito, e lhe diz:)

O Sap.·. — Em nome do Grande-Oriente de...., no seu Grande Capitulo, e pelos poderes que me forão conferidos pelo Capitulo...., vos faço Eleito.

(Põe-lhe a fita preta, e o reveste com o avental de Eleito.)

O Sap.·. — Temos neste gráo, como nos precedentes, hum signal, huma palavra e hum toque.

SINAL.

O signal se faz por aquelle que o pede, tirando o seu punhal com a mão direita, e levantando-o como para ferir. O que responde, fecha o punho da mão direita, e assim fechado, o levanta e depois o volta.

TOQUE.

O toque, para o que o pede, he, depois de ter fechado a mão direita, levantar o polegar,

e apresenta-lo áquelle a quem se pede. Este deve responder pegando no polegar com toda a mão direita. *(Repete-se alternativamente tres vezes a mesma cousa.)*

PALAVRA SAGRADA.

A palavra sagrada he N...., que significa *Vingança.*

PALAVRA DE PASSE.

A palavra de passe he A....

Ide agora, meu I.·., fazer-vos reconhecer por todos os II.·., dando-lhes o signal, a palavra e o toque, começando pelo I.·. Grande Insp.·.

(Feito isto, o Sap.·. o proclama, dizendo:)

O Sap.·. — II.·. Grande e Severo-Inspectores II.·. Eleitos Secretos, reconhecereis para o futuro ao I.·. N...., na qualidade de Membro do Conselho dos Eleitos Secretos do Capitulo de...., na sua primeira Ordem.

(Os II.·. Grande e Severo-Inspectores repetem o annuncio. Todos os Eleitos, guiados pelo Sap.·. applaudem.

O I.·. novamente recebido agradece; o seu

applauso he semelhantemente coberto pela mesma bateria.)

O Sap.·. — *(Dirigindo-se ao Recipiendario)*: I.·. de novo admittido ao Conselho dos Eleitos, o desejo de adquirirdes novos conhecimentos Maçonicos, vos fez sollicitar o primeiro gráo superior á Maçoneria symbolica. Figurastes-vos sem duvida ver descobertos os diversos objectos que o emblema vos tinha occulto aos precedentes gráos; não temais ver frustrada a vossa esperança; mas a carreira que deveis ainda percorrer he longa e penosa; hum zelo infatigavel adoçará vossos trabalhos; tendes penetrado por entre as trevas da noite; a luz brilhou a vossos olhos desde o instante da vossa iniciação; cada dia ella vos illuminará ainda mais, e se tiverdes a força de persistir, alcançareis o verdadeiro fim.

Tomai lugar, meu I.·., prestai attento ouvido á instrucção que vos vai ser feita; ella vos illuminará sobre o que apparece a vossos olhos, e que até ao presente não podestes entender.

(O Mestre de Ceremonias lhe faz tomar o seu lugar; depois o I.·. Orador recita hum discurso, ao qual ajunta a historia do gráo.)

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Eleito Secreto?

R. Conheço huma caverna, huma alampada me illuminou, e huma fonte aplacou a minha sede.

P. Que fizestes nesta qualidade?

R. Fui encarregado de huma Commissão importante, de que recebi o premio.

(Mostra a sua fita.)

P. Qual era o vosso projecto?

R. Vingar o crime.

P. Qual era a vingança permittida aos Maçons?

R. A justa punição dos assassinos de seu respeitavel Mestre, com ordem expressa do Rei.

P. Em que lugar se formou o projecto de vingança?

R. Em hum Conselho Secreto.

P. A que hora?

R. Na obscuridade da noite.

P. Quando partistes?

R. Antes do dia.

P. Quem vos illuminava?

R. A Estrella d'alva.

P. Por onde começastes?

R. Pela detruição de dous culpados.

P. Aonde os descubristes?

R. Fugindo ao través de rochedos escarpados.

P. Fostes mais longe?

R. Penetrei no interior de huma horrivel caverna.

P. Quem achastes alli?

R. O Traidor, que acabava de entrar, e se dispunha ao repouso.

P. Que aconteceu?

R. Cheio de medo ao aspecto de hum Mestre, a si mesmo fez justiça.

P. Que vos restava a fazer?

R. Nada, porque estava completa a vingança.

P. Que horas erão então?

R. O Sol acabava de occultar-se.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por causa das nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que significa a formula da vossa recepção?

R. O que se passou na formação e na execução do projecto.

P. Donde procedem as oito luzes, e huma maior separada do resto?

R. Representão os nove Eleitos; a maior indica o seu Chefe.

P. Que denotão as outras seis luzes?

R. Os seis Mestres que se lhes reunirão com titulo de Eleitos, depois da sua volta.

P. O que significão as côres da Camara do Conselho?

R. O preto significa a atrocidade do crime; as chamas exprimem o nosso ardor na vingança; e o vermelho denota que ella só póde extinguir-se no sangue dos culpados.

P. Que significão as inscripções que se vêem sobre os pilares em que estão postas as cabeças?

R. Que o Ceo, juiz das acções dos homens, he o mais certo vingador, e que nunca deixa o crime impune.

P. Que significa o cão?

R. Que o menor indicio muitas vezes serve para descubrir o culpado.

P. Que significa a caverna?

R. Que nada ha tão obscuro e tão occul-

to, que possa pôr os perversos a abrigo dos supplicios ou dos remorsos.

P. Que significa o braço com hum punhal na mão?

R. Que os nossos devem sempre estar promptos a ferir tudo quanto offende ou fere a virtude.

P. Que significa a Estrella d'alva, e as outras oito?

R. A hora da partida e o numero dos Eleitos. Ao mesmo tempo significa que mui cedo devemos começar, quando se trata de fazer huma boa acção.

P. Que significa a escada talhada na rocha, e difficil?

R. Que he necessario transpor os lugares mais escabrosos para conseguir a destruição do vicio.

P. Que significa a alampada?

R. Que recebemos huma luz imprevista nos procedimentos dictados pelo Grande Architecto.

P. Que significa a fonte achada inopinadamente?

R. Que a Providencia nunca abandona em as urgentes necessidades.

ENCERRAMENTO.

P. Que vos resta fazer?

R. Nada, porque tudo está completo.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por causa das nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que horas são?

R. He a hora em que sahi da caverna, e a hora em que o Sol acaba de occultar-se.

O Sap.·. — Como nada resta a fazer, e que o Sol acaba de occultar-se, II.·. Grande e Severo Inspectores, II.·. Eleitos Secretos, o Conselho vai encerrar-se. — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Sap.·. fazem o signal e applaudem.

O Sap.·. bate oito pancadas e huma lenta, e diz :)

O Sap.·. — O Conselho dos Eleitos está fechado, retiremo-nos em paz.

(Bate huma vez, todos deixão as suas insignias, e se retirão em paz.

SEGUNDA ORDEM.

GRÁO D'ESCOCEZ.

O PRESIDENTE se denomina	*Muito Grande.*
O 1° VIGILANTE . . .	*Grande 1° Vigilante.*
O 2° VIGILANTE . . .	*Grande 2° Vigilante.*
TODOS OS IRMÃOS . . .	*Grandes-Officiaes, Sublimes Mestres.*

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDA ORDEM.

Grão d'Escocez.

MUITO GRANDE.

ABERTURA.

P. Primeiro Grande Vigilante, estamos cobertos?

R. Muito Grande, estamos cobertos.

P. Quem vos conduzio aqui, meu irmão?

R. O amor do meu dever, e o desejo de attingir a alta sciencia.

P. Que vendes que vos torne digno della?

R. Hum coração puro, zeloso, partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhais?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Qual he o objecto dos vossos trabalhos?

R. O conhecimento da arte d'aperfeiçoar o que está imperfeito, e de chegar ao thesouro da verdadeira moral.

P. Qual foi a vossa recompensa?

R. Fui admittido em hum lugar de luz e de gloria onde terminei os meus trabalhos.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meio dia.

P. Que entendeis por isto?

R. Que o sol, no seu zenith, illumina a nossa Obra.

O Muito Grande.—Como o Sol está no seu zenith, he tempo de nos entregarmos ao trabalho. II.·. 1° e 2° Grandes VV.·. annunciai que vou abrir a Sublime Loja dos Grandes Eleitos no Capitulo de .... pelos mysterios costumados.

(Os Grs.·. VV.·. fazem o annuncio.

Depois de feito, o Muito Grande dá tres pancadas. O 1° Grande Vig.·. dá cinco, o 2° Grande Vig.·. sete; o Muito Grande nove; o que produz 24 pancadas e tres intervallos.)

O Muito Grande. — II.·. 1° e 2° Grande Vigilantes, fazei-me chegar a palavra.

(Os VV.·. executão a ordem, e depois o Muito Grande diz:)

O Muito Grande. — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Muito Grande, fazem o signal de faxa, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, dizendo tres vezes *houzé*.)

O Muito Grande. — Grandes VV.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, a abobada secreta está aberta, e os trabalhos dos Grandes-Eleitos no Capitulo de .... na sua segungunda ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio. O Muito-Grande bate, e diz:)

O Muito-Grande. — A vossos lugares, meus II.·. — (Todos os II.·. tomão os seus lugares. O Secretario faz a leitura dos ultimos trabalhos, depois do que os Visitantes são introduzidos, se os houver.)

RECEPÇAÕ.

(Estando tudo disposto, o Muito Grande deixa o seu lugar, e marcha em frente; depois se seguem os VVig.·., e em seguimento

os Dignitarios e todos os II.·., dous a dous. Observa-se o maior silencio.

Chegados todos á Camara de Preparação, os II.·. se collocão em duas linhas, na mesma ordem que na Camara precedente, conservando-se em pé, e com a espada na mão.

O Muito Grande, dirigindo a palavra ao Recipiendario, lhe diz:)

O Muito-Grande. — Que pedis, meu I.·.?

(O Recipiendario dá huma resposta qualquer.

Todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande, inclinão-se para o Recipiendario, em forma de saudação, e voltão na mesma ordem á Camara de Recepção. Os dous sacrificadores e os dous Purificadores poem o Recipiendario entre elles, e terminão a marcha. O I.·. Preparador segue immediatamente.

Todos os Officiaes nos seus lugares, e o Recipiendario collocado entre os dous VV.·.

O Muito-Grande faz ao Recipiendario algumas perguntas tiradas do cathecismo do Grão precedente.)

P. Sois Eleito?

R. Conheço huma caverna, huma fonte estancou a minha sede, &c.

(Depois de algumas outras perguntas, o Muito-Grande diz:)

O Muito-Grande. — Meu I.·., vossos precedentes trabalhos sem duvida vos animárão á fazer novas descobertas, e as promessas que vos têem sido feitas excitárão o vosso zelo. Devemos presumir que o passo actual vos hé inspirado pelo amor dos conhecimentos do bem e do verdadeiro. Ides ser entregue ás mais fortes provas, e exigimos de vós o maior dos sacrificios: sentis a coragem e a resignação necessarias?

(Deve responder: *Sim.*)

O Muito-Grande. — II.·. Sacrificadores, conduzi a victima ao altar.

(Os dous Sacrificadores conduzem o Recipiendario ao altar dos sacrificios, á roda do qual o fazem girar tres vezes, e depois o fazem pôr o joelho em terra, pegão hum no machado e outro no cutelo que achão sobre o altar, e se conservão n'esta attitude até depois das seguintes perguntas: (*)

(*) O Recipiendario deve estar voltado com a face para o Meio-dia, o corpo dirigido para Oeste, e a ca-

O Muito-Grande. — *(Dirigindo-se ao Recipiendario.)* — Meu irmão, tendes observado escrupulosamente as obrigações Maçonicas que contractastes?

R. Sim.

P. Se tendes a infelicidade de encerrar em vosso coração algum sentimento d'inimizade contra vossos irmãos, consentireis em depô-lo aqui?

R. Sim.

P. Consentis em immolar todas as paixões, indignas de hum homem virtuoso?

R. Sim.

O Muito-Grande. — Meu irmão, a vossa resignação vos faz achar graça perante nós. Nisto imitamos o Grande Architecto do Universo, no momento em que o seu mais fiel servidor ia consummar hum sacrificio maior do que se elle mesmo fosse a victima . . . . . Levantai-vos.

(Os dous VV.·. conduzem o Recipiendario ao Occidente; logo que ali chega, o Muito Grande lhe diz:)

---

beça inclinada para o altar. O Sacrificador que tem o cutello no dirige sobre o coração, e o do machado sobre a garganta.

O Muito-Grande. — Meu irmão, o sacrificio que exigimos he o de toda a acção, que não sendo dirigida pela esquadria e o compasso, póde offender a virtude. II.·. Purificadores, conduzi o Recipiendario ao Vaso d'ablução; fazei-o sahir purificado de tudo quanto póde ferir a innocencia.

(Os II.·. Purificadores o conduzem ao Vaso d'ablução, á roda do qual faz tres giros: depois o fazem metter nove vezes as mãos na agoa até o punho, e os pés até o tornozelo, nove vezes igualmente.

Os Purificadores enxugão com huma toalha os pés e as mãos do Recipiendario; depois o conduzem para entre os dous VV.·., e então o Muito-Grande lhe diz:)

O Muito-Grande — Acabai de purificar o Recipiendario, e conduzi-mo para prestar o seu juramento.

(Os Purificadores o conduzem ao altar, onde ardem perfumes; fazem-lhe dar tres giros á roda delle; e com a mão aberta e os dedos extendidos, lh'a fazem passar nove vezes pelo fumo do incenso que ali deve arder, e de lá

o conduzem ao Muito-Grande, que o faz prestar o seguinte juramento: (*)

JURAMENTO.

« Juro e prometto, perante esta Assembléa, « de nunca revelar os segredos, directa ou in- « directamente, aos Profanos, nem aos Ma- « çons inferiores; de nunca desprezar hum « bom Maçon, de qualquer estado ou condi- « ção que seja; de ajudar a meus II.·. com « os meus conselhos e serviços; de nunca pre- « judicar sua fortuna, seu estado, e sua hon- « ra; e no caso de infracção de meus jura- « mentos, me submetto a ser privado da ver- « dadeira luz, e me entrego ao desprezo dos sec- « tarios da virtude e da verdade. »

(Levantado o Recipiendario, os Sacrificadores o fazem recuar tres passos, e se retirão para o lado: depois o Muito-Grande lhe diz:)

O Muito-Grande. — Meu I.·., o juramento que acabais de prestar, he hum novo laço que

(*) O Recipiendario se colloca como nos gráos precedentes, e o Muito-Grande apresenta a espada sobre a qual o Recipiendario deve pôr a mão direita.

vos nne a nós; he tempo de recompensar o vosso zelo; ponde em nossas mãos o deposito precioso que tendes nas vossas.

(O Recipiendario, que está só neste momento, responde, e o Muito-Grande lhe diz:)

O Muito-Grande.—Meu I.·., o pedido que acabo de fazer-vos he dos mais essenciaes; e me he impossivel admittir-vos se não me entregardes o objecto que peço. Desejo que os II.·. me queirão dispensar desta formalidade; mas não posso encarregar-me de ultrapassa-la sem os ter consultado. Ide para o Occidente.

II.·. 1° e 2° Grandes VV.·., ide recolher os votos, e vinde dar-me conta.

(Os VV.·. executão a ordem; depois o Muito-Grande diz:)

O Muito-Grande.—Meu I.·., he-me impossivel ir mais avante a respeito da vossa recepção; poderiamos ter algum temor sobre o que tendes visto e ouvido: mas vós nos pareceis hum bom Maçon; além disto o juramento que acabais de prestar nos dá confiança. Retirai-vos.

(O I.·. Preparador acompanha o Recipiendario para fóra dos trabalhos. Lá lhe ensi-

na a marcha e a palavra de passe; ajusta-lhe á roda do corpo huma corda verde, lançando-lhe hum dos extremos por cima do hombro esquerdo, e lhe entrega hum triangulo de ouro suspenso a hum cordão de Mestre, onde se acha gravado de hum lado o nome Hebraico do Gr.·. Ar.·. do U.·., depois bate á porta por tres, e cinco, ou sete e nove.

O Muito-Grande diz:)

O Muito-Grande.—I.·. 1° Grande Vig.·., sabei quem bate.

(O 1° Grande Vig.·. depois de se ter informado, na forma usada, diz:)

O 1° Grande Vig.·.—O Recipiendario fez as indagações necessarias, e achou o objecto do vosso pedido.

O Muito-Grande.—Franqueai-lhe a entrada.

(As portas se abrem; o Recipiendario entra com o Delta na mão, e quando chega ao Occidente, exclama mostrando-o: *Elhanam!*

Todos os II.·. fazem o signal de extase contemplando o triangulo.)

O Muito Grande.—Meu I.·., não podemos

bastantemente recompensar o nosso zelo. Aproximai-vos.

(O Recipiendario, acompanhado dos dous Purificadores chega ao Oriente pelos passos do grão, e entrega o Delta ao Muito-Grande. O Muito-Grande dirige a palavra a todos os II.·., e diz:)

O Muito-Grande.—Sabeis, meus II.·., de que importancia he a palavra innominada; depositemo-la neste subterraneo; incrustemo-la sobre este pedestal, que será para sempre o pedestal da sciencia; escondamo-la aos olhos dos Profanos.

(Os Purificadores levantão a pedra cubica; o Muito-Grande põe o triangulo sobre o pedestal, e os Purificadores o tornão a cubrir com a pedra cubica. Feito isto, o Muito-Grande tira a corda que cinge o Recipiendario, e lhe diz:)

O Muito-Grande.—Eu vos desato dos laços dos vicios, para que para o futuro nada possa embaraçar-vos na carreira das virtudes e da verdade.

(Os Purificadores fazem pôr o Recipiendario de joelhos. Hum delles apresenta ao Muito-Grande a pia, e outro a trolha, que o Muito-Grande mergulha no mixto, depois a passa sobre a testa do Recipiendario, dizendo:)

O Muito-Grande. —Oxalá que as tuas vistas sejão puras.

(Nesta occasião, como nas mais, os Purificadores limpão como huma toalha ao Recipiendiario.

O Muito-Grande passa a trolha sobre os labios do Recipiendario, dizendo:)

O Muito-Grande. — Que a tua boca só se abra para proferir palavras uteis a teus II.·.

(Passa-lhe a trolha sobre o coração descoberto dizendo:)

O Muito Grande. —Que nunca te argua a consciencia, e que todas as tuas acções se dirijão ao conhecimento da verdade.

(O Muito-Grande diz, depois de se ter levantado o Candidato:)

O Muito-Grande. — Conduzi o I.·. á mesa dos pães.

(Os Purificadores para ali o conduzem.)

O Muito-Grande. — Meu I.·., bebei com os vossos II.·. na mesma taça, e parti juntamente o mesmo pão, para vos ensinar que os Maçons se fortificão pela união e pela communidade dos soccorros reciprocos.

(Os dous Purificadores partem o mesmo pão com o Recipiendario, comem juntos, e bebem na mesma taça. Isto feito o conduzem ao Muito-Grande, que lhe mette no dedo annular da mão esquerda, hum annel de ouro, dizendo:)

O Muito-Grande. — Meu I.·., este annel he huma prova da alliança que tendes feito comnosco; que as vossas intenções sejão sempre puras, e só mudem quando elle mesmo mudar de natureza.

Vamos agora ao Templo, meus II.·., admirar-lhe as formosuras, e dar graças ao G.·. Ar.·. do U.·.

(Os Purificadores conduzem o Recipiendario ao Occidente a passos lentos. Durante este tempo tirão o pedestal e a pedra cubica.

Quando o Recipiendario chega ao Occidente, os VV.·. batem cada hum huma pancada repetida pelo Muito-Grande. A este signal, se

faz brilhar as luzes tirando os transparente
levantão o véo do Oriente, e que deixa ver
Candelabro com os seus sete ramos e todas a
riquezas do interior. Na mesma occasião hum
doce musica se faz ouvir.)

O Muito-Grande. — II.·. Purificadores, fa-
pol chegar o I.·. ao Oriente, para alli receber o
complemento da sua recepção.

(O Recipiendario, andando com passos li-
vres, chega ao Oriente, acompahado dos dous
Purificadores; o Muito-Grande entra com o
Recipiendario no interior, e lhe entrega o que
he necessario para accender o Candelabro dos
sete ramos.

O Recipiendario faz tres giros em torno do
candelabro, e accende successivamente cada
alampada, a saber:

No primeiro giro, as tres mais altas.

No segundo giro, as duas seguintes mais
altas.

No terceiro giro, as das extremidades.

Feito isto, o Muito-Grande e o Recipiendario
sahem do interior, e o Muito-Grande toma
o seu lugar, faz pôr todos os II.·. a pé e á or-
dem. O Recipiendario de joelhos ao pé do altar,

a chão sobre a espada, repete o seu juramento. Finalmente, o Muito-Grande põe sobre a cabeça do Recipiendario huma espada nua, e bate em cima della por tres, cinco, sete, e nove, dizendo:)

O Muito-Grande. — Em nome do Grande-Oriente de ....., no seu Grande Capitulo, e pelos poderes que me foráo conferidos pelo Capitulo de ....., vos recebo, meu Irmão, Grande-Eleito Escoves, no Soberano Capitulo de ....., na sua segunda Ordem.

(Depois o Muito-Grande o faz levantar, condecorando-o com o cordão e a faxa, e o reveste com o avental; e depois lhe diz:)

O Muito-Grande. — Meu I.·., nós temos neste gráo, como nos precedentes, huma palavra, hum signal, e hum toque:

SIGNAL.

O signal se chama d'extase; faz-se com os braços extendidos até a altura do hombro, estando as mãos abertas em esquadria, a cabeça inclinada sobre o hombro esquerdo, e o pé esquerdo para a retaguarda. Substitue-se

lhe o signal de faxa, que se faz levantando a mão direita, a palma na altura do hombro esquerdo, e deixando-a cahir ao longo do corpo até ao quadril direito. Este signal serve para saudar e pedir a palavra.

CONTRA-SIGNAL.

O contra-signal he o do ventre cortado. Faz-se, levando a mão direita ao quadril esquerdo, e retirando-a horisontalmente á direita.

TOQUE.

O toque se faz tomando-se mutuamente a mão direita, que hum e outro voltão tres vezes, dizendo: B. N. S.

MARCHA.

A marcha se executa por tres, cinco, sete, e nove, como já o haveis feito.

PASSOS.

Estes passos significão a descida da escada; fazem-se de lado, porque faltaria o espaço. Fazem-se, a saber: tres de lado, principiando

com o pé esquerdo; cinco começando com o pé direito; sete com o esquerdo, e tres vezes tres, começando primeiramente com o pé direito, depois com o esquerdo, seguidamente com o direito, e no ultimo formando esquadria.

PALAVRA SAGRADA.

A palavra sagrada he S.·. H.·. P.·. He esté o nome inexplicavel que serve para exprimir o nome das quatro letras, ou *tetra grammaton*.

PALAVRA DE PASSE.

A palavra de passe he E.·., que significa *Graças a Deos*.

A ordem he o começo do signal de faxa.

Ninguem se põe á ordem durante as ceremonias.

Ide agora, meu I.·., fazer-vos reconhecer por todos os II.·., começando pelos Grandes VV.·., e dar-lhes o que acabais de receber.

(Os Purificadores conduzem o Recipiendario ao 1° e 2° VV.·., e a todos os II.·.

Isto feito, o Muito-Grande dá huma pancada, e cessa a musica.)

PROCLAMAÇÃO.

O Muito-Grande. — II.·. Grandes VV.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, reconhecereis para o futuro o I.·.*****, como Grande Eleito e Membro do Collegio dos Escocezes no Capitulo de...., na sua segunda ordem.

(Os VV.·. repetem o enunucio.

Todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande, applaudem por tres, cinco, sete, e nove, seguidos do triplice *houzé*. O novo iniciado agradece, e cobre-se o applauso.

O Muito-Grande dirige ao Recipiendario o seguinte discurso:)

O Muito-Grande. — Tudo está mudado a vossos olhos, meu Irmão; novos emblemas se offerecem de todas as partes; sua explicação se vos torna mais sensivel. Não desanimeis; fazei cada dia novos esforços, e descobrireis necessariamente o verdadeiro fim.

Tomai lugar entre nós, e prestai attento ouvido á instrucção que vos vai ser dada.

(Hum dos Purificadores franqueia o nor-

recebido ao Meio-dia, em primeiro lugar depois dos Officiaes.

O Orador faz hum discurso, ao qual accrescenta a historia do gráo.)

INSTRUCÇAÕ.

P. Quem vos conduzio aqui, meu I.. ?

R. O amor do meu dever, e o desejo d'attingir a alta sciencia.

P. Que tendes que vos faça digno della?

R. Hum coração puro, zeloso partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhastes?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Onde estava construida esta abobada subterranea?

R. Foi construida secretamente debaixo da parte mais mysteriosa do Templo.

P. Para que servia esta abobada secreta?

R. Para conter hum precioso deposito.

P. Em que lugar se achava elle?

R. O Delta precioso sobre o qual estavão gravados os verdadeiros caracteres da palavra innominada, foi incrustado em hum pedestal de marmore collocado no meio da abobada, e coberto com a pedra cubica.

P. Qual era a pedra cubica?

R. Huma pedra d'agatha talhada em form quadrangular, contendo as palavras secretas d Arte Real.

P. Como se decifrão as letras que ali s achão incrustadas?

R. Lendo-as segundo os principios da arte.

P. Como fostes introduzido?

R. Por tres, cinco, sete, e nove.

P. Que vos aconteceu?

R. Passei por provas rigorosas.

P. A que prova vos sugeitárão?

R. Com a ponta sobre o coração e o ferro sobre a garganta, fiz voluntariamente o sacrificio das paixões.

P. Basta isto para ser admittido?

R. Depois de me ter purificado, me mandárão proceder a huma indagação para merecer a minha admissão.

P. Fostes feliz na vossa indagação?

R. Por hum particular favor e huma luz imprevista, fiz a descuberta do precioso deposito: entrei tendo-o na mão, e no estado em que me achava quando fiz a descuberta.

P. Qual era o objecto da vossa indagação?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar

o que está imperfeito, e chegar ao thesouro da verdadeira moral.

P. Qual foi foi a vossa recompensa?

R. O laço dos vicios foi sobre mim despedaçado; passárão-me sobre a testa e sobre os labios a toalha impregnada de hum mixto preparado; participei do banquete dos Grandes Eleitos; recebi o penhor de huma nova alliança, e finalmente fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei os meus trabalhos.

P. De que era composto este mixto?

R. De leite, azeite, vinho, e farinha.

P. Que significão estas cousas?

R. Doçura, prudencia, força, e formosura, qualidades essenciaes aos Grandes Eleitos.

P. Como se chamão as Lojas dos Grandes Eleitos Escocezes?

R. Lojas das altas Sciencias; e seus trabalhos, sublimes.

P. Como se consegue chegar ali?

R. Com a firmeza no coração e no rosto, caracteristicos dos homens irreprehensiveis.

P. Qual he o seu primeiro dever?

R. Observar com respeito as Leis da Maço-

neria, praticar a mais sã moral, e soccorrer seus irmãos.

P. Quantas luzes tendes?

R. Tres vezes nove.

P. Que representão ellas?

R. As alampadas inextinguiveis collocadas na abobada secreta.

P. Porque razão o nome d'abobada secreta na abertura, se muda no de abobada sagrada no encerramento?

R. Porque collocado o deposito, ella só he conhecida debaixo deste ultimo titulo.

P. Onde viajão os Grandes Eleitos?

R. Por toda a terra, para espalharem a verdadeira Sciencia.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Porque o numero de oitenta e hum he honrado entre nós?

R. He porque de todos os numeros, he este o que offerece mais combinações Maçonicas, e porque nos termos da arte, elle he o triplo do Cubo, ou o maior quadrado.

ENCERRAMENTO.

P. D'onde vindes?

R. Venho de procurar.

P. Que trazeis?

R. O precioso deposito.

R. Onde o puzestes?

R. Em hum lugar secreto e impenetravel.

P. Como conseguistes chegar ali?

R. Por tres, cinco, sete, e nove.

P. Para que serve este deposito?

R. Para tornar a achar, em caso d'alteração, os verdadeiros caracteres da palavra innominada e todas as palavras secretas da Maçoneria.

P. Que levais d'aqui?

R. O premio do meu zelo, e hum maior desejo de exerce-lo.

P. Qual he o seu objecto?

R. A gloria do Gr. Ar. do U.·.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. He meia noite e a hora de terminarmos os nossos trabalhos.

O Muito-Grande. — Como he meia noite e a hora de terminarmos os nossos trabalhos, II.·. 1° e 2° Grandes VV.·., annunciai que vou fechar a Loja dos Sublimes Grandes Eleitos, no Capitulo de ****, pelos numeros costumados, e que a abobada sagrada vai fechar-se.

(Os VV.·. repetem o annuncio.)

O Muito-Grande. — A mim, meus Irmãos!

(Todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande, fazem o signal de faxa, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, seguidos pelo triplice *houzé.*).

O Muito-Grande. — II.·. 1° e 2° Grandes VV.·., a abobada sagrada esta fechada, e os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo de ****, na sua segunda ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.
O Muito-Grande dá huma pancada.
Todos deixão os seus ornatos, e se retirão em paz.)

TERCEIRA ORDEM.

GRÁO

DE CAVALHEIRO DO ORIENTE.

SALA DO ORIENTE.

O PRESIDENTE se denomina	*Soberano Mestre.*
O 1° VIGILANTE	1° *General.*
O 2° VIGILANTE	2° *General.*
O ORADOR	*Grande-Orador.*
O SECRETARIO	*Gram-Mestre dos Despachos.*
O MESTRE DE CER.·. . . .	*Gram-Mestre do Palacio.*
TODOS OS IRMÃOS	*II.·. Cavalheiros.*
O RECIPIENDARIO	*Zorobabel.*

SALA DO OCCIDENTE.

O PRESIDENTE se denomina	*Muito Ill.·. Mestre.*
O 1° VIGILANTE	*Illustre* 1° *Vigilante.*
O 2° VIGILANTE	*Illustre* 2° *Vigilante.*

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

TERCEIRA ORDEM.

Cavalheiro do Oriente.

SOBERANO-MESTRE.

ABERTURA.

SALA DO ORIENTE.

(Todos os Cavalheiros estarão nos seus lugares, á excepção do que preside, e que só entra depois de se ter annunciado batendo com o pé huma pancada sobre o pavimento, junto á porta.

O 1° General diz:)

O 1° Gen.·.—Cavalheiros, o Soberano Mestre nos reune em Conselho; estejamos atten-

tos a tudo quanto vai dizer-nos e propôr-nos. Ei-lo que chega.

(O Sob.·. Mes.·. entra, e vai para o seu lugar acompanhado pelos dous Guardas da Torre, que voltão aos seus logo que o Sob.·. Mes.·. toma assento.

O Sob.·. Mes.·. bate huma pancada com os copos da espada, e sauda a todos os Cavalheiros.

Os Cavalheiros, guiados pelos GG.·. respondem pondo a mão direita sobre o coração, e inclinando o corpo.)

P. 1° Gen.·., qual he o primeiro dever de hum Cavalheiro?

R. He precaver á segurança do Conselho, e a que nelle só possão entrar Cavalheiros.

O Sob.·. — 1° e 2° GG.·., inspeccionai.

(Os dous Generaes vão examinar as portas da Torre, e vêem se os guardas estão vigilantes. Quando voltão aos seus lugares, dizem:)

Os GG.·. — As guardas cercão o Palacio, o Conselho está em segurança.

P. E basta isto?

R. Hé necessario ainda saber se todos os

que estão presentes são dignos de assistirem ao Conselho.

O Sob.·. Mes.·. — Certificai-vos, 1° e 2° GG.·.

(Certificão-se, e dão conta ao Sob.·. Mes.·. dizendo:)

Os GG.·. — Todos os membros presentes são bons Cavalheiros.

P. Em que tempo estamos?

R. Na revolução das dez semanas de annos de cativeiro.

(O Sob.·. Mes.·. diz:)

O Sob.·. Mes.·. — 1° e 2° GG.·., como he assim, annunciai que o Conselho vai abrir-se.

(Os dous Generaes fazem o annuncio.

O Sob.·. Mes.·. bate sete pancadas com os copos da espada, pondo hum intervallo entre a quinta e as duas ultimas.

Os dous GG.·. repetem a mesma bateria.

O Sob.·. Mes.·. diz:)

O Sob.·. Mes.·. — A mim, Cavalheiros!

(Todos os Cavalheiros, guiados pelo Sob.·. Mes.·., applaudem por cinco e dous, dizendo juntamente tres vezes: *Honra aos Cavalheiros!*

O Sob.·. Mes.·. — O Conselho está aberto, e os trabalhos do Capitulo de****, na sua terceira ordem.

(Os GG.·. repetem o annuncio.
O Sob.·. Mes.·. bate, e diz:)

O Sob.·. Mes.·. — A vossos lugares, Cavalheiros!

(O Secretario faz a leitura da prancha dos ultimos trabalhos, depois do que são introduzidos os VVis.·. se os houver.)

O Sob.·. Mes.·. — Vós todos, Cavalheiros, Membros do meu Conselho! O motivo pelo qual vos reuno hoje, he para que me deis os vossos conselhos sobre hum sonho maravilhoso que tive esta noite. E a vós Gram-Mestre do Palacio, que possuis o dom sublime de os explicar, vou expôr-vos o que vi no meu somno.

(O Gram-Mestre do Palacio responde:)

O Gram-Mestre. — Sob.·.-Mes.·., não he effeito de huma sabedoria natural de que me possa vangloriar, e que não possa achar-se no resto dos homens; mas algumas vezes apraz ao Grande-Ar.·. do U.·. espalhar sobre os fracos humanos esta sciencia sobrenatural, quan-

do, por meio das visões, se digna manifestar os seus decretos.

O Sob.·. Mes.·. — Gram-Mes.·. do Palacio, reconheço o espirito que vos anima ; eis o que vi: era hum leão embravecido prestes a lançar-se sobre mim para devorar-me; fugi espavorido; huma luz viva que sahia de huma gloria brilhante deslumbrou meus olhos ; meus predecessores Nabuchodonosor e Balthazar, me apparecêrão carregados de cadêas; huma voz formidavel se fez ouvir, e me disse: « Dá a liberdade aos cativos, ou a tua corôa passará a mãos estranhas. » Desde este instante perdi a tranquilidade. Deveis ajudar-me com vossos conselhos, para deliberar prudentemente.

(O Gram-Mestre do Palacio responde:)

O Gram-Mestre. — Eis, Sob.·. Mes.·., o que significa esta apparição. A voz que ouvistes he a do Grande-Ar.·., he a que ha longo tempo vos annunciou á terra ; a que fez marchar a victoria á vossa frente, e vos faz dominar no Oriente. Os cativos a que vos ordenou desseis a liberdade, são aquelles que ha seis semanas d'annos gemem na escravidão. O Grande-Ar.·. vos ordena os punhais no mes-

mo estado em que d'antes estavão; que sua bens lhes sejão entregues, sua cidade reedi ficada, e seu Templo reconstruido no antig esplendor.

As cadêas de que estavão carregados os vos sos predecessores, vos figurão que se elles fo rão nas mãos do Grande-Ar.·. o instrumento de que se servio para o castigo do seu pove tambem forão punidos pelos excessos a que s entregárão; finalmente o leão prestes a devo rar-vos, vos presagia o fim que vos espera, s fordes surdo á voz do Grande-Ar.·.

O Sob.·. Mes.·. — Elle fallou, e deve ser obe decido.

(Levanta-se, e todo o Conselho; e nesta pos tura diz:)

O Sob.·. Mes.·. — Acabe o cativeiro.

(Abaixa a ponta da sua espada, e a levant com velocidade, para significar liberdade.

Os dous GG.·. e os Cavalheiros apresentã juntamente a ponta das espadas, e abaixão pa ra terra em signal de adhesão á vontade do So berano Mestre, depois levantão-se com pre tesa.

Os Cavalheiros, guiados pelo Sob.·. Mes.·. tomão os seus lugares.)

RECEPÇAÕ.

(O Recipiendario, guiado pelo Mes.·. de Ceremonias, suspira á porta do Templo para fazer-se sentir. Os guardas abrem metade da porta, e vendo hum homem de luto, a tornão a fechar; hum delles o diz ao 2° Gen.·., que o diz ao 1°, e este ao Sob.·. Mes.·., desta maneira:)

O 1° Gen.·.—Sob.·. Mes.·., hum homem de luto quer penetrar no Conselho.

O Sob.·. Mes.·.—Informai-vos quem he; tomai as maiores precauções, e dai-me huma exacta conta.

(O 1° Gen.·. o diz ao 2°, e este aos Guardas da Torre. Hum delles abre metade da Torre, e diz ao Recipiendario:)

P. Que quereis?

R. Fallar ao Sob.·. Mes.·., se he possivel.

P. Quem sois?

R. O primeiro d'entre os meus iguaes, Maçon livre por estado, e cativo por desgraça.

P. Qual he o vosso nome?

R. Zorobabel.

P. Que motivo aqui vos traz?

R. As lagrimas e miseria de meus II.·.

P. Que vindes aqui fazer?

R. Venho, em nome do Grande-Ar.·., implorar a bondade e a justiça do Sob.·.

P. Sobre que?

R. Venho pedir graça para os meus compatriotas que gemem na escravidão ha dez semanas de annos.

P. Que graça pedis?

R. Que, com o favor do Céo, a clemencia do Sob.·. nos conceda a liberdade, e nos permitta ir reedificar o Templo do Grande-Ar.·

(O Guarda lhe diz:)

Vou fazer chegar as vossas queixas e os vossos pedidos ao Sob.·.

(Isto he dito ao 2° General, que o repete ao 1° Gen.·., e este diz:)

O 1° Gen.·.—Sob.·. Mes.·., Zorobabel cativo, o primeiro dentre os seus iguaes, que comparecer ao pé do Trono: vem sollicitar do Soberano-Mes.·. a liberdade para seus compa

triotas, e a de reedificar o Templo do Grande-Ar.·.

O Sob.·. Mes.·.—Pois que tão justos motivos aqui o conduzem, conceda-se-lhe a liberdade de apparecer com a face descoberta.

(O 1° Gen.·., diz ao 2° Gen.·.)

O 1° Gen.·.—2° Gen.·., o Sob.·. permitte ao cativo que appareça com a face descoberta.

(O 2° General o diz aos Guardas.

A porta da torre se abre, o Mestre de ceremonias entra com o Recipiendario, tira-lhe o véo que lhe cobre a cabeça, e o conduz entre os dous Generaes em face do Throno, onde o faz prostrar.)

O Sob.·. Mes.·.—Zorobabel, tenho resentido como vós o peso do vosso cativeiro; estou prompto a livrar-vos delle concedendo-vos immediatamente a liberdade, se me quizerdes communicar os segredos da Maçoneria, pelos quaes eu tive sempre a maior veneração.

(Zorobabel responde:)

Zorobabel.—Hum dos principios da nossa ordem he a igualdade, o que não póde ter lugar aqui: a vossa cathegoria, os vossos titulos

e grandeza não são compativeis com a nossa fraternidade. Os juramentos que prestei, e que não posso violar, me impedem vos descortine os nossos mysterios. Se a minha liberdade he por tal preço, prefiro o cativeiro.

O Sob.·. Mes.·. —Pensais na recusa que me fazeis? De vós só depende a liberdade da vossa Nação, e a liberdade de levantar os muros do vosso Templo. A minha intenção he de coroar-vos, como aos grandes da minha Côrte, e de entregar-vos todas as riquezas tomadas á vossa Patria pelos meus predecessores. Gram-Mes.·. de Ceremonias, percorrei com Zorobabel as salas do Palacio; fazei-lhe notar todas as riquezas que só delle dependem para serem recobradas.

(O Mestre de Ceremonias lhe faz dar hum giro inteiro, e depois lhe diz:)

O Mestre de Ceremonias. —Sob.·. Mes.·., sua alma he superior á seducção.

O Sob.·. Mes.·. — Podeis ver hum tal espectaculo sem emoção? persistis em recusar vossos bens e liberdade?

Zorobabel. — Sim, Soberano-Mes.·.

(O Sob.·. Mes.·. diz, com hum tom firme:)

O Sob.·. Mes.·. —Vou ver se o vosso corpo

he tão forte como a vossa alma. Guardas, fazei-o passar pelo fogo.

(Dous guardas trazem hum brazeiro aceso, que põe diante do Recipiendario.

O Mestre de Ceremonias lhe faz extender por cima as duas mãos, mas de forma que se não possa queimar).

O Sob.·. Mes.·.—Vêde o rigor das penas que vos ameação, se persistis na vossa recusa; só vos dou este instante para determinar-vos. Respondei.

Zorobabel.—Não posso trahir os meus juramentos.

(O Sob.·. Mes.·., dirigindo a palavra ao Conselho, diz:)

O Sob.·. Mes.·.—Generaes e Cavalheiros, tanta força me surprehende, e augmenta a estima que consagro á sua Ordem, não posso effeituar as ameaças que só tentei como provas. Sois de voto que seja posto em liberdade.?

(O 1° Gen.·., e todos Cavalheiros, dão com as espadas o signal de consentimento.

O Sob.·. Mes.·. faz o mesmo signal, e diz:)

O Sob.·. Mes.·.—Que Zorobabel seja livre e toda a sua Nação.

(O Mestre de Ceremonias tira as caddas do Recipiendario.

O Sob.·. Mestre diz:)

O Sob.·. Mes.·.—Ide para o vosso paiz; eu vos permitto restabelecer o templo destruido pelos meus antepassados, e ordeno que vos sejão entregues todos os vossos thesouros. Sede reçonhecido como chefe de vossos iguaes. Quero que toda ajuda e socorro vos sejão fornecidos, como a mim mesmo, em todos os lugares da vossa passagem, e que vos seja dado dos meus thesouros, aquillo com que possais offerecer em sacrificio sobre o vosso altar bois, carneiros, cordeiros, e tudo quanto fôr necessario para render homenajem ao Grande-Ar.·. do U.·., e implorar a sua protecção sobre mim e sobre o meu povo. Aproximai-vos, e vinde receber os sinaes particulares da amizade e estima que tendes merecido.

(O Mestre de Ceremonias o conduz ao pé do Trono onde lhe faz pôr hum joelho em terra.

O Sob.·. Mestre diz:)

O Sob.·. Mes.·.— Eu vos armo com esta es-

pada, para sinal distinctivo entre os vossos iguaes, e vos creo Cavalheiro.

(Bate com a sua espada sobre cada huma das espaduas do Recipiendario, e o abraça. Dá-lhe depois o avental, e a fita verde que lhe passa do hombro esquerdo ao quadril direito, dizendo:)

O Sob.·. Mes.·.—Adoptei estas condecorações á imitação dos obreiros do vosso Templo. Ainda que estes distinctivos não sejão acompanhados de algum mysterio, entretanto só os concedo por honra aos Grandes da minha Côrte. Desde este dia pois gozai das mesmas vantagens. Eu vos ponho entre as mãos dos Generaes que terão cuidado da vossa partida e da do vosso povo, e vos fornecerão o que vos fôr necessario para vos conduzirdes ao lugar onde deveis restabelecer o Templo: assim o ordeno.

(O Mestre de Ceremonias conduz o Recipiendario para o meio dos Generaes. O 1º Gen.·. toma a mão do Recipiendario, e o leva á tomo, onde o deixa, entretanto que os Cavalheiros passão em silencio para a sala do Occidente, e mudão as decorações.)

SALA DO OCCIDENTE.

(Logo que todos os II.·. estão nos seus lugares, o Mestre de Ceremonias vai buscar á Torre o Recipiendario, e o conduz á entrada da ponte, despede-se delle, convidando-o a que continue o seu caminho.

Muitos Cavalheiros acompanhão ao Recipiendario para fazerem numero.

Os Cavalheiros que exercêrão as funcções de guardas deixão as suas lanças, e armados de espadas vão para a ponte, a fim de disputar a passagem ao Recipiendario, e figurar hum combate. O Recipiendario se defende: durante o combate perde a fita e o avental; mas conservando a sua espada consegue, depois de ter passado a ponte, chegar á porta da sala do Occidente, onde bate por tres, cinco, sete e nove.

O 2º Vig.·. bate sete pancadas com os copos da espada, repetidas pelo 1º Vig.·., e depois pelo Muito-Illustre-Mes.·., a quem o 1º Vig.·. annuncia que se bate como Grande-Eleito-Escocez. O Muito-Illustre-Mes.·. diz:)

O Muito-Illustre-Mes.·.—Illustre 1° Vig.·., fazei ver quem bate.

(O 1° Vig.·. o diz ao 2°, que indaga da mesma sorte quem he.

O I.·. Experto que está no atrio, abre metade da porta, e pergunta quem bate.

O Recipiendario responde:)

O Recipiendario.—Quero ver meus irmãos, os desventurados restos escapados ao cativeiro para dar-lhes a noticia da minha libertação.

(O I.·. Experto o diz ao 2° Vig.·., que o communica ao 1°, e este ao Muito-Illlustre-Mes.·. nestes termos:)

O 1° Vig.·.—He hum de nossos II.·. cativos, que traz a noticia da sua libertação.

(O Muito-Illustre-Mes.·. diz:)

O Muito-Illustre-Mes.·.—Meus II.·., a noticia que traz o cativo parece veridica; já se passárão as seis semanas de annos; chegou o dia da reedificação: não desprezemos hum tão precioso auguro.

Ill.·. 1° Vig.·., perguntai-lhe seu nome, sua patria, sua idade, e que nova traz.

(O 1° Vig.·. o diz ao 2°, e este ao I.·. Exper-

to, que pergunta ao Recipiendario, abrindo metade da porta:)

P. Qual he o vosso nome?

R. Zorobabel.

P. Qual he a vossa patria?

R. O paiz além do rio, ao Occidente da Assyria.

P. Que idade tendes?

R. Dez semanas de annos.

P. Que noticia trazeis?

R. A liberdade e a permissão de reconstruir o Templo.

(O I.·. Experto o annuncia ao 2° Vig.·., que o diz ao 1°, e este ao Muito-Illustre-Mes.·. nos seguintes termos:)

O 1° Vig.·.—Zorobabel, do paiz além do rio ao Occidente da Assyria, idade de seis semanas de annos, traz a noticia da liberdade e permissão da reconstrucção do Templo.

(O Muito-Illustre-Mes.·. diz:)

O Muito-Illustre-Mes.·.—Sim, meus H.·., o captiveiro cessa, e o nosso somno acaba. O captivo he o Principe da tribu que deve levantar o nosso Templo; seja admittido entre nós,

encarregado para guiar e sustentar nossos trabalhos.

(As portas abrem-se; o Recipiendario he conduzido pelo Mestre de Ceremonias para entre os VV.·.. Os II.·. que acompanhárão o Recipiendario tomão os seus lugares.

O 1° Vig.·. diz:)

O 1° Vig.·. — Eis Zorobabel que deseja ser admittido no seio da fraternidade.

(O Muito-Illus.·. Mestre diz:)

O Muito-Illus.·. Mestre. — Zorobabel, contai-nos a interessante historia da vossa libertação.

(O Recipiendario responde:)

O Recip.·. — Cyrus tendo-me permittido comparecer ao pé do Trono, deixou-se tocar pela narração de nossas miserias, e concedeu-nos a liberdade e a permissão de reconstruir o Templo; ordenou que me entregassem todas as suas riquezas, armou-me com esta espada para soccorro e defesa de meus II.·., e me honrou com o nome de Cavalheiro. Parti escoltado segundo a ordem que elle tinha dado; mas fui atacado por inimigos com quem me encontrei, e

que me quizerão disputar a passagem do rio, e a pesar de alcançar a victoria, perdi os sinaes distinctivos que me tinha dado o nosso libertador.

(O Muito-Illustre Mestre diz:)

O Muito-Illus.·. Mestre.—Meu irmão, a perda que fizestes vos annuncia o nada da grandeza e da pompa mundana. Nossos principios, fundados sobre a igualdade, não podem ser conhecidos pelo Principe vosso libertador: assim, somente perdestes os signaes profanos desse Príncipe. Mas antes que vos communique os segredos que têem sido conservados entre o resto de nossos II.·., exigimos de vós algumas seguranças.

(O Muito-Illus.·. Mestre lhe faz as perguntas seguintes, ás quaes póde accrescentar as que julgar convenientes·)

P. Qual he o vosso gráo?

R. O de Grande Eleito.

P. Dai-me o signal deste gráo.

R. (Dá-lho.)

P. Dai a palavra e o toque ao I.·. 1.º Vig.·.

R. (Dá-lhos.)

(Depois das perguntas, o Muito-Illustre-Mestre diz:)

O Illus.·. Mestre. — Pense que Zorobabel he digno de ser admittido entrè nós: consentis?

(Os II.·. dão o signal de consentimento, levantando a mão, e extendendo o braço na altura do hombro.

O Muito-Illustre-Mestre diz:)

O Illus.·. Mestre.—I.·. Mestre de Ceremonias, fazei avançar o Recipiendario pelos tres passos de Mestre, para vir prestar o juramento que requeremos.

(O Mestre de Ceremonias o conduz ao pé do Trono.)

JURAMENTO.

« O que promette o homem dotado dos cinco sentidos, e sem ser provocado por força « ou poder estranho, temor ou violencia humana, deve ser huma obrigação eterna, e « não póde perjurar sem tornar-se improbo; « assim eu me obrigo a nunca revelar a Profano algum os segredos dos Cavalheiros, nem « mesmo aos II.·. dos gráos inferiores, sem que « para tal tenha expresso poder, e quero ser

« considerado como falso I.·. e inteiramente desprezível, « se contravier ao juramento que prestei de « minha livre vontade. Assim o Grande Archi- « tecto me ajude. »

(O Muito-Illustre-Mestre o levanta, e lhe diz:)

O Illus.·. Mestre. — Meu I.·., a destruição do Templo sugeitou os Maçons a desgraças tão rigorosas, que tememos não tenhão o seu cativeiro e as suas desgraças contribuido a corrompê-los e relaxa-los em seus deveres; he esta a razão por que, esperando o instante favoravel para a reedificação, retirados em lugares secretos e particulares onde conservamos fielmente alguns despojos do antigo Templo, nelles só introduzimos aos que se fazem conhecer, tanto pelos seus signaes como pelos seus costumes, verdadeiros e legitimos Maçons, a quem então communicamos os mysterios da nossa reunião; mas exigimos delles que tragão comsigo em pagamento, algumas das peças dispersas do antigo Templo. A liberdade que nos obtivestes, e os esforços que tendes feito para vos unirdes a nós, fallão muí alto em vosso favor, para que nada vos occultemos. Vede o

estado a que estamos reduzidos, e os trabalhos que temos a fazer para reparar o nosso esplendor perdido. I.·. Mestre de Ceremonias, fazei dar ao Recipiendario os tres passos retrogrados de Mestre, para exprimir-lhe a destruição dos nossos trabalhos.

(Os tres passos conduzem o Recipiendario para o meio dos VV.·., onde deve ver hum montão de ruinas.

Collocado o Recipiendario entre os VV.·., o Muito-Illustre diz :)

O Illus.·. Mestre. — Tal he a desolação em que existe a obra do mais grande dos Maçons : os muros arruinados, o altar abatido, os ornamentos devastados, e entre os obreiros, o temor e a desconfiança. Mas em fim desponta huma nova era, nossas esperanças renascem, nossos ferros estão quebrados, nossas perdas vão ser reparadas, o nosso luto acaba, e vamos recomeçar nossos trabalhos.

I.·. Mestre das Ceremonias, fazei que o Recipiendario visite os trabalhos exterior e interiormente.

(Durante o tempo que o Recipiendario faz os giros dos trabalhos exteriores, accende-se o

grupo das luzes, mudão-se os paanos pintados de encarnado, em outros pintados de verde, deixando-se com tudo os festões carmezins; corre-se a cortina que deixa ver o altar no fundo, e a Gloria em todo o seu esplendor: todos os Cavalheiros estão em pé, com a espada em huma mão e a trolha na outra.

O Muito-Illus.·. Mestre se põe por detraz do altar do fundo.

SEGUNDA ENTRADA.

(O Mestre de Ceremonias bate como Cavalheiro sete pancadas com o pé sobre o pavimento, por cinco e dous.

Os VV.·. dão cada hum huma pancada repetida pelo Muito-Illustre-Mestre. O 2° V.·. diz ao 1°, e este ao Muito-Illustre-Mestre:)

O 1° Vig.·. — Bate-se á porta como Cavalheiro do Oriente.

(O Muito-Illust.·. Mestre diz:)

O Illus.·. Mestre. — Fazei ver quem bate.

(O 1° Vig.·., depois de se informar conforme o uso diz:)

O 1° Vig.·. — He Zorobabel que pede para entrar.

(O Muito-Illus.·. Mestre diz :)

O Illus.·. Mestre. — Franqueai-lhe a entrada.

(Abrem-se as portas, e o Recipiendario he introduzido entre os VV.·.

O Muito-Illustre-Mestre diz :)

O Illus.·. Mestre. — Meus Irmãos, a reedificação do Templo he agora o nosso principal objecto ; Zorobabel, huma tão grande obra vos estava reservada, e o juramento que acabais de prestar nos assegura a sua execução. Temos necessidade de hum Chefe que nos guie em nossos trabalhos, e seja ao mesmo tempo o nosso defensor ; a espada de que estais armado, e que soubestes conservar, nos garante o successo de nossos trabalhos. Vinde agora receber os attributos do vosso novo estado, e o conhecimento de nossos mysterios.

(O Mestre de Ceremonias conduz o Recipiendario ao pé do altar, pelos passos do gráo.

O Muito-Illus.·. Mestre desce do seu lugar, e posto diante do Recipiendario, que deve pôr

o joelho em terra, lhe entrega huma trolha, dizendo :)

O Illus.·. Mestre. — Fostes condecorado com o titulo de Cavalheiro do Oriente, e eu vos condecoro com o titulo de Cavalheiro Maçon. Esta trolha he o seu symbolo, trabalhareis d'ora em diante com a espada em huma mão e a trolha na outra.

(O Muito-Illus.·. Mestre lhe põe a faxa dizendo :)

O Illustre-Mestre. — Esta faxa deve acompanhar-vos em todas as Lojas; ella he o sinal da Cavallaria a que fostes admittido.

(O Muito-Illus.·. Mestre lhe põe o seu avental, dizendo :)

O Illus.·. Mestre. — Este avental designa a nossa libertação, e nossos antigos trabalhos repostos em vigor.

(O Muito Illus.·. Mestre lhe dá a roseta verde, dizendo :)

O Illus.·. Mestre. — Para conservar a memoria do vosso libertador, adoptamos esta roseta que suspendereis na fita do vosso grão precedente.

(O Muito-Illus.·. Mestre lhe dá a joia, dizendo:)

SINAL.

O sinal se faz pondo a mão direita sobre o hombro esquerdo, d'onde se deixa cahir ao longo do corpo, em spiral, até a anca direita; ao que se responde, pondo a mão direita sobre a anca esquerda, e depois levando-a á anca direita, tambem em sinal.

TOQUE.

O toque he pôr a mão direita na espada, para tira-la da bainha como se se quizesse combater; depois faz-se hum movimento voltando o corpo, e passando o pé direito por detraz do esquerdo, levantando o braço esquerdo, a mão extendida como se se quizesse repellir alguem, de sorte que os dous II.·. nesta posição encontrem as duas mãos entrelaçando os dedos huns nos outros, e immediatamente se abração.

PALAVRA SAGRADA.

A palavra he *Judas*, a que se responde *Benjamim*.

PALAVRA DE PASSE.

A palavra de passe he *Hia vaurum hammam*, que signica — *Elles passarão o rio.*

ORDEM.

A ordem he, depois de ter tirado a espada abaixar a sua superficie perpendicularmente ao longo do corpo, até que o punho fique na altura da anca.

A marcha he por sete, como ja executastes. Ide agora, meu Irmão, fazer-vos reconhecer aos II.·. Vigilantes.

(O Mestre de Ceremonias o conduz, e depois de ter sido reconhecido, o faz assentar em huma cadeira entre os VV.·., para ouvir o discurso e a instrucção.

Depois do discurso, o Muito-Illustre-Mestre dirige a palavra ao Recipiendario, e lhe diz:

O Illustre-Mestre. — Meu I.·., vamos proclamar-vos, e pôr-vos no lugar que vos compete entre os vossos iguaes.

Illustres II.·. VV.·., annunciai a todos o

II.·. que reconheção para o futuro o I.·.**** como Membro do Conselho dos Cavalheiros do Oriente do Capitulo de *****, na sua terceira ordem.

(Feita a proclamação pelos VV.·., o Muito-Illustre Mestre diz:)

O Illus.·. Mestre. — Illustres II.·. VV.·., e vós todos Cavalheiros, consentis que Zorobabel presida a vossos trabalhos?

(Todos os Cavalheiros fazem com as suas espadas, o sinal de consentimento.

O Muito-Illustre-Mestre faz o mesmo sinal, e diz:)

O Illus.·. Mestre. — I.·. Cavalheiro, ide occupar o lugar do Mestre de nossos trabalhos.

(O Mestre de Ceremonias conduz o Recipiendario pelos passos de Cavalheiro.

O Muito-Illustre-Mestre lhe toma a mão, e o põe sobre o Trono; e depois de se ter retirado para o lado, diz:)

O Illustre-Mestre. — II.·. Cavalheiro, meus II.·., eis o Mestre que presidirá a nossos trabalhos.

(Todos os II.·. saudão com as espadas, dizendo : *Honra aos Cavalheiros !*

O Recipiendario sauda tambem com a sua espada, dizendo : *Honra aos Cavalheiros !*

Terminados os trabalhos, o Muito-Illustre Mestre fica ao pé do novo Mestre, e faz o encerramento dos trabalhos.

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Cavalheiro ?

R. Recebi este caracter.

P. Fazei-vos conhecer melhor.

R. Começai, e acabarei.

P. Judas ?

R. Benjamim.

P. Como chegastes a este grão?

R. Pela humildade e paciencia.

P. A quem vos dirigistes?

R. A'quelle de quem dependia a nossa libertação.

P. Concedeu elle o vosso pedido?

R. Depois de me ter experimentado, concedeu-me a liberdade, e a de todos os meus II.·., e me honrou com o titulo de Cavalheiro do Oriente.

P. Que fizestes depois de ter obtido a liberdade?

R. Retirei-me para a minha Patria, a fim de nella achar o resto de meus II.·.

P. Onde vos recebêrão elles?

R. Em hum Conselho reunido sobre as ruinas do Templo.

P. Como estava illuminado o Conselho?

R. Com dez grupos de sete luzes.

P. Que significa este numero de luzes.

R. O tempo do cativeiro.

P. Qual era a vossa obra?

R. Trabalhar na reedificação do Templo do Grande Architecto.

P. Como tendes alli trabalhado?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. Porque plano foi reconstruido o Templo?

R. Pelo plano do Templo destruido.

P. Onde se forão buscar os materiaes?

R. As pedras forão tiradas das pedreiras de Tyro, e as madeiras das florestas do Libano, por ser necessario que o Templo se assemelhasse em tudo ao primeiro.

P. Que applicação se deve fazer?

R. Que a Maçoneria deve ser unica, e não

póde soffrer mudança alguma sem alterar os seus principios.

P. Que forma tinhão as cadêas dos cativos?

R. Erão triangulares.

P. E porque?

R. Os vencedores conhecendo o respeito que os vencidos consagravão ao *Delta*, derão esta forma ás cadêas para mais mortifica-los.

P. Que significão as palavras do reconhecimento?

R. O nome da classe dos que trabalhão na reedificação.

P. Porque temos adoptado a côr verde mar?

R. Em memoria do acontecimento, por gratidão, e na esperança do restabelecimento.

P. Em que estado achastes os Maçons quando chegastes ás ruinas do Templo?

R. Em luto e abatimento, estado de toda as Lojas entregues á confusão e á desordem.

P. Que significão as columnas lançadas por terra, os instrumentos e os moveis fóra de seus lugares?

R. Que toda a Loja composta de Irmãos indiscretos e viciosos, perde a harmonia, seu principal ornato, e não póde tardar a destruir-se.

P. Que significão os obstaculos encontrados na passagem da ponte ?

R. O desejo ardente que deve ter todo o bom Maçom d'instruir-se, e as difficuldades que deve esforçar-se por vencer, para chegar á descoberta da verdade.

P. Que significa a resistencia que fizerão os novos constructores contra seus inimigos, durante o tempo da reedificação ?

R. Os esforços com que todo o bom Maçon deve oppôr-se á introducção dos vicios e abusos.

P. Que arte professais ?

R. A Maçoneria.

P. Que Edificios construis ?

R. Templos e Tabernaculos.

P. Em que lugar os contruis ?

R. Por falta de terreno, nós os edificamos no coração.

P. Que idade tendes ?

R. Dez semanas d'annos.

ENCERRAMENTO.

P. I.·. 1.° Vigilante, quem sois ?

R. Maçon livre, e Cavalheiro.

P. Como trabalhais ?

R Com a espada em huma mão, e a trol
na outra.

P. D'onde vindes ?

R. Do Oriente.

P. Que trazeis ?

R. A liberdade de trabalhar.

P. Qual he a vossa obra ?

R. O restabelecimento do Templo do Gran
de Architecto.

P. Que idade tendes ?

R. Dez semanas d'annos.

P. Em que tempo estamos ?

R. No instante da reedificação.

(O Muito-Illustre Mestre diz :)

O Illustre-Mestre. — Como o tempo está che
gado, como temos liberdade de trabalhar,
que só nos resta executar o que temos delibera
do, annunciai, Illustres II.·. 1.° e 2.° VV.·. qu
o Conselho dos Cavalheiros vai fechar-se, e o
trabalhos do Capitulo de * * * *, na sua tercein
ordem.

(Os VV.·. fazem o annuncio, e depois o Mui
to-Illustre-Mestre diz :)

O Ill.·. Mestre. — A mim, meus Ir.·.

(Todos os Cavalheiros, guiados pelo Muito-Illustre Mestre, fazem o signal, e applaudem por cinco e dois, dizendo: *Honra aos Cavalheiros!*

O Muito-Illustre-Mestre bate sete pancadas com os os copos da sua espada, por cinco e dous. Os VV.·. repetem a bateria.

O Muito-Illustre Mestre diz :)

O Illustre-Mestre. — O Conselho está fechado, e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.

O Muito-Illustre-Mestre bate huma pancada com os copos da espada, e todos se retirão em paz.)

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ROZA-CRUZ.

(Todos os II.·. saudão com as espadas, dizendo : *Honra aos Cavalheiros !*

O Recipiendario sauda tambem com a sua espada, dizendo : *Honra aos Cavalheiros !*

Terminados os trabalhos, o Muito-Illustre-Mestre fica ao pé do novo Mestre, e faz o encerramento dos trabalhos.

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Cavalheiro ?

R. Recebi este caracter.

P. Fazei-vos conhecer melhor.

R. Começai, e acabarei.

P. Judas ?

R. Benjamim.

P. Como chegastes a este grão ?

R. Pela humildade e paciencia.

P. A quem vos dirigistes ?

R. A'quelle de quem dependia a nossa libertação.

P. Concedeu elle o vosso pedido ?

R. Depois de me ter experimentado, concedeu-me a liberdade, e a de todos os meus II.·., e me honrou com o titulo de Cavalheiro do Oriente.

P. Que fizestes depois de ter obtido a liberdade?

R. Retirei-me para a minha Patria, a fim de nella achar o resto de meus II.·.

P. Onde vos recebêrão elles?

R. Em hum Conselho reunido sobre as ruinas do Templo.

P. Como estava illuminado o Conselho?

R. Com dez grupos de sete luzes.

P. Que significa este numero de luzes.

R. O tempo do cativeiro.

P. Qual era a vossa obra?

R. Trabalhar na reedificação do Templo do Grande Architecto.

P. Como tendes alli trabalhado?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. Porque plano foi reconstruido o Templo?

R. Pelo plano do Templo destruido.

P. Onde se forão buscar os materiaes?

R. As pedras forão tiradas das pedreiras de Tyro, e as madeiras das florestas do Libano, por ser necessario que o Templo se assemelhasse em tudo ao primeiro.

P. Que applicação se deve fazer?

R. Que a Maçoneria deve ser unica, e não

póde soffrer mudança alguma sem alterar os seus principios.

P. Que forma tinhão as cadêas dos cativos?

R. Erão triangulares.

P. E porque?

R. Os vencedores conhecendo o respeito que os vencidos consagravão ao *Delta*, derão esta forma ás cadêas para mais mortifica-los.

P. Que significão as palavras de reconhecimento?

R. O nome da classe dos que trabalhão na reedificação.

P. Porque temos adoptado a côr verde mar?

R. Em memoria do acontecimento, por gratidão, e na esperança do restabelecimento.

P. Em que estado achastes os Maçons quando chegastes ás ruinas do Templo?

R. Em luto e abatimento, estado de toda as Lojas entregues á confusão e á desordem.

P. Que significão as columnas lançadas por terra, os instrumentos e os moveis fóra de seus lugares?

R. Que toda a Loja composta de Irmãos indiscretos e viciosos, perde a harmonia, seu principal ornato, e não póde tardar a destruir-se.

P. Que significão os obstaculos encontrados na passagem da ponte ?

R. O desejo ardente que deve ter todo o bom Maçom d'instruir-se, e as difficuldades que deve esforçar-se por vencer, para chegar á descoberta da verdade.

P. Que significa a resistencia que fizerão os novos constructores contra seus inimigos, durante o tempo da reedificação ?

R. Os esforços com que todo o bom Maçon deve oppôr-se á introducção dos vicios e abusos.

P. Que arte professais ?

R. A Maçoneria.

P. Que Edificios construis ?

R. Templos e Tabernaculos.

P. Em que lugar os contruis ?

R. Por falta de terreno, nós os edificamos no coração.

P. Que idade tendes ?

R. Dez semanas d'annos.

ENCERRAMENTO.

P. I.·. 1.° Vigilante, quem sois ?

R. Maçon livre, e Cavalheiro.

P. Como trabalhais ?

R Com a espada em huma mão, e a trol
na outra.

P. D'onde vindes ?

R. Do Oriente.

P. Que trazeis ?

R. A liberdade de trabalhar.

P. Qual he a vossa obra ?

R. O restabelecimento do Templo do Gra
de Architecto.

P. Que idade tendes ?

R. Dez semanas d'annos.

P. Em que tempo estamos ?

R. No instante da reedificação.

(O Muito-Illustre Mestre diz :)

O Illustre-Mestre. — Como o tempo está ch
gado, como temos liberdade de trabalhar,
que só nos resta executar o que temos deliber
do, annunciai, Illustres II.·. 1.° e 2.° VV.·. qu
o Conselho dos Cavalheiros vai fechar-se, e o
trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceir
ordem.

(Os VV.·. fazem o annuncio, e depois o Mui
to-Illustre-Mestre diz :)

O Ill.·. Mestre. — A mim, meus Ir.·.

(Todos os Cavalheiros, guiados pelo Muito-Illustre Mestre, fazem o signal, e applaudem por cinco e dois, dizendo: *Honra aos Cavalheiros!*

O Muito-Illustre-Mestre bate sete pancadas com os os copos da sua espada, por cinco e dous. Os VV.·. repetem a bateria.

O Muito-Illustre Mestre diz :)

O Illustre-Mestre. — O Conselho está fechado, e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.

O Muito-Illustre-Mestre bate huma pancada com os copos da espada, e todos se retirão em paz.)

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ROZA-CRUZ.

O PRESIDENTE se denomina	*Muito Sabio e Per-feito-Mestre.*
O 1° VIGILANTE.	*Muito Excellente, Perfeito I.·. 1° Vig.·*
O 2° VIGILANTE.	*Muito Excellente, Perfeito I.·. 2° Vig.·*
OS OFFICIAES	*Muito Poderosos, Perfeitos.*
OS CAVALHEIROS	*Respeitabilissimos, Perfeitos II.·. Ca-valheiros.*

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

QUARTA ORDEM.

Roza-Cruz.

MUITO SABIO E PERFEITO-MESTRE.

ABERTURA.

(O Muito-Sabio dá huma pancada repetida pelos VV.·., e diz:)

O Muito Sabio. — Muito Excellentes e Perfeitos Irmãos Cavalheiros, ajudai-me a abrir o Capitulo de R.·. †

(Os VV.·. repetem, dizendo:)

Os VV.·. — Respeitabilissimos e Perfeitos Cavalheiros, ajudemos ao Muito-Sabio a abrir o Capitulo de R.·. †

R Com a espada em huma mão, e á trolha a outra.

P. D'onde vindes ?

R. Do Oriente.

P. Que trazeis ?

R. A liberdade de trabalhar.

P. Qual he a vossa obra ?

R. O restabelecimento do Templo do Grande Architecto.

P. Que idade tendes ?

R. Dez semanas d'annos.

P. Em que tempo estamos ?

R. No instante da reedificação.

(O Muito-Illustre Mestre diz :)

O Illustre-Mestre. — Como o tempo está chegado, como temos liberdade de trabalhar, e que só nos resta executar o que temos deliberado, annunciai, Illustres II.·. 1.° e 2.° VV.·. que o Conselho dos Cavalheiros vai fechar-se, e os trabalhos do Capitulo de * * * *, na sua terceira ordem.

(Os VV.·. fazem o annuncio, e depois o Muito-Illustre-Mestre diz :)

O Ill.·. Mestre. — A mim, meus Ir.·.

(Todos os Cavalheiros, guiados pelo Muito-Illustre Mestre, fazem o signal, e applaudem por cinco e dois, dizendo: *Honra aos Cavalheiros!*

O Muito-Illustre-Mestre bate sete pancadas com os os copos da sua espada, por cinco e dous. Os VV.·. repetem a bateria.

O Muito-Illustre Mestre diz :)

O Illustre-Mestre. — O Conselho está fechado, e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.

O Muito-Illustre-Mestre bate huma pancada com os copos da espada, e todos se retirão em paz.)

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ROZA-CRUZ.

O PRESIDENTE se denomina	*Muito Sabio e Perfeito-Mestre.*
O 1° VIGILANTE.	*Muito Excellente, e Perfeito I.·. 1° Vig.·.*
O 2° VIGILANTE.	*Muito Excellente, e Perfeito I.·. 2° Vig.·.*
OS OFFICIAES	*Muito Poderosos, e Perfeitos.*
OS CAVALHEIROS	*Respeitabilissimos, e Perfeitos II.·. Cavalheiros.*

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

QUARTA ORDEM.

Roza-Cruz.

MUITO SABIO E PERFEITO-MESTRE.

ABERTURA.

(O Muito-Sabio dá huma pancada repetida pelos VV.·., e diz:)

O Muito Sabio. — Muito Excellentes e Perfeitos Irmãos Cavalheiros, ajudai-me a abrir o Capitulo de R.·. ✝

(Os VV.·. repetem, dizendo:)

Os VV.·. — Respeitabilissimos e Perfeitos Cavalheiros, ajudemos ao Muito-Sabio a abrir o Capitulo de R.·. ✝

(Depois o Muito-Sabio diz:)

P. Muito Ex.·. e Per.·. I.·. 1° Vig.·., qual he o vosso dever?

R. Muito-Sabio, he saber se o Capitulo está bem coberto, e se todos os II.·. presentes são Cavalheiros R.·. ✝

O Muito-Sabio.—Muito EEx.·. e PP.·. II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos.

(O 2° Vig.·., toma os sinaes, palavra, e toque, a palavra de passe do Mestre de Ceremonias; depois diz:)

O 2° Vig.·.—Vêde, Muito Poderoso I.·., se o Capitulo está coberto.

(O Mestre de Ceremonias sahe para cumprir esta ordem, e quando volta, dá conta ao 2° Vig.·. Ao mesmo tempo os VV.·., cada hum na sua respectiva columna, vão tomar a cada I.·. os sinaes, palavra, e toque do gráo, e dão conta ao Muito-Sabio.

Quando voltão aos seus lugares, o Mestre de Ceremonias tendo dado conta ao 2° Vig.·., este dá huma pancada de malhete sobre o do 1° Vig.·., e lhe diz:)

O 2° Vig.·. — Muito Ex.·. e Per.·. I.·. 1° Vig.·., o Capitulo está bem coberto.

(O 1° Vig.·. bate com o seu malhete huma pancada sobre o 2° Vig.·., repetida pelo Muito-Sabio, e diz:).

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Per.·. Mes.·., o Capitulo de R.·. † está bem coberto.

P. Muito-Ex.·. e Per.·. I.·. 1° Vig.·., que horas são?

R. He o instante em que o véo do Templo se rasgou, que as trevas se espalhárão por toda a terra, que a luz se escureceu, que as columnas e as ferramentas da Maçoneria se despedaçárão, que a Estrella flammejante desapareceu, que a pedra cubica gotejou sangue e agua, e que a palavra se perdeu.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Como a Maçoneria soffreu huma tal tribulação, empreguemos todas as nossas forças a novos trabalhos para ser recobrada a palavra perdida; e a fim de conseguilo, abramos o Capitulo de R.·. †

(Os VV.·., cada hum na sua columna, dizem:)

Os VVig.·.—Muito EEx.·. e PP.·. II.·. Ca valheiros, o Muito-Sabio vai abrir o Capitul de R.·. †; reunamo-nos a elle.

O Muito-Sabio, bate por seis e hum.)

Os VV.·. repetem a bateria.

O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio.—Façamos o nosso dever

(O Muito-Sabio faz o signal de pergunta, todos os II.·. o de resposta. Põe depois a es pada na mão direita, e no signal do bom Pas tor, de sorte que a espada se ache no braç esquerdo, com a ponta ao alto. Os II.·. guia dos pelo Muito-Sabio, se voltão para o Orien te, fazem huma genuflexão, e tornão aos seu lugares.

O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio.—O Capitulo de R.·. † est aberto, e os trabalhos do Sob.·. Capitulo de ** na sua quarta ordem.

(Os VV.·. repetem.

Applaude-se por seis e hum, dizendo se vezes *houzé!* (*)

(*) Não se bate nas mãos na primeira Camara, e nu ca se deve entrar ou sahir sem fazer huma genuflexão.

O Muito-Sabio bate huma pancada repetida pelos VV.·., e todos os II.·. se assentão sobre banquetas da altura de hum escabelo.)

RECEPÇAÕ.

(O Muito-Sabio diz:)

P. Muito-Ex.·. e Per.·. I.·. 1° Vig.·., quál he o objecto da nossa reunião?

R. Muito-Sabio, a propagação da Ordem, e a perfeição de hum Cavalheiro do Oriente que pede para ser admittido entre nós.

(O Muito-Sabio faz a leitura do requerimento do Candidato. Delibera-se sobre o dia da sua admissão. Durante esse intervallo o Mestre de Ceremonias vai busca-lo; mas deve esperar que a sua requisição seja decretada.

Quando se abre a porta, o Candidato deve pôr-se de joelhos para receber o seu requerimento. O Muito-Sabio o entregará a hum Cavalheiro, que lho deitará por terra: torna-se a fechar a porta, e o Candidato nelle achará o dia e hora da sua recepção.

Logo que entre o Mestre de Ceremonias, se ha algum Candidato cujo dia esteja fixado pa-

Os VVig.·. [illegible]
valheiros, o[illegible]
de R.·. [illegible]
O Mu[illegible]
Os [illegible]
O [illegible]

[illegible]ito-Sabio lhe ordena
[illegible]dario.
[illegible]er com o Rec·
[illegible]ões, o
[illegible] d[illegible]

[illegible].·. — Todos os no[illegible]
[illegible]molidos, nossas ferramentas e
columnas despedaçadas, e a palavra sagrada perdida; e a pesar de todos as nossas indagações, ignoramos os meios de a tornar a achar. Quereis ajudar-nos a procura-la?

(O Recipiendario tendo consentido, elle lhe diz:)

O Mestre de Cer.·. — Segui-me.

(E o conduz á porta do Capitulo, com a cabeça descoberta, e bate como Cavalheiro do Oriente.

Os VV.·. annuncião.

O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Vede quem bate.

(Os VVig.·. sabem quem be-

finalmente a minha
r as Leis que me
tto igualmente de
essoa por quem
Architecto do

io diz :)

ado.

s,

(Os VV.·. fazem o annuncio .

uso.

O Muito-Sabio diz.)

O Muito-Sabio. — Franqueai-lhe a entrada.

(Todos os Cavalheiros assentados como já foi dito, têem a mão esquerda sobre a garganta, a direita sobre o rosto, e as pernas cruzadas.

O Recipiendario collocado entre os VV.·., e o Mestre de Cer.·. a seu lado, o 1° Vig.·. batendo huma pancada repetida pelo 2° Vig.·. e pelo Muito-Sabio, diz:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, apresento-vos hum Cavalheiro do Oriente que procura a palavra.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Meu Ir.·. a confusão se introduzio em as nossas obras; não está em nosso poder o trabalhar; deveis te-lo notado pela consternação que aqui divisais. Neste instante reina a maior desordem na superficie da terra; o véo do Templo se rasgou (*a estas palavras corre-se huma cortina preta que cobre o altar*;) as trevas se espalhão sobre a terra; a luz está escurecida; as ferramentas e as columnas despedaçadas; a Estrella flammejante desappareceu; a pedra cubica goteja sangue e agoa, e a palavra está perdida. Vós vedes que não nos he possivel dar-vos a palavra: entretanto o nosso designio não he de ficarmos na ociosidade; fazemos diligencias por acha-la por meio de huma nova Lei: estais na resolução de nos seguir?

(O Recipiendario responde: *Sim*.

O Mestre de Ceremonias o faz viajar por espaço de trinta e tres annos, pelo Septentrião, Oriente, Meio-dia, e Occidente, para que aprenda as bellezas da nova Lei.

As viajens se reduzem a sete giros.

Cada vez que o Recipiendario passa diante do altar, faz huma genuflexão. Nos ultimos giros, o Mestre de Ceremonias lhe mostra cada

columna, a medida que vai passando diante dellas, e lhe faz repetir os seus nomes.

Terminadas as viajens, o Recipiendario he posto entre os VV.·., e o 1° Vig.·. dá huma pancada, e diz:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Perfeito Mestre, o Recipiendario terminou as suas viajens.

(O Muito-Sabio dirigindo a palavra ao Recipiendario, lhe diz:)

P. Meu I.·., que aprendestes nestas viajens?

(O Mestre de Ceremonias dicta a resposta ao Recipiendario.)

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, achei tres virtudes para guiar-me d'ora em diante: Fé, Esperança, e Caridade; ensinai-me se ha outras a seguir.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Não, meu Irmão, estas columnas e estas inscripções são positivamente os principios da nossa Ordem e de nossos novos mysterios.

Approximai-vos, e vinde jurar comnosco de nunca mais vos apartardes desta Lei.

(O Mestre de Ceremonias conduz o Recipiendario ao altar, onde o faz pôr de joelhos. Faz-lhe tirar as suas luvas e pôr as mãos sobre o livro da sabedoria, sobre o qual está huma espada, o Recipiendario abaixará a cabeça.

O Muito-Sabio põe o malhete sobre as mãos do Recipiendario; e neste estado o faz prestar o seu juramento.

Todos os Cavalheiros estão á ordem, e no sinal do bom Pastor.)

JURAMENTO.

« Prometto, debaixo de palavra de honra, e « ratificando os juramentos que prestei nos « gráos precedentes, de nunca revelar os se- « gredos dos Cavalheiros da Aguia, com a « denominação de R.·. †, a L.·. algum dos « gráos inferiores, nem a Profano qualquer, « sob pena de ser para sempre privado da pa- « lavra, e d'existir perpetuamente nas trevas; « que hum regato de sangue corra sem cessar « do meu corpo; que soffra as maiores ago- « nias d'alma; que as espinhas mais picantes me sirvão de travesseiro; que o fel e o « vinagre me sirvão de bebidas, e que o sup-

« plicio da cruz termine finalmente a minha « sorte se jamais contravier as Leis que me « vão ser prescriptas. Prometto igualmente de « nunca revelar o lugar, ou a pessoa por quem « fui recebido. Assim o Grande-Architecto do « Universo me ajude.

(Depois do juramento, o Muito Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Tudo está consummado.

(Todos os II.·. cobrem o rosto com as mãos, e se assentão.

O Mestre de Ceremonias tira ao Recipiendario o seu vestido de Cavalheiro do Oriente.

O Muito Sabio lhe enfia huma tunica, dizendo:)

O Muito-Sabio. — Este vestido vos dénota a nossa crença, e deve lembrar-vos, pelos seus ornatos, o que faz o ponto principal de nossos mysterios.

(O Muito-Sabio lhe ata o avental, dizendo:)

O Muito-Sabio. — Este avental preto he o sinal do sincero arrependimento dos males que têem causado todas as nossas desgraças. Deve

ra aquella Sessão, o Muito-Sabio lhe ordena que vá preparar o Recipiendario.

O Mestre de Cer.·. vai ter com o Recipiendario na Camara das reflexões, o sauda, condecora-o como Cavalheiro do Oriente, e diz:)

O Mestre de Cer.·. — Todos os nossos Templos estão demolidos, nossas ferramentas e nossas columnas despedaçadas, e a palavra sagrada perdida; e a pesar de todas as nossas indagações, ignoramos os meios de a tornar a achar. Quereis ajudar-nos a procura-la?

(O Recipiendario tendo consentido, elle lhe diz:)

O Mestre de Cer.·. — Segui-me.

(E o conduz á porta do Capitulo, com a cabeça descoberta, e bate como Cavalheiro do Oriente.

Os VV.·. annuncião.

O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Vede quem bate.

(Os VVig.·. sabem quem he.

O Mestre de Cér.·. responde ao I.·. Experto do interior, que diz:)

P. Que quereis?

R. He hum I.·. Cavalheiro do Oriente, errante nos bosques e montanhas, que perdeu a palavra na segunda destruição do Templo, e que deseja com o vosso socorro tornar a acha-la.

(Os VV.·. fazem o annuncio na forma do uso.

O Muito-Sabio diz.)

O Muito-Sabio. — Franqueai-lhe a entrada.

(Todos os Cavalheiros assentados como já foi dito, têem a mão esquerda sobre a garganta, a direita sobre o rosto, e as pernas cruzadas.

O Recipiendario collocado entre os VV.·., e o Mestre de Cer.·. a seu lado, o 1° Vig.·. batendo huma pancada repetida pelo 2° Vig.·. e pelo Muito-Sabio, diz:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, apresento-vos hum Cavalheiro do Oriente que procura a palavra.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Meu Ir.·. a confusão se introduzio em as nossas obras; não está em nosso poder o trabalhar; deveis te-lo notado pela consternação que aqui divisais. Neste instante reina a maior desordem na superficie da terra; o véo do Templo se rasgou (*a estas palavras corre-se huma cortina preta que cobre o altar*;) as trevas se espalhão sobre a terra; a luz está escurecida; as ferramentas e as columnas despedaçadas; a Estrella flammejante desappareceu; a pedra cubica goteja sangue e agoa, e a palavra está perdida. Vós vedes que não nos he possivel dar-vos a palavra: entretanto o nosso designio não he de ficarmos na ociosidade; fazemos diligencias por acha-la por meio de huma nova Lei: estais na resolução de nos seguir?

(O Recipiendario responde: *Sim*.

O Mestre de Ceremonias o faz viajar por espaço de trinta e tres annos, pelo Septentrião, Oriente, Meio-dia, e Occidente, para que aprenda as bellezas da nova Lei.

As viajens se reduzem a sete giros.

Cada vez que o Recipiendario passa diante do altar, faz huma genuflexão. Nos ultimos giros, o Mestre de Ceremonias lhe mostra cada

columna, a medida que vai passando diante dellas, e lhe faz repetir os seus nomes.

Terminadas as viajens, o Recipiendario he posto entre os VV.·., e o 1° Vig.·. dá huma pancada, e diz:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Perfeito Mestre, o Recipiendario terminou as suas viajens.

(O Muito-Sabio dirigindo a palavra ao Recipiendario, lhe diz:)

P. Meu I.·., que aprendestes nestas viajens?

(O Mestre de Ceremonias dicta a resposta ao Recipiendario.)

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, achei tres virtudes para guiar-me d'ora em diante: Fé, Esperança, e Caridade; ensinai-me se ha outras a seguir.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Não, meu Irmão, estas columnas e estas inscripções são positivamente os principios da nossa Ordem e de nossos novos mysterios.

Approximai-vos, e vinde jurar comnosco de nunca mais vos apartardes desta Lei.

(O Mestre de Cerimonias conduz o Recipiendario ao altar, onde o faz pôr de joelhos. Faz-lhe tirar as suas luvas e pôr as mãos sobre o livro da sabedoria, sobre o qual está huma espada, o Recipiendario abaixará a cabeça.

O Muito-Sabio põe o malhete sobre as mãos do Recipiendario; e neste estado o faz prestar o seu juramento.

Todos os Cavalheiros estão á ordem, e no sinal do bom Pastor.)

JURAMENTO.

« Prometto, debaixo de palavra de Honra, e « ratificando os juramentos que prestei nos « gráos precedentes, de nunca revelar os se- « gredos dos Cavalheiros da Aguia, com a « denominação de R.·. †, a L.·. algum dos « gráos inferiores, nem a Profano qualquer, « sob pena de ser para sempre privado da pa- « lavra, e d'existir perpetuamente nas trevas; « que hum regato de sangue corra nos cantos « do meu corpo; que soffra as maiores ago- « nias d'alma; que as espinhas mais picantes me sirvão de travesseiro; que o fel e o « vinagre me sirvão de bebidas, e que o sup-

« plicio da cruz termine finalmente a minha « sorte se jamais contravier as Leis que me « vão ser prescriptas. Prometto igualmente de « nunca revelar o lugar, ou a pessoa por quem « fui recebido. Assim o Grande-Architecto do « Universo me ajude.

(Depois do juramento, o Muito Sabio diz :)

O Muito-Sabio. — Tudo está consummado.

(Todos os II.·. cobrem o rosto com as mãos, e se assentão.

O Mestre de Ceremonias tira ao Recipiendario o seu vestido de Cavalheiro do Oriente.

O Muito Sabio lhe enfia huma tunica, dizendo :)

O Muito-Sabio. — Este vestido vos dénota a nossa crença, e deve lembrar-vos, pelos seus ornatos, o que faz o ponto principal de nossos mysterios.

(O Muito-Sabio lhe ata o avental, dizendo:)

O Muito-Sabio. — Este avental preto he o sinal do sincero arrependimento dos males que têem causado todas as nossas desgraças. Deve

servir-vos para reconhecer aquelles d'entre nós que procurão recobrar a verdadeira palavra.

(O Muito-Sabio lhe põe a fita, dizendo:)

O Muito-Sabio.—Esta fita deve servir-vos de sinal de luto, até que a palavra seja recobrada. Ide para o Occidente, e nos ajudareis a procura-la.

(O Muito-Sabio dá sete pancadas repetidas pelos VV.·., todos os Cavalheiros se levantão, e se poem no sinal do bom Pastor, com a espada na mão direita.

O Muito-Sabio faz as perguntas seguintes aos VV.·.)

P. Que motivo nos reune?

R. Muito-Sabio e perfeito-Mestre, a pedra cubica goteja sangue e agua pela relaxação dos Maçons nas suas obras, e pelo perigo que corre a Maçoneria exposta sobre o cume de huma alta montanha.

P. Que significa este mysterio?

R. A perda da palavra que com o vosso soccorro esperamos achar.

P. O que he necessario para o conseguirmos?

R. Abraçar a nova Lei, e estar plenamente convencido das tres virtudes que são as suas columnas, base e principios.

P. E quaes são ellas?

R. Fé, Esperança, e Caridade.

P. Como acharemos nós estas tres columnas?

R. Viajando e errando na escuridade mais profunda.

(O Muito-Sabio diz :)

O Muito-Sabio. — Viajemos, meus irmãos, do Occidente ao Septentrião, do Oriente ao Meio dia, e sobre tudo não percamos de vista os sentimentos que nos guião.

(Todos os II.·. viajão em silencio, segundo as suas cathegorias, e fazem sete vezes o giro do Capitulo, com o Muito-Sabio á frente, depois os VV.·., os Officiaes Dignitarios, os Membros do Capitulo, o Recipiendario, e o Mestre de Ceremonias.

No terceiro giro, o Muito-Sabio entra na Camara encarnada;

No quarto os Vigilantes;

No quinto os Officiaes Dignitarios;

No sexto, todos os Cavalheiros, excepto o Recipiendario e o Mestre de Ceremonias, que fazem só o setimo giro, depois do qual se chegão para a porta do Capitulo onde o Mestre de Ceremonias bate como Cavalheiro R.·. ✝.

O I.·. Experto do atrio interior abre metade da porta, e vendo o Recipiendario que vai entrar, lhe diz:)

O I.·. Esperto. — Não podeis entrar, se me não derdes a palavra.

(O Recipiendario responde:)

O Recip.·. — Eu sou hum I.·. que procura a palavra com o socorro da nova Lei e das columnas da Maçoneria.

(A estas palavras, o I.·. Experto fecha a porta.

O Mestre de Ceremonias lhe tira a fita e avenda tal, e lhe diz:)

O Mestre de Cer.·. — Estes distinctivos não são bastantemente humilhantes para achar a palavra; he necessario passar por provas ainda mais humilhantes.

(Cobre-o com hum panno preto salpicado

como cinzas, para que elle nada possa ver, e lhe diz:)

O Mestre de Cer.·.—Vou conduzir-vos ao lugar mais tenebroso, donde a palavra deve sahir triumphante com gloria e vantagem da Maçoneria. Depositai em mim a vossa confiança.

(Conduz o Recipiendario a huma Camara preparada com algumas elevações, em subidas e descidas, repetidas o mais que fôr possivel. Leva-o depois á porta aberta da Camara que representa os horrores de hum lugar de penas e de soffrimentos. Sobre a soleira da porta levanta a frente do panno que o cobre, e lhe faz dar em silencio tres giros á roda da sala, tornando-o a trazer á soleira da porta onde lhe deixa cahir o panno dizendo-lhe):

O Mestre de Cer.·.—Os horrores que acabais de presenciar nada são em comparação do que soffrereis, se desgraçadamente não observardes a nossa Lei.

(Conduz depois o Recipiendario á porta do Capitulo, dizendo-lhe:)

O Mestre de Cer.·.—Lembrai-vos de responder ás perguntas que vos forem feitas, e sem as

quaes não podeis conseguir o gráo que desejais.

P. Donde vindes?

R. Da Judéa.

P. Por que Cidade passastes?

R. Por Nazareth.

P. Quem vos conduzio?

R. Raphael.

P. De que tribu sois?

R. De Judas.

(O Mestre de Cer.·. faz que o Recipiendario bata sete pancadas como Cav.·. R.·. ✝.

Depois das ceremonias costumadas para annunciar e abrir, e para saber quem he que quer entrar, o Mestre de Ceremonias responde ao I.·. Experto, que abre metade da porta:)

O Mestre de Cer.·.—He hum Cavalheiro que depois de ter percorrido os espaços mais profundos, espera dar-vos a palavra como fructo das suas indagações.

(O I.·. Experto annuncia ao 2° Vig.·.

Os VV.·., depois de terem cada hum dado a sua pancada, e o 2° Vig.·. repetido o annuncio ao 1° Vig.·., este diz:)

O 1° Vig.·.—Muito-Sabio e Per.·. Mes.·., he

hum Cavalheiro que depois de ter percorrido os mais profundos espaços, espera dar-vos a palavra como fructo de suas indagações.

O Muito-Sabio. — Seja introdzuido no Occidente, e nós o interrogaremos.

(Esta ordem chega pelas mesmas vias ao I.·. Experto, abrem-se as portas, e o Recipiendario he introduzido no Occidente.

Os VV.·. dão cada hum huma pancada, depois das quaes o 2° Vig.·. díz ao 1° Vig.·., e este ao Muito-Sabio:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Per.·. Mes.·., eis hum Cavalheiro Maçon que vem ajudar-nos a achar a palavra, e que deseja ser Maçon perfeito.

(O Muito-Sabio faz então as seguintes perguntas:)

P. Donde vindes?

R. Da Judéa.

P. Por que Cidade passastes?

R. Por Nazareth.

P. Quem vos conduzio?

R. Raphael.

P. De que tribu sois?

R. De Judas.

P. Daí-me as letras iniciaes destes quatro nomes?

R. J.·. N.·. R.·. J.·.

P. Que significão estas quatro letras juntas?

R. Jes.·. de Naz.·. &c.

O Muito-Sabio. — Meus II.·., a palavra foi recobrada: que a luz lhe seja concedida.

(Os VV.·. lhe tirão promptamente o pano preto.)

O Muito-Sabio. — A mim, meus II.·.

(Applaude-se por sete, dizendo outras tantas vezes *houzé.*)

O Muito-Sabio. — Meu I.·., eu vos felicito por se haver recuperado a palavra que vos faz adquirir o grão de Perfeito Maçon. Não he bastante have-lo adquirido e merecido, he necessario ser sempre digno de o conservar, e delle tirar fructos para o futuro. Oxalá o possais gozar por longo tempo entre nós, meu I.·., e alcançar, por huma vida digna de hum Cavalheiro R.·. † a recompensa daquelles que tiverem marchado nos caminhos da virtude. Approximai-vos, meu I.·., para que eu vos communique os mysterios da Perfeita Maçoneria.

(O Mestre de Cer.·. o conduz ao Oriente, onde tendo chegado, o Muito-Sabio lhe tira a cazula, e lhe dá os sinaes, o toque, e a palavra dizendo:)

O Muito-Sabio. Temos neste gráo, meu I.·., como nos outros, sinaes, palavras, e toque, para nos reconhecermos.

Ha dous sinaes, hum de pergunta, outro de resposta:

PRIMEIRO SINAL.

O primeiro he levantar os olhos ao Céo e levar ao mesmo tempo as mãos á altura da testa, os dedos entrelaçados e as palmas das duas mãos voltadas contra o rosto, deixando-as cahir assim sobre o ventre.

SEGUNDO SINAL.

O segundo he levantar a mão direita á altura da testa, mas a hum lado, com o polegar e os outros dedos fechados, excepto o index, com o qual se mostra o Céo, levantando igualmente os olhos.

O primeiro sinal se chama sinal de admiração.

O segundo nos ensina que tudo vem do alto, e que ha hum unico ser, origem pura da verdade.

SINAL DE SOCCORRO.

Temos hum terceiro sinal, que só se emprega segundo as circunstancias; póde-se chamar o sinal de soccorro. Faz-se cruzando a perna direita por detraz da esquerda. Responde-se cruzando a perna esquerda por detraz da direita.

TOQUE.

O toque se faz cruzando as mãos sobre o peito hum do outro; o que se chama toque de boa fé, ou do bom Pastor. O que pede põe a mão direita sobre o peito esquerdo do outro, e este faz o mesmo. Depois o que pede, põe a outra sobre o peito esquerdo do outro, que faz outro tanto. Se o sinal começa pela direita, responde-se pela esquerda; se pela esquerda, responde-se pela direita.

PALAVRA SAGRADA.

A palavra he J.·. N.·. R.·. J.·., que se dá por interrogação, como já foi dito.

PALAVRA DE PASSE.

A palavra de passe he *Emmanuel*, a que se responde P.·. P.·.

ORDEM.

A ordem he ter os braços cruzados, e as mãos apoiadas sobre os peitos oppostos.

Ide, meu I.·., fazer-vos reconhecer pelos II.·. VV.·., e tornai junto a mim.

(Isto feito, o Mestre de Ceremonias o conduz ao Oriente, onde todos os II.·. o rodeião.

O Recipiendario se põe de joelhos, e o Muito-Sabio lhe deita ao pescoço a fita donde pende a joia, dizendo:)

O Muito-Sabio.—Em nome do Grande-Oriente de ****, no seu Grande Capitulo, e pelos poderes que recebi do Soberano Capitulo de ****, eu vos faço e constituo Cavalheiro da Aguia, perfeito Maçon livre, debaixo do titulo de R.·. ✝, para que gozeis no presente e para sempre dos privilegios ligados a este sublime grão.

Nunca deshonreis esta fita, que hum perfeito Maçon deve levar a toda a parte. A ro-

seta que della pende chamará a vossa lem
brança sobre a perda da palavra, a joia v
fará conhecer, pelo seu Symbolo, que a Ma
çoneria allegorica encerra verdades que são sa
bidas do perfeito Maçon. A forma da joia vo-l
fará conhecer melhor do que todas as minha
explicações, espero que nunca mais perderei
a sua memoria.

(Põe-lhe a lamina da sua espada sobre
hombro direito, e depois sobre o esquerdo
levanta-o, e o abraça; depois lhe diz:)

O Muito-Sabio. — Temos tambem neste gra
hierogyphicos que só de nós são conhecidos
elles vos serão communicados, mas não abusei
Não temais d'ora em diante as vicissitude
do tempo: que as columnas nunca vos faltem
meu irmão, e que o Grande Architecto v
ajude.

I.·. Mestre de Ceremonias, conduzi o I.·
Cavalheiro para entre os Vigilantes.

(Isto feito, o Muito-Sabio, diz:)

O Muito-Sabio. — Muito Excellentes e Per
feitos II.·. VV.·., annunciai a todos os Res
peitaveis e Perf.·. II.·. Cavalheiros que d'ora e

diante reconheção o I.·. N....; como Cavalheiro da Aguia, Perfeito Maçon livre, sob o titulo de R.·. †, e Membro do Soberano Capitulo de **** na sua quarta ordem.

(Os VV.·., annuncião.
Depois disto o Muito-Sabio diz :)

O Muito-Sabio. — Applaudamos, meus II.·.

(Todos os Cavalheiros applaudem por sete, dizendo outras tantas vezes *houzé*.

O Recipiendario pede para agradecer, o seu applauso he coberto ; e depois o Muito-Sabio diz :)

O Muito-Sabio. — Meu I.·. tomai lugar entre nós.

(O Mestre de Ceremonias o faz assentar no seu lugar.

O I.·. Orador faz hum discurso, depois do qual o Muito-Sabio começa a instrucção.)

INSTRUCÇÃO.

P. Sois R.·. † ?

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, tenho essa fortuna.

P. Onde fostes recebido?

R. Em hum Capítulo onde reinava a de
cencia e a humildade.

P. Quem vos recebeu?

R. O mais humilde de todos.

P. Que entendeis por esta palavra?

R. Que nas nossas reuniões só nos distin-
guimos pela humildade e obediencia.

P. Como fostes recebido?

R. Com todas as formalidades requerida
em tão grande objecto.

P. Como fostes apresentado em Capitulo?

R. Com todos os meus sentidos livres, e d
minha plena vontade.

P. Que vistes quando entrastes?

R. Minha alma ficou extasiada ao aspecto
do que vi; o silencio, a situação dos Cavalhei-
ros tudo me fez conceber huma grande idéa
do que ia saber.

P. Que fizerão de vós depois da intro-
ducção?

R. Fizerão-me viajar.

P. Que aprendestes nas vossas viajens?

R. Vi os tres sustentaculos do nosso Edifi-
cio, ensinárão-me os seus nomes que repeti,
e que para sempre gravei em meu coração

P. Quaes são estes nomes?

R. Fé, Esperança, e Caridade.

P. Logo que acabárão as vossas viajens, ficárão perfeitos os vossos trabalhos?

R. Não; o Muito-Sabio ordenou que me conduzissem aos pés daquelle perante quem tudo se prostra, para ali prestar o meu juramento.

P. E como o prestastes?

R. No mais respeitoso estado, o coração penetrado de quanto dizia, e na firme resolução de observar restrictamente tudo quanto tinha promettido.

P. Que fizerão de vós ao depois?

R. Revestirão-me com os sinaes de dôr e d'arrependimento; ensinárão-me a significação de cada cousa, e em memoria do que a fazia; depois todos os Cavalheiros fizerão huma viajém commemorativa, a qual nos fez passar da tristeza á alegria logo que percorremos obscuros caminhos, tenebrozos e cheios d'horror; mas a firmeza com que cada hum de nós supportou as fadigas, nos adquirio a recompensa que desejavamos.

P. Que procuraveis nesta viajem?

R. A verdadeira palavra perdida pela relaxação dos Maçons.

P. Tornastes a acha-la ?

R. A nossa perseverança nos fez recobra-la.

P. Quem vos deu a palavra ?

R. Não he permittido a ninguem dar-nos a palavra ; mas tendo reflectido no que vi e ouvi, achei-a por mim mesmo, com ajuda daquelle que he seu autor.

P. Dai-ma.

R. Não posso ; interrogai-me sobre as minhas viajens, meu nome, minha Patria, e diligenciai fazer como eu fiz.

P. D'onde vindes ?

R. Da Judea.

P. Porque cidade passastes ?

R. Por Nazareth.

P. Quem vos conduzio ?

R. Raphael.

P. De qûe tribu sois ?

R. De Judas.

P. Nada colligi das vossas respostas, meu I.·.

R. Fazei cómo eu fiz ; reuni as letras iniciaes de cada palavra, achareis o objecto de nossas viajens e de nossos mysterios.

P. J.

R. N.

P. R.

R. J.

P. Nada mais vos derão?

R. A palavra de passe, que he E.·., sinaes, e hum toque para fazer-me reconhecer.

P. Dai-me o primeiro signal?

R. (Faz o sinal.)

P. Dai-me a resposta.

R. (Dá-lha.)

P. Dai-me o toque.

R. (O que o recebeu diz: He justo Muito Sabio.)

P. Qual he a ordem do gráo?

R. O bom Pastor.

P. Que fizerão de vós, depois de vos terem dado os meios de fazer-vos reconhecer?

R. O Muito-Sabio e todos os Cavalheiros, me constituirão Cavalheiro da Aguia, Perfei o Maçon livre, debaixo do titulo de R.·. ✝; condecorárão-me com a fita encarnada e com a joia, e depois de me terem feito conhecer a todos os II.·. Cavalheiros, tomei lugar no Capitulo.

P. Que se fez depois?

R. O Muito-Sabio nos fez huma exhortação; tratou dos negocios do capitulo da maneira costumada, e todos os Cavalheiros se retirárão em paz.

✝
✝ ✝

ENCERRAMENTO.

(O Muito-Sabio dá sete pancadas reeptidas pelos VV.·.

Todos os Cavalheiros estão em pé, á ordem, e com a espada na mão.)

P. Muito-Ex.·. e Per.·. I.·. 1º Vig.·., que horas são?

R. Muito-Sabio, he a hora do Per.·.Maçon.

P. E qual he a hora do Per.·.Maçon?

R. He o momento em que se recobrou a palavra; em que a pedra cubica se mudou em rosa mystica; que a Estrella flammejante tornou a apparecer em todo o seu esplendor; que nossas ferramentas retomárão a sua forma; que a luz brilhou a nossos olhos; que as trevas se dissipárão, e que a nova Lei Maçonica deve começar a reinar d'ora em diante em nossos trabalhos.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio.—Sigamos pois esta Lei, porque ella he a consequencia de todas as maravilhas que deslumbrárão nossos olhos.

Muito-Ex.·. e Per.·. II.·. VV.·., annunciai que o Capitulo vai fechar-se.

(Os VV.·. fazem o annuncio.

Todos os Cavalheiros mettem a espada na bainha.

O Muito-Sabio sahe do seu lugar, guarda o seu malhete, faz huma genuflexão, e vai abraçar a todos os Cavalheiros que se arranjão em alas sobre a linha do Meio-dia. Começa pelo primeiro Vigilante, dizendo: *Paz profunda.*

O Chefe de fila faz outro tanto ao que se acha mais perto delle, dá-lhe o beijo, e assim os outros, até que todos se tenhão abraçado. Isto feito, todos fazem huma genuflexão.

O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio: Ex.·. e Per. II.·. Cavalheiros, o Soberano Capitulo de R.·. †, e os trabalhos do Capitulo de****, na sua quarta ordem, estão fechados. Façamos o nosso dever.

(Todos os II.·. fazem o sinal, depois huma genuflexão, e applaudem, guiados pelo Muito-Sabio, por sete, dizendo outras tantas vezes *houzé.*)

NOTA. Os Cavalheiros esperão em silencio que os venhão advertir para a Ceremonia do Banquete, se o houver.

BANQUETE.

(Achando-se todos os Cavalheiros arranjados á roda da mesa do banquete, o Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio: — Grande Architecto do Universo, tu que precaves as necessidades de todos os seres, benze a nutrição que vamos tomar, para que ella seja para tua maior gloria e nossa satisfação.

(O Muito-Sabio toma o pão, parte-o, e dá ao Cavalheiro que está á sua direita, e assim corre a roda. Faz o sinal com o index, e come; depois toma hum copo cheio de vinho, faz o sinal com o index, e bebe; logo que o tem feito, passa-o ao Cavalheiro da direita, o qual faz o contra-sinal, e o toma. Este faz o mesmo que praticou o Muito-Sabio. O copo e o pão tendo da mesma maneira feito o giro da mesa, voltão ao Muito-Sabio, que deita o resto do pão e do vinho no fogo, dizendo:)

O Muito-Sabio. — Tudo está consumado.

(Todos os II.·. postos á ordem, e guiados pelo Muito-Sabio, fazem o sinal.

O Muito-Sabio dá o osculo de paz, e diz:)

O Muito-Sabio. — A paz seja comvosco!

(Todos se retirão em silencio.)

† † †

FIM DO CADERNO DE VENERAVEL.

Rio de Jan. Typ. Imp. e C. de Seignot-Plancher e C. 1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRO VIGILANTE.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRO VIGILANTE.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C^IE,
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS MYSTERIOSOS,

OU DAS

QUATRO ORDENS SUPERIORES

do Rito Francez.

SEGUNDA PARTE.

PRIMEIRO VIGILANTE.

RIO DE JANEIRO.

PRIMEIRA ORDEM.

GRÃO

DE ELEITO SECRETO.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRA ORDEM.

Grão de Eleito Secreto.

GRANDE INSPECTOR.

ABERTURA.

P. Qual he o primeiro dever de hum I.·. Grande-Inspector Eleito?

R. Sapientissimo, he certificar-se se todos os II.·. são Eleitos.

O Sap.·. — Certificai-vos, Grande e Severo Inspector.

(Depois de ter-se certificado na fórma usual, e tendo o Sev.·. Inspector feito o annuncio, o Grande-Inspector diz:)

O Gr.·. Insp.·. — Sap.·., todos os II.·. presentes são Eleitos.

P. Qual he o segundo dever de hum Eleito?

R. He ver se os trabalhos estão cobertos.

Sap.·. — Certificai-vos, I.·. Gr.·. Insp.·.

(Depois de ter-se certificado na forma usual, o Gr.·. Insp.·. diz:)

O Gr.·. Insp.·. — Sapientissimo, os trabalhos estão cobertos.

P. Sois Eleito Secreto?

R. Huma caverna me he conhecida, huma alampada me esclareceu, e huma fonte estancou a minha sede.

P. Que horas são?

R. A estrella da manhã nos annuncia que o Sol vai levantar-se, e que he tempo de começarmos a obra.

O Sap.·. — Pois que este justo designio, &c. — A mim, meus II.·.

(O Sov.·. Insp.·., quando volta das suas indagações, annuncia-se pela bateria de Mestre. O Gr.·. Insp.·. diz ao Sapientissimo:)

O Gr.·. Insp.·. — Sap.·., bate-se como Mestre á porta do Conselho.

O Sap.·.—Qual he o Mestre, &c. que bate, I.·. G.·. Insp.·. ?

(O Gr.·. Insp.·. examina quem he, e diz :)

O Gr.·. Insp.·.—Sap.·., são os Eleitos enviados á pesquiza que se apoderárão de hum dos obreiros do Templo, e o trazem.

(Repetindo a ordem do Sap.·., o Gr.·. Insp.·. diz :)

O Gr.·. Insp.·.—Franqueai-lhe a entrada.

(O Candidato he introduzido e collocado ao Occidente. O Gr.·. Insp.·. lhe põe o punhal sobre o coração, prestes atraspassa-lo. Quando o Recipiendario chega ao altar pelos nove passos dos quaes tres são d'Aprendiz, tres de Companheiro e tres de Mestre, para prestar o juramento na attitude conveniente, o Sap.·. lhe põe o seu punhal sobre a testa, e o Gr.·. Insp.·. lhe põe o seu sobre as costas.

De volta ao Occidente, o Gr.·. Insp.·. faz assentar o Recipiendario entre elle e o Severo Insp.·.

Quando o Sap.·. proclama o Candidato, o Gr.·. Insp.·. repete a proclamação, dizendo :)

O Gr.·., Insp.·.—I.·. Sev.·. Insp.·., II.·. Eleitos secretos, reconhecereis para o futuro ao I.·. N****, como membro do Conselho dos Eleitos Secretos e do Capitulo de ****, na sua primeira ordem.

INSTRUCÇAÕ.

P. Sois Eleito Secreto?

R. Conheço huma caverna, huma alampada me illuminou, e huma fonte applacou a minha sede.

P. Que tendes feito nesta qualidade?

R. Fui encarregado de huma commissão importante de que recebi o premio.

(Mostra a sua fita.)

P. Qual era o vosso projecto?

R. Vingar o crime.

P. Qual era a vingança permittida aos Maçons?

R. A justa punição dos assassinos de seu respeitavel Mestre, com ordem expressa do Rei.

P. Em que lugar se formou o projecto de vingança?

R. Em hum Conselho Secreto.

P. A que hora?

R. Na obscuridade da noite.

P. Quando partistes?

R. Antes do dia.

P. Quem vos illuminava?

R. A Estrella d'alva.

P. Por onde começastes?

R. Pela destruição de dous culpados.

P. Onde os descobristes?

R. Fugindo a travez de rochedos escarpados.

P. Fostes mais longe?

R. Penetrei no interior de huma horrivel caverna.

P. Quem achastes ali?

R. O traidor que acabava d'entrar, e se dispunha ao repouso.

P. Que aconteceu?

R. Cheio de medo ao aspecto de hum Mestre, a si mesmo se fez justiça.

P. Que vos restava fazer?

R. Nada porque estava completa a vingança.

P. Que horas erão então?

R. O sol acabava d'occultar-se.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por

causa das nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que significa a formula da vossa recepção?

R. O que se passou na formação e na execução do Projecto.

P. D'onde procedem as oito luzes; e huma maior, separada do resto?

R. Representão os nove Eleitos; a maior indica o seu Chefe.

P. O que denotão as outras seis luzes?

R. Os seis Mestres que se lhes reunirão com o titulo d'Eleitos, depois da sua volta.

P. O que significão as côres da Camara do Conselho?

R. O preto significa a atrocidade do crime; as chamas exprimem o nosso ardor na vingança, e o vermelho denota que ella só póde extinguir-se no sangue dos culpados.

P. Que significão as inscripções que se vêem sobre os pilares em que estão postas as cabeças?

R. Que o Céo, juiz das acções dos homens, he o mais certo vingador, e que nunca deixa o crime impune.

P. Que significa o cão?

R. Que o menor indicio serve muitas vezes para descobrir o culpado.

P. Que significa a caverna?

R. Que nada ha tão obscuro e tão occulto, que possa pôr os perversos ao abrigo dos supplicios ou dos remorsos.

P. Que significa o braço com hum punhal na mão?

R. Que os nossos devem estar sempre promptos a ferir tudo quanto offende ou fere a virtude.

P. Que significa a Estrella d'alva e as outras oito?

R. A hora da partida e o numero dos Eleitos. Ao mesmo tempo significa que mui cedo se deve principiar quando se trata de fazer huma boa acção.

P. Que significa a escada talhada na rocha, e difficil?

R. Que he necessario transpôr os lugares mais escrabosos para conseguir a destruição do vicio.

P. Que significa a alampada?

R. Que recebemos huma luz imprevista nos procedimentos dictados pelo Grande-Architecto.

P. Que significa a fonte achada inopinadamente?

R. Que a Providencia nunca abandona em as urgentes necessidades.

ENCERRAMENTO.

P. Que vos resta a fazer?

R. Nada, pois que tudo está completo.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por causa de nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que horas são?

R. He a hora em que sahi da caverna, e a hora em que o Sol acaba de occultar-se.

O Sap.·. — Como o Sol, &c..... vai encerrar-se. — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Sap.·., fazem o sinal, e applaudem.

O Sap.·. faz a bateria, e diz:)

O Sap.·. — O Conselho dos Eleitos está fechado.

(Bate huma pancada, e todos deixão as suas insignias, e se retirão em paz.)

SEGUNDA ORDEM.

GRAO D'ESCOCEZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDA ORDEM.

Grão d'Escocez.

GRANDE PRIMEIRO VIGILANTE.

ABERTURA.

P. I.·. 1° Grande-Vig.·., estamos nós cobertos?

(O 1° Gr.·. Vig.·. certifica-se, e diz:)

R. Muito-Grande, nós estamos cobertos.

P. O que vos conduzio aqui, meu I.·.?

R. O amor do meu dever, e o desejo de attingir a alta Sciencia.

P. Que tendes que vos torne digno della?

R. Hum coração puro, zeloso partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhais?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Qual he o objecto dos vossos trabalhos?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar o que está imperfeito, e de chegar ao thesouro da verdadeira moral.

P. Qual foi a vossa recompensa?

R. Fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei os meus trabalhos.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meio-dia.

P. Que entendeis por isto?

R. Que o Sol, no seu zenith, illumina a nossa obra.

(O Muito-Grande diz:)

O Muito-Grande.—Como o Sol está, &c.... mysterios costumados.

(O 1° Vig.·. repete, dizendo:)

O 1° Vig.·.—I.·. 2° Grande Vig.·., Grandes Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que o Muito-Grande vai abrir a Sublime Loja dos

Grandes Eleitos no Capitulo de****, pelos mysterios costumados.

(O 2° Vig.·. repete o annuncio.

Isto feito, o Muito-Grande dá tres pancadas de malhete, o 1° Vig.·. cinco, o 2° Vig.·. sete, e o Muito-Grande nove.)

O Muito-Grande — 1° e 2° Grandes VV.·. fazei-me chegar a palavra.

(Os VV.·. executão a ordem, e voltão aos seus lugares.

Então todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande, fazem o signal de facha, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, exclamando tres vezes *houzé*.)

O Muito-Grande.·. — II.·. 1° e 2° Grandes VV.·., annunciai que a abobada secreta está aberta, assim como os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, na sua 2ª ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio, hum depois do outro.

O Muito-Grande.·. bate, e diz:)

O Muito-Grande. — A vossos lugares, meus II.·.

SEGUNDA ENTRADA.

(Na segunda entrada do Recipiendario, o 1° Vig.·., depois de saber quem bate á porta do Capitulo, dá huma pancada de malhete, e diz:)

1° Vig.·.—Muito-Grande, o Recipiendario fez as indagações necessarias, e achou o objecto do vosso pedido.

O Muito-Grande.—Franqueai-lhe a entrada.

(Depois da recepção, o Muito-Grande proclama o Recipiendario.

O 1° Vig.·. repete a proclamação, dizendo:)

O 1° Vig.·.—I.·. 2° Grande Vig.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, reconhecereis para o futuro o I.·.***, na qualidade de Grande-Eleito e Membro do Collegio dos Escocezes do Capitulo de****, na sua segunda ordem.

(O 2° Vig.·. repete.

Feita a proclamação segundo o uso, applaude-se.)

INSTRUCÇÃO.

P. Quem vos conduzio aqui, meu I.·.?

R. O amor do meu dever, e o desejo de attingir a alta sciencia.

P. Que tendes que vos faça digno della?

R. Hum coração puro, zeloso partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhastes?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Onde estava collocada a abobada subterranea?

R. Foi construida secretamente debaixo da parte a mais mysteriosa do Templo.

P. Para que servia esta abobada secreta?

R. Para conter hum precioso deposito.

P. Em que lugar estava elle?

R. O Delta precioso, sobre o qual estavão gravados os verdadeiros caracteres da palavra innominada, foi incrustado em hum pedestal de marmore collocado no meio da abobada, e coberto com a pedra cubica.

R. Qual era a pedra cubica?

R. Huma pedra de agatha talhada em for-

ma quadrangular, contendo as palavras secretas da Arte Real.

P. Como se decifrão as letras, que ali se achão incrustadas?

R. Lendo-as segundo os principios da arte.

P. Como fostes introduzido?

R. Por tres, cinco, sete, e nove.

P. Que vos aconteceu?

R. Passei por provas rigorosas.

P. A que prova vos sugeitárão?

R. Com a ponta sobre o coração e o ferro sobre a garganta, fiz voluntariamente o sacrificio das paixões.

P. Basta isto para ser admittido?

R. Depois de me ter purificado, me mandárão fazer huma indagação para merecer a minha admissão.

P. Fostes feliz na vossa indagação?

R. Por huma particular favor e huma luz imprevista, fiz a descoberta do precioso deposito: entrei tendo-o na mão, e no estado em que me achava quando fiz a descoberta.

P. Qual era o objecto da vossa indagação?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar o que está imperfeito, e chegar ao thesouro da verdadeira moral.

P. Qual foi a vossa recompensa?

R. O laço dos vicios foi sobre mim despedaçado; passárão-me sobre a testa, sobre os labios e o coração, a trolha impregnada de huma mixto preparado; participei do banquete dos Grandes Eleitos; recebi o penhor de huma nova alliança; e finalmente fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei meus trabalhos.

P. De que era composto este mixto?

R. De leite, azeite, vinho, e farinha.

P. Que significão estas cousas?

R. Doçura, prudencia, força, e formosura; qualidades essenciaes aos Grandes Eleitos.

P. Como se chamão as Lojas dos Grandes Eleitos Escocezes?

R. Lojas de altas sciencias; e seus trabalhos, sublimes.

P. Como se chega ali?

R. Com a firmeza no coração e no resto, caracteristicos dos homens irreprehensiveis.

P. Qual he o seu primeiro dever?

R. Observar com respeito as Leis da Maçoneria, praticar a mais sã moral, e soccorrer seus II.·.

P. Quantas luzes tendes?

R. Tres vezes nove.

P. Que representão ellas?

R. As alampadas inextinguiveis, collocadas na abobada secreta.

P. Por que razão o nome de abobada secreta na abertura, se muda no de abobada sagrada no encerramento?

R. Porque collocado o deposito, ella só he conhecida debaixo deste ultimo titulo.

P. Onde viajão os Grandes Eleitos?

P. Em todas as partes da terra, para espalharem a verdadeira sciencia.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Porque razão o numero oitenta e hum está em honra entre nós?

R. Porque de todos os numeros he este o que offerece mais combinações Maçonicas, e porque nos termos da arte, elle he o triplo do cubo, ou o maior quadrado.

ENCERRAMENTO.

P. Donde vindes?

R. Fui procurar.

P. E que trazeis?

R. O deposito precioso.

P. Onde o puzestes?

R. Em hum lugar secreto e impenetravel.

P. Como conseguistes chegar ali?

R. Por tres, cinco, sete e nove.

P. Para que serve este deposito?

R. Para tornar a achar, no caso de alteração, os verdadeiros caracteres da palavra innominada, e todas as palavras secretas da Maçoneria.

P. Que levais daqui?

R. O premio do meu zelo, e hum maior desejo de exercc-lo.

P. E qual he o objecto?

R. A gloria do Grande Ar.·. do U.·.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meia noite, hora de encerrar nosses trabalhos.

O Muito-Grande. — Como he meia noite, &c.... vão ser encerrados.

O 1° Vig.·. — I.·. 2° Grande Vig.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que o Muito-Grande vai fechar a sublime Loja dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, pelos numeros costumados.

(Depois do annuncio, o Muito Grande diz:)

O Muito Grande — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Muito Grande, fazem o signal de facha, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, seguidos de *tripli-ce houzé.*

Feita a bateria, como na abertura, o Muito Grande diz:)

O Muito Grande — II.·. 1° e 2° Grandes VV.·. &c.... segunda ordem.

O 1° Vig.·. — I.·. 2° Grande Vig.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que a abobada sagrada está fechada, e os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo de***, na sua segunda ordem.

(O 2° Vig.·. repete o annuncio.)

TERCEIRA ORDEM.

GRÁO

DE CAVALHEILO D'ORIENTE.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

TERCEIRA ORDEM.

Cavalheiro d'Oriente.

PRIMEIRO GENERAL.

ABERTURA.

SALA DO ORIENTE.

(Estando todos os Cavalheiros nos seus lugares, á excepção do que preside, e que só entra depois de ter sido annunciado, batendo huma pancada com o pé sobre o pavimento, junto á porta, o primeiro General diz:)

1° General. — Cavalheiros, o Sob.·. Mes.·. nos reune em Conselho, estejamos attentos a tudo quanto vai dizer-nos e propôr-nos. Ei-lo que chega.

R. Tres vezes nove.

P. Que representão ellas?

R. As alampadas inextinguiveis, collocadas na abobada secreta.

P. Por que razão o nome de abobada secreta na abertura, se muda no de abobada sagrada no encerramento?

R. Porque collocado o deposito, ella só he conhecida debaixo deste ultimo titulo.

P. Onde viajão os Grandes Eleitos?

P. Em todas as partes da terra, para espalharem a verdadeira sciencia.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Porque razão o numero oitenta e hum está em honra entre nós?

R. Porque de todos os numeros he este o que offerece mais combinações Maçonicas, e porque nos termos da arte, èlle he o triplo do cubo, ou o maior quadrado.

ENCERRAMENTO.

P. Donde vindes?

R. Fui procurar.

P. E que trazeis?

R. O deposito precioso.

P. Onde o puzestes?

R. Em hum lugar secreto e impenetravel.

P. Como conseguistes chegar ali?

R. Por tres, cinco, sete e nove.

P. Para que serve este deposito?

R. Para tornar a achar, no caso de alteração, os verdadeiros caracteres da palavra innominada, e todas as palavras secretas da Maçoneria.

P. Que levais daqui?

R. O premio do meu zelo, e hum maior desejo de exerce-lo.

P. E qual he o objecto?

R. A gloria do Grande Ar.·. do U.·.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meia noite, hora de encerrar nosses trabalhos.

O Muito-Grande. — Como he meia noite, &c.... vão ser encerrados.

O 1° Vig.·. — I.·. 2° Grande Vig.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que o Muito-Grande vai fechar a sublime Loja dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, pelos numeros costumados.

(Depois do annuncio, o Muito Grande diz:)

O Muito Grande — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Muito Grande, fazem o signal de facha, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, seguidos de tripli-ce *houzé*.

Feita a bateria, como na abertura, o Muito Grande diz:)

O Muito Grande — II.·. 1° e 2° Grandes VV.·. &c.... segunda ordem.

O 1° Vig.·. — I.·. 2° Grande Vig.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que a abobada sagrada está fechada, e os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo de***, na sua segunda ordem.

(O 2° Vig.·. repete o annuncio.)

TERCEIRA ORDEM.

GRÀO

DE CAVALHEILO D'ORIENTE.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

TERCEIRA ORDEM.

Cavalheiro d'Oriente.

PRIMEIRO GENERAL.

ABERTURA.

SALA DO ORIENTE.

(Estando todos os Cavalheiros nos seus lugares, á excepção do que preside, e que só entra depois de ter sido annunciado, batendo huma pancada com o pé sobre o pavimento, junto á porta, o primeiro General diz:)

1° General. — Cavalheiros, o Sob.·. Mes.·. nos reune em Conselho, estejamos attentos a tudo quanto vai dizer-nos e propôr-nos. Ei-lo que chega.

(O Sob.·. Mestre bate, e sauda a todos os Cavalheiros, que, guiados pelo General, respondem poudo a mão direita sobre o coração, e inclinando o corpo. Depois o Soberano Mestre diz:)

P. Primeiro General, qual he o primeiro dever de hum verdadeiro Cavalheiro?

R. Sob.·. Mes.·., he precaver á segurança do Conselho, e a que nelle só possão entrar Cavalheiros.

O Sob.·. Mestre. — 1° e 2° Generaes, fazei a inspecção.

(Os dous Generaes vão examinar as portas da Torre, e vêem se os guardas estão vigilantes. Voltão depois aos seus lugares, e então o 2° Gen.·. diz ao 1° Gen.·., e este ao Soberano Mestre:)

1° Gen.·. — As guardas cercão o Palacio, o Conselho está em segurança.

P. Basta isto?

R. He necessario ainda saber se todos os que aqui estão são dignos de assistir ao Conselho.

O Sob.·. Mestre. — Certificai-vos, 1° e 2° Generaes.

(Certificão-se. O segundo Gen.·. dá conta ao 1°. que diz:)

1° Gen.·.—Sob.·. Mes.·., todos os Membros presentes são bons Cavalheiros.

P. Em que tempo estamos?

R. Na revolução das dez semanas de annos de cativeiro.

O Sob.·. Mestre.—1° e 2° GG.·., como he assim, annunciai que o Conselho vai abrir-se.

(O 1° Gen.·. diz:)

O 1° Gen.·.—Segundo General, Cavalheiros, o Sob.·. Mestre vos previne que o Conselho vai abrir-se.

(O Sob,·. Mestre bate sete pancadas com os copos da espada, por cinco e dous,

Os Generaes repetem a bateria.

O Sob.·. Mestre, diz:)

O Sob.·. Mestre.—A mim, Cavalheiros!

(Todos os II.·., guiados pelo Sob.·. Mestre, applaudem, e dizem juntos huma vez: Honra aos Cavalheiros!

O Sob.·. Mestre diz:)

Sob.·. Mestre.—O Conselho está aberto, &c., terceira ordem.

(O 1º Gen.·. diz:)

O 1º Gen.·. — 2º Gen.·., Cavalheiros, o Conselho está aberto, e os trabalhos do Capitulo de****, na sua 3ª ordem.

(O 2º Gen.·. repete o annuncio.
O Sob.·. Mestre bate e diz:)

O Sob.·. Mestre. — A vossos lugares, Cavalheiros!

(Os Generaes repetem o annuncio.
O Sob.·. Mestre, depois de ter dito: *Acabe o cativeiro*, abaixa a ponta da sua espada, e a levanta com presteza, para significar *liberdade*.
Os dous Generaes, dirigindo os Cavalheiros apresentão a ponta das suas espadas, abaixão-na para o chão, em sinal de adhesão, e as levantão com presteza.
Os Cavalheiros, guiados pelo Sob.·. Mestre, tomão os seus lugares.)

RECEPÇAÕ.

(Hum dos Guardas da torre diz ao 2° Gen.·.)

Hum homem de luto, &c.... no Conselho.

(O 2° Gen.·. diz ao 1° Gen.·., e este ao Sob.·. Mestre:)

O 1° Gen.·.—Hum homem de luto quer penetrar no Conselho.

O Sob.·. Mestre.—Informai-vos, &c°.... huma exacta conta.

O 1° Gen.·. (*ao segundo*) — Informai-vos quem he; tomai as maiores preçauções, e daime huma exacta conta.

O 2° Gen.·. (*ao primeiro*)—Zorobabel cativo, o primeiro d'entre seus iguaes, quer comparecer perante o Trono, e vem sollicitar da clemencia do Soberano Mestre a liberdade para os seus compatriotas, e a de reedificar o Templo do Grande Architecto.

(O 1° Gen.·. repete o annuncio ao Soberano Mestre.)

O Sob.·. Mestre. — Pois que justos motivos, &c.... Seja concedida.

O 1° Gen.·. — 2° Gen.·., Cavalheiros, o Soberano Mestre permitte ao Cativo que appareça com a face descoberta.

(O 2° Gen.·. repete o annuncio.)

O Sob.·. Mestre. — Zorobabel, &c. Que seja posto em liberdade.

(Os Cavalheiros, guiados pelos Generaes, dão com as espadas o sinal de consentimento.

O Recipiendario armado, he conduzido entre os Generaes pelo Mestre de Ceremonias; o 1° Gen.·. lhe toma a mão, e o conduz á Torre, onde o deixa, entretanto que os Cavalheiros passão em silencio para a Sala do Occidente, e mudão a decoração.)

SALA DO OCCIDENTE.

(O Recipiendario bate á porta por tres, cinco, sete, e nove pancadas.)

O 2° Vig.·. (*ao primeiro*) — Bate-se á porta como Grande-Eleito Escocez.

(O 1° Vig.·. repete o annuncio, e bate com os copos da sua espada sete pancadas.

O 2° Vig.·. repete as sete pancadas.

O Illustre-Mestre as repete tambem.)

O Illus.·. Mestre. — Illustre 1° Vig.·., fazei saber quem bate.

O 1° Vig.·. —(*ao segundo*)— Illustre 2° Vig.·., fazei ver quem bate.

(O 2° Vig.·. examina quem he e dá conta ao 1° Vig.·., que diz:)

O 1° Vig.·. — Muito Illustre Mestre, he hum de nossos II.·. catívos que traz a noticia da sua liberdade.

(O Muito Ill.·. Mestre diz:)

Illus.·. Mestre. — Meus II.·., a noticia que o, &c..... precioso auguro, &c.....

Perguntai lhe seu nome, &c. e que traz.

(O 1° Vig.·. repete ao I.·. 2° Vig.·., que, depois destar informado, dá conta ao 1° Vig.·., que diz ao Muito Illus.·. Mestre:)

O 1° Vig.·. — Zorobabel, do Paiz além do Rio, ao Occidente da Assyria, d'idade de seis

semanas d'annos, traz a noticia da liberdade e a permissão de reconstruir o Templo.

(O Recipiendario he introduzido entre os dous VV.·.)

O 1º Vig.·. — Eis Zorobabel, que deseja ser admittido no seio da fraternidade.

(Depois das perguntas do uso, o Muito Illus.·. Mestre diz:)

Illus.·. Mestre. — Penso que Zorobabel he digno de ser admittido entre nós; consentis?

(Os Cavalheiros guiados pelos VV.·., fazem o sinal de consentimento, com a mão levantada, e o braço extendido na altura do hombro.

SEGUNDA ENTRADA.

(O Mestre de Ceremonias bate com o pé sete pancadas no pavimento, como Cavalheiro, por cinco e dous. O Segundo Vig.·. faz o annuncio segundo o uso.

O Muito Illustre Mestre diz:)

O Illus.·. Mestre. — Fazei saber quem bate, meu I.·..

(O 1° Vig.·. depois de ter sabido quem he, diz:)

O 1° Vig.·. — Muito Illus.·. Mestre, he Zorobabel que pede para entrar.

(Depois da instrucção e do discurso, o Ill.·. Mestre faz a proclamação.
O 1° Vig.·. a repete, dizendo:)

O 1° Vig.·. — Illus.·. 2° Vig.·., Cavalheiros, reconhecereis para o futuro o I.·. N...., como Membro de Conselho dos Cavalheiros do Oriente, do Capitulo de****, na sua terceira ordem.

(O 2° Vig.·. repete o annuncio.
Feita a proclamação da maneira costumada, o Muito Illus.·. Mestre diz:)

Illus.·. Mestre. — Illustres II.·. VV.·., II.·. Cavalheiros, consentis que Zorobabel presida a nossos trabalhos?

(Todos os Cavalheiros, guiados pelos VV.·., fazem com as suas espadas o sinal de consentimento.

INSTRUCÇAÕ.

P. Sois Cavalheiro ?

R. Recebi este caracter.

P. Fazei-vos conhecer melhor.

R. Começai, e acabarei.

P. Judas.

R. Benjamim.

P. Como chegastes a este grão ?

R. Pela humildade e paciencia.

P. A quem vos dirigistes ?

R. A'quelle de quem dependia a nossa libertação.

P. Concedeu o vosso pedido ?

R. Depois de me ter experimentado, concedeu-me a liberdade, e a de todos os meus II.·., e me honrou com o titulo de Cavalheiro do Oriente.

P. Que fizestes depois de ter obtido a liberdade ?

R. Retirei-me para a minha Patria, a fim de nella achar o resto de meus II.·.

P. Onde vos recebêrão elles ?

R. Em hum Conselho reunido sobre as ruinas do Templo.

P. Como estava illuminado o Conselho ?

R Com dez grupos de sete luzes.

P. Que significa este numero de luzes ?

R. O tempo de cativeiro.

P. Qual era a vossa obra ?

R. Trabalhar na reedificação do Templo do Grande Architecto.

P. Como tendes ali trabalhado ?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. Por que plano foi reconstruido o Templo?

R. Pelo plano do Templo destruido.

P. Onde se forão buscar os materiaes ?

R. As pedras forão tiradas das pedreiras de Tyro, e as madeiras das florestas do Libano, por ser necessario que o Templo se assemelhasse em tudo ao primeiro.

P. Que applicação se deve fazer ?

R. Que a Maçoneria deve ser unica, e não póde soffrer mudança alguma sem alteração nos seus principios.

P. Que formas tinhão as cadêas dos cativos ?

R. Erão triangulares.

P. Porque ?

R. Os vencedores, conhecendo o respeito que os vencidos consagravão ao *Delta*, de-

rão esta forma ás cadêas para mais mortifica los.

P. Que significão as palavras de reconhecimento?

R. O nome da classe dos que trabalhão na reedificação.

P. Porque adoptámos a côr verde mar?

R. Em memoria do acontecimento, por gratidão, e na esperança do restabelecimento.

P. Em que estado achastes os Maçons quando chegastes ás ruinas do Templo?

R. Em luto e abatimento, estado de todas as Lojas entregues á confusão e á desordem.

P. Que significão as columnas lançadas por terra, e os instrumentos e os moveis fóra de seus lugares?

R. Que toda a Loja composta de irmãos indiscretos e viciosos, perde a harmonia, seu principal ornamento, e não póde tardar a destruir-se.

P. Que significão os obstaculos encontrados na passagem da ponte?

R. O desejo ardente que deve ter todo o bom Maçon de instruir-se, e as difficuldades que deve esforçar-se a vencer, para chegar á descoberta da verdade.

P. Que significa a resistencia que fizerão os novos constructores contra seus inimigos, durante o tempo da reedificação?

R. Os esforços com que todo o bom Maçon deve oppôr-se á introducção dos vicios e abusos.

P. Que arte professais?

R. A Maçoneria.

P. Que Edificio construis?

R. Templos e Tabernaculos.

P. Em que lugar os edificais?

R. Por falta de terreno, nós os edificamos no coração.

P. Que idade tendes?

R. Dez semanas d'annos.

ENCERRAMENTO.

P. I.·. 1° Vig.·., quem sois?

R. Maçon livre e Cavalheiro.

P. Como trabalhais?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. Donde vindes?

R. Do Oriente.

P. Que trazeis?

R. A liberdade de trabalhar.

P. Qual he a vossa obra ?

R. Restabelecer o Templo do Grande Architecto.

P. Que idade tendes ?

R. Dez semanas d'annos.

P. Em que tempo estamos ?

R. No instante da reedificação.

O Muito Illus.·. Mestre.—Como o tempo está, &c..... terceira ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.)

O 1° Vig.·. —Illustre 2° Vig.·., Cavalheiros, o Conselho dos Cavalheiros vai fechar-se e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(O Muito Illustre Mestre diz :)

O Mui.·. Illus.·. Mestre.—A mim, meus II.·.

(Todos os Cavalheiros guiados pelo Illus.·. Mestre, fazem o sinal, applaudem por cinco e dous, e dizem huma vez: *Honra aos Cavalheiros* !

O Muito Illus.·. Mestre bate com os copos da espada por cinco e dous, repetidos pelos VV.·. e diz :)

O Muito Illus.·. Mestre. — O Conselho está fechado, &c..... terceira ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.)

O 1° Vig.·. — Illustre 2° Vig.·., Cavalheiros, o Conselho está fechado, e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(O 2° Vig.·. repete o annuncio.

O Muito Illus.·. Mestre dá huma pancada, e todos se retirão em paz.)

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ,ROZA-CRUZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

QUARTA ORDEM.

Noza-Cruz.

EXCELLENTE E PERFEITO PRIMEIRO VIG.·.

ABERTURA.

(O Muito-Sabio dá huma pancada que he repetida pelos VV.·., e diz:)

O Muito-Sabio. — Muito-Excell.·. e Per.·. II.·., ajudai-me a abrir o Capitulo de R.·. †.

(Os VV.·. repetem o convite, dizendo cada hum na sua columna:)

O 1° Vig.·. — Muito-Excell.·. e Perf.·. II.·., ajudemos o Muito-Sabio a abrir o Capitulo de R.·. †.

(Depois o Muito-Sabio diz:)

P. Muito-Excellente e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., qual he o vosso cuidado?

R. Muito-Sabio, he saber se o Capitulo está bem coberto, e se todos os II.·. presentes são Cavalheiros R.·. ✝.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio — Muito-Excell.·. e Perfeitos II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos.

(O 2° Vig.·. toma os sinaes, palavras, toque, e palavra de passe do Mestre de Ceremonias, e depois lhe diz:)

O 2° Vig.·. — Muito-Perfeito I.·., vêde se o Capitulo está bem coberto.

(O Mestre de Ceremonias sahe para executar o que lhe foi ordenado, e quando volta dá conta ao 2° Vig.·.

Ao mesmo tempo os VV.·. cada hum na sua columna, vão tomar a todos os II.·. as palavras, toques, e sinaes do gráo, e dão conta ao Muito Sabio, por intermedio do 1° Vig.·., que diz:)

O 1° Vig.·.— Muito-Sabio, todos os II.·. presentes são Cav.·. R.·. †.

(O Mestre de Ceremonias, quando volta, dá conta ao 2° Vig.·., que bate huma pancada do malhete sobre o do 1° Vig.·., e lhe diz :)

O 2° Vig.·. — Muito-Excell.·. e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., o Capitulo de R.·. † está bem coberto.

(O 1° Vig.·. bate huma pancada de malhete sobre o do 2°, e o Muito-Sabio tendo respondido, o 1° Vig.·. diz a este ultimo :)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio , o Capitulo de R.·. † está bem coberto.

P. Muito-Excell.·. e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., que horas são ?

R. He o instante em que o véo do Templo foi rasgado , que as trevas se espalhárão sobre a superficie da terra , que a luz se obscureceu , que as columnas e as ferramentas da Maçoneria forão despedaçadas , que a Estrella flammejante desappareceu, que a pedra cubica suou sangue e agua , e que a palavra se perdeu.

O Muito-Sabio.—Pois que a Maçoneria &.... Capitulo de R.·. †.

(Os VV.·., cada hum na sua respectiva columna, dizem:)

Os VV.·. — Muito-Excell.·. e Perf.·. II.·. Cavalheiros, o Muito-Sabio vai abrir o Capitulo de R.·. ✝; reunamo-nos a elle.

(O Muito-Sabio dá sete pancadas de malhete por seis, e huma separada.

Os VV.·. repetem a bateria.

O Muito-Sabio, depois de ter feito o sinal, &c., diz:)

Muito-Sabio. — O Capitulo de R.·. ✝ está aberto, e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua quarta ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.

Applaude-se por sete, dizendo outras tantas vezes *houzé* (*).

O Muito-Sabio dá huma pancada com o malhete, repetida pelos VV.·., e todos os II.·. tomão os seus lugares sobre banquetas da altura de hum escabello.)

(*) Não se bate na primeira Camara.

RECEPÇAÕ.

(O Muito-Sabio diz :)

P. Muito-Excell.·. e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., qual he o objecto da nossa reunião ?

R. Muito-Sabio, a propagação da ordem, e a perfeição de hum Cavalheiro do Oriente que pede ser admittido entre nós.

(O Mestre de Ceremonias, acompanhado pelo Recipiendario, bate como Cavalheiro do Oriente.

O 2° Vig.·., depois de avisado pelo I.·. Experto, diz ao 1° Vig.·. :)

O 2° Vig.·. — Muito-Excell.·. e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., bate-se á porta do Capitulo como Cavalheiro do Oriente.

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, bate-se á porta do Capitulo como Cavalheiro do Oriente.

O Muito-Sabio. — Fazei ver quem bate.

(O I.·. Experto diz ao Recipiendario.)

P. Que quereis ?

(O Mestre de Ceremonias responde :)

R. He hum Cavalheiro do Oriente, &c.... tornar a acha-la.

(O I.·. Experto o diz ao 2° Vig.·., e este ao 1°, que diz:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, he hum I.·. Cavalheiro do Oriente, errante nos bosques e montanhas, que perdeu a palavra na segunda destruição do Templo, e que deseja, com o vosso soccorro, tornar a acha-la.

O Muito-Sabio. — Franqueai-lhe a entrada.

(Executada a ordem, e o Recipiendario collocado entre os dous VV.·., o 1° Vig.·. dá huma pancada repetida pelo 2° Vig.·. e pelo Muito-Sabio, e diz a este ultimo:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, eu vos apresento hum Cavalheiro do Oriente que procura a palavra.

(Acabadas as viajens, e o Recipiendario collocado entre os dous VV.·., o 1° Vig.·. bate e diz:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Perf.·. Mestre, o Recipiendario terminou as suas viajens.

(Depois do juramento e de ter-se vestido o Recipiendario, o Muito-Sabio faz aos VV.·. as perguntas seguintes:)

P. Que motivo nos reune?

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, a pedra cubica derrama sangue e agua pela relaxação dos Maçons em suas obras, e pelo successo da Maçoneria exposta sobre o cume de huma alta montanha.

P. Que significa este mysterio?

R. A perda da palavra que com vossa ajuda pretendemos achar.

P. Que he necessario fazer para tal conseguir?

R. Abraçar a nossa Lei, estar plenamente convencido das tres virtudes que são as suas columnas, a base, e os principios.

P. Quaes são ellas?

R. Fé, Esperança, e Caridade.

P. Como acharemos estas tres columnas?

R. Viajando e errando na obscuridade a mais profunda.

(Todos os II.·. viajão em silencio, segundo as suas cathegorias, e fazem sete vezes o giro do Capitulo.

No terceiro giro, o Muito-Sabio entra na Camara encarnada.

No quarto giro os VV.·., e depois os outros.

Depois de todos os Cav.·. terem entrado na Camara encarnada, o Meste de Ceremonias faz dar ao Recipiendario sete pancadas como R.·.†.

O 2° Vig.·. bate huma pancada com o malhete, repetida pelo 1° Vig.·., a quem diz:)

O 2° Vig.·. — Muito-Excell.·. e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., bate-se á porta como Cavalheiro R.·.†.

(Depois de ter-se certificado na forma do uso, o 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.:)

O 2° Vig.·. — He hum Cavalheiro que &c....

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, he hum Cavalheiro que depois de ter percorrido os espaços os mais profundos, espera dar-vos a palavra por fructo das suas indagações..

O Muito-Sabio. — Seja introduzido no Occidente, e nós o interrogaremos.

(Executada a ordem conforme o uso, e o Recipiendario collocado entre os VV.·., o 2° Vig.·. diz ao 1°, e este ao Muito-Sabio:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Perfeito Mestre,

eis hum I.·. Maçon, que vem ajudar-nos a achar a palavra perdida, e que deseja ser Maçon perfeito.

(Depois das perguntas do estilo o Muito-Sabio diz :)

O Muito-Sabio.—Meus II.·., a palavra foi recobrada, a luz lhe seja concedida.

(Os VV.·. tirão promptamente o véo que cobre o Recipiendario.

Depois do Recipiendario receber do Muito-Sabio as instrucções que lhe devem ser dadas, e estar collocado entre os dous VV.·., o Muito-Sabio faz a proclamação.

O 1° Vig.·. a repete, dizendo:)

O 1° Vig.·.—Muito-Excel.·. e Perf.·. I.·. 2° Vig.·., Excel.·. e Per.·. II.·. Cav.·., reconhecereis para o futuro o I.·. N****, como Cavalheiro da Aguia, Perfeito Maçon livre, debaixo do titulo de R.·. ✝, e Membro do Soberano Capitulo de****, na sua quarta ordem.

(Todos os II.·., guiados pelo Muito-Sabio, applaudem por sete, e exclamão outras tantas vezes *houzé*.)

INSTRUCÇÃO.

P. Sois R.·. †?

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, tenho essa fortuna.

P. Onde fostes recebido?

R. Em hum Capitulo onde reinavão a decencia e a humildade.

P. Quem vos recebeu?

R. O mais humilde de todos.

P. Que entendeis por esta palavra?

R. Que nós nas nossas reuniões só nos distinguimos pela humildade e obediencia.

P. Como fostes recebido?

R. Com todas as formalidades requeridas em tão grande objecto.

P. Como fostes recebido no Capitulo?

R. Com todos os meus sentidos livres, e de minha plena vontade.

R. Que vistes ao entrar.

R. Minha alma ficou extasiada ao aspecto do que vi; o silencio, a situação dos Cavalheiros, tudo me fez conceber huma grande idéa do que ia saber.

P. Que vos fizerão depois da introducção?

R. Fizerão-me viajar.

P. Que aprendestes nas vossas viagens?

R. Vi os tres sustentaculos do nosso Edificio; ensinárão-me os seus nomes que repeti, e que para sempre gravei em meu coração.

P. Quaes são estes nomes?

R. Fé, Esperança, e Caridade.

P. Logo que acabárão as vossas viagens, ficárão os vossos trabalhos perfeitos?

R. Não; o Muito-Sabio ordenou me conduzissem aos pés daquelle perante quem tudo se prostra, para ali prestar o meu juramento.

P. E como o prestastes?

R. No mais respeitoso estado, o coração penetrado de quanto dizia, na firme resolução de observar restrictamente tudo quanto tinha promettido.

P. Que fizerão de vós ao depois?

R. Revestirão-me com os sinaes de dôr e arrependimento; ensinárão-me a significação de cada cousa, e em memoria do que a fazia; depois todos os Cavalheiros fizerão huma viagem commemorativa, a qual nos fez passar da tristeza á alegria, logo que percorremos obscuros caminhos, tenebrosos e cheios de horror; mas a firmeza com que cada hum de nós

supportou as fadigas, nos adquirio a recompensa que desejavamos.

P. Que procuraveis nesta viajem?

R. A verdadeira palavra, perdida pela relaxação dos Maçons.

P. Tornastes a acha-la?

R. A nossa perseverança nos fez recobra-la.

P. Quem vos deu a palavra?

R. Não he permittido a ninguem dar-nos a palavra; mas tendo reflectido no que vi e ouvi, achei-a por mim mesmo, com ajuda daquelle que he seu autor.

P. Dai-ma.

R. Não posso. Interrogai-me sobre as minhas viajens, meu nome, meu paiz, e diligenciai fazer como eu fiz.

P. Donde vindes?

R. Da Judea.

P. Por que cidade passastes?

R. Por Nazareth.

P. Quem vos conduzio?

R. Raphael.

P. De que tribu sois?

R. De Judas.

P. Nada colligi das vossas respostas meu I.·.

R. Fazei como eu fiz, ajuntai as letras ini-

ciaes de cada palavra, e achareis o objecto das nossas viajens e de nossos mysterios.

P. J.

R. N.

P. R.

R. J.

P. Nada mais vos derão?

R. A palavra de passe, que he E.·., sinaes, e hum toque para fazer-me reconhecer.

P. Dai-me o primeiro sinal?

R. (Faz o sinal.)

P. Dai-me a resposta?

R. (Dá-lha.)

P. Dai-me o toque?

R. (O que o recebeu diz: He justo, Muito-Sabio.)

P. Qual he a ordem do gráo?

R. O bom Pastor.

P. Que fizerão de vós, depois de vos terem dado os meios de fazer-vos reconhecer?

P. O Muito-Sabio e todos os Cavalheiros me constituirão Cavalheiro da Aguia, Perfeito Maçon livre, debaixo do titulo de R.·. †; condecorárão-me com a fita encarnada e com a joia; e depois de me terem feito conhecer a todos os Cavalheiros, tomei lugar no Capitulo.

P. Que se fez depois?

R O Muito-Sabio nos fez huma exhortação tratou dos negocios do Capitulo da maneira costumada, e todos os Cavalheiros se retirárão em paz.

ENCERRAMENTO.

(O Muito-Sabio dá sete pancadas de malhete, repetidos pelos VV.·.

Todos os Cavalheiros estarão em pé e á ordem.)

P. Muito-Ex.·. e Per.·. I.·. 1° Vig.·., que horas são?

R. Muito-Sabio, he a hora do Per.·. Maçon.

P. Qual he a hora do Perfeito Maçon?

R. O momento em que a palavra foi recobrada, que a pedra cubica se mudou em rosa mystica, que a Estrella flammejante tornou a apparecer em todo o seu esplendor, que nossas ferramentas retomárão a sua forma, que a luz se mostrou a nossos olhos com todo o seu brilhantismo, que as trevas se dissipárão, devendo a nova luz Maçonica reinar de ora em diante em nossos trabalhos.

O Muito-Sabio. — Sigamos pois esta Lei de... ferio nossos olhos. — Muito-Excellentes e Per-

feitos II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai que o Capitulo vai fechar-se.

O 1° Vig.·.—Muito-Ex.·. e Perfeitos II.· Cavalheiros, o Capitulo vai fechar-se.

O Muito-Sabio.—Muito-Ex.·. e Perfeitos II.·. 1° e 2° VV.·. &c.... Façamos o nosso dever.

O 1° Vig.·.— Muito-Ex.·. e Perfeito I.·. 1° Vig.·. Muito-Ex.·. e Perfeitos II.·. Cavalheiros, o Capitulo de R.·. †, e os trabalhos do Soberano Capitulo de****, na sua quarta ordem, estão fechados. Façamos o nosso dever.

(Todos os II.·. fazem o segundo sinal, depois huma genuflexão, guiados pelo Muito-Sabio, e dizem sete vezes *houzé*.)

NOTA. Os Cavalheiros esperão em silencio que os venhão advertir para a ceremonia do banquete, se o houver.

FIM DO CADERNO DE PRIMEIRO VIGILANTE.

Rio de Jan. Typ. Imp. e C. de Seignot-Plancher e C. 1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDO VIGILANTE.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDO VIGILANTE.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E Cᵉ,
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS MYSTERIOSOS,

OU DAS

QUATRO ORDENS SUPERIORES

do Rito Francez.

TERCEIRA PARTE.

SEGUNDO VIGILANTE.

RIO DE JANEIRO.

PRIMEIRA ORDEM.

GRÁO

DE ELEITO SECRETO.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRA ORDEM.

Grão de Eleito Secreto.

SEVERO INSPECTOR.

ABERTURA.

(Depois da abertura o Sapientissimo diz:)

Sap.·. — Certificai-vos, Grande e Severo-Inspector.

(O Severo-Insp.·. se certifica na forma do estilo, e depois diz:)

Sev.·. Insp.·. — I.·. Grande-Inspector, todos os II.·. do meu valle são Eleitos.

(Depois de ter-se certificado que os trabalhos estão bem cobertos, o Severo Inspector diz:)

Sev.·. Insp.·.—I.·. Grande Insp.·., os trabalhos estão exactamente cobertos.

(Quando o Sap.·. diz :)

Sap.·. —I.·. Sev.·. Insp.·., levai comvosco dous Eleitos, e examinai escrupulosamente o exterior da Camara do Conselho: cumpre ter a certeza de que não podemos ser ouvidos.

(O Sev.·. Insp.·. sahe acompanhado por dous Eleitos ; vão á Camara das reflexões, pegão no Recipiendario, e o preparão como se segue :

O Sev.·. Insp.·. tira-lhe a espada e o chapéo, faz-lhe pôr o seu avental de Mestre, e lhe põe huma corda ao pescoço com a qual se lhe ligão as mãos e o corpo.

Assim preparado, he conduzido á porta do Conselho, escoltado por dous Eleitos, e precedido pelo Sev.·. Insp.·., o qual se annuncia pela bateria do gráo de Mestre.

O Grande-Inspector, por ordem do Sap.·., faz ver quem bate.

O Sev.·. Insp.·., em resposta á pergunta que se lhe faz, diz :)

Sev.·. Insp.·., —São os Eleitos enviados á pes-

quisa que se apoderárão de hum dos obreiros do Templo, e o conduzem.

Sap.·. — Franqueai-lhes a entrada.

(As portas abrem-se, o Sev.·. Insp.·. conduz o Candidato ao Occidente dizendo :)

Sev.·. Insp.·. —Eis hum dos obreiros do Templo que achamos perto d'aqui ; ignoramos os seus designios.

(O Sap.·. faz as seguintes perguntas ao Recipiendario, e o Sev.·. Insp.·. lhe dicta as respostas.)

P. Quem es ?

R. Chamo-me *Joaben*, Maçon da classe dos Mestres.

P. Que queres ?

R. Lançar-me a vossos pés, e pedir-vos a graça de ser o vingador de Hiram.

(Quando o Sap.·. diz : *Joaben*, *vossos votos*, &c.... *será em perigo. Ide*, o Sev.·. Insp.·. toma a mão do Recipiendario, e o faz viajar dando oito voltas lentas e huma precipitada. Na nona volta que he precipitada, terá cuidado em faze-lo passar entre o primeiro e o segundo can-

delabro. As portas se abrem, e o Sev.·. Insp.·. conduz o Recipiendario á Camara obscura, onde muitos Eleitos se lhe reunem para fazerem numero.

O Sev.·. Insp.·. faz entrar o Recipiendario só na Caverna. Entrando deve ver hum quadro figurando a fuga de dous dos traidores perseguidos e apanhados por dous Mestres. Apenas entra, cahe o boneco por terra, com o punhal no coração, e ao mesmo tempo apparece huma transparente, sobre o qual o Recipiendario lê estas palavras: *O crime está punido; toma o punhal do traidor, e sahe.*

Logo que o Recipiendario sahe da Caverna, o Sev.·. Insp.·. dirige a palavra aos Eleitos, e lhes diz:)

Sev.·. Insp.·.—Deixemos os corpos destes scelerados á mercê dos animaes ferozes; contentemo-nos em levar suas cabeças a Jerusalem.

(Os Eleitos se retirão, e tornão a entrar na Camara do Conselho. Deve suppôr-se que trazem comsigo as cabeças dos scelerados.

O I.·. Insp.·. diz ao Recipiendario:)

Grande-Insp.·.—Vós, meu I.·., bebei agua desta fonte.

(Depois de hum momento de silencio, elle lhe diz :)

Grande-Insp.·. — Segui-me.

(Indica-lhe como deve entrar na Camara do Conselho.)

O Sev.·. Insp.·. acompanha o Recipiendario, o qual entra tendo na mão direita o punhal, o braço levantado prestes a ferir, o esquerdo extendido ao longo do corpo, e se colloca no Occidente exclamando : *O crime está punido.*

Depois do I.·. Grande Insp.·. ter feito a proclamação, o Sev.·. Insp :· diz :)

Sev.·. Insp :·—II.·. Eleitos Secretos, reconhecereis para o futuro o I.·. N..., por Membro do Conselho dos Eleitos Secretos e do Capitulo de ****, na sua primeira ordem.

INSTRUCÇAÕ.

P. Sois Eleito Secreto ?

R. Conheço huma caverna, huma alampada me illuminou, e huma fonte aplacou a minha sede.

P. Que fizestes nesta qualidade?

R. Fui encarregado d'huma Commissão importante, de que recebi o premio.

(Mostra a sua fita.)

P. Qual era o vosso projecto?

R. Vingar o crime.

P. Qual era a vingança permittida aos Maçons?

R. A justa punição dos assassinos de seu respeitavel Mestre, com ordem expressa do Rei.

P. Em que lugar se formou o projecto de vingança?

R. Em hum Conselho secreto.

P. A que hora?

R. Na obscuridade da noite.

P. Quando partistes?

R. Antes do dia.

P. Quem vos illuminava?

R. A Estrella d'alva.

P. Por onde começastes?

R. Pela destruição de dous culpados.

P. Aonde os descubristes?

R. Fugindo a travez de rochedos escarpados.

P. Fostes mais longe?

R. Penetrei no interior de huma horrivel caverna.

P. Quem achastes ali?

R. O traidor que acabava d'entrar, e se dispunha ao repouso.

P. Que aconteceu?

R. Cheio de medo ao aspecto de hum Mestre, a si mesmo se fez justiça.

P. Que vos restava fazer?

R. Nada, porque estava completa a vingança.

P. Que horas erão então?

R. O Sol acabava d'occultar-se.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por causa das nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que significa a formula da vossa recepção?

P. O que se passou na formação e na execução do projecto.

P. Donde procedem as oito luzes, e huma maior, separada do resto?

R. Representão os nove Eleitos, a maior indica o seu Chefe.

P. O que denotão as outras seis luzes?

R. Os seis Mestres que se lhes reunirão com titulo d'Eleitos, depois da sua volta.

P. O que significão as côres da Camara do Conselho?

R. O preto significa a atrocidade do crime; as chamas exprimem o nosso ardor na vingança, e o vermelho denota que ella só póde extinguir-se no sangue dos culpados.

P. Que significão as inscripções que se vêem sobre os pilares em que estão postas as cabeças?

R. Que o Céo, juiz das acções dos homens, he o mais certo vingador, e que nunca deixa o crime impune.

P. Que significa o cão?

R. Que o menor indicio muitas vezes serve para descobrir o culpado.

P. Que significa a Caverna?

R. Que nada ha tão obscuro e tão occulto, que possa pôr os perversos a abrigo dos supplicios ou dos remorsos.

P. Que significa o braço com hum punhal na mão?

R. Que os nossos devem estar sempre promptos a ferir tudo quanto offende ou fere a virtude.

P. Que significa a Estrella d'alva, e as outras oito?

R. A hora da partida, e o numero dos Eleitos. Ao mesmo tempo significa que mui cedo se deve principiar, quando se trata de fazer huma boa acção.

P. Que significa a escada talhada na rocha, e difficil?

R. Que he necessario transpor os lugares mais escabrosos para conseguir a destruição do vicio.

R. Que significa a alampada?

R. Que recebemos huma luz imprevista nos procedimentos dictados pelo Grande Architecto.

P. Que significa a fonte achada inopinadamente?

R. Que a Providencia nunca abandona em as urgentes necessidades.

ENCERRAMENTO.

P. Que vos resta a fazer?

R. Nada, pois que tudo está completo.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por

causa das nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que horas são?

R. A hora em que sahi da Caverna, e a hora em que o Sol acaba de occultar-se.

Sap.·. — Como o Sol, &c.... vai encerrar-se. — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Sap.·., fazem o signal e applaudem.

O Sap.·. faz a bateria, e diz:)

Sap.·. — O Conselho dos Eleitos está fechado

(Bate huma pancada, e todos deixão as suas insignias e se retirão em paz.)

SEGUNDA ORDEM.

GRAO D'ESCOCEZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDA ORDEM.

Grão d'Escocez.

GRANDE SEGUNDO VIGILANTE.

ABERTURA.

P. Primeiro Grande Vig.·., estamos cobertos?

(Depois de ter-se certificado, o 2° Vig.·. diz:)

R. Grande 1° Vig.·., estamos cobertos.

P. Quem vos conduzio aqui, meu I.·.?

R. O amor do meu dever, e o desejo de attingir a alta sciencia.

P. Que tendes que vos torne digno della?

R. Hum coração puro, zeloso partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhais?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Qual he o objecto dos vossos trabalhos?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar o que está imperfeito, e de chegar ao thesouro da verdadeira moral.

R. Qual foi a vossa recompensa?

R. Fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei os meus trabalhos.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meio-dia.

P. Que entendeis por isto?

R. Que o Sol, no seu zenith, illumina a nossa obra.

O Muito-Grande.—Como o Sol está, &c.... mysterios costumados.

(O 1° Vig.·. repete o annuncio.)

O 2° Vig.·.—II.·. Grandes Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que o Muito Grande vai abrir a Sublime Loja dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, pelos mysterios costumados.

(Isto feito, o Muito-Grande dá tres pancadas; o 1° Vig.·. bate cinco; o 2° Vig.·. sete; e o Muito-Grande nove.

Depois disto, o Muito-Grande diz:)

O Muito-Grande—II.·. 1° e 2° Grande VV.·., fazei-me chegar a palavra.

(Os VV.·. executão a ordem, e tornão aos seus lugares.

Então todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande fazem o sinal da facha, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, e exclamão tres vezes *houzé*.)

O Muito-Grande—II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai que a abobada secreta está coberta, assim como os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, na sua segunda ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio, hum depois do outro.

O Muito-Grande bate e diz:)

O Muito-Grande—A vossos lugares, meus II.·.

SEGUNDA ENTRADA.

(Na segunda entrada do Recipiendario, o 2° Vig.·., depois de estar certo de quem bate, dá huma pancada de malhete, e diz ao 1° Vig.·.).

O 2° Vig.·.—I.·. 1° Grande Vig.·., o Recipiendario fez os estudos necessarios, e achou o objecto que lhe foi pedido.

(O 1° Vig.·. repete o annuncio ao Muito-Grande que diz:)

O Muito-Grande—Franqueai-lhe a entrada.

(Depois da recepção, o Mujto-Grande proclama o Recipiendario.

O 1° Vig.·. repete a proclamação.

O 2° Vig.·. diz:)

O 2° Vig.·. — II.·. Grandes Officiaes Sublimes Mestres, reconhecereis para o futuro o I.·. N.... por Grande Eleito e Membro do Collegio dos Escocezes do Capitulo de ***, na sua segunda ordem.

(Feita a proclamação, na forma usada, applaude-se.)

INSTRUCÇAÕ.

P. Quem vos conduzio aqui, meu I.·.?

R. O amor do meu dever, e o desejo de attingir a alta sciencia.

P. Que tendes, que vos faça digno della?

R. Hum coração puro, zeloso partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhastes?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Onde estava collocada a abobada subterranea?

R. Foi construida secretamente debaixo da parte mais mysteriosa do Templo.

P. Para que servia esta abobada secreta?

R. Para conter hum precioso deposito.

P. Em que lugar se achava elle?

R. O Delta precioso sobre o qual estavão gravados os verdadeiros caracteres da palavra innominada, foi mettido em hum pedestal de marmore collocado no meio da abobada, e coberto com a pedra cubica.

P. Qual era a pedra cubica?

R. Huma pedra de agatha lavrada em forma quadrangular, contendo as palavras secretas da Arte Real.

P. Como se decifrão as letras que alí se achão incrustadas?

R. Lendo-as segundo os principios da arte.

P. Como fostes introduzido?

R. Por tres, cinco, sete, e nove.

P. Que vos aconteceu?

R. Passei por provas rigorosas.

P. A que provas vos sugeitárão?

R. Com a ponta sobre o coração e o ferro sobre o pescoço, fiz voluntariamente o sacrificio das paixões.

P. Basta isto para ser admittido?

R. Depois de me ter purificado, me mandárão proceder a huma indagação para merecer a minha inteira admissão.

P. Fostes feliz na vossa indagação?

R. Por hum particular favor e huma luz imprevista, fiz a descoberta do precioso deposito: entrei tendo-o na mão, e no estado em que me achava quando fiz a descoberta.

P. Qual era o objecto da vossa indagação?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar o que está imperfeito, e chegar ao thesouro da verdadeira moral.

P. Qual foi a vossa recompensa?

R. O laço dos vicios foi sobre mim depos-

daçado; passárão-me sobre a testa, sobre os labios e o coração, a trolha impregnada de hum mixto preparado; participei do banquete dos Grandes Eleitos; recebi o penhor de huma nova alliança, e finalmente, fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei os meus trabalhos.

P. De que era composto este mixto?

R. De leite, azeite, vinho, e farinha.

P. Que significão estas cousas?

R. Doçura, prudencia, força, e formosura, qualidades essenciaes aos Grandes Eleitos.

P. Como se chamão as Lojas dos Grandes Eleitos Escocezes?

R. Lojas das Altas Sciencias; e seus trabalhos, Sublimes.

P. Como se consegue chegar ali?

R. Com firmeza no coração e no rosto, caracteristicos dos homens irreprehensiveis.

P. Qual he o seu primeiro dever?

R. Observar com respeito as leis da Maçoneria, praticar a mais sã moral, e soccorrer seus II.·.

P. Quantas luzes tendes?

R. Tres vezes nove.

P. Que representão ellas?

P. Onde trabalhais?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Qual he o objecto dos vossos trabalhos?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar o que está imperfeito, e de chegar ao thesouro da verdadeira moral.

R. Qual foi a vossa recompensa?

R. Fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei os meus trabalhos.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meio-dia.

P. Que entendeis por isto?

R. Que o Sol, no seu zenith, illumina a nossa obra.

O Muito-Grande. — Como o Sol está, &c.... mysterios costumados.

(O 1° Vig.·. repete o annuncio.)

O 2° Vig.·. — II.·. Grandes Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que o Muito Grande vai abrir a Sublime Loja dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, pelos mysterios costumados.

(Isto feito, o Muito-Grande dá tres pancadas; o 1° Vig.·. bate cinco; o 2° Vig.·. sete; e o Muito-Grande nove.

Depois disto, o Muito-Grande diz:)

O Muito-Grande—II.·. 1° e 2° Grande VV.·., fazei-me chegar a palavra.

(Os VV.·. executão a ordem, e tornão aos seus lugares.

Então todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande fazem o sinal da facha, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, e exclamão tres vezes *houzé*.)

O Muito-Grande—II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai que a abobada secreta está coberta, assim como os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, na sua segunda ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio, hum depois do outro.

O Muito-Grande bate e diz:)

O Muito-Grande—A vossos lugares, meus II.·.

SEGUNDA ENTRADA.

(Na segunda entrada do Recipiendario, o 2° Vig.·., depois de estar certo de quem bate, dá huma pancada de malhete, e diz ao 1° Vig.·.)

O 2° Vig.·.—I.·. 1° Grande Vig.·., o Recipiendario fez os estudos necessarios, e achou o objecto que lhe foi pedido.

(O 1° Vig.·. repete o annuncio ao Muito-Grande que diz:)

O Muito-Grande—Franqueai-lhe a entrada.

(Depois da recepção, o Mujto-Grande proclama o Recipiendario.

O 1° Vig.·. repete a proclamação.

O 2° Vig.·. diz:)

O 2° Vig.·. — II.·. Grandes Officiaes Sublimes Mestres, reconhecereis para o futuro o I.·. N.... por Grande Eleito e Membro do Collegio dos Escocezes do Capitulo de ***, na sua segunda ordem.

(Feita a proclamação, na forma usada, applaude-se.)

INSTRUCÇAÕ.

P. Quem vos conduzio aqui, meu I.·.?

R. O amor do meu dever, e o desejo de attingir a alta sciencia.

P. Que tendes, que vos faça digno della?

R. Hum coraçaõ puro, zeloso partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhastes?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Onde estava collocada a abobada subterranea?

R. Foi construida secretamente debaixo da parte mais myteriosa do Templo.

P. Para que servia esta abobada secreta?

R. Para conter hum precioso deposito.

P. Em que lugar se achava elle?

R. O Delta precioso sobre o qual estavaõ gravados os verdadeiros caracteres da palavra innominada, foi incrustado em hum pedestal de marmore collocado no meio da abobada, e coberto com a pedra cubica.

P. Qual era a pedra cubica?

R. Huma pedra de agatha talhada em forma quadrangular, contendo as palavras secretas da Arte Real.

P. Como se decifrão as letras que alí se achão incrustadas?

R. Lendo-as segundo os principios da arte.

P. Como fostes introduzido?

R. Por tres, cinco, sete, e nove.

P. Que vos aconteceu?

R. Passei por provas rigorosas.

P. A que provas vos sugeitárão?

R. Com a ponta sobre o coração e o ferro sobre o pescoço, fiz voluntariamente o sacrificio das paixões.

P. Basta isto para ser admittido?

R. Depois de me ter purificado, me mandárão proceder a huma indagação para merecer a minha inteira admissão.

P. Fostes feliz na vossa indagação?

R. Por hum particular favor e huma luz imprevista, fiz a descoberta do precioso deposito: entrei tendo-o na mão, e no estado em que me achava quando fiz a descoberta.

P. Qual era o objecto da vossa indagação?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar o que está imperfeito, e chegar ao thesouro da verdadeira moral.

P. Qual foi a vossa recompensa?

R. O laço dos vicios foi sobre mim despe-

daçado; passárão-me sobre a testa, sobre os labios e o coração, a trolha impregnada de hum mixto preparado; participei do banquete dos Grandes Eleitos; recebi o penhor de huma nova alliança, e finalmente, fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei os meus trabalhos.

P. De que era cumposto este mixto?

R. De leite, azeite, vinho, e farinha.

P. Que significão estas cousas?

R. Doçura, prudencia, força, e formosura, qualidades essenciaes aos Grandes Eleitos.

P. Como se chamão as Lojas dos Grandes Eleitos Escocezes?

R. Lojas das Altas Sciencias; e seus trabalhos, Sublimes.

P. Como se consegue chegar ali?

R. Com firmeza no coração e no rosto, caracteristicos dos homens irreprehensiveis.

P. Qual he o seu primeiro dever?

R. Observar com respeito as leis da Maçoneria, praticar a mais sã moral, e soccorrer seus II.·.

P. Quantas luzes tendes?

R. Tres vezes nove.

P. Que representão ellas?

R. As lampadas inextinguiveis collocadas na abobada secreta.

P. Por que razão o numero de abobada secreta na abertura se muda ao de abobada sagrada, ao encerramento?

R. Por que collocado o deposito, ella só he conhecida debaixo deste ultimo titulo.

P. Onde vinhão os Grandes Eleitos?

R. Por todas as partes da terra para espalharem a verdadeira sciencia.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Por que razão o numero oitenta e hum he honrado entre nós?

R. Porque de todos os numeros he este o que offerece mais combinações Maçonicas, e porque nos termos da arte, elle he o triplo do cubo ou o maior quadrado.

ENCERRAMENTO.

P. Donde vindes?

R. Fui procurar.

P. E que trazeis?

R. O deposito precioso.

P. Onde o pozestes?

R. Em hum lugar secreto, e impenetravel.

P. Como conseguistes chegar ali?

R. Por tres, cinco, sete, e nove.

P. Para que serve este deposito?

R. Para tornar a achar, no caso de alteração, os verdadeiros caracteres da palavra innominada e todas as palavras secretas da Maçoneria.

P. Que levais daqui?

R. O premio do meu zelo, e hum maior desejo de exercê-lo.

P. E qual he o objecto?

R. A gloria do Grande Architecto do Universo.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meia noite, hora de encerrar nossos trabalhos.

O Muito-Grande.—Como he meia noite, &c. vão ser encerrados.

O 2° Vig.·. —II.·. Grandes Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que o Muito-Grande vai encerrar a Sublime Loja dos Grandes Eleitos no Capítulo de****, pelos numeros costumados, e que a abobada sagrada vai fechar-se.

(Depois do annuncio, o Muito-Grande diz:)

O Muito Grande — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande, fazem o sinal de facha, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, seguido pelo triplice *houzé*.

A bateria dada como na abertura, o Muito-Grande diz.)

O Muito-Grande — II.·. 1° e 2° VV.·., &c.... segunda ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio dizendo:)

2° Vig.·. — II.·. Grandes Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que a abobada sagrada está fechada, e os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo****, na sua segunda ordem.

TERCEIRA ORDEM.

GRAO

DE CAVALHEIRO D'ORIENTE.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

TERCEIRA ORDEM.

Cavalheiro d'Oriente.

SEGUNDO GENERAL.

SALA DO ORIENTE.

ABERTURA.

(O Soberano Mestre dá huma pancada, e sauda a todos os Cavalheiros, que guiados pelos Generaes, respondem pendo a mão direita sobre o coração, e inclinando o corpo.

Depois o Soberano Mestre diz:)

P. Primeiro General, qual he o primeiro dever de hum verdadeiro Cavalheiro?

R. Soberano Mestre, he precaver á segurança do Conselho, é á que nelle só possão entrar Cavalheiros.

Sobe. Mestre. — 1° e 2° Generaes, inspeccionai.

(Os dous Generaes vão examinar as portas da Torre, e vêem se os Guardas estão vigilantes. Voltão depois aos seus lugares, e então o 2° General diz ao 1° General:)

2° Gen.·. — 1° Gen.·., as guardas cercão o Palacio, o Conselho está em segurança.

P. Basta isto?

R. He necessario ainda saber se todos os que aqui estão são dignos de assistirem ao Conselho.

O Soberano Mestre. — Certificai-vos, 1° e 2° Generaes.

(Certificão-se, e o 2° Gen.·. dá conta ao 1° Gen.·. dizendo:)

2° Gen.·. — 1° General, todos os membros presentes são bons Cavalheiros.

(O 1° Gen.·. annuncia.
O Sob.·. Mes.·. diz:)

P. Em que tempo estamos?

R. Na revolução das dez semanas d'annos de cativeiro.

O Sob.·. Mes.·. — 1° e 2° Gen.·., como he assim, annuncii que o Conselho vai abrir-se.

(O 1° Gen.·. tendo repetido o annuncio, o 2° diz:)

O 2° Gen.·. — Cavalheiros, o Soberano Mestre vos previne que o Conselho vai abrir-se.

(O Sob.·. Mes.·. bate sete pancadas com os copos da espada, por cinco e dous.

Os Generaes repetem a bateria.)

O Sob.·. Mes.·. — A mim, Cavalheiros.

(Todos os II.·., guiados pelo Sob.·. Mes.·., applaudem, e dizem juntos huma só vez: *Honra aos Cavalheiros!*)

O Sob.·. Mes.·. — O Conselho está aberto, &c.... terceira ordem.

(O 1° Gen.·. repete o annuncio.)

O 2° Gen.·. — Cavalheiros, o Conselho está aberto, e os trabalhos do Capitulo de***, na sua terceira ordem.

(O Sob.·. Mes.·. bate e diz:)

Sob.·. Mes.·. a vossos lugares, Cavalheiros.

(Os Generaes repetem o annuncio.

O Sob.·. Mes.·. depois de ter dito: *Acabe o cativeiro*, abaixa a ponta da sua espada, e a levanta com velocidade para significar *Liberdade*.

Os dous Generaes dirigindo os Cavalheiros apresentão a ponta das suas espadas, abaixando-a para o chão, em signal de adhesão, levantando-as depois com velocidade.

Os Cavalheiros, guiados pelo Sob.·. Mes.·., tomão os seus lugares.)

RECEPÇAÕ.

(Hum dos guardas da Torre diz ao 2° General:)

Hum homem de luto, &c.... o Conselho.

(O 2° Gen.·. diz ao 1° Gen.·.)

O 2° Gen.·. — 1° Gen.·., hum homem de luto quer penetrar no Conselho.

(O 1° Gen.·. o diz ao Sob.·. Mes.·., que diz:)

O Sob.·. Mes.·.—Informai-vos &c.... huma exacta conta.

(O 1° Gen.·. tendo repetido o annuncio, o 2° Gen.·. diz aos guardas da Torre:)

O 2° Gen.·.—Informai-vos quem he elle, tomai as maiores precauções, e dai-me huma exacta conta.

(Hum dos guardas da Torre faz o seu relatorio ao 2° Gen.·., que diz:)

2° Gen.·.— 1° Gen.·., Zorobabel cativo, o primeiro entre seus iguaes, quer comparecer perante o Trono; e vem sollicitar da clemencia do Soberano Mestre, a liberdade para os compatriotas, e a permissão de reedificar o Templo do Grande Architecto

O Sob.·. Mes.·.—Pois que justos motivos, &c. seja concedida.

(O 1° Gen.·. diz ao 2°, e este dirigindo-se aos Cavalheiros da sua columna, lhes diz:)

O 2° Gen.·.—Cavalheiros, (*e depois voltando para os guardas da Torre, continua:*) O Sob.·. Mes.·. permitte ao cativo que appareça com a face descoberta.

(O Sob.·. Mes.·. diz:)

O Sob.·. Mes.·.—Generaes e Cavalheiros, tanta força, &c.... Sois de voto que seja posto em liberdade?

(Os Cavalheiros, guiados pelos Generaes, dão com as espadas o signal de consentimento.)

SALA DO OCCIDENTE.

(O Recipiendario bate á porta por tres, cinco, sete, e nove.

O 2° Vig.·., prevenido pelo I.·. Cobridor que se bate como Grande Eleito, dá sete pancadas com os copos da espada, que sendo repetidas pelo 1° Vig.·. e o Muito Illustre Mestre, diz ao 1° Vig.·.:)

O 2° Vig.·.—Illustre 1° Vig.·., bate-se á porta como Grande Eleito Escocez.

(O Muito Illustre Mestre diz ao 1° Vig.·., que o repete ao 2°, e este ao I.·. Cobridor.)

O 2° Vig.·.—Vêde quem bate.

(Depois da resposta do I.·. Explorador, o 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.)

O 2° Vig.·. — Illustre 1° Vig.·., he hum de nossos II.·. cativos que traz a noticia da sua liberdade.

(Com ordem do Muito Illustre, o 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·., e este ultimo ao I.·. Experto:)

2° Vig.·. — Perguntai-lhe seu nome, qual he o seu Paiz, sua idade, e que novidade traz.

(O I.·. Experto dá conta ao 2° Vig.·., que diz ao 1° Vig.·.:)

O 2° Vig.·. — Zorobabel, do paiz além do Rio, ao Occidente d'Assyria, d'idade de dez semanas d'annos, traz a noticia da liberdade, e a permissão da reconstrucção do Templo.

(Depois das perguntas do costume, o Muito Illustre Mestre diz:)

O Muito Illustre Mestre. — Penso que Zorobabel he digno de ser admittido entre nós. consentis?

(Os Cavalheiros, guiados pelos VV.·., fazem o sinal de consentimento, o braço extendido na altura do hombro, e a mão levantada.)

SEGUNDA ENTRADA.

(O Mestre de Ceremonias bate como Cavalheiro sete pancadas com o pé sobre o pavimento. Os VV.·. annuncião conforme o uso.

O Muito-Illustre Mestre diz:)

O Muito-Illustre Mestre.—Vêde quem bate.

(O 1° Vig.·. o diz ao 2° Vig.·. que depois de se ter certificado, lhe diz:)

2° Vig.·.—He o Retipiestrario que quer entrar.

(Depois do discurso e instrucção, o Muito Illustre Mestre faz a proclamação. Os dous VV.·. a repetem.)

O 2° Vig.·.—Cavalheiros, reconhecereis para o futuro o I.·. N. . ., por membro do Conselho dos Cavalheiros do Oriente do Capitulo de **** na sua terceira ordem.

(Feita a proclamação, o Muito-Illustre Mestre diz:)

O Muito-Illustre Mestre.—Illustres II.·. VV.·.

II.·. Cavalheiros, consentis que Zorobabel presida a nossos trabalhos?

(Todos os Cavalheiros, guiados pelos VV.·., fazem com as suas espadas o sinal de consentimento.)

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Cavalheiro?

R. Recebi este caracter.

P. Fazei-vos conhecer melhor.

R. Começai, e acabarei.

P. Judas.

R. Benjamim.

P. Como chegastes a este gráo?

R. Pela humildade e paciencia.

P. A quem vos dirigistes?

R. A'quelle de quem dependia a nossa libertação.

P. Concedeu elle o vosso pedido?

R. Depois de me ter experimentado, concedeu-me a liberdade e a todos os meus II.·., e me honrou com o titulo de Cavalheiro do Oriente.

P. Que fizestes depois de ter obtido a liberdade?

R. Retirei-me para a minha Patria, a fim de nella achar o resto dos meus II.·.

P. Onde vos recebêrão elles?

R. Em hum Conselho reunido sobre as ruinas do Templo.

P. Como estava illuminado o Conselho?

R. Com dez grupos de sete luzes.

P. Que significa este numero de luzes?

R. O tempo do cativeiro.

P. Qual era a vossa obra?

R. Trabalhar na reedificação do Templo do Grande Architecto.

P. Como tendes ali trabalhado?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. Por que plano foi reconstruido o Templo?

R. Pelo plano do Templo destruido.

P. Onde se forão buscar os materiaes?

R. As pedras forão tiradas das pedreiras de Tyro, e as madeiras das florestas do Libano, por ser necessario que o Templo se assemelhasse em tudo ao primeiro.

P. Que applicação se deve fazer?

R. Que a Maçonaria deve ser unica, e não póde soffrer mudança alguma sem alterar os seus principios.

P. Que forma tinhão as cadêas dos captivos?

R. Erão triangulares.

P. E porque?

R. Os vencedores, conhecendo o respeito que os vencidos consagravão ao Delta, derão esta forma ás cadêas para mais mortifica-los.

P. Que significão as palavras de reconhecimento?

R. O nome da classe dos que trabalhão na reedificação.

P. Porque temos adoptado a côr verde mar?

R. Em memoria do acontecimento, por gratidão, e na esperança do restabelecimento.

P. Em que estado achastes os Maçons quando chegastes ás ruinas do Templo?

R. Em luto e abatimento, estado de todas as Lojas entregues á confusão e á desordem.

P. Que significão as columnas lançadas por terra, os instrumentos e os moveis fóra de seus lugares?

R. Que toda a Loja composta d'Irmãos indiscretos e viciosos perde a harmonia, seu principal ornamento, e não pode tardar a destruir-se.

P. Que significão os obstaculos encontrados na passagem da ponte?

R. O desejo ardente que deve ter todo o bom Maçon d'instruir-se, e as difficuldades que deve esforçar-se a vencer, para chegar á descoberta da verdade.

P. Que significa a resistencia que fizerão os novos constructores contra seus inimigos, durante o tempo da reedificação?

R. Os esforços com que todo o Maçon deve oppôr-se á introducção dos vicios e abusos.

P. Que arte professais?

R. A Maçonería.

P. Que Edificios construis?

R. Templos e Tabernaculos.

P. Em que lugar os edificais?

R. Por falta de terreno, nós os edificamos no coração.

P. Que idade tendes?

R. Dez semanas d'annos.

ENCERRAMENTO.

P. I.·. 1º Vig.·., quem sois?

R. Maçon livre e Cavalheiro.

P. Como trabalhais?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. D'onde vindes?

R. Do Oriente.

P. Que trazeis?

R. A liberdade de trabalhar.

P. Qual he a vossa obra?

R. Restabelecer o Templo do Grande-Architecto.

P. Que idade tendes?

R. Dez semanas d'annos.

P. Em que tempo estamos?

R. No instante da reedificação.

O muito-illustre Mestre. — Cobre o tempo está, &c..... terceira ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.)

O 2° Vig.·. — Cavalheiros, o Conselho dos Cavalheiros vai fechar-se e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(O Muito-Illustre-Mestre diz:)

O Muito-Illustre-Mestre. — A mim, meus II.·.

(Todos os Cavalheiros, guiados pelo Muito-Illustre Mestre, fazem o sinal, e applaudem por cinco, e dous, e dizem huma vez: *Honra aos Cavalheiros!*

O Muito-Illustre Mestre bate com os copos da espada por cinco e dous, repetidos pelos VV.·., e diz:)

O Muito-Illustre-Mestre. — O Conselho está fechado, &c..... terceira ordem.

(Os VVig.·. repetem o annuncio.)

O 2° Vig.·. — Cavalheiros, o Conselho está fechado, e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(O Muito-Illustre-Mestre bate huma pancada, e todos se retirão em paz.)

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ROZA-CRUZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

QUARTA ORDEM.

Roza-Cruz.

EXCELLENTE E PERFEITO SEGUNDO VIG.·.

ABERTURA.

(O Muito-Sabio bate huma pancada que he repetida pelos VV.·., e diz:)

O Muito-Sabio.—Muito Excellentes e Perfeitos II.·., ajudai-me a abrir o Capitulo de Roza-Cruz.

(Os VV.·. repetem o convite, dizendo cada hum na sua respectiva columna:)

2° Vig.·.—Muito Excellentes e Perfeitos II.·.,

ajudemos o Muito-Sabio a abrir o Capitulo d
R.·. †.

(Depois o Muito-Sabio diz:)

P. Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1.º Vig.·.
qual he o vosso dever?

R. Muito-Sabio, he saber se o Capitul
está bem coberto, e se todos os II.·. presen-
tes são Cavalheiros R.·. †.

O Muito-Sabio.—Muito-Excellentes e Perfei-
tos II.·. 1.º e 2.º VV.·., certificai-vos.

(O 2.º Vig.·. toma os sinaes, palavras e to-
que, e a palavra de passe do Mestre de Cere-
monias, e depois diz:)

O 2.º Vig.·.—Vêde, Muito-Perfeito I.·., se o
Capitulo está bem coberto.

(O Mestre de Ceremonias sahe para execu-
tar a ordem, e quando entra, dá conta do que
achou ao 2.º Vig.·.

Ao mesmo tempo os VV.·., cada hum na
sua columna vão tomar aos II.·. as palavras.
sinaes, e toque do grao; e quando voltão aos
seus lugares, dão conta ao Muito-Sabio por
meio do 1.º Vig.·. que diz:)

O 1º Vig.∴ — Muito-Sabio, todos os II.∴ presentes são Cavalheiros R.∴ †.

(O Mestre de Ceremonias logo que entra, dá conta ao 2º Vig.∴ que bate huma pancada de malhete sobre o do 1º Vig.∴, e lhe diz:)

O 2º Vig.∴ — Muito-Excellente e Perfeito I.∴ 1º Vig.∴, o Capitulo de R.∴ † está bem coberto.

(O 1º Vig.∴ dá huma pancada sobre o malhete do 2º Vig.∴; e depois que o Muito-Sabio a repetio, o 1º Vig.∴ lhe diz:)

O 1º Vig.∴ — Muito-Sabio, o Capitulo de R.∴ † está bem coberto.

P. Muito Excellente e Perfeito I.∴ 1º Vig.∴, que horas são?

R. He o instante em que o véo do Templo se rompeu; que as trevas se espalhárão sobre a superficie da terra; que a luz se obscureceu; que as columnas e as ferramentas da Maçoneria forão quebradas; que a Estrella flammejante desappareceu; que a pedra cubica suou sangue e agua, e que a palavra se perdeu.

O Muito-Sabio. — Como a Maçoneria, &c.... Capitulo de R.∴ †.

(Os VV.∴, cada hum na sua Columna, dizem:)

Os VV.∴ — Muito-Excellentes e Perfeitos, II.∴ Cavalheiros, o Muito-Sabio vai abrir o Capitulo de R.∴ †; reunamo-nos á elle.

(O Muito-Sabio bate sete pancadas por seis e huma separada.

O 2° Vig.∴ repete a bateria.

O Muito-Sabio, depois de ter feito o sinal &c. diz:)

O Muito-Sabio. — O Capitulo de R.∴ † está aberto, e os trabalhos do Capitulo de****, na sua quarta ordem.

(Os VV.∴ repetem o annuncio.

Applaude-se por sete, dizendo outras tantas vézes *houzé* (*).

O Muito-Sabio dá huma pancada repetida pelos VV.∴, e todos os II.∴ tomão seus lugares sobre banquetas da altura de hum escabello.)

(*) Não deve bater-se nas mãos na primeira Camara.

RECEPÇAÕ.

(O Muito-Sabio diz:)

P. Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·. qual he o objecto da nossa reunião?

R. Muito-Sabio, a propagação da Ordem, e a perfeição de hum Cavalheiro do Oriente que pede ser admittido entre nós.

(O Mestre de Ceremonias, acompanhado do Recipiendario, bate como Cavalheiro do Oriente.

O 2° Vig.·., depois de avisado pelo I.·. Experto, diz ao 1° Vig.·.)

2° Vig.·. — Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·., bate-se á porta do Capitulo como Cavalheiro do Oriente.

(O 1° Vig.·. diz o mesmo ao Muito-Sabio, que lhe responde:)

O Muito-Sabio. — Fazei ver quem bate.

(O 1° Vig.·. o diz ao 2°, e este diz ao I.·. Experto:)

2° Vig.·. — Vêde quem bate.

(O I.·. Experto pergunta ao Recipiendario:)

P. Que quereis?

(O Mestre de Geremonias responde:)

R. He hum I.·. Cavalheiro do Oriente, &c.... tornar a acha-la.

(O I.·. Experto o diz ao 2° Vig.·., e este ao 1° Vig.·.).

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, he hum I.·. Cavalheiro do Oriente, errante nos bosques e montanhas, que perdeu a palavra na segunda destruição do Templo, e que deseja com o vosso socorro tornar a acha-la.

(O 1° Vig.·. o diz ao Muito-Sabio que responde:)

O Muito-Sabio. — Franqueai-lhe a entrada.

(A ordem executada, e o Recipiendario collocado entre os dous VV.·., o 1° Vig.·. dá huma pancada que repete o 2° Vig.·. e o Muito-Sabio, e depois diz a este ultimo:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, eu vos apresento hum Cavalheiro de Oriente que procura a palavra.

(Ás viajens terminadas, e o Recipiendario collocado entre os VV.·., o 1° Vig.·. bate e diz:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Perfeito Mestre, o Recipiendario acabou as suas viajens.

(Depois de juramento e de estar vestido o Recipiendario, o Muito-Sabio faz aos VV.·. as seguintes perguntas:)

P. Qual he o motivo da nossa reunião?

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, a pedra cubica derrama sangue e agua, pela relaxação dos Maçons em suas obras, e pelo successo da Maçoneria exposta sobre o cume de huma alta montanha.

P. Que significa este mysterio?

R. A perda da palavra, que com vossa ajuda esperamos tornar a achar.

P. O que he necessario para consegui-lo?

R. Abraçar a nova Lei; estar plenamente convencido das tres virtudes que são suas columnas, base, e principios.

P. E quaes são ellas?

R. Fé, Esperança, Caridade.

P. Como acharemos nós estas três columnas?

R. Viajando e errando na obscuridade a mais profunda.

(Todos os II.·. viajão em silencio, segundo suas cathegorias, e fazem sete vezes o giro do Capitulo.

No terceiro giro, o Muito-Sabio entra na Camara encarnada.

No quarto giro, os VV.·., e depois os outros.

Quando todos os Cavalheiro tiverem entrado na Camara encarnada, o Mestre de Ceremonias faz bater ao Recipiendario sete pancadas como Cavalheiro R.·. †.

O 2° Vig.·. dá huma pancada de malhete, repetida pelo 1° Vig.·., a quem elle diz:)

O 2° Vig.·. — Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·., bate-se á porta do Capitulo, como Cavalheiro R.·. †.

(Depois de se estar certificado conforme o uso, o 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.)

O 2° Vig.·. — Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·., he hum Cavalheiro que depois de ter

perèorrido os espaços mais profundos, espera dar-vos a palavra como fructo dos seus trabalhos.

(O 1° Vig.·. o diz ao Muito-Sabio, que lhe diz:)

O Muito-Sabio.— Seja introduzido no Occidente, e nós o interrogaremos.

(Executada a ordem conforme o uso, e o Recipiendario collocado entre os dous VV.·., o 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.)

O 2° Vig.·. — Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·., eis hum Maçon que vem ajudar-nos a achar a palavra perdida, e que deseja ser perfeito Maçon.

(Depois das perguntas do costume, o Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio.·. Meus II.·., recobrou-se a palavra; e por isso seja-lhe concedida a luz.

(Os VV.·. tirão promptamente o véo de que estava cóbertó o Recipiendario.

Depois que o Recipiendario tiver recebido do Muito-Sabio as instrucções que deve ter, e

que se achar collocado entre os VV.∴, o Muito-Sabio faz a proclamação.

Os VV.∴ a repetem dizendo:)

Os VV.∴ — Muito-Excellentes e Perfeitos II.∴ Cavalheiros, reconhecereis para o futuro o I.∴ N...., na qualidade de Cavalheiro da Aguia, Perfeito Maçon livre, com o titulo de R.∴ ✝, membro do Soberano Capitulo de**** na sua quarta ordem.

(Todos os II.∴, guiados pelo Muito-Sabio, applaudem por sete, dizendo outras tantas vezes *houzé*.)

INSTRUCÇÃO.

P. Sois R.∴ ✝?

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, tenho essa fortuna.

P. Onde fostes recebido?

R. Em hum Capitulo onde reinavão a decencia e a humildade.

P. Quem vos recebeu?

R. O mais humilde de todos.

P. Que entendeis por esta palavra?

R. Que nas nossas reuniões só nos distinguimos pela humildade e obediencia.

P. Como fostes recebido?

R. Com todas as formalidades requeridas em tão grande objecto.

P. Como fostes apresentado em Capitulo?

R. Com todos os meus sentidos, e de minha plena vontade.

P. Que vistes quando entrastes?

R. Minha alma ficou extasiada ao aspecto do que vi; o silencio, a situação dos Cavalheiros, tudo me fez conceber huma grande idéa do que ia saber.

P. Que fizerão de vós depois da introducção?

R. Fizerão-me viajar.

P. Que aprendestes nas vossas viajens?

R. Vi os tres sustentaculos do nosso Edificio; ensinárão-me os seus nomes que repeti, e que para sempre gravei em meu coração.

P. Quaes são estes nomes?

R. Fé, Esperança, Caridade.

P. Logo que acabárão as vossas viagens, os vossos trabalhos ficárão perfeitos?

R. Não; o Muito-Sabio ordenou me conduzissem aos pés daquelle perante quem tudo se prostra, para ali prestar o meu juramento.

P. E como o prestastes?

R. No mais respeitoso estado, o coração

penetrado de quanto dizia, e na firme resolução de observar restrictamente tudo quanto tinha promettido.

P. Que fizerão de vós ao depois?

R. Revestirão-me com os sinaes de dôr e de arrependimento; ensinárão-me a significação de cada cousa, e em memoria do que a fazia; depois todos os Cavalheiros fizerão huma viajem commemorativa, a qual nos fez passar da tristeza á alegria logo percorremos obscuros caminhos, tenebrosos e cheios de horror; mas a firmeza com que cada hum de nós supportou as fadigas, nos adquirio a recompensa que desejavamos.

P. Que procuraveis nesta viajem?

R. A verdadeira palavra perdida pela relaxação dos Maçons.

P. Tornastes a acha-la?

R. A nossa perseverança nos fez recobra-la.

P. Quem vos deu a palavra?

R. Não he permittido a ninguem dar-nos a palavra; mas tendo reflectido no que vi e ouvi, achei-a por mim mesmo, com ajuda daquelle que he seu autor.

P. Dai-ma.

R. Não posso. Interrogai-me sobre as mi-

nhas viagens, meu nome, meu paiz, e diligenciai fazer como eu fiz.

P. Donde vindes?

R. Da Judéa.

P. Por que cidade passastes?

R. Por Nazareth.

P. Quem vos conduzio?

R. Raphael.

P. De que tribu sois?

R. De Judas.

P. Nada coligi das vossas respostas, meu Irmão.

R. Fazei como eu fiz; ajuntai as letras iniciaes de cada palavra, e achareis o objecto de nossas viagens e de nossos mysterios.

P. J.

R. N.

P. R.

R. J.

P. Nada mais vos detão?

R. A palavra de passe, que he E.·., sinaes, e hum toque para fazer-me reconhecer.

P. Dai-me o primeiro sinal.

R. (Faz o sinal.)

P. Dai-me a resposta.

R. (Dá-lha.)

P. Dai-me o toque.

R. (O que o recebeu diz: He justo, Muito Sabio.)

P. Qual he a ordem do grão?

R. O bom Pastor.

P. Que fizerão de vós depois de vós terem dado os meios de fazer-vos reconhecer?

R. O Muito-Sabio e todos os Cavalheiros me constituirão Cav.·. da Aguia, Perfeito Maçon livre, debaixo do titulo de R.·. †; condecorárão-me com a fita encarnada e com a joia e depois de me terem feito conhecer a todos os Cavalheiros, tomei lugar no Capitulo.

P. Que se fez depois?

P. O Muito-Sabio nos fez huma exhortação, tratou dos negocios do Capitulo da maneira costumada, e todos os Cavalheiros se retirárão em paz.

ENCERRAMENTO.

(O Muito-Sabio dá sete pancadas de malhete, repetidas pelos VV.·.

Todos os Cavalheiros estão em pé, e á ordem

P. Muito Excellente e Perfeito I.·. 1º Vig.·. que horas são?

R. Muito-Sabio, he a hora do Perfeito Maçon.

P. Qual he a hora do Perfeito Maçon?

R. He o momento em que se recobrou a palavra; que a pedra cubica se mudou em roza mystica; que a Estrella flammejante tornou a apparecer em todo o seu esplendor; que nossas ferramentas retomárão a sua forma; que luz se mostrou a nossos olhos com todo o seu brilhantismo; que as trevas se dissipárão, devendo a nova Lei Maçonica reinar d'ora em diante em nossos trabalhos.

O Muito-Sabio.—Sigamos pois esta Lei, &.. ferio nossos olhos.—Muito-Excellentes e Perfeitos II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai que o Capitulo vai fechar-se.

(Os VV.·. fazem o annuncio, dizendo:)

Os VV.·. — Muito-Excellentes e Perfeitos II.· Cavalheiros, vai fechar-se o Capitulo de R.·. †.

O Muito-Sabio.—Muito-Excellentes e Perfeitos II.·. Cavalheiros, o Capitulo de R.·. †, e os trabalhos do Soberano Capitulo de****, na sua quarta ordem, estão fechados. Façamos o nosso dever.

(Todos os II.·. fazem o 2º sinal, depois huma genuflexão, guiados pelo Muito-Sabio, e dizem sete vezes *houzé*.)

NOTA. Os Cavalheiros esperão em silencio que os venhão advertir para a ceremonia do Banquete, se o houver.

FIM DO CADERNO DE SEGUNDO VIGILANTE.

Rio de Jan. Typ. Imp. e C. de Seignot-Plancher e C.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÃOS MYSTERIOSOS.

ORADOR.

Rio de Janeiro.

1854.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

ORADOR.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER ET C°,
Rue d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

BRÁOS MYSTERIOSOS,

OU DAS

QUATRO ORDENS SUPERIORES

do Rito Francez.

QUARTA PARTE.

ORADOR.

RIO DE JANEIRO.

PRIMEIRA ORDEM.

GRÁO

DE ELEITO SECRETO.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRA ORDEM.

Grão de Eleito Secreto.

ORADOR.

DISCURSO HISTORICO.

Acabada a pompa funebre, e principiados de novo os trabalhos, tratou logo Solomão de descobrir os assassinos de Hiram, para os fazer experimentar huma punição proporcionada ao seu crime.

A ausencia dos tres Companheiros, e as suas ferramentas, instrumentos de seus attentados, nenhuma duvida deixavão á cerca dos criminosos. O mais velho dos tres, como o mais culpado, foi designado especialmente pelo nome in-

fame de *Abibalk* (parricida). Hum homem desconhecido se veio apresentar á porta do palacio, e tendo-se feito introduzir secretamente na camara do Rei, revelou-lhe o lugar em que se achavão escondidos os assassinos.

Solomão não quiz confiar a estranho algum huma commissão tão delicada, e reunindo durante a noite o Conselho extraordinario dos Mestres, declarou-lhes que d'entre elles precisava nove para huma commissão importante que exigia coragem e actividade; que elle conhecia o seu zelo e desvelo; que a nenhum queria mostrar preferencia; que só a sorte decidiria, e que o primeiro que ella designasse, seria o chefe da empreza. Fez depois lançar todos os nomes n'hum escrutinio. O primeiro nome que sahio foi de Joaben, e foi este o chefe da empreza. Os outros oito forão eleitos successivamente.

Solomão despedio os Mestres, conservando junto a si os nove Eleitos. Retirou-se com elles ao lugar mais recondito dos trabalhos, e ali lhes expôz a descoberta que acabava de fazer; e concertou com elles as medidas que devião tomar-se para assegurar hum exito feliz. Os Eleitos prestárão juramento de vingar a morte

de Hiram. Tomárão por palavra de reconhecimento o nome do mais criminoso, e sahirão da Cidade antes de romper o dia, a fim de não serem vistos por pessoa alguma, marchando sempre por circuitos e paizes pouco trilhados, e conduzidos pelo desconhecido. Chegárão a 27 milhas de Jerusalem, do lado de Jappa, junto a huma caverna perto do mar, chamada a Caverna de Ben-acar (filho da esterilidade, ou lugar esteril) onde Abibalk, matador de pai, e os seus cumplices vinhão esconder-se. Quasi no fim do dia avistárão dous homens, que com passos precipitados marchavão para a caverna. Bem depressa forão reconhecidos por criminosos, porque apenas descobrirão a tropa, largárão a fugir a travez dos rochedos, e se precipitárão n'hum abismo, onde os Mestres os encontrárão expirando. Joaben, hum pouco desviado dos seus camaradas, reconheceu o caminho do desconhecido, o qual se dirigia para a caverna, guiando-se pelas pegadas de quem antes havia por ali passado. Este zeloso Maçon ali correu só, e penetrou por huma descida escabrosa de nove degráos, cortada na rocha. Ajudado pela luz de huma lampada, avistou o traidor que acabava de entrar e se dispunha ao re-

pouco. Este desgraçado, ao ver o Mestre que logo reconheceu, sacrificou-se a si mesmo, enterrando hum punhal no coração. Joaben apoderou do punhal do traidor, e sahio da caverna victorioso. Ao sahir, percebeu huma fonte de agoa que rebentava d'entre os rochedos e ali correu para refrescar-se e animar a sua agitação. Os Eleitos resolvêrão deixar o corpo exposto ás bestas ferozes, apoderárão-se das cabeças dos tres scelerados, e puzerão-se a caminho logo que o sol transpontou. Chegárão nessa mesma noite a Jerusalem, onde surprehenderão agradavelmente Salomão dando-lhe conta da sua expedição. Testemunhou este aos nove Mestres toda a sua satisfação, e quiz que tivessem o nome distinctivo de Eleitos. Juntou-lhes mais seis Mestres que não tinhão feito parte da expedição; e que elevou o numero dos Eleitos a quinze em lugar de nove que erão no principio. Obtiverão por marca de condecoração huma grande falha preta que lhes passava da espadua esquerda ao quadril direito, e da extremidade da qual pendia hum punhal de ouro. As palavras de reconhecimento e os sinaes forão analagos á acção que acabarão de praticar. Cedo o andar do tempo veio a ser

o seu emprego a inspecção geral, a que os tornava proprios o ardor e a severidade de que havião dado provas. Quando se tratava de processar ou de pronunciar sobre a sorte de algum Maçon, o Rei os convocava extraordinariamente em hum lugar secreto.

O desconhecido, que não passava de pastor, foi amplamente recompensado. Entrou no numero dos Maçons, e com o tempo e quando se achava já sufficientemente instruido chegou a ser Eleito. As cabeças dos scelerados ficárão expostas por tres dias no interior das obras, com o instrumento que tinha servido ao seu attentado: no fim desse tempo forão consumidas pelo fogo, as suas cinzas lançadas ao vento, e suas ferramentas despedaçadas.

O crime e a punição ficárão em segredo.

Solomão quiz que tudo ficasse concentrado entre os Maçons.

Terminada a vingança se curou de pôr fim á sua obra.

SEGUNDA ORDEM.

GRAO D'ESCOCEZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDA ORDEM.

Grão d'Escocez.

ORADOR.

DISCURSO HISTORICO.

Punidos os assassinos, estavão concluidos os trabalhos, e só restava ao grande Rei depositar em hum lugar seguro o verdadeiro nome do Gr.·. Ar.·. do U.·., cujos caracteres erão conhecidos desde a sua apparição no monte Horeb, sobre hum triangulo radiante.

Sua pronunciação era ignorada pelo povo; ella se transmittia huma vez por anno; o grande-Sacerdote pronunciava este nome soletrando-o, cercado de todos aquelles que tinhão direi-

to a ouvi-lo. Durante esta ceremonia, ordenava-se ao povo que fizesse grande bulha, para que a palavra não fosse ferir os ouvidos de quem a não devesse conhecer.

Solomão julgou dever deposita-la em hum subterraneo do Templo, como hum typo immutavel. Tinha feito construir debaixo da parte mais mysteriosa do Templo huma abobada secreta no meio da qual collocou hum pedestal triangular, a que deu o nome de pedestal da sciencia; descia-se a ella por huma escada de 24 degráos dividida em patamares de 3, 5, 7, e 9. Esta abobada secreta só era conhecida de Solomão e dos Mestres que nella tinhão trabalhado.

Hiram gravou a palavra sobre hum triangulo do mais puro metal; mas receando perde-la a trazia sempre ao pescoço, com a gravura do lado do peito e o reverso para fóra offerecendo só huma superficie lisa, e do mais perfeito polido. Na occasião do seu assassinato, teve a felicidade de privar-se deste Delta precioso, e de lança-lo em hum poço que havia no canto do Oriente, ao Meio-dia. Solomão testemunhou o receio que tinha de que este precioso triangulo viesse a cahir em mãos profanas, e deu ordem para que fosse procurado.

Tres Mestres tiverão a felicidade de o descubrir. Passando junto ao poço pela volta do meio dia, avistárão no fundo huma cousa que reluzia. Hum delles, ajudado pelos seus camaradas, desceu ao poço, e ali encontrou o objecto de suas pesquizas. Cheios de prazer se apresentárão a Solomão. A' vista do Delta, Solomão, dando hum passo para traz, levantou os braços ao Céo em sinal de admiração e exclamou: *El.·.!* (graças a Deos!)

Mandou chamar immediatamente os quinze Eleitos e os nove Mestres que tinhão trabalhado na construcção do Templo. Acompanhado por elles, e pelos tres que tinhão feito a descoberta, desceu á abobada secreta, fez incrustar o Delta no centro do pedestal e o cobrio com huma pedra agathe, cortada em forma triangular, e sobre a qual fez gravar, na face superior, a palavra substituida; na face inferior, todas as palavras secretas da Maçoneria; e nas quatro faces laterães as combinações cubicas desses numeros, d'onde lhe veio o nome de Pedra cubica. Solomão fez collocar em frente tres lampadas, tendo cada huma nove torcidas que ardião perpetuamente; communicou-lhes a antiga lei que

prohibia o pronunciar o nome do Gr.·. Arch.·., e depois de haver recebido delles o juramento inviolavel de nunca revelarem o que se acabava de passar, deu-lhe o nome da abobada secreta, e fez fechar a entrada ficando o seu conhecimento só aos 27 Grandes Eleitos e seus successores. Jurárão estes entre si huma eterna alliança, e por prova desta alliança, Solomão lhes deu hum annel do mais puro metal. Subidos ao Templo, admirárão a belleza da obra, e dérão graças ao Gr.·. Arch.·. do U.·.. Morto Solomão, governárão-se por si mesmo seguindo as suas leis, e dedicados sempre á conservação da obra.

O Templo foi destruido pelos Assyrios, mas os Architectos lhe sobreviverão. Edificou-se hum novo Templo, do qual elles se encarregárão. Este segundo edificio pereceu no reinado de Tito; elles ficárão desconhecidos, mas sempre unidos, e novos trabalhos os fizerão conhecer na Palestina. Depois de huma guerra infeliz, formárão diversos estabelecimentos uteis e associações virtuosas. Por toda a parte brilhavão as suas virtudes. Na côrte, no exercito, no conselho dos Reis, no sanctuario da justiça, a sua sciencia servia para torna-los mais sociaveis.

ou mais humanos. Ligados pela fé do juramento, experimentavão as mesmas vicissitudes; erão o sustentaculo da innocencia, os vingadores do crime, as columnas dos Imperios, o flagello dos máos, e as barreiras da impiedade: tal era o objecto dos Maçons Escocezes.

A França, a Inglaterra, a Italia, a Suecia, a Palestina, a Assyria e o Egypto, são tambem outros tantos testemunhos.

A Assyria se recordará constantemente dos feitos gloriosos de hum Bohemon, e da surpreza de Antioque, tomada ao Arabe insolente.

O Egypto se recordará da sua constancia heroica.

Damas foi o baluarte de seus trabalhos.

Os désertos faráõ prova do seu saber profundo.

A Palestina e Jerusalem são testemunhas da entrada de Luiz IX.

Estes lugares virão o soldado desarmado, regar com as suas lagrimas huma terra consagrada pela presença de personagens taõ illustres.

A Inglaterra e a Escocia são testemunhas dessas instituições admiraveis que honrão a virtude, extirpão o vicio, e annuncião a verdade.

A Suecia he testemunha das virtudes de Eldaric, e das dos Cav.' do seu tempo.

Os tumulos são ainda testemunhas de quantos guerreiros Maçons enterrárão comsigo no pó do feretro as marcas da sua confederação.

Quantas associações hoepitaleiras devem a sua origem a nossos illustres predecessores! Na verdade dellas só vemos tristes imagens. Tal he a sorte dos estabelecimentos humanos; a mão do tempo se imprime igualmente sobre as Ordens e sobre os metaes. Disso temos hum novo exemplo na Revolução Franceza.

Vêde o que fomos e o que somos hoje.

Admittido, meu I.·., a este gráo superior, trabalhai incessantemente por descobrir a verdade, e provai aos Maçons menos instruidos, que tendes sobre elles a superioridade pelos vossos exemplos, trabalhos, e virtudes.

TERCEIRA ORDEM.

GRÁO

DE CAVALHEIRO D'ORIENTE.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

TERCEIRA ORDEM.

Cavalheiro d'Oriente.

GRANDE ORADOR.

DISCURSO HISTORICO.

O Templo de Solomão e a gloria do povo que o possuia não poderão resistir ao furor dos seus inimigos. As dez tribus que compunhão o Reino de Israel havião sido vencidas, e só restavão as de Judas e de Benjamim, que se defendêrão por algum tempo, mas em fim Nabuchodonosor emprehendeu o arco de Jerusalem no decimo oitavo anno do seu reinado, e no décimo primeiro de Sedecias, vigesimo primeiro Rei da raça de David.

A Cidade Santa foi atacada e defendida com valor inaudito; o assedio foi por muito tempo porfiado e cruel; mas em fim os habitantes consumidos pela fome e fadiga, abatidas as fortificações, a despeito da vigilancia, actividade e zelo dos Maçons, foi a Cidade tomada por assalto ao decimo oitavo dia do assedio.

O inimigo se dirigio ao Templo, onde se havião refugiado os principaes da Cidade com as suas riquezas, assim como Sedecias e toda a sua casa.

Os Maçons livres tentárão huma nova defesa, porém obrigados a ceder á superioridade do numero, rendêrão-se á discrição. Apenas Nabuchodonosor soube esta noticia ordenou ao seu General Nabuzardan que destruisse o Templo desde os alicerces até ao cume, depois de haver recolhido todos os thesouros; que reduzisse a cinzas o palacio, destruisse inteiramente a Cidade, e conduzisse o Rei e o povo cativos a Babylonia (606 annos antes de J.· C.·).

Nabuzardan fez a sua entrada triunfante em Babylonia, arrastando apoz si todos os cativos carregados de ferros, sem excepturar o mesmo Sedecias que morreu tres annos depois.

Erão os anneis de suas cadêas de forma triangular: assim o tinha ordenado o vencedor em ludibrio do respeito que os vencidos consagravão ao Delta.

Grande foi a dôr dos Maçons livres ao ver destruir em hum instante hum edificio, chefe d'obra da mão dos homens, e dirigido pela do Gr.·. Arch.·.; as suas lagrimas só cessárão no grande dia da sua liberdade, quando lhes foi permittido reedificar o Templo sob o modelo do antigo.

Esta graça, depois de dez semanas de annos de cativeiro, lhes foi concedida por Cyro, Principe tão conhecido pela sua humanidade como pelas suas victorias. Este conquistador, senhor de todo o Oriente, teve huma visão, em que lhe pareceu ouvir huma voz que lhe ordenava concedesse a liberdade aos cativos. Daniel, chegando a ser Grande do Imperio, lhe explicou o seu verdadeiro sentido.

Zorobabel, do sangue dos Principes de Judas, tendo obtido entrada no Conselho de Cyro, pedio o resgate da sua nação, e a permissão de reedificar o Templo segundo o plano do antigo. O Rei lhe concedeu tudo com bondade, restituio-lhe os thesouros tirados pelos

seus antecessores, honrou Zorobabel com o titulo de Cav.·. da sua ordem, e mandou que a elle e seus compatriotas se fornecesse todo o soccorro e assistencia.

Zorobabel recebeu do Grande Thesoureiro as riquezas do Templo, e fixou a sua partida para o dia que correspondia ao de 22 de Março, e chegou sem obstaculo á margem do rio que separa a Assyria da Judéa. Ali fez lançar huma ponte para passar o povo que o seguia, mas os de além mar, animados por hum sentimento de ciume, se ligárão para disputar-lhe a passagem. Este Principe, depois de hum sanguinolento combate, conseguio tornar a passagem livre. No combate, perdeu as marcas de honra que Cyro lhe havia outorgado. Armado de huma espada, que só com a vida podia perder, ajudado pelos bravos Maçons que o seguião, alcançou pôr em derrota os inimigos que com a sua fuga deixárão o caminho livre a Zorobabel e aos seus para passarem a Jerusalem.

Depois da destruição desta Cidade muitos dos seus compatriotas, escapados aos furores da guerra, estavão desprezados e miseraveis. Entre elles se achavão alguns Grandes Eleitos,

que em segredo se reunião para chorar a desgraça de seus Irmãos, e praticar as ceremonias da sua Ordem. Estes zelosos Maçons procurárão entre as ruinas, a entrada da abobada secreta que não havia sido descoberta na occasião da destruição do Templo.

Tendo achado a entrada, conseguirão chegar ao pedestal da sciencia; e descobrir a lamina de ouro debaixo da pedra cubica. Determinados a subtrahi-la ao perigo que tinha corrido, despedaçárão a lamina triangular, fundirão-a, quebrárão a pedra de agathe, e transmittirão os seus mysterios somente pela tradição. Animados pela esperança de verem hum dia renovados os seus trabalhos, continuárão a eleger hum chefe para presidir as suas assembléas.

Ananias, que então estava á sua testa, recebeu Zorobabel no seio da fraternidade, sobre as ruinas do Templo, e o declarou chefe da nação. Tratárão logo dos meios de reedificar o Templo.

Principiados os trabalhos, não tardárão a ser inquietados pelos seus inimigos, o que obrigou Zorobabel a conservar-se na defensiva, tomando partido de só fazer trabalhar com

as armas na mão, de sorte que tinhão os operarios sempre em huma mão a espada e na outra a trolha.

Reedificado o Templo, recebeu a Ordem dos Architectos hum novo esplendor; mas este Templo de gloria e de paz foi de curta duração. Os Romanos vierão atacar a Judéa, tomárão e arrasárão Jerusalem, queimárão o Templo e annniquilárão a nação (70 annos antes de J.·. C.·.).

Alguns dos Architectos ficárão quasi nos mesmos lugares, onde conservárão, entre hum pequeno numero, e sob o mais austero segredo, os antigos sinaes. Tomando ainda mais precauções só admittirão aos seus conhecimentos homens escrupulosamente experimentados. Ora sob o governo dos Romanos, ora sob o dos Sarracenos, esperavão a feliz revolução que os poria de posse dos dominios de seus pais, e lhes procuraria os meios de reedificar o Templo huma terceira vez.

Mas a dispersão tinha obrigado outros Architectos a fugir para o deserto. Passado algum tempo tornárão a apparecer nas ruinas do antigo Templo, ali se reunirão sob a bandeira da caridade fraternal, e de amor da huma-

vidade, e fundárão hum hospicio no mesmo lugar onde o Templo havia sido destruido, em favor dos peregrinos que vinhão visitar as ruinas de Jerusalem. Erão no principio huma Ordem Religiosa, sujeita a votos de estreita observancia, obrigados ao celibato, e consagrados a soccorrer os pobres, tanto por meio de esmolas como pelo producto das terras que os novos senhores de Judéa lhes permittirão rotear. Tornados porém milicia religiosa, a sua espada lhes deu de direito os dominios que até então possuião de huma maneira tão precaria.

A esperança se reanimou em huns e outros, quando hum certo Pedro Ermitão, fanatico obscuro, mas emprehendedor, veio excitar essa guerra funesta, conhecida pelo nome das Cruzadas.

A esta nova, que as azas da fama bem depressa levárão ás extremidades da terra, os antigos militares retirados pela maior parte nos desertos da Thebaida, deixárão a sua solidão. Desejosos de acharem occasião de se assinalarem, não tardárão em reunir-se áquelles dos seus que tinhão ficado perto de Jerusalem. Elles os encontrárão unidos aos Architectos, tendo todos por fim, ainda que debaixo de

differentes vistas, o restabelecimento do Templo. Pondo de parte todos os prejuizos, adoptárão os mesmos costumes, e disfarçárão sob as mesmas apparencias de huma architectura especulativa, hum designio glorioso. Determinados a reunirem-se ás bandeiras dos Exercitos Cruzados, convierão em que só se submetterião aos chefes que elles mesmos tivessem escolhido.

Os Irmãos militares, como mais experimentados, forão desde logo designados. Concertárão hum formulario fixo, cujos symbolos e allegorias tomadas da construcção do Templo, os conduzissem sempre ao verdadeiro fim, e servissem ao mesmo tempo para desviar a multidão pela difficuldade das superficies, ou a assegurar os individuos pela sua constancia e submissão.

No meio de hum exercito composto de tantos milhares de individuos differentes, cercados de inimigos, mostravão-se timidos e prudentes, e para evitarem toda a surpreza, adoptárão palavras, sinaes e toques para se reconhecerem, mesmo em distancia, e preservarem os seus segredos dos acommettimentos da curiosidade, da traição, e da publicidade.

Tomárão o titulo de Maçons livres, e não

tardárão a reunir-se aos Cruzados, onde forão acolhidos, e onde bem depressa alcançárão distincção.

Os Architectos que tinhão levantado o hospicio sobre as ruinas do antigo Templo, não ficárão ociosos; deixárão hum pequeno numero dos seus occupados nas funcções hospitaleiras, tomárão armas, e sob hum chefe de partido, elevado depois a Grande-Mestre da sua ordem, reunirão-se aos Cruzados.

Depois de huma guerra funesta a tantos homens de valor, vio-se augmentar o seu numero successivamente e engrandecer-se. Chegados ao apice das riquezas e das grandezas, forão elles mesmos despojados e annniquilados. Durante o intervallo das nove Cruzadas, he facil crer que a Ordem se augmentou reunindo sugeitos de todos os paizes.

Depois dos primeiros successos e da partida do exercito, oitenta e hum dos Architectos passárão á Suecia, munidos de recommendações para o Prelado de Upsal, a quem iniciárão nos seus mysterios, para o induzirem a reanimar o fervor dos Principes confederados.

Renovou-se a empreza, mas o successo não

correspondeu ás suas esperanças. Enviarão de novo huma deputação de oitenta e hum a Upsal, encarregado de entregarem ao Prelado o deposito dos seus conhecimentos, encerrados em hum cofre.

O Prelado o recebeu e encerrou em hum tumulo de marmore, sellado com quatro sellos, e em segredo fez praticar huma cova no fundo da Torre das Quatro Coroas; e ajudado dos deputados, ali depositou os preciosos archivos, que em época posterior d'ali forão tirados.

Consummada com successo esta operação, voltarão os nossos Irmãos a Jerusalem; mas tendo a conquista do Sultão do Egypto feito perder toda a esperança de restabelecer o Templo, resolverão abandonar a sua patria desgraçada, e ir formar em remotos lugares novos estabelecimentos.

Não tendo ainda a possibilidade, meus Irmãos, de reedificar o antigo Templo com materiaes terrestres; collocal-o pelo menos, com materiaes mysticos, no centro do vosso coração. Possa o Gr.·. Arch.·. do U.·. animar o vosso zelo, alimentar as vossas esperanças, e assegurar-lhes o successo!

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ROZA-CRUZ.

DE ROZA-CRUZ

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

QUARTA ORDEM.

Roza-Cruz.

ORADOR.

DISCURSO HISTORICO.

Tendo os Maçons, depois da reedificação do Templo, desprezado os seus trabalhos abandonados ao rigor e ás vicissitudes do tempo, e não sendo as suas composições senão obras de corrupção, bem depressa se vio succeder á pericia do operario, á solidez dos metaes, e á belleza da architectura, a desordem, a confusão, e o vicio.

Foi então que o Gr.·. Ar.·. abandonou a edificação dos Templos materiaes á ignorancia e

á temeridade dos mortaes, para por sua sublime e suprema intelligencia construir os espirituaes, cuja existencia nunca cessará; foi então que a verdadeira Maçonaria chegou quasi a ser anniquilada pelos humanos, que as ferramentas forão despedaçadas, que a luz se escureceu, que a Estrella flammejante desappareceu, e que a palavra se perdeu.

Com tudo a vontade daquelle que dirije todas as cousas pôz hum termo a tão desventuroso evento: a luz reappareceu, as ferramentas despedaçadas retomárão a sua forma, a Estrella flammejante voltou com maior fulgor, e a palavra se recuperou.

Esta importante revolução só foi devidamente apreciada pelos Maçons: só elles conhecêrão as tres columnas fundamentaes. Firmes em seus principios, continuárão a cobrir com hum véo emblematico os conhecimentos que não devião prodigalizar ao vulgo. São estes emblemas e estes conhecimentos, de que a Maçonaria deo depositaria, que ella transmitte de seculo em seculo em suas ceremonias, em suas palavras e caracteres aos homens que disso se tornão dignos.

Os Maçons imperfeitos, isto he, os preten-

dos philosophos modernos, tendo perdido de vista os verdadeiros principios constitutivos deste Universo, ou antes não tendo sido nunca iniciados nos augustos mysterios da natureza, estabelecerão systemas falsos e em contradicção com os verdadeiros principios. Zoroastro, Trimegisto, Moysés, Salomão, Pythagoras, Platão e muitos outros, são para elles outros tantos enigmas.

Os verdadeiros discipulos desses homens celebres olharão sempre com piedade para esse rebanho de cegos, que erra em volta do Templo da verdade sem descobrir a sua entrada. Possão elles, mudando de systema, ceder a esta voz interior e secreta que em nós lhes annuncia tres partes bem distinctas, a material, a espiritual, e a celeste, e comparando o seu ser ao Universo inteiro, reconhecer nelle a união e a combinação desses tres principios!

Tres fins principaes determinão a immensidade dos conhecimentos Maçonicos; da reunião destes objectos nasce aquillo que todo o verdadeiro Maçon procura.... a verdade!

Estes fins são a metaphysica, a moral, e a physica. Os elementos de todos estes conhecimentos subalternos se encerrão nos tres primei-

ros gráos, denominados por isso Gráos Symbolicos.

No primeiro gráo tudo se faz por tres, porque tudo tem relação a tres principios: o nascimento, a existencia, e a morte; o agente, o paciente, e o producto.

No segundo gráo principião a detalhar-se os primeiros productos, as primeiras consequencias dos tres principios, sob o emblema cinco, por que tudo ali tem relação a cinco sciencias ou conhecimentos, a metaphysica, a moral, a astronomia, a agricultura, e a architectura. Estas tres ultimas sciencias e a physica são aquellas, cujo estudo das propriedades das diversas producções da natureza e do mysterio de suas operações determina o conhecimento.

A ordem immutavel do movimento dos corpos celestes, tão admiravel como inconcebivel, foi a escala que guiou o espirito humano e o levou até á intelligencia suprema, elevando a alma dos observadores acima de toda a materia creada, e dando assim nascimento á metaphysica.

O aspecto destas maravilhas que parecem estar suspensas sobre nossas cabeças, determinou as observações de hum pequeno nume-

ro ; a serie de observações transmittidas de seculo em seculo formou a astronomia ; hum genio feliz inspirado pelo Gr.·. Arch.·. do U.·., e determinado pela necessidade, desenvolveu esse sentimento innato de cultivar o solo que se habita, e descobrio o thesouro inesgotavel da agricultura.

A agricultura, aperfeiçoada pela astronomia, tornou-se a base e o principio fecundo das sociedades politicas, cuja existencia necessita das leis e do desenvolvimento da moral. A intemperie das estações, a voracidade dos animaes, a necessidade de pôr em abrigo os fructos do trabalho do homem, forçou o seu genio a levantar hum edificio; a arte da construcção, illustrada pelas observações do genio e do gosto, deu lugar ás theorias das linhas e das superficies da architectura.

Estes diversos conhecimentos pertencem necessariamente a hum pequeno numero de individuos, que durante muitos seculos, se assegurárão a sua posse exclusiva, cobrindo-se para esse fim com hum véo impenetravel, dando assim lugar a essas instituições celebres de que os Sabeos e os Bramas são sublimes restos. Os Magos, os Hyerophantes, e os Druidas, fo-

não outros tantos ramos desses mesmos iniciados, que o amor e o estudo das sciencias e das letras havião reunido, e que a fouce mortifera do tempo anniquilou. Ninguem duvida que os Hyerophantes levassem estas sciencias ao mais subido gráo de perfeição. Forão esses celebres philosophos que nos transmittirão, por huma tradição oral e constante, os symbolos de nossos mysterios.

A architectura, que entre os Egypcios chegou a hum gráo de sublimidade que ainda hoje faz a admiração do Universo, pertencia aos seus Sacerdotes, os Hyerophantes.

A necessidade de extender mais ou menos os seus conhecimentos, segundo o merito dos individuos, determinou a divisão das classes, em ensino, instrucção, e estudo. A sua iniciação comprehendia tres partes: a purificação do corpo, que consiste na mortificação dos sentidos e do espirito; a purificação da alma, que consistia em duas partes, a invocação e a instrucção: huma obrigava a assistir aos sacrificios e a outra ás conferencias; e a manifestação, que era menos hum exercicio do que a recompensa dos que tinhão precedido. Durante doze revoluções o candidato examinava tu-

do, e tomava conhecimentos que podia ampliar pelo andar do tempo.

Pythagoras, a exemplo dos Egypcios, entre os quaes tinha adquirido os seus conhecimentos e a sua doutrina, só admittia aos seus trabalhos aquelles de quem se tinha assegurado por meio de experiencias superiores ás forças communs e ordinarias, e deu aos seus discipulos as regras dos Sacerdotes Egypcios. Os philosophos Judaiços, chamados Essenios, se dirigião pelas mesmas regras. Pythagoras impunha a seus discipulos hum silencio de seis annos, durante os quaes só devião escutar, sem nunca poderem fazer a mais leve pergunta. Davão-lhes o nome de Escutadores. No fim desse tempo, se disso erão julgados dignos, permittia-se-lhes a faculdade de fallar, e de proporem as suas duvidas. Tinhão então o nome de Iniciados nas sciencias. Erão os unicos que reconhecia por discipulos, e os fazia no segredo das suas razões, explicando-lhes a causa de tudo que lhes ensinava. No physico, davão conhecimento do nome de cada cousa, o seu emprego e as suas propriedades. No moral, alinhavão o coração para a virtude. Os nomes e as propriedades dos materiaes, torna-

vão-se, nas mãos destes philosophos, outros tantos emblemas, proprios a recordar incessantemente á memoria dos educandos, as lições que lhes tinhão dado. Tudo era allegorico.

Da primeira classe passava-se á segunda. Aprendião-se então os elementos da sciencia dos calculos, das linhas e das superficies. Juntáva-se-lhes, com discrição e precaução, a communicação das descobertas e das praticas secretas. Dependia isto do genio e merecimento dos individuos, cujo caracter era o objecto do estudo e da observação continua dos Mestres.

A certeza dos resultados geometricos e dos calculos, tornou-se o principio rico e fecundo da sublime allegoria, pela qual as almas se elevão acima de si mesmo, e tomão o vôo para a sua verdadeira patria, transportando-se ao seio do verdadeiro absoluto, ao seio da verdade.

A terceira classe era, como ainda he, a reunião dos conhecimentos das duas primeiras, com a faculdade de fazer a sua applicação. O Mestre he aquelle que póde ensinar, e Mestre só he o que conhece perfeitamente o Delta, e todas as suas propriedades; que conhece a creação, o crescimento, a perfeição, a unidade da essencia, da substancia e da natureza, cujo

producto he o Delta, principio de todas as verdades.

Todos os conhecimentos Maçonicos e a applicação que delles se podem fazer, se encerrão pois nos tres Gráos chamados Symbolicos; mas foi necessario para facilitar o trabalho dos que aspirão ao conhecimento da verdade, estabelecer classes nas quaes se pudesse dar huma especie de desenvolvimento aos emblemas, que de todas as partes se offerecem em os primeiros gráos, sem comtudo correr inteiramente o véo.

O gráo de R.·. †, da maneira que geralmente se confere, he disso huma prova convincente. Neste gráo tudo he sensivel, tudo patente, tudo se mostra a descoberto. E poderá dahi inferir-se que o emblema cessa de existir? Não; os antigos Maçons, ou fosse por prudencia ou por outros motivos, nos occultárão o ponto mais importante sob caracteres hyeroglyphicos, que hoje só parecem annunciar enigmas. Aquelle que, pelo seu trabalho ou pesquisas, chegar a descobrir o segredo das sublimes verdades que elle encerra, ficará perfeitamente satisfeito; e terá a certeza de haver encontrado a felicidade a que aspira todo o mortal. Seus dias serão felizes, suas mãos pu-

ras, e a indigencia e as infirmidades pouco imperio teráõ sobre elle.

Tenhamos pois coragem, redobremos nossos esforços, e trabalhemos com zelo, constancia, e paciencia. Existe huma classe privilegiada de Maçons Philosophos, dignos desse titulo pela vastidão e sublimidade de seus conhecimentos. Fiquemos convencidos que não foi sem motivos que os professores da arte dos sabios, os verdadeiros Mestres, escolhêrão para chefe aquelle que dotado de hum dom celeste, teve em partilha a sciencia e a sabedoria; e que não foi tambem sem razão que os Philosophos estabelecêrão os seus trabalhos, segundo o plano do Templo celebre, elevado á gloria do Altissimo, pelo mais sabio dos mortaes, Solomão. Esta persuasão deve sustentar o zelo de todos os Maçons, lembrando-lhes que a arte que elles professão deve conduzi-los ao sanctuario da verdade, pela pratica das virtudes, e por hum estudo constante e seguido da natureza e das maravilhas do Grande do U.

FIM DO CADERNO DE GRADOR.

Rio de Jan. Typ. Imp. e C. de Seignot-Plancher e C.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÃOS MYSTERIOSOS.

ARCHITECTO.

Rio de Janeiro.

1854.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

ARCHITECTO.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C^{IE},
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS MYSTERIOSOS,

OU DAS

QUATRO ORDENS SUPERIORES

do Rito Francez.

QUINTA PARTE.

ARCHITECTO.

RIO DE JANEIRO.

PRIMEIRA ORDEM.

GRÁO

DE ELEITO SECRETO.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRA ORDEM.

Grão de Eleito Secreto.

ARCHITECTO.

DECORAÇÕES.

São precisas tres camaras:

A primeira, chamada Camara de Preparação;

A segunda, Camara do Conselho;

A terceira, Camara escura ou Caverna.

A primeira camara, chamada Camara de Preparação, sera mobilhada com simplicidade. Nas paredes devem estar pendurados alguns quadros com maximas de moral.

Será illuminada por huma só véla amarella n'hum castiçal de páo preto. Collocar-se-ha

o castiçal sobre huma mesa de páo ordinario, e hum banco servirá de cadeira.

O candidato alí será encerrado até o momento da recepção.

MAXIMAS.

O crime não póde ficar impune.

A consciencia he hum Juiz inflexivel.

Sem o poder legitimo, a vingança he hum crime.

A segunda camara, chamada Camara do Conselho, será forrada de preto, semeada de lagrimas encarnadas; o altar de encarnado, bordado de preto; no centro hum punhal lançando nove chamas pretas á maneira de raios e em volta lagrimas pretas.

Collocar-se-hão sobre o altar hum punhal, hum compasso, o livro da sabedoria, hum malhete, e huma fita preta.

N'hum angulo á esquerda do altar, se collocará hum quadro representando tres cabeças sobre estacas, com as ferramentas dos tres companheiros representados pelas tres cabeças. Por cima de cada cabeça haverá huma inscripção. No centro: *crime punido*, e o mar-

tello por baixo da cabeça. A'direita: o *Céo nos julga*, e a regra por baixo. A'esquerda: *a punição he certa*, e a alavanca por baixo da cabeça. Huma cortina occultará estes objectos que só apparecerão em tempo opportuno.

O quadro representará, na parte superior a estrella d'alva entre oito mais pequenas; no centro huma grande caverna; no interior huma lampada collocada sobre hum rochedo; do lado do Meio-dia, hum braço com a manga arregaçada na acção de ferir com hum punhal; por baixo, hum cão farejando e prestes a entrar na caverna; no Septentrião, huma fonte d'agoa rebentando d'entre os rochedos; ao Occidente huma escada ingreme cortada na rocha, e descendo até a caverna. O corpo do quadro será preto, e a moldura encarnada; e será traçado com giz sobre o assoalho, e apagado logo que termine a recepção. Póde tambem ser substituido por hum quadro pintado sobre pano preto, com o desenho já descripto, e extendido no centro da camara.

A torre da Camara do Conselho será illuminada por seis grandes luzes pregadas nas paredes. No interior, ao entrar á direita, collocar-se-hão nove castiçaes com oito luzes; a

nona será mais alta e em distancia das outras de dous pés pouco mais ou menos.

O avental será branco, bordado e forrado de preto, no centro terá hum punhal lançando chamas encarnadas, á maneiras de raios; a aba preta, bordada e forrada de encarnado tendo no centro chamas de fogo.

Todos os membros teráõ na mão hum punhal, e huma fita preta passada do hombro esquerdo ao quadril direito. Penderá da extremidade da fita, hum pequeno punhal de punho de ouro e lamina de prata, seguro pot huma roseta branca preza em fita encarnada.

A terceira camara deve representar hum deserto de aspecto selvagem: em roda devem estar figurados grandes penedos asperos e destacados, e pedras não lavradas para marcar a carreira de Ben-acar; ao lado huma decoração figurará a entrada de huma caverna; á direita, á entrada da caverna, haverá huma fonte rebentando dentre os rochedos, á esquerda hum cão farejando; no interior e no meio da caverna, huma lampada collocada sobre hum rochedo; ao lado, e no interior, haverá hum

transparente que só apparecerá em tempo opportuno; no fundo, haverá hum manequim representando hum homem na acção de atravessar o coração com hum punhal; á entrada da caverna se figuraráõ dous homens fugindo a travez dos penedos, e dous outros perseguindo-os.

Estes dous homens, prestes a serem agarrados, precipitão-se n'hum abismo.

Se o local o permittir, praticar-se-hão nove degráos para descer á Caverna.

SEGUNDA ORDEM.

GRAO D'ESCOCEZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDA ORDEM.

Grão d'Escocez.

ARCHITECTO.

DECORAÇÕES.

São precisas tres camaras.

A primeira, chamada Camara de Preparação;

A segunda, Abobada Secreta;

A terceira, o Templo na sua perfeição.

A primeira camara, chamada Camara de Preparação, será ornada com simplicidade: o Irmão Recipiendario ali esperará em silencio o momento em que viráõ procura-lo.

O Irmão Preparador vestirá o Recipiendario convenientemente.

O vestido será huma veste branca, borda-

da de encarnado, com hum cinto encarnado á grega.

O Recipiendario será privado das suas armas; os cabellos lhe cahiráõ pelas costas, a cabeça e os pés estaráõ descobertos, e dar-se-lhe-há hum calçado conveniente.

A segunda camara, chamada Abobada Secreta, presume-se representar huma abobada subterranea: he pintada em roda de côr encarnada.

No Oriente, no ponto do centro, se collocará hum pedestal triangular de marmore encarnado, ornado de esculturas e molduras de ouro, representando, sobre as duas faces visiveis, do lado direito hum sol radiante, e do outro a estrella flammejante com a letra G.; por detraz hum compasso aberto n'hum quarto de circulo, entre as duas pontas, os algarismos 3, 5, 7 e 9. Sobre o pedestal se collocará huma pedra chamada pedra cubica pontuda, e será figurada com o desenvolvimento de todas as suas faces de côr de agatha.

No meio, e para o centro da columna, se collocará huma mesa quadrada, da ordem do-

rica, sobre a qual estarão doze pães redondos, divididos em duas porções iguaes: por cima dos pães estarão duas urnas, nas quaes se farão queimar alguns perfumes. No meio da mesa se porá huma bacia de ouro cheia de hum mixto preparado de leite, azeite, vinho, e farinha, e huma trolha igualmente de ouro, bem como huma taça do mesmo metal cheia de vinho, e ao lado hum biscoito ou pão.

No Septentrião, em frente da mesa que se acaba de descrever, e sobre o altar chamado dos sacrificios se collocarão hum machado e huma faca.

No Occidente haverá hum vaso grande cheio de agua, ao qual se encostará huma escada para se subir, collocando-se na extremidade huma banqueta onde o Recipiendario possa sentar-se e metter os pés dentro da agua.

Os tres grandes Officiaes estarão munidos de malhetes guarnecidos de veludo encarnado com franjas de ouro, dos quaes se servirão na forma do costume.

As mesas do Thesoureiro e Secretario serão collocadas á direita e á esquerda, como nos gráos precedentes, e cobertos de pano en-

SEGUNDA ORDEM.

GRAO D'ESCOCEZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDA ORDEM.

Grão d'Escocez.

ARCHITECTO.

DECORAÇÕES.

Ha precisas tres camaras.

A primeira, chamada Camara de Preparação;

A segunda, Abobada Secreta;

A terceira, o Templo na sua perfeição.

A primeira camara, chamada Camara de Preparação, será ornada com simplicidade: o Irmão Recipiendario ali esperará em silencio o momento em que virão procura-lo.

O Irmão Preparador vestirá o Recipiendario convenientemente.

O vestido será huma veste branca, borda-

da de encarnado, com hum cinto encarnado á grega.

O Recipiendario será privado das suas armas; os cabellos lhe cahiráõ pelas costas, a cabeça e os pés estaráõ descobertos, e dar-se-lhe-há hum calçado conveniente.

A segunda camara, chamada Abobada Secreta, presume-se representar huma abobada subterranea: he pintada em roda de côr encarnada.

No Oriente, no ponto do centro, se collocará hum pedestal triangular de marmore encarnado, ornado de esculturas e molduras de ouro, representando, sobre as duas faces visiveis, do lado direito hum sol radiante, e do outro a estrella flammejante com a letra G.; por detraz hum compasso aberto n'hum quarto de circulo, entre as duas pontas, os algarismos 3, 5, 7 e 9. Sobre o pedestal se collocará huma pedra chamada pedra cubica pontuda, e será figurada com o desenvolvimento de todas as suas faces de côr de agatha.

No meio, e para o centro da columna, se collocará huma mesa quadrada, da ordem do-

rica, sobre a qual estaráõ doze pães redondos, divididos em duas porçõeſ iguaes: por cima dos pães estaráõ duas urnas, nas quaes se faráõ queimar alguns perfumes. No meio da mesa se porá huma bacia de ouro cheia de hum mixto preparado de leite, azeite, vinho, e farinha, e huma trolha igualmente de ouro, bem como huma taça do mesmo metal cheia de vinho, e ao lado hum biscoito ou pão.

No Septentrião, em frente da mesa que se acaba de descrever, e sobre o altar chamado dos sacrificios se collocaráõ hum machado e huma faca.

No Occidente haverá hum vaso grande cheio de agua, ao qual se encostará huma escada para se subir, collocando-se na extremidade huma banqueta onde o Recipiendario possa sentar-se e metter os pés dentro da agua.

Os tres grandes Officiaes estaráõ munidos de malhetes guarnecidos de veludo encarnado com franjas de ouro, dos quaes se serviráõ na forma do costume.

As mesas do Thesoureiro e Secretario seráõ collocadas á direita e á esquerda, como nos gráos precedentes, e cobertos de pano en-

carnado. As luzes serão em numero de vinte e sete, divididas em grupos de nove a saber:

Na columna do meio dia, junto ao Oriente, por tres.

No Occidente, junto ao 1º Vig.·., por oito e hum; junto ao 2º Vig.·. por seis e tres.

Diminuir-se-ha o fulgor das luzes por hum transparente recortado em estrellas collocado em frente de cada grupo, o qual se retirará em tempo opportuno na terceira camara (*).

A terceira camara representará o Templo concluido: esta camara será a mesma que a precedente. Todos os objectos da segunda camara se conservão, menos o pedestal coberto com a pedra cubica, que se fará retirar, quando o ordenarem durante a recepção, bem como os transparentes. No fundo desta camara se arranjará hum recinto fechado com huma cor-

---

(*) As luzes, divididas para o serviço dos trabalhos, não são consideradas symbolicas, e não fazem numero. O Muito Grande terá tantos aneis quantos forem os Recipiendarios.

fina tecida com as quatro côres: gradelim, purpura, jacintho e escarlate (*).

Esta cortina se correrá, quando o ordenarem na recepção.

Este recinto será o mais rico e brilhante possivel.

O nome do G.·. A.·. em hebraico alí estará no centro, elevado a huma altura conveniente, e com todo o seu fulgor. Dous Cherubins de ouro cubrirão com as azas o alter do fundo; huma candelabro de ouro de sete braços com sete lampadas promptas para se accenderem, estará collocado immediatamente por detraz do vélo.

O quadro será figurado com giz, como já se disse no guia precedente. Sobre a linha do Meio-dia se descubrirá hum poço, no qual cahirá huma raia a prumo; ao lado opposto, hum espinhal ardendo e lançando grandes chamas: no meio destes objectos haverá hum compasso comprido sobre hum quarto de circulo; entre as pontas estarão traçados os algarismos 5, 5, 7, e 9.

(*) A não poder encontrar-se este tecido, pode substituir-se por huma cortina engomada.

No Meio-dia, e para o centro, se figurará huma mesa supportando vasos de ouro.

Ao Norte e defronte do altar dos sacrificios, entre dous e por baixo do compasso, partindo do Occidente, se figurará huma escada de 24 degráos divididos em patamares de 3, 5, 7, e 9, tendo em frente e para o Occidente hum grande vaso. O fundo do quadro será preto; o avental terá fundo branco, bordado e forrado de encarnado, tendo sobre a aba a Estrella flammejante: por baixo e para o centro estará o compasso coroado sobre huma quarto de circulo, com huma medalha no meio representando o Sol. A joia de ouro será o compasso coroado sobre hum quarto de circulo, tendo no centro huma medalha representando de hum lado o Sol, e do outro a Estrella flammejante: penderá de huma fita côr de papoula ondeada, lançada ao pescoço em forma de triangulo. Todos os Membros traráõ huma faxa encarnada cõm franjas de ouro, passando da espadua direita ao quadril esquerdo, e teráõ a espada na mão.

NOTA. Será bom ter alguns musicos.

TERCEIRA ORDEM.

GRÁO

DE CAVALHEIRO D'ORIENTE.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

TERCEIRA ORDEM.

Cavalheiro d'Oriente.

ARCHITECTO.

DECORAÇÕES.

São precisas tres Camaras:

A primeira, chamada Camara de Preparação;

A segunda, Sala do Oriente;

A terceira, Sala do Occidente.

Entre as duas salas he de mister huma antecamara ou corredor.

A primeira Camara, chamada de Preparação, será ornada com simplicidade. O Recipiendario ali ficará até o momento da recepção. Deve estar vestido com o avental e fita de Es-

cocez, sem outra alguma arma, ornamento ou joia particular. Deve estar com a cabeça descoberta, o pescoço e as mãos ligados com tres cadéas de anneis triangulares, que partem de tres angulos de hum maior annel; devem ter comprimento sufficiente para que possa extender o braço.

Cobrir-se-lhe-ha a cabeça com hum pano côr de cinza. Neste estado o Irmão preparador lhe dirá que representa Zorobabel cativo em Babylonia. Far-lhe-ha cobrir o rosto com as mãos até a porta da Torre, onde os guardas teráõ o cuidado de dar-lhe huma busca rigorosa antes de o apresentarem.

O Recipiendario deve ser introduzido na Torre, no momento da entrada d'quelle que preside.

A segunda Camara, chamada Sala do Oriente, representa o Conselho de Cyro reinando em Babylonia, composto do Principe, de sete Officiaes principaes e de todos os Cavalheiros.

Os Officiaes do Conselho, são:

O Soberano Mestre, Presidente, representando. . . . . *Cyro.*

Gr.·. Mes.·. do Palacio, Orador. . *Daniel.*

Gr.·. Mes.·. da Cavallaria, General, 1° Vig.·. . . . . *Sisinna.*

Gr.·. Mes.·. de Milicia, 2° General, 2° Vig.·. . . . . *Sarabazan.*

Gr.·. Mes.·. da Chancellaria, Guarda-Sello. . . . . *Radim.*

Gr.·. Mes.·. das Finanças, Thesoureiro. . . . . *Mithridates.*

Gr.·. Mes.·. dos Despachos, Secretario. . . . . *Semelius.*

Gr.·. Mes.·. de Ceremonias, Mes.·. de Ceremonias. . . . . *Abazar.*

A armação deve ser verde, e a sala illuminada por hum numero sufficiente de luzes (o numero não he fixo.)

No Oriente deve haver hum trono elevado sobre dous degráos, e ornados de galões e franjas de ouro.

No Occidente, ao Norte e ao Meio-dia estaráõ os assentos para os Officiaes e Cavalheiros

Os Officiaes, fazendo funcções de Vigilantes, estaráõ em linhas distinctas.

Por detraz do trono haverá hum transparente representando o sonho de Cyro, a saber: Hum leão bramindo, prestes a avançar-lhe;

logo acima huma gloria scintillante; no centro nuvens luminosas; do centro da gloria, sahirá huma aguia, levando no bico huma bandeira com as seguintes palavras: *Dai a liberdade aos cativos*; por baixo das nuvens luminosas, Nabuchodonosor e Balthazar, predecessores de Cyro, carregados de ferros; o primeiro ainda na forma de animal. O quadrado do Conselho deve ser formado por hum pequeno muro de madeira ou papelão, de pé e meio de altura fingindo tijolo. Esta muralha deve estar guarnecida por sete torres: tres ao norte, tres ao Meio-dia e huma ao Occidente: as seis dos dous lados seráõ pintadas da côr da muralha e de huma altura proporcionada á sala; a do Occidente deve ter pelo menos sete pés de altura e huma circumferencia proporcionada, com duas portas, huma dentro do quadrado, outra fóra, sem porém admittir luz.

A armação do Occidente deve unir-se exactamente ao lado da Torre, para que se possa entrar e sahir sem que de dentro o vejão. O Trono collocado no Oriente deve estar dentro dos muros.

A porta interior será guardada por dous Cavalheiros, com a lança na mão e a espada na

bainha; sendo possivel devem ser os ultimos iniciados.

Quando os Irmãos estiverem em pé, deverão estar dentro dos muros, e sentados quando estiverem da parte de fóra.

No meio da sala estarão as duas columnas J.·. B.·. deitadas por terra, em relevo, ou figuradas com giz, bem como alguns vasos.

Deve-se estar provido de hum grande esquentador com duas azas, de que se fará uso em tempo opportuno.

Os Officiaes traráõ ao pescoço huma fita larga verde ondeada, sem joia. O Mestre terá huma igual fita com huma presilha bordada de ouro, terminando na ponta por huma borla do mesmo metal.

No meio da fita estaráõ bordados em aspa, huma espada e hum sceptro, coroados por hum pequeno sol bordádo a ouro.

Os Cavalheiros traráõ huma fita larga verde ondeada, passada em boldrié da esquerda para a direita sem joia.

O avental será branco, bordado de verde, com a aba cahida, na qual estará pintado ou bordado á ouro o nó de Solomão, mal entrelaçado; no centro duas espadas em aspa.

O occidental vira-se, e apresenta os attributos de Grande Eleito Escocez.

Na ante-camara que separa as duas salas, se arranjará huma ponte de madeira solida, por baixo da qual se figurará hum rio coberto de cadaveres e ruinas.

A terceira Camara, chamada do Occidente, deve representar os Maçons que se enterrárão nas ruinas de Jerusalem. A armação será encarnada, como a dos Escocezes, a sala será illuminada por dez grupos de luzes de sete cada hum. (Accendem-se hahuma luz em cada grupo, e o resto quando se disser.) Não ha throno, e simplesmente hum assento no topo da sala na occasião da recepção.

Huma cortina no fundo occultará huma gloria radiante e hum altar. Esta cortina só será corrida quando o ordenarem; e ao mesmo tempo huma armação verde substituirá a encarnada, deixando porém os festões encarnados e mudando só os panos da armação, que poderão estar dispostos de maneira que se possão virar ou enrolar huns por baixo dos outros.

O centro da sala representará o Templo de

molido, e os instrumentos da Maçoneria espalhados e fóra da sua posição natural.

No exterior da sala do Occidente se figuraráõ em pedra os muros de Jerusalem destruidos.

Ao passar nesta sala os Cavalheiros deixaráõ as insignias verdes, e tomaráõ as encarnadas. Distinguir-se-hão os gráos por meio de rosetas na extremidade das fitas. Os Cavalheiros traráõ huma faxa de seda côr de agua, bordada nas duas extremidades com huma franja de ouro.

Esta faxa se traz em forma de cinto, e nas pontas se figura huma ponte com as letras L.·. D.·. P.·.

O Mestre terá por joia tres triangulos não entrelaçados, mas por gradação hum dentro do outro: o 1° Vig.·. huma esquadria, o segundo hum nivel.

Os Officiaes teráõ a joia do costume, encerrados em triplices triangulos.

A joia do Cavalheiro he a mesma que a dos Grandes Eleitos Escocezes, juntando-lhe, em tropheo, duas espadas nuas com lamina de aço e em aspa.

Cada Cavalheiro trará huma trolha, com o

panno guarnecido de huma fita encarnada, e atada ao cinto do lado direito.

O Soberano Mes.·. mudará o nome no de Mui Illustre Mes.·.

Os Vigilantes tomaráõ o de Muito Illustres Vigilantes; os Illustres Officiaes, teráõ o titulo dos seus lugares, accrescentando-lhe o de Cavalheiro, e todos os outros Membros, o de Cavalleiro.

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ROZA-CRUZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

QUARTA ORDEM.

Roza-Cruz.

ARCHITECTO.

DECORAÇÕES.

São precisas quatro Camaras.

A primeira he ornada como huma sala ordinaria e serve para preparar o Recipiendario, o qual deve estar vestido de preto, sendo possivel, e com as insignias do gráo precedente.

A segunda Camara onde se faz a abertura dos trabalhos, deve ser armada de preto, semeada

saico cobrirá toda a sala em quadrados brancos e pretos. Será illuminada por trinta e tres luzes, em tres candelabros de onze braços; cada luz será encerrada a'huma pequena caixa de folha, que só deve deixar escapar a luz por huma circumferencia de huma polegada de diametro aberta sobre o lado da caixa. Estas trinta e tres luzes são allegericas.

Nos tres angulos da Camara haveráõ tres columnas da altura de hum homem; sobre cada huma se escreverá em caracteres grandes e transparentes o seguinte:

Na do Oriente, *Fé.*

Na do Meio-dia, *Esperança.*

Na do Norte, *Caridade.*

Estas columnas podem servir de candelabros. No fundo da sala haverá hum altar elevado sobre tres degráos, ornado de preto, semeado de chammas brancas; em cima haverá hum quadro figurando tres cruzes; a do centro representará, no meio, a rosa mystica encadeada de huma corôa de espinhos; a sobre os outros, haverá huma caveira e dous ossos em aspa; no pé da cruz do centro haverá hum globo proporcionado á grandeza da cruz, cercado de huma serpente; em frente do altar, á direita e á esquerda, se collocará hum pelo amarello

Duas grandes cortinas occultarão este altar, até que se mandem correr no decurso da recepção.

Por baixo dos degráos, á direita, haverá huma pequena mesa coberta de pano preto, sobre a qual se collocará o livro da sabedoria, hum compasso, huma esquadria e hum triangulo, huma fita preta e o vestido de Recipiendario.

O Muito-Sabio senta-se a esta mesa, e todos os Irmãos se sentão indistinctamente. Como se presume estarem sentados no chão, haverá cuidado em que se tenhão banquetas de seis polegadas de altura, collocadas em volta da sala para se sentarem os Irmãos. Os Vigilantes, tambem sentados, estarão collocados como nos gráos precedentes, sem mesa diante de si. O vestido do Recipiendario será de panno de seda branca, bordada em volta com huma fita preta da largura de dous dedos; e em forma de casula curta; no centro deve ter huma cruz de fita côr de papouba, da mesma largura que a preta; deve chegar de alto a baixo e a travez, e ser forrado de branco.

O vestido dos Cavalheiros he igual, mas póde dispensar-se, basta que estejão vestidos de preto,

A fita, nesta Camara, deve ser preta, da largura pelo menos de tres dedos, e trazida ao pescoço. Deve haver no meio da fita huma cruz encarnada. Por baixo e na extremidade haverá huma roseta côr de papoula.

A fita preta, ao pescoço, serve para dispensar a que se traz em bandoleira, tendo tambem huma cruz côr de papoula bordada sobre o peito.

O avental deve ser de pelle branca, bordado de preto, tendo no centro tres rosetas pretas; sobre a aba huma caveira e dous ossos em aspa; no bolso, hum grande J.·.; no centro do avental, hum globo representando o mundo, e o globo enroscado por huma serpente. O Mestre deve trazer huma estrella flammejante ao peito com a letra G.·. no meio, e em volta dos raios as letras F.·. E.·. C.·.

O 1.° Vig.·. traz hum triangulo; o 2.° Vig.·. a esquadria e o compasso em aspa, e tudo coberto com hum fumo. A joia deste gráo he hum compasso com as pontas n'hum quarto de circulo; a cabeça do compasso he huma rosa aberta, cujo pé se vai perder n'huma das pontas do compasso. No centro do compasso ha huma cruz radiosa, com o pé n'hum quarto

de circulo, e o topo tocando a cabeça do compasso; de hum lado está apoiada nas pontas do compasso, huma aguia com as azas abertas e a cabeça baixa; do outro hum pelicano, rasgando o seio para alimentar os filhos, que por baixo se divisão em hum ninho. Entre a aguia, e o pelicano eleva-se hum ramo de acacia; sobre a cabeça do compasso, que forma huma rosa, ha huma corôa antiga; sobre o quarto do circulo ha, de hum lado, a palavra, e do outro a palavra de passe em letras hieroglyphicas. Esta joia deve ser de ouro ou dourada; o pelicano, a aguia, e a rosa, de prata. O debuxo da Loja he hum quadrado longo, por linhas triplices, nas quaes se escreve nas extremidades: *Sabedoria, Força, Belleza;* nos interiores: *Oriente, Occidente, Septentrião, Meio-dia*, e o festão recortado; ao Oriente a abobada sagrada semeada de estrellas com o sol e a lua obscurecidos pelas nuvens; na primeira parte do Oriente huma aguia suspensa no ar, comparada ao poder supremo. No centro do debuxo da Loja ha trés quadrados, com tres circumferencias e tres triangulos dentro, allegoria que representa o Monte Calvario; no cume ha huma pedra cubica, huma rosa

comparada á doçura, e a letra J.·. no meio da rosa que quer dizer *Jehova*, que he a palavra expirante.

O espaço que cerca os quadrados está cheio de trevas; logo abaixo estão todos os antigos instrumentos e ferramenta da maçoneria, as columnas despedaçadas; no exterior da linha oriental ha huma columna que representa os sete pós do perfeito Maçon.

A terceira Camara deve representar hum lugar de reprovação. Os objectos que ali se figurão são transparentes, ou pintados sobre os muros. O Recipiendario ali será introduzido depois do primeiro ponto da recepção, e ali ficará até que possa ser introduzido na quarta Camara.

A quarta Camara arma-se de encarnado, e deve ornar-se com o maior esplendor. Os candelabros com as trinta e tres luzes ali serão conduzidos e collocados na mesma ordem. Por baixo do docel, haverá huma gloria luminosa, cujo centro representará a estrella flammejante; no meio da estrella haverá o signal, e por baixo se figurará huma tumulo aberto.

A joia se traz descoberta e ao pescoço, em huma fita côr de papoula de tres dedos de largura pelo menos, e em aspa. Na extremidade ha huma roseta preta, a qual se prende á joia. O avental he branco, bordado e forrado côr papoula, assim como a aba, no meio da qual ha hum triangulo contendo tres quadrados, tres circulos e hum J.·. no centro. No meio do avental, pinta-se ou borda-se a joia.

O Mestre chama-se Muito-Sabio e Perfeito Mestre;

Os Vigilantes, Muito Excellentes e Perfeitos;

Os Officiaes, Muito Poderosos e Perfeitos;

E os Cavalheiros, Muito Respeitaveis e Perfeitos.

O debuxo da Loja he hum quadrado longo por linhas quadrupulas, nas quaes se escreve nas extremidades: *Fé*, *Esperança*, *Caridade*, *Oriente*, *Septentrião*, *Occidente*, *Meio-dia*; e o Sol e a Lua brilhando n'hum Céo semeado de estrellas. Na primeira parte do Oriente, huma nuvem com sete cabeças de Anjos; sobre a cruz, huma rosa aberta com a letra G.·.; logo abaixo tres quadrados, sobre os quaes ha tres circumferencias e tres triangulos para formar o cume, allegoria do Monte San-

to em que expirou o filho do G.·. A.·. No cume ha huma estrella flammejante de sete raios luzentes, em todo o seu esplendor, no meio da qual ha a letra G.·. que representa o Filho do Homem ressuscitado em toda a sua gloria. Dos lados, ao Meio-dia, hum pelicano sobre o ninho, sahindo-lhe do seio sete fontes de sangue para alimentar os sete filhos que o cercão, imagem da ternura maternal.

No Septentrião huma aguia suspensa no ar, imagem do Poder Supremo; logo abaixo o tumulo na parte inferior do quadrado; sobre a linha do centro, do Oriente ao Occidente, o compasso, a prancha de traçar, a alavanca, a trolha, a esquadria; sobre a linha do Meio-dia, a pedra cubica, o martello, a regoa, e o nivel; sobre a linha do Septentrião, a pedra bruta, o martello cortante, o malhete, o cinzel, a linha de prumo ou perpendicular; no exterior da linha oriental, a columna e os sete nós do perfeito Maçon.

NOTA. Quando hum Maçon se apresenta para ser recebido Cav.·. R.·. †, deve fazer o requerimento seguinte:

« Supplica humildemente os Irmãos, que « visto o desejo que tem de conseguir a per- « feição Maçonica, hajão por bem estando reu- « nidos, de o admittirem ao numero dos Ca- « valheiros. »

Esperará a resposta. No abrir-se a porta, pôr-se-ha de joelhos para recebe-la. Hum dos Cavalheiros, o que mais perto estiver da porta, fará a sua leitura, onde encontrará o dia e hora indicados para sua recepção.

SALA DO BANQUETE.

Esta sala he a mesma que a do primeiro ponto da recepção. Todos os Cav.∴ precedidos do Sapientissimo, passão a esta sala dous a dous e em silencio.

O ultimo iniciado faz apromptar o necessario para o banquete. Faz vir huma mesa que se cobre com huma toalha branca, e sobre a qual se põe hum pão, hum copo cheio de vinho, tres vélas, e hum esquentador.

Feito isto, vem dar parte de tudo estar prompto, e apresenta ao Sapientissimo e a todos os Cav.∴ huma varinha branca de seis

Depois da ceremonia, os ultimos iniciados levantão a mesa.

NOTA. Evitar-se-ha empregar hum Irmão Servente.

FIM DO CADERNO DE ARCHITECTO.

1 4329

Rio de Jan.ro Typ. Imp. e C. de Seignot-Plancher e C.ª 1834.

PRINCETON UNIV

32101 064296381